



Memórias e Futuro

Revista da Associação de Professores e da
Universidade Sénior de Almada

ТОРОНИНА
БОГА ДО
ВЕНТО

LOURO
ANDRÉ

MEMÓRIAS
E
FUTURO

Revista da Associação de Professores e da Universidade Sénior de Almada

MEMÓRIAS E FUTURO

**Revista da Associação de Professores e da
Universidade Sénior de Almada**

Ernesto Fernandes

Edite Prada

Coordenadores

FICHA TÉCNICA

Título: Revista Memórias e Futuro

Autor: Associação de Professores e Universidade Sénior de Almada
(N.º 1, 2005 – 2008)

Director: Jerónimo de Matos - Presidente da Direcção da APCA

Coordenação: Ernesto Fernandes e Edite Prada

Revisão: Ernesto Fernandes, Edite Prada, Feliciano
Oleiro, Paulo Eufrásio e Rosário Marques

Propriedade e Editor: Associação de Professores do Concelho de Almada

Pintura da Capa: *Toponímia - Boca do Vento*, Louro Artur

Capa, Concepção Gráfica e Paginação: Joaquim Ribeiro

Impressão e Acabamento: Europress

ISSN 1647-3515

APCA - Associação de Professores do Concelho de Almada

Rua Conde Ferreira, 2800 - 077 Almada

Tel: 21 274 39 28 Fax: 21 274 39 28

E-mail: apcalmada@sapo.pt

Depósito Legal 297554/09

1.ª Edição Outubro 2009

Índice

| | |
|--|------------|
| Abertura | 9 |
| Introdução | 11 |
| Editorial | 13 |
| I Parte: Ensaaios e Outros Escritos | 23 |
| Profalmada | 27 |
| Correio da Usalma | 87 |
| II Parte: Memórias em Campo de (Auto)Formação | 99 |
| Profalmada | 103 |
| Correio da Usalma | 134 |
| III Parte: Itinerários de Cultura e Lazer | 205 |
| Profalmada | 209 |
| Correio da Usalma | 225 |
| IV Parte: Eventos | 241 |
| Profalmada | 245 |
| Correio da Usalma | 255 |
| V Parte: Projectos-Equipamentos | 291 |
| VI Parte: Reconhecimentos | 297 |
| Anexos | 303 |
| Índice Analítico | 327 |

Abertura

Saudação da Presidente da Câmara Municipal de Almada



Maria Emília Neto de Sousa

É com prazer e orgulho que o Município de Almada se associa a esta edição comemorativa do 5.º Aniversário da Universidade Sénior de Almada, reconhecendo o trabalho realizado, saudando os projectos em desenvolvimento, e enaltecendo o exemplo de perseverança e dedicação, bem como o querer sempre aprender – e ensinar – que os dirigentes, amigos, alunos e todos quantos trabalham ou colaboram activamente com a Universidade Sénior de Almada nos dão, quotidianamente, provas.

Esta edição ilustra com rigor o trabalho desenvolvido nestes cinco anos, a grande dinâmica imprimida, o elevado nível de participação activa de muitas centenas de mulheres e homens para quem o saber e o conhecimento são apetecíveis para além da idade, provando que, afinal, o saber não tem idade.

Quero, por isso, aqui expressar e deixar registada a nossa admiração – e necessariamente o nosso aplauso – pela assumpção de uma atitude que nunca será demais sublinhar e destacar, de todos os professores que voluntariamente vêm contribuindo, com empenho, para o aprofundamento da formação e aprendizagem de muitos seniores almadenses, e que através da sua intervenção num projecto exemplar de solidariedade e dedicação, que esta Universidade Sénior de Almada representa, dignificam a educação na sua acepção mais plena e completa. Afinal, na Usalma, a prova de vida é a vontade de ensinar e aprender.

À Associação dos Professores deste Concelho deixo aqui, uma vez mais, o agradecimento de Almada e dos Almadenses pela coragem com que aceitaram o desafio da Autarquia para, em parceria e colaboração activa, pormos de pé este belo projecto de promoção, divulgação e elevação da cultura, do saber e do conhecimento.

A todos, docentes e educandos, as nossas felicitações pelo muito e bom trabalho já feito, e a certeza de que muito mais haverá para fazer e será feito!

A Presidente da Câmara Municipal de Almada

Introdução

Ernesto Fernandes

Edite Prada

Coordenadores

A

APCA – Associação de Professores do Concelho de Almada, criada em 29 de Maio de 2003, pretende cumprir o dever social de partilhar seus feitos e projectos.

A Revista, de seu nome Memórias e Futuro, resgata ensaios e outros escritos, eventos, itinerários de cultura e lazer, memórias, à maneira de anuário, antologia ou anais. A autoria dos textos reflecte a diversidade desta comunidade associativa: professores sócios da APCA; professores e estudantes da Usalma e outros colaboradores. De todos eles se indica apenas o nome. De facto, não há futuro sem memória.

Os Boletins Profalmada¹ e Correio da Usalma² são a fonte principal da presente publicação da Revista, complementada por ensaios, artigos e comunicações, reconhecimentos e patrocínios, registados desde a fundação da Associação de Professores do Concelho de Almada.

As palavras, ditas ou soletradas, são o rosto visível da comunidade associativa em sua trajectória histórica e sociopolítica. São também o rosto das pessoas e lugar de terapia, de encontros e desencontros, em espaços de formação, de interpersoalidade e convivialidade.

As palavras são memória e anúncio da vida a chegar ou de invenção da vida por chegar.

O Número 1 da Revista, que consubstancia a história de cinco anos da APCA, sistematiza a informação em

I Parte: Ensaio e Outros Escritos

II Parte: Memórias em Campo de (Auto)Formação

III Parte: Itinerários de Cultura e Lazer

IV Parte: Eventos

V Parte: Projectos – Equipamentos

VI Parte: Reconhecimentos Pessoais e Institucionais.

¹ Edição do Número 0 em Maio de 2005 ao Número 16 em Dezembro de 2008.

²Edição do Número 0 em Maio de 2005 ao Número 16 em Dezembro de 2008.

O critério de organização dos documentos foi, prioritariamente, o cronológico, excepto face a textos temáticos ou associados a disciplinas da Usalma. Em cada parte se dará, no início, conta dos procedimentos adoptados, de forma mais exaustiva.

Consta da Revista um Índice Analítico que espelha, de modo exaustivo, a riqueza e a complexidade do Projecto da APCA, publicamente reconhecido pelo seu investimento no campo da formação ao longo da vida, especificamente pelo Projecto da Usalma - Universidade Sénior de Almada. Espaço académico, descentralizado por catorze pólos, congregando setecentos estudantes, entre os trinta e oitenta anos, e mais de setenta professores.

Para os organizadores desta publicação, a categoria Reconhecimentos revela-se fundamental: sem uma cultura de parceria institucional, particularmente com a Câmara Municipal de Almada, e de incentivo à participação cívica, não seria possível a presença singular da APCA no quadro do movimento associativo almadense.

A publicação integra um conjunto de Anexos, entre Estatutos da APCA e Regulamentos, que constituem o quadro jurídico e institucional do seu funcionamento.

Paraphraseando Carlos Drumond de Andrade (1902-1987) em *Certas Palavras*, pretendemos devolver à Cidade traços da vida e da identidade associativa da APCA em palavras simples (que) definem partes do corpo, movimentos, actos / do viver que só os grandes se permitem / e a nós é defendido por sentença / dos séculos.

Poder comunicacional da palavra e da intervenção, linguagem de uma cultura de exercício e educação para a cidadania participativa e solidária. Por memórias registadas, haja chão para o sonho ou utopia, segundo José Gomes Ferreira (1900-1985):

*Pois os homens sabem
e cantam e cantam
com morte e suor*

*O nosso mundo é este...
(Mas há-de ser outro).*

Editorial

Memórias com vista para o Futuro

Jerónimo de Matos

Presidente da Direcção da APCA

Decorridos cinco anos sobre a fundação da Associação de Professores do Concelho de Almada (APCA – 2003/2008), logo seguida pela criação da Universidade Sénior de Almada (Usalma), é tempo de, num gesto que lembra o Janus bifronte da mitologia, com o rosto que olha para trás, visitar o passado e fixar as memórias; com o rosto que olha em frente, sondar os desafios e planear o futuro. É desta tensão dinâmica entre a memória e a utopia que se constrói quotidianamente o nosso presente.

É assim com a APCA, associação que pretende ser um fórum de debate de ideias e realização de projectos, aberto a todos os professores; é assim com a Usalma, projecto maior da APCA que congrega recursos culturais e vontades solidárias, colocando-os ao serviço dos seniores da cidade e concelho de Almada, de acordo com os princípios da justiça social e do civismo democrático.

A revista MEMÓRIAS e FUTURO pretende ser um olhar crítico sobre o caminho percorrido pela APCA, na concretização dos seus objectivos estatutários e pela Usalma como projecto de ensino-aprendizagem ao longo da vida, conjugando a liberdade organizativa, o voluntariado docente e a exigência de qualidade.

É ao mesmo tempo um olhar que indaga o futuro, cientes como estamos de que o futuro das comunidades humanas se prepara investindo no conhecimento, na educação para os valores perenes e na globalização de direitos e deveres.

Breve história dos cinco anos da Associação de Professores do Concelho de Almada

O movimento associativo, que constitui uma das mais fortes tradições populares do Concelho de Almada¹, tem raízes profundas que remontam à 1.ª metade do século XIX, vindo a institucionalizar-se e a crescer ao ritmo da industrialização e da consequente explosão demográfica.

Conta hoje algumas centenas de associações que prosseguem objectivos muito diversificados e enquadram a população em geral, com destaque para os sectores profissionais, as afinidades regionais, os grupos etários, as modalidades desportivas, os interesses culturais e a defesa do património, entre outros.

Esta dinâmica associativa, que começou por responder às necessidades duma população separada da capital pelo rio, cuja travessia pelos transportes fluviais terminava ao cair da noite, incentivou respostas à carência de actividades culturais, lúdicas e de entre-ajuda.

Embora muitos dos milhares de professores que trabalharam e actualmente trabalham no concelho (somos agora cerca de 4.000 no activo), não sejam oriundos de Almada, um número significativo ajudou a fundar e toma parte na Direcção de Associações ou colabora nas suas múltiplas actividades, com destaque para as de carácter social, cultural, desportivo e recreativo. E, nesta colaboração, reforçou o espírito associativo e o gosto pela intervenção cívica.

Parece, pois, lógico radicar nestas experiências o impulso que juntou um grupo de professores, determinados a criar a sua própria associação.

Estes professores, que se autodesignaram grupo Pró-Associação de Professores do Concelho de Almada², catalizaram tentativas anteriores, que se foram manifestando, sobretudo, após o 25 de Abril de 1974, face ao novo clima de liberdade que foi instaurado no país e à vontade de intervenção cívica, que começou a percorrer a sociedade portuguesa.

Foi no início do novo século – em 2002 – que este grupo, já integrado por professores de todos os níveis de ensino, do pré-escolar ao ensino superior, iniciou uma longa série de sessões de trabalho em que foram amplamente debatidos os princípios e objectivos da nova associação, expressos na elaboração dos estatutos, cujo texto final incorporou contributos vários de natureza cultural, social e jurídica.

Uma vez registado o nome Associação de Professores do Concelho de Almada no Registo Nacional de Pessoas Colectivas, procedeu-se em 29 de Maio de 2003, à escritura pública da Associação, no 2.º Cartório Notarial de Almada, estando presentes todos os elementos do grupo fundador que testemunharam e assinaram a respectiva certidão e os estatutos, tendo a publicação em Diário da República sido feita em 8 de Agosto de 2003, III Série (suplemento).

De 29 de Maio de 2003 até ao final do ano, realizaram-se sessões de esclarecimento aos futuros sócios; a primeira no Auditório F. Lopes Graça do Fórum Municipal Romeu Correia, com uma 1.ª parte de apresentação dos estatutos e debate sobre os objectivos e prioridades da Associação, debate muito vivo e participado pela assistência; e uma segunda parte cultural, constituída por um concerto coral e um recital de poemas; a segunda na sala Pablo Neruda do mesmo Fórum, de apresentação dos futuros corpos sociais e previsão da 1.ª Assembleia Eleitoral, a realizar em Novembro, de acordo com os prazos estabelecidos nos estatutos e na lei geral aplicável às Associações.

Entretanto, o grupo da Pró-Associação procedeu à elaboração do primeiro Plano de Actividades para 2004, a submeter à Assembleia Geral, juntamente com outras propostas, entre os quais, o montante da quota mensal.

Aberto em Outubro o período eleitoral e marcada a Assembleia Eleitoral para 6 de Novembro às 18.30h foi apenas entregue uma lista, a A, apresentada pela Pró-Associação. A Eleição, que teve lugar no salão polivalente da Escola Conde Ferreira, foi bastante concorrida (cerca de 80 eleitores em 200 sócios efectivos). A lista A foi

eleita por unanimidade dos votos expressos, tendo sido empossada no mesmo dia pela Presidente da Mesa³.

Coube à Direcção eleita preparar a 1.^a Assembleia Geral Ordinária que teve lugar no dia 10 de Dezembro, no auditório da Escola D. António da Costa.

Nesta 1.^a Assembleia Geral, bastante concorrida, foi distribuído para debate o Plano de Actividades e Orçamento 2004, que foram aprovados por larga maioria, bem como outras propostas das quais se destaca a proposta de um grupo de sócios que visava estabelecer a quota mensal em 3 €.

O primeiro plano de actividades, teve como vertentes actividades de cultura (colóquios, concertos, recitais), viagens de estudo e lazer, festas de convívio e angariação de fundos para o grande projecto de recuperação da futura Casa do Professor; para este efeito a Câmara Municipal pôs à disposição da APCA, o chalé Ribeiro Teles, na Cova da Piedade, carecido de profundas e onerosas obras de recuperação e adaptação às novas funções.

Outro projecto que vem ocupando, desde o início a atenção e esforços dos corpos sociais e teve logo o apoio decisivo da Câmara Municipal, é o Lar/Residência dos Professores.

Depois de algumas hesitações quanto ao local de implantação, a última proposta da Câmara teve a adesão unânime dos corpos sociais e da Assembleia Geral.

Trata-se de um terreno, reservado a equipamento social, situado na Sobreda, na Quinta do Outeiro, lote 26, rua Ventura Porfírio, a duas centenas de metros do Solar dos Zagalos, em zona urbanizada e próxima de áreas comerciais e de lazer.

É um desafio que exige não só o empenhamento e uma gestão audaciosa da Direcção, mas o apoio dos sócios actuais e um esforço de expansão da Associação que congregue o melhor dos mais de cinco mil professores, aposentados e em actividade nos vários graus de ensino, no concelho de Almada.

Para levar a cabo estes e os outros projectos que cumpram amplamente os objectivos definidos nos nossos estatutos, foram constituídos nove grupos de trabalho, dotados de um regulamento interno e um coordenador. Estão todos activos, o que possibilita caminharmos de forma evolutiva, para que o desenvolvimento dos projectos se processe com harmonia e sem hiatos.

Ao longo destes cinco anos, a vida da Associação tem-se processado com a normalidade que os estatutos definem.

A Assembleia Geral, a Direcção e o Concelho Fiscal reúnem regularmente e ocupam-se, com empenho e rigor, nas actividades da respectiva esfera de competência, em colaboração exigente e solidária nos objectivos.

Os planos têm sido cumpridos na íntegra e os orçamentos equilibram as necessidades de investimento para desenvolver as actividades do plano e as futuras obrigações na execução dos grandes projectos acima referidos.

Um número cada vez mais significativo de sócios tem participado nas Assembleias Gerais, com intervenções oportunas, por vezes de crítica construtiva, geralmente de apoio aos projectos e actividades propostas pela Direcção.

Mas onde a participação é mais significativa é nos convívios e festas promovidos quer para criar momentos de confraternização, quer para juntar a pouco e pouco o suporte financeiro para lançar os projectos maiores.

Destes convívios regulares, calendarizados no plano, salientamos:

- O Café Cria, encontro mensal em que é tratado um tema de cultura, saúde ou educação, por um especialista destas áreas, seguido de debate, convívio e lanche.

- Juntos por uma Causa (espectáculo de angariação de fundos)

- A celebração do jantar de Natal

- O magusto pelo S. Martinho

- O baile de Carnaval

Salientamos, pelo significado institucional e a oportunidade de caloroso convívio a celebração anual do aniversário da Associação, sempre próximo do dia 29 de Maio, data da fundação oficial.

Têm participado em média 120 sócios e convidados institucionais, dos quais nos aprez destacar a Senhora Presidente da Câmara Municipal D. Maria Emília Neto de Sousa que, nos cinco aniversários, esteve presente em quatro, o Senhor Vereador da Cultura, Educação e Turismo Eng.º António Matos, Directores Municipais e representantes de Juntas de Freguesia, nomeadamente o Prof. António Neves.

Nas suas intervenções a Senhora Presidente, para além de homenagear a Associação e os professores presentes, tem sempre uma palavra de apreço para os projectos desenvolvidos, com destaque para a Usalma, faz um apelo à mobilização de todos os professores do Concelho no sentido de ampliarem a intervenção social, cultural e cívica da sua Associação e é portadora de significativos apoios para os projectos sociais da APCA.

Foi também instituído, desde o primeiro ano, o Dia da Educação cujo objectivo é acompanhar e debater questões da Educação em Portugal e no nosso concelho. Realiza-se no início de cada ano lectivo e destina-se, sobretudo, aos professores no activo, sócios ou não da APCA.

É constituído por uma sessão pública em que o conferente reflecte e debate com os participantes sobre um tema actual da Educação e Ensino e, num segundo momento, mais lúdico, por algumas intervenções musicais.

Outra actividade de cultura e lazer em que a Direcção se tem empenhado com especial atenção, é sem dúvida, o programa anual de viagens, no país e no estrangeiro, que tem entusiástica adesão dos sócios, a ponto de, com frequência haver listas de espera.

Sem preocupação exaustiva, citemos as seguintes viagens, sempre acompanhadas

pela Direcção, um funcionário da empresa turística e guias locais:

Em Portugal:

Serra da Estrela (Covilhã, Belmonte, Seia) património cultural e natural

Porto, (Serralves: exposição Paula Rego; Caves do Vinho do Porto e visita geral)

Alentejo (Évora, Beja, Portalegre, Serpa, Castelo de Vide, Estremoz, Elvas, Mértola)

Beiras (Aldeias históricas, Viseu - Grão Vasco e Sé

No estrangeiro:

Espanha

Bilbao: museu Guggenheim e Burgos

Andaluzia, Sevilha, Córdoba, Granada

Madrid Escorial e Barcelona

Madrid, Cuenca e Segóvia

Santiago de Compostela, La Corunha e Rias Baixas

Salamanca, Ávila e Toledo

França

Paris, Versalhes

Itália

Roma, Assis

Inglaterra

Londres e Oxford

Breve história da Universidade Sénior de Almada

Uma história abreviada dos primeiros dois anos da Usalma, foi já publicada na revista de cultura *Anais* da C. M. de Almada ⁴, a solicitação do seu Director.

Para esse ensaio, corrigido e actualizado em separata de distribuição interna na sede da APCA, remetemos os interessados.

Nele encontrarão, para além do relato das origens e dos primeiros passos desta instituição de ensino - aprendizagem ao longo da vida, também a definição de princípios, a afirmação dos seus objectivos, os seus recursos humanos, os espaços pedagógicos em que as suas actividades se realizam, a estrutura disciplinar, o quadro de professores e sobretudo os documentos normativos:

- Os Estatutos da Associação de Professores
- O Regulamento da Usalma
- O Regulamento do Conselho Pedagógico
- O Regulamento do Conselho Científico (em formação)

Nestes cinco anos de actividade da Usalma, há as regularidades que constituem o trabalho do dia a dia de cada ano lectivo: as aulas semanais; as visitas de estudo como extensão curricular; os encontros interuniversidades seniores em que temos

marcado presença: o V, o VI, o VII e o VIII Encontros Nacionais; o concurso “O Saber Não Tem Idade”; o festival de teatro; as reuniões de dirigentes e os convívios de estudantes e professores.

Há depois os momentos fortes da instituição: o início do ano lectivo e a sessão solene de abertura, em que destacamos a presença de figuras marcantes da vida universitária que proferiram a “oração de sapiência”:

2005 - Engenheiro Roberto Carneiro - antigo ministro da Educação.

2005/06 - Prof. Doutor José Bautista - Catedrático da Universidade de Huelva.

2006/07 - Prof. Doutor Victor Serrão - Catedrático da Universidade Clássica de Lisboa.

2007/08 - Prof. Doutor Leopoldo Guimarães, Magnífico Reitor da Universidade Nova de Lisboa.

2008/09 - Prof. Doutora Maria José Chambel, catedrática da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

As celebrações de encerramento, actividades em que toda a Universidade colabora e mostra, à comunidade almadense o que aprendeu ao longo do ano nas diversas áreas disciplinares.

As exposições de artes plásticas, de fotografia, de trabalhos realizados pelos estudantes, sob a forma de sínteses, com adequado tratamento visual ou ensaios; o espectáculo com encenação de situações ligadas à aprendizagem, concertos coral e instrumental em que participam as classes de música coral, guitarras, cavaquinho e piano e sobretudo o teatro com intervenções dramáticas, cuja qualidade se tem vindo a afirmar. Os cinco anos lectivos tiveram o seu encerramento formal no jantar de homenagem aos professores, organizado pelos estudantes.

Este último evento é sempre muito participado e de ambiente muito alegre e afectivo.

São também de referir as três reuniões plenárias dos professores que, nunca é demais salientar, trabalham para a Usalma em regime de voluntariado.

A primeira, em Setembro, é uma reunião por áreas disciplinares que se destina a preparar o lançamento do ano lectivo, que ocorre em meados de Outubro.

A segunda em fins de Fevereiro, destina-se a avaliar o 1.º semestre lectivo, nas respectivas áreas disciplinares e culmina com o plenário em que são tratadas e debatidas questões comuns da universidade, procurando-se, através das várias sensibilidades, estabelecer uma plataforma de colaboração interdisciplinar e identitária da instituição.

A terceira reunião é um encontro de trabalho, convívio e lazer. Consiste num passeio a uma cidade relativamente próxima de Almada, que possibilite uma sessão de trabalho na parte da manhã, nos moldes da segunda reunião, com o acréscimo de

avaliar todo o ano lectivo cessante.

Segue-se o almoço-convívio e depois, geralmente com o apoio da respectiva Câmara Municipal, uma visita guiada ao que a cidade tem de mais interessante.

Estas reuniões ocorrem em fins de Junho, tendo já sido realizadas em Santiago do Cacém (2005), Foz do Arelho/Óbidos/Caldas da Rainha (2006), Castelo de Vide (2007), Évora (2008) e Tomar (2009).

Queremos ainda referir, pelo que representa de reconhecimento público e serviço à comunidade concelhia, no domínio do ensino-aprendizagem sénior, o convite da Direcção Municipal de Educação e conseqüente participação na Mostra do Ensino Superior, em que os oito estabelecimentos de ensino superior sediados no concelho, mostram, no Fórum Romeu Correia e num pavilhão erguido na Praça da Liberdade, as ofertas de ensino e acolhimento que possuem para os estudantes jovens e seniores.

A concluir, é de elementar justiça salientar a colaboração das escolas secundárias do concelho e outras instituições de cultura⁵ que, com generosa hospitalidade e apoio logístico, tornaram possível o nosso trabalho ao longo destes cinco anos. É justo destacar ainda o apoio da Câmara Municipal e de algumas Juntas de Freguesia que, reconhecendo o contributo da Usalma para o desenvolvimento cultural e cívico da comunidade concelhia, têm acarinhado o projecto, na medida das suas disponibilidades.

Terminamos com uma palavra de esperança, apoiada no programa em curso para o centro histórico de Almada, ao abrigo do QREN, para o qual fomos convidados, como parceiros, pela Câmara Municipal, sendo-nos destinadas para sede, as antigas instalações da Cooperativa Almadense, após remodelação e adaptação às actividades desta universidade.

Evolução da frequência e do número de disciplinas, turmas e professores da Usalma (valores aproximados)

| | Estudantes Inscritos | Disciplinas | Turmas | Professores |
|-----------|----------------------|-------------|--------|-------------|
| 2004/2005 | 300 | 35 | 40 | 32 |
| 2005/2006 | 400 | 50 | 60 | 50 |
| 2006/2007 | 500 | 70 | 75 | 65 |
| 2007/2008 | 625 | 78 | 90 | 70 |
| 2008/2009 | 730 | 80 | 102 | 82 |

Notas

¹ Associação *Semear para Unir*, Carlos Abreu e Francisco Branco (coord.) – *O Associativismo Tradição e Arte do Povo de Almada*, Câmara Municipal de Almada, 1984.

² O grupo da Pró-Associação foi constituído, ao longo de 2002 e 2003, por um conjunto aberto que foi incorporando professores representantes de todos os níveis de ensino.

Na fase de conclusão e aprovação interna dos estatutos, constituíram o grupo:

- Ana Maria Branco Ensino Básico
- Edite Simões Barriga “ “
- Feliciano Oleiro “ “
- Fernando Serra Ensino Superior
- Jerónimo de Matos Ensino Secundário
- Judite Salvado Ensino Básico
- Maria Carreiras “ “
- Maria da Glória Peres Ensino Secundário
- Maria de Lurdes Silva Ensino Pré-Escolar
- Maria Orada Emídio Ensino Básico
- Mário Amaral Ensino Secundário
- Paula Sousa Técnica Superior Autárquica
- Sebastião Caldeira Ensino Secundário

³ Corpos Sociais eleitos para o 1.º Mandato da Associação:

Assembleia Geral

Presidente: Maria da Glória Peres

1.ª Secretário: Feliciano Oleiro

2.º Secretário: Maria Adelaide Paredes da Silva

Direção

Presidente: Jerónimo de Matos

Vice-Presidente: Maria Carreiras

Tesoureiro: Maria Orada Emídio

1.º Secretário: Fernando Serra

2.º Secretário: Maria de Lurdes

1.º Vogal: Judite Salvado

2.º Vogal: Ana Maria Branco

1.º Suplente: Edite Simões Barriga

2.º Suplente: Cristina Maria Rodrigues

Conselho Fiscal

Presidente: Sebastião Caldeira a)

1.º Secretário: Maria do Carmo Manique

2.º Secretário: Mário Amaral

a) Pediu a demissão por carta no fim do 1.º semestre, alegando falta de saúde. Assumiu a presidência interina Maria do Carmo Manique.

⁴ Jerónimo de Matos, *Universidade Sénior de Almada*, in *Anais de Almada*, revista cultural da Câmara Municipal de Almada, 2006, N.ºs 7-8.

⁵ Vide VI Parte: Reconhecimentos.



ТОРОНІКІЯ
ВОСА ДО
ВІНТО

I Parte: Ensaio e Outros Escritos

LOURO
ARTISTA

A

I Parte integra materiais publicados nos Boletins Profalmada e Correio da Usalma, entre Maio de 2005 e Dezembro de 2008.

São escritos que reflectem a diversidade da produção científica, ensaística e histórica desenvolvida no contexto sócio-institucional da APCA, tendo por objecto a educação ao longo da vida, a escola como campo de ensino-aprendizagem e a Universidade Sénior como projecto de formação na perspectiva da cultura integral do indivíduo.

As questões da cidadania e da democracia representativa e participativa constituem o quadro de referências explícito ou subjacente do capital reflexivo-crítico de cinco anos de vida e de projecto da APCA, entre Memórias e Futuro.

A selecção dos escritos, identificados no Índice Analítico, respeitam a ordem cronológica da sua publicação.

Tempo, Educação, Sociedade

O Tempo Construído

Fernando Serra

A radical dificuldade com que nos defrontamos no debate e reflexão sobre a verdadeira natureza do tempo e das suas manifestações ficou bem expressa no que sobre ele referiu S. Agostinho: se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. Este nó-górdio cognitivo, sendo de difícil resolução, não deixa por isso de suscitar uma genuína e sempre renovada ânsia de entender o sentido do tempo em nós, quer como seres-produzidos-no-tempo, quer como seres-produtores-de-tempo.

É precisamente esta motivação que me leva a escrever este texto. Orienta-o três grandes interrogações: i) em que medida é o tempo uma construção psicológica e sociocultural? ii) Não será a educação, como esfera de vida institucionalizada, permeável a diferentes entendimentos do tempo e a diferentes temporalidades? iii) Será possível uma nova invenção do tempo? Constituirá uma espécie de *utopia viável* a perspectivacão de uma nova concepção do tempo, mais conforme com os imperativos de desenvolvimento humano? Sem querer aqui assumir respostas definitivas, algumas respostas exploratórias serão porém ensaiadas.

Sem grande dificuldade constatamos que o tempo é algo muito mais complicado e paradoxal do que uma mera acumulação de parcelas de duração variável – segundo, minuto, hora, dia, etc. – que somadas e justapostas lá vão organizando, mal ou bem, o nosso mais trivial quotidiano. Um apanhado não exaustivo de expressões do discurso popular – adágios, provérbios, adivinhas –, ilustram essa dimensão mais profunda do tempo. Listemos, por exemplo, um tempo *prudente* ou *sensato* (não guardes para amanhã o que podes fazer hoje; mais vale perder um minuto na vida que a vida num minuto); um tempo *reparador* (o tempo tudo apaga; o tempo é o maior juiz); um tempo *nostálgico* (Ó tempo volta para trás!); um tempo *maduro* (dar tempo ao tempo; devagar se vai ao longe); um tempo *urgente* (não há tempo a perder; é tempo de arregaaçar as mangas); um tempo *recurso* (o tempo é de ouro, o tempo é dinheiro). Estas diversas expressões dão conta da natureza polissémica do tempo ou da variedade de modos como o entendemos, percebemos e sentimos.

Não parece ser polémica a identificação, pelo senso comum, de um tempo objectivo e de um tempo subjectivo. O tempo objectivo será aquele tempo mecânico, segmentado, rigorosamente previsível e que pela sua uniformização resulta inalterável. Decorre dos princípios da física de tipo mecanicista e por isso se diz que é newtoniano. A verdade é que é cósmico na sua essência, pois assenta nas durações dos movimentos dos astros: a ronda da Terra sobre si mesma; a ronda da Lua em torno da Terra; a ronda da Terra em torno do Sol. A escrupulosa divisão e subdivisão destes movimentos e durações, e a invenção do relógio mecânico trouxe consigo, como veremos, novas coordenadas na identificação e regulação dos acontecimentos e actividades das pessoas.

O tempo subjectivo é um outro tempo; ou melhor, outros tempos. Refere-se à própria experiência cognitiva e emocional da temporalidade. É idiossincrático por natureza, radicando em inúmeros aspectos do nosso mundo privado, como os projectos ou interesses que alimentamos, ou tarefas profissionais que levamos a cabo. É uma experiência de interpretação do tempo-relógio; é um entendimento fenomenológico único e sempre cambiante que oscila entre um sentimento de escassez de tempo face às múltiplas tarefas que a custo lá vamos realizando ou prazos que perigosamente se aproximam do seu fim, e um sentimento de tempo arrastado, entediante, aparentemente sem substância nem finalidade.

Hall (1994) fala-nos desta linguagem silenciosa do tempo. Para este antropólogo, o tempo fala; e fala por vezes mais claramente que as palavras. O modo como cada cultura administra o seu tempo é revelador de um sistema de crenças e concepções, radicado em paradigmas socioculturais de tipo profundo. A concepção mecânica do tempo de que atrás se falou acolheu por exemplo uma visão linear ou unidireccional do fluxo da história. Qualquer acontecimento ou facto da vida pessoal ou colectiva, pode ser associado a um determinado momento, numa sequência linear e contínua, uma espécie de seta dirigida ao futuro ou um caminho segmentado ou compartimentado, com ponto de partida e ponto de destino. O tempo é visto como algo que existe, uma entidade com substância, fixa, coisificada. Construimos, em consequência, toda uma economia do tempo, celebrando a rapidez e a capacidade de se ser expedito: o tempo ganha-se, perde-se, poupa-se, desperdiça-se. Olhamos em frente o futuro, colonizando-o com as nossas perspectivas e projecções de curto, médio e longo prazos. A visão do passado permanece condicionada pela do futuro – olhamos o passado como condição para um prognóstico calendarizado de sucesso para o futuro. A tradição cede lugar à inovação e à mudança; as raízes como que capitulam na sua luta contra as opções.

Hall (1994) entende esta concepção do tempo como um tempo monocrónico, distinguindo-o do tempo policrónico. O primeiro rege-se pelo princípio *uma coisa de cada vez*. Quem por ele se orienta valoriza, segundo uma progressão de tipo linear, o cumprimento dos horários e programas; é muito sensível à execução das tarefas e à satisfação dos compromissos. Face à reduzida liberdade na temporização das tarefas, apresenta uma escassa sensibilidade às peculiaridades do contexto e às necessidades dos outros. Este é um tempo dominante na esfera das relações profissionais. O tempo policrónico é, por seu lado, um tempo de múltiplas e combinadas tarefas não sequenciais, reguladas por uma grande flexibilidade de organização. As pessoas orientadas segundo esta perspectiva, são muito sensíveis ao contexto, e muita da sua energia é canalizada para a compreensão dos outros e para o aprofundamento das suas relações com eles.

Formulo aqui a primeira conclusão: o tempo, enquanto mistério ontológico cujos contornos restam ainda por reconstituir, é sobretudo uma representação social, com dimensões psicológicas e socioculturais inquestionáveis. A educação e as suas aparelhagens institucionais não deixarão de estar condicionadas por esta realidade.

O tempo escolar

O tempo escolar, tal como nós convencionalmente o concebemos, é tributário do conjunto de profundas mudanças ocorridas em várias esferas do social a partir do século XVI. O nascimento do homem burguês trouxe consigo uma crescente preocupação com o *governo da tenra idade* e uma crescente pedagogização dos esforços educativos, celebrando a separação do Homem face à Natureza. Este itinerário cultural no sentido contrário ao da animalidade, afirma-se em refinadas práticas de civilidade e numa crescente institucionalização de procedimentos disciplinadores das mentes e dos corpos (Varela, 1992).

No campo propriamente educativo, esta nova lógica disciplinar reveste uma forma sistemática, racional e orgânica. Exprime-se, por exemplo, na graduação de programas de estudo, na separação dos estudantes em classes sequenciais, na avaliação regular dos conteúdos adquiridos, enfim, na gestão controlada e compartimentada do tempo e do espaço. O tempo disciplinar é um tempo educativo especializado e funcionalmente adaptado à organização de classes segundo critérios de homogeneidade etária dos alunos. As actividades organizam-se segundo esquemas de séries múltiplas progressivas, de crescente complexidade, traduzindo etapas bem identificadas de ensino-aprendizagem. As instituições escolares transformam-se assim em aparelhagens auditorium-scriptorium, contribuindo a seu modo para a utilidade e a docilidade dos indivíduos de que nos falava M. Foucault.

Ainda hoje permanecem visíveis os seus vestígios, senão mesmo a sua substância nuclear. Embora com sintomas de indubitável desgaste, este tempo escolar é ainda uma entidade sobrevivente; uma entidade *mecânica* e rígida, pelo monocronismo que impõe na organização das actividades de professores e alunos. A aula/hora surge como o agregado simbólico nuclear em torno do qual se sedimenta a temporalidade escolar: aula/hora → dia escolar → semana escolar → trimestre escolar → ano lectivo → curso/ciclo de escolaridade.

Particularmente interessantes são as implicações que apresenta este tempo rígido e monocrónico para a concepção e práticas do tempo livre ou do lazer. O efeito imediato é a abrupta oposição deste tempo face ao tempo *útil* ou *produtivo* (quem não se lembra do contentamento e por vezes mesmo euforia suscitados pelos *furos*, *intervalos* ou *recreios* da nossa jornada escolar), como se na fruição hedonística de um tempo oscilante e flexível não pudessem residir as condições da produção criativa; ou como se o tempo produtivo não pudesse ser vivido com o regozijo próprio da conquista de objectivos ou da execução de tarefas.

Sintoma desta clivagem é, por exemplo, a frequente monotonia das actividades desenvolvidas em contextos de ocupação e animação de tempos livres. Aquilo que uma educadora de infância minha conhecida apelidou, num contexto de formação, de *andamento das dez da manhã*, ou seja, uma recapitulação das rotinas realizadas no período *produtivo* segundo uma lógica de mais do mesmo. A aparente dificuldade em identificar o conteúdo dos tempos livres em enquadramentos institucionais or-

ganizados releva decerto dessa incapacidade em compatibilizar diferentes temporalidades (Trigo, 1992).

Experiências como a realizada durante a década de oitenta pelo Institute Nationale de Investigation Pedagogique, de Paris, vieram provar como é possível instituir uma organização móbil do tempo nos nossos contextos escolares, transformando o tempo normalizado num tempo variado e multiforme. Tempos intensificados e tempos atenuados nos ritmos de aprendizagem podem ser propostos sem bulir em demasia com as sacrossantas variáveis da ordem escolar como sejam o elenco das disciplinas, os programas, ou os tempos lectivos de professores e alunos.

Experiências como esta apontam para novos entendimentos acerca da natureza do tempo escolar, o seu modo de organização e substância. Os desafios emergentes que hoje se colocam à educação: a abertura ao meio, a heterogeneidade dos alunos, a diversidade das fontes de conhecimento e informação, os novos perfis de competência, não se compadecem com o tradicional divórcio entre o trabalho e a alegria, o dever e a motivação, a utilidade prática e a utilidade existencial. (continua)

Resta-nos uma última reflexão sobre o tempo a propósito do seu governo ou gestão. Trata-se de um problema incontornável. Enquanto seres duráveis, alguma coisa havemos de poder fazer na linha vital dos sucessivos *aqui e agora*. Ademais, o mundo pragmático e fazedor em que vivemos força-nos com maior ou menor constrangimento ao compromisso da actividade útil. O problema é quando isso asfixia o tempo pessoal, os ritmos e ciclos íntimos.

O modo como ocupamos o nosso tempo pessoal pode ser representado por uma linha oscilante que ora se aproxima de um tempo árduo, acentuado ou frenético (não ter tempo para nada), ora de um tempo desperdiçado, distendido ou alienado (não saber o que fazer ao tempo disponível).

É claro que estas são expressões que sintetizam sentimentos e emoções que apenas poderão ser cabalmente entendidas contra o pano de fundo de normas e padrões socioculturais específicos. É este enquadramento que em última instância nos indica quando e em que circunstâncias a área de compromisso ou de equilíbrio é efectiva ou virtualmente invadida. Quando o itinerário da nossa vida pessoal irrompe para lá de um determinado limite de frenesim ou de alienação entramos em risco de ruptura ou de conflito, assumindo este conflito formas orgânicas, psicológicas e institucionais concretas.

Arrisco agora um conjunto de condições que considero facilitadoras de uma gestão pessoal equilibrada e comprometida do tempo: a) reconstituir a narrativa pessoal; b) escolher o futuro, apesar do passado; c) agir com um tempo (re)inventado.

Reconstituir a narrativa pessoal consiste em equacionar com um novo olhar aquilo que foi e é a nossa vida, o nosso itinerário biográfico. Redescobrir os lugares, os ambientes e os protagonistas do nosso ciclo vital. Vasculhar no nosso passado remoto e próximo. Voltar a experienciar as emoções e os sentimentos, desocultando o sentido

dado às coisas e às circunstâncias. É assumirmos o direito de construir a nossa pessoalidade à luz de novas grelhas de auto-leitura. É, igualmente, reconciliarmo-nos connosco próprios e com os outros naquilo que nos causou mozza, mazela ou ferida. A nossa narrativa reconstruída é um poderoso instrumento de construção da identidade, um meio de auto-afirmação que nos resgata das identidades outorgadas por outros, eventualmente por aqueles que não souberam ou não quiseram promover o pleno das nossas potencialidades. Como nos diz Anthony Giddens (1994), esta narrativa exprime-se em histórias através das quais a auto-identidade é entendida mais claramente pelo indivíduo, abrindo campo para uma mais clara inteligibilidade de pensamentos, acções e comportamentos. Senhores da nossa lenda pessoal, partimos para o mundo com uma renovada capacidade de voltarmos a sonhar ou idealizar aquilo que no mais recôndito da nossa consciência sabemos ser a nossa promessa de plenitude.

Abertos aos sonhos pessoais, escolhemos o futuro, apesar do passado. Isto significa ultrapassar uma concepção fatalista ou determinista do futuro (o curso dos acontecimentos está predestinado), mas também uma concepção casuística do mesmo (a sequência e a natureza dos acontecimentos são fruto do acaso e da contingência, sendo por isso impossível prevêê-los). Não nos importa discutir as concepções da natureza humana que, subliminares, subjazem a estas ideias básicas sobre o futuro. Importa antes apropriar crítica, mas produtivamente, a concepção segundo a qual o futuro está permanentemente a ser construído (criado e recriado) no presente, apesar das circunstâncias e vivências que nos constituem como seres-com-um-passado. Como é costume dizer-se: mais importante que aquilo que nos acontece é aquilo que fazemos com o que nos acontece.

Esta concepção do futuro como um tempo de universos múltiplos ou um tempo de múltiplas possibilidades, que releva de princípios construtivistas e desenvolvimentistas da vida humana, parece mais capaz de tornar inteligível o papel do livre-arbítrio e da racionalidade na conduta dos indivíduos actuando num campo complexo de constrangimentos.

Governar equilibrada e estrategicamente o tempo implicará, por conseguinte, assumir até às últimas consequências a sua orientação conforme a chamada trilogia da *Colonização do futuro* que sintetizo a seguir:

Com esta trilogia, a passagem a aspectos mais operativos e prosaicos da gestão do tempo resultará naturalmente mais fundamentada em pensados postulados existenciais.

Agir com um tempo reinventado, passa pela planificação estratégica e adaptativa da vida. A engenharia a empregar é clássica: - Listagem de objectivos para as diferentes esferas e contextos da vida pessoal; - Identificação de um conjunto de objectivos, aqueles considerados mais prioritários, de modo a ser possível visualizar os grandes fins (para o todo da vida ou para os seus momentos específicos).

Esta engenharia clássica, alimentada por uma reflexão profunda sobre a finalida-

de e o sentido da vida, e coadjuvada por uma panóplia de instrumentos de organização do tempo (agendas, calendários, memos, etc.) facilitarão o diagnóstico dos maus usos do tempo. Igualmente constituirá um cenário para a concessão de auto-autorizações, ou seja, mensagens positivas e libertadoras que alteram a visão que se tem do mundo, de si próprio e dos outros (Locqueneux, 1997), prevenindo os conflitos e as rupturas atrás identificadas.

Reinventar o tempo é ultrapassar as velhas antinomias com que nos socializaram na temporalidade. Um tempo criativo (no sentido em que a vida é continuamente criada por nós) é a solução para a conciliação do tempo útil com o tempo liberto, do tempo objectivo com o tempo subjectivo; Um tempo transcendente (no sentido em que a vida encerra e continuará a encerrar um Mistério que cada indivíduo e cada geração apenas vislumbra escassos sinais) é o elo de ligação do tempo passado, do tempo presente e do tempo futuro.

Por manifesta falta de tempo direi, para concluir, como Michael Ende (s/d), que há um grande segredo, que apesar de tudo é quotidiano. Esse segredo é o tempo. O tempo é vida. E a vida tem a sua morada no coração. Agora é que é mesmo tempo de ir.

Profalmada, n.º 1, 2005, 2 e 3, 2006

Emídio Navarro

50 anos de Serviço Educativo e Cultural

Jerónimo de Matos

Fundada em 1955 como Escola Técnica Industrial e Comercial, e primeiro estabelecimento de ensino secundário oficial no concelho de Almada, a Emídio Navarro recebeu o nome de um prestigiado jornalista e político do século dezanove que, como ministro de um governo progressista, sobraçou a pasta das Obras Públicas. A sua acção de governante, dinâmico e aberto ao futuro, impulsionou decisivamente o ensino técnico industrial, comercial e agrícola. Esta a razão da sua escolha para patrono da nova escola técnica.

Emídio Navarro nasceu em Viseu, em 1844 dois anos depois de Antero de Quental e Anselmo de Andrade e um ano antes de Eça de Queiroz. É pois um digno membro da geração de 70, que tanto esforço dispendeu, recorrendo por vezes à polémica e ao choque, para que Portugal entrasse no caminho da *modernidade*.

Cursou Teologia, Medicina, acabando por se formar em Direito em Coimbra, onde, muito jovem, revelou dotes de jornalista no *Conimbricense* e na Academia de que foi um dos fundadores. Foi ainda redactor principal do *Jornal de Coimbra*, onde os seus artigos tiveram eco nacional. Concluído o curso, abriu banca de advogado em Lisboa e filiou-se no Partido Progressista, tendo integrado sucessivamente os

seus órgãos de imprensa: o País, o Progresso e o Correio da Noite, em que confirmou e aprofundou os seus dotes de jornalista e polemista, atacando com desassombro e por vezes com violência, os erros e os abusos da classe política, do rei aos ministros.

A sua independência e irrequietude levou-o a abandonar a direcção do diário político Correio da Noite, cargo em que foi substituído por Anselmo de Andrade.

Fundou em seguida o diário As Novidades, jornal que viria a ter grande prestígio, graças sobretudo aos textos do seu director, sempre profundos e frequentemente contundentes.

N'as Novidades dirimiu das mais célebres polémicas do tempo com Oliveira Martins, António Enes, Pinheiro Chagas, o banqueiro Eduardo Burnay, entre outros.

Foi deputado em várias legislaturas, mas a actividade política que o consagrou como homem de acção, realizou-a à frente do ministério das Obras Públicas, no governo progressista presidido por José Luciano de Castro, entre 1886 e 1889.

Como referimos, empenhou-se na modernização e expansão do ensino técnico, mas também no fomento da abertura de vias de comunicação, continuando a obra de Fontes Pereira de Melo.

Mais tarde, em 1892 foi ministro de Portugal em Paris, na época em que Eça de Queiroz ali exerceu o cargo de cônsul. Pouco tempo se demorou em Paris, tendo regressado a Portugal e à direcção das suas Novidades e de novo ao combate político, tendo ficado célebres polémicas como *a questão dos tabacos*, *o Últimatum*, *Burnay*, entre muitas outras.

Em livro, além de algumas polémicas, publicou Quatro Dias na Serra da Estrela, 1884, livro em que relata uma excursão à Serra da estrela em 1883, na companhia do reputado médico Sousa Martins e na sequência da célebre missão científica patrocinada pela Academia Real das ciências que tivera lugar em 1880 e da qual Navarro e Sousa Martins se julgaram injustamente excluídos.

Emídio Navarro foi amigo de Anselmo de Andrade e durante algum tempo seu companheiro no Partido Progressista. No livro Alguns Homens Ilustres de Portugal, Anselmo dedica um capítulo a E. Navarro, no qual manifesta grande admiração pelas qualidades do jornalista e do homem de acção. Afirma em certo passo: *A voz* (de Emídio Navarro) sobressaía a todas as outras como o som de um clarim assoprado a fortes pulmões, vibrante e soberbo e ainda *de E. N.* se pode dizer, sem exagero, que foi o ministro de mais rasgadas iniciativas de toda a nossa época constitucional.

Por sua vez Emídio Navarro, em artigo publicado n'as Novidades, em 25 de Junho de 1900, altura em que Anselmo de Andrade assumiu a pasta da Fazenda (economia e finanças) no ministério presidido por Hintze Ribeiro, disse do novo ministro: *o Sr. Anselmo de Andrade é autor de um livro, que tem por título A Terra, e que é das publicações mais notáveis, senão a mais notável, que tem aparecido nestes últimos anos, como em tempo tivemos ocasião de consignar. É escritor fácil e elegante; mas não tendo tido ocasião de se exercitar na ginástica da palavra falada, não dispõe de*

faculdades correspondentes como orador. É esta uma assinalada inferioridade parlamentar. Segundo todas as probalidades, o Sr. Anselmo de Andrade terá tempo de se prevenir para ela; tanto mais, que não tem, como Demóstenes, o defeito a corrigir de ser gago.

Em resumo: O Sr. Anselmo de Andrade é uma bela esperança no novo ministério, mas não dispensa na sua entrada um ponto de interrogação. Que ele responda com muita glória para si e proveito para o país é o que muito sinceramente lhe desejamos.

Profalmada, n.º 3, 2006 p. 5

Breve história de vida: Proformar

Adelaide Silva,

O Centro de Formação Almada Ocidental - *Proformar* é uma entidade criada em 27-01-1993, no âmbito da formação contínua de educadores, professores e pessoal não docente, do qual fazem parte jardins de infância e escolas de todos os níveis de ensino, público e privado, numa área que compreende a zona ocidental do concelho de Almada, (Pragal, Monte de Caparica, Feijó, Sobreda, Charneca da Caparica, Costa da Caparica, Trafaria).

A lógica de intervenção do Centro, decorrente dos grandes princípios orientadores, é, desde o início, a de trabalho colaborativo e em rede numa dinâmica de desenvolvimento de uma cultura local de formação. Em obediência aqueles princípios a política de acção subordina-se aos seguintes grandes objectivos:

- a) Proporcionar dinâmicas de desenvolvimento pessoal e profissional dos docentes;
- b) Promover processos de construção de respostas a problemas constatados no quotidiano educativo;
- c) Desenvolver um conjunto de acções diversificadas que contribuam para uma gestão securizante do currículo dos diversos níveis de ensino;
- d) Orientar a cultura organizacional das escolas para a implementação das políticas educativas pertinentes contextualizadas;
- e) Apoiar científico-pedagogicamente o desenvolvimento de projectos de escolas;
- f) Integrar dinâmicas de valorização e de enriquecimento da territorialização educativa;
- g) Assegurar dispositivos formativos de suporte à realização de projectos educativos de escolas;

h)Garantir a formação como modo de qualificação da intervenção activa de cada cidadão na sociedade.

Porém, outra ideia que desde o início se mantém presente e que o tempo ajudou a consolidar, é que melhorar a escola implica um trabalho estruturado e continuado não só com os intervenientes directos no espaço sala de aula mas com todos os agentes que indirectamente estão relacionados com o processo educativo, ou seja, o pessoal auxiliar das escolas, os funcionários administrativos, os pais e encarregados de educação, as autarquias, instituições locais, em síntese as forças vivas da comunidade.

Atento ao fenómeno evolutivo da nossa sociedade, o Centro de Formação Proformar já há algum tempo que alargou o seu âmbito de intervenção, ultrapassando as fronteiras da escola (professores, alunos, auxiliares e administrativos).

Quanto às acções promovidas para instituições e pessoas não relacionadas directamente com a educação é crescente a oferta de formação em diversas áreas, a toda a população adulta, através de Acções S@ber+ e de Cursos EFA, enquadrados na âmbito da ANEFA, actual Direcção Geral de Formação Vocacional (DGFV). Mesmo assim, a oferta de formação para a comunidade que o Centro assegura encontra-se longe de satisfazer a procura. Urge encontrar novas formas de informar, divulgar e envolver toda a comunidade no desígnio nacional que representa o aumento dos níveis de qualificação da população e foi nessa perspectiva que o Centro de Formação Proformar constituiu uma terceira valência de intervenção com a criação em 2002 do Centro de Reconhecimento Validação e Certificação de Competências.

Desde a data da sua constituição (1993), o Centro de Formação da Associação de Escolas de Almada Ocidental Proformar tem vindo progressivamente a alargar o seu âmbito de intervenção, a partir da comunidade escolar, para a comunidade educativa em sentido lato, em particular a do Concelho de Almada.

Este alargamento consubstanciou-se na criação de novas valências de intervenção mas, sobretudo, na dinamização de projectos que directamente estão a envolver o cidadão comum. A procura incessante de novas respostas para os novos problemas que continuamente surgem na sociedade, fundamenta o crescimento que se verificou e aquele que se perspectiva já no futuro próximo.

O Centro de Formação da Associação de Escolas de Almada Ocidental PROFORMAR, encontra-se acreditado junto do Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua e do INOFOR e a sua actividade desenvolve-se através de três valências de intervenção:

-Centro de Formação da Associação de Escolas de Almada Ocidental- Formação contínua de Pessoal Docente e Não Docente;

-Centro de Competência Nónio Séc. XXI - Desenvolvimento de projectos pedagógicos no âmbito das Tecnologias de Informação e Comunicação

-Centro de Reconhecimento Validação e Certificação de Competências - Educa-

ção e Formação de Adultos ao longo da vida para validação, reconhecimento e certificação de competências para o 4.º, 6.º e 9.º anos de escolaridade. Esta valência, a partir de 2004 passou a ser da responsabilidade da Escola Secundária do Monte da Caparica e o Proformar parceiro deste projecto.

Profalmada n.º 4, 2006, p. 3

Conversar (sobre o que é) Educar

Américo Morgado

Desde sempre e hoje também, a educação pretende ajustar-se ao ideal educativo da sua época, pretendendo tornar a criança e o homem mais aptos para a realização dos planos concebidos para uma melhor adaptação à vida.

Para que se atinja este objectivo terá de haver vontade política e pedagógica adequada. Teríamos, deste modo, resolvido uma parte prática e efectiva da adaptação social. Este propósito educacional, para a época, desvia-se geometricamente do fim último da educação que é dar ao homem a sua humanidade, isto é, tornar o homem humano.

Olhando para as consequências do que observamos nas sociedades, estamos distantes daquela intenção.

As nossas escolas têm uma função abrangente, na qual o Professor não só transmite conhecimentos mas constantemente tem de educar, substituindo a família na sua mais elementar função.

Sabemos como a sociedade nos compreende e também sabemos da intervenção política, a fazer de conta.

É exigível que as escolas e famílias se renovem, adaptando-se à época e ao que nela concerne; mas se continuar a repetir-se como se o homem fosse sempre o mesmo, o erro alonga-se. De facto, nós somos sempre os mesmos, enquanto participantes da natureza, e ao mesmo tempo sempre diferentes porque em nós algo se manifesta diferentemente, conforme os estímulos que nos chegam da realidade envolvente e a programação que nos é oferecida e na qual teremos que viver.

Hoje, temos aí a programação tecnológica. A escola e a família não podem descansar sem que se apetrechem de metodologias e de novas linguagens aplicáveis às necessidades hodiernas.

A função da educação não é massificar; é preciso educar na diferença, isto é, ter a consciência que cada um é diferente do seu semelhante. Todos nós recebemos a mesma estimulação, todos estamos perante os programas de natureza social da época em que vivemos, mas precisemos que cada homem é diferente e é dotado diferentemente, quer para a compreensão do seu mundo exterior, quer para a compreensão dos valores que em si mesmo descobre e pretende realizar.

No que se refere aos interesses vitais todos somos semelhantes, porque a vida a todos manifesta as suas exigências; já o mesmo não sucede na forma mais ou menos profunda como toma consciência dessas exigências. A vida identifica, a consciência individualiza; é um princípio de individuação que distingue cada um e o separa desses mesmos que a vida identifica. Está aqui o sinal óptimo para reflectirmos quando a educação começa

a ter sentido. O sinal é quando o homem revela a si o princípio individualizante da consciência.

Saibamos que a consciência em nós é um suporte, na medida em que sabemos o que nos separa e também o que nos une em relação aos outros e nesta situação surge-nos o interesse de compreensão relativa ao nosso mundo.

É necessário e urgente reflectir sobre a educação.

A consciência de estarmos abertos ao mundo constata, de forma directa, o que é típico em nós: o espírito!

O espírito, também não se manifesta a todos com o mesmo grau de intensidade e profundidade. Pelo espírito estamos classificados pedagogicamente numa tipologia humana. Cada um de nós tem diferentes possibilidades de ordem vital que condicionam formas de pensar e uma melhor ou pior compreensão do espírito objectivo da cultura da qual fazemos parte. As culturas diferenciam-se pelos valores que as orientam: a cultura ocidental distingue-se da cultura muçulmana ou da oriental, mas apesar desta mutação de valores a educação mantém a mesma finalidade: inserir o indivíduo na cultura de que organicamente faz parte.

Evocando KANT, educar tem por finalidade favorecer o trânsito da animalidade (misto subjectivo e individual rudimentar), à pessoa (ligação à objectividade cultural) e da pessoa à Personalidade (tornar-se pessoa moral).

Tudo é mutável, embora fundamentalmente algo permaneça como um desígnio de educar: tornar o homem pessoa moral.

Profalmada, n.º 4, 2006, p. 3

Externato Frei Luís de Sousa Bodas de Ouro

Paulo Eufrásio

Foi a 8 de Outubro de 1956 que o Externato Frei Luís de Sousa iniciou a sua actividade. A princípio, apenas com o então designado Ensino Primário e o 1.º e 2.º anos do curso liceal; com o passar dos anos, com todos os cursos até ao fim do liceu.

Almada – a *Vila de Almada* – contava na altura com cerca de 50.000 habitantes. Os almadenses, que pretendessem ver os seus filhos iniciar os estudos liceais viam-se forçados a mandá-los diariamente para Lisboa, numa viagem de barco por vezes bem atribulada. A ponte só seria inaugurada bastantes anos mais tarde. Estas cir-

cunhâncias levaram a que um grupo de pessoas de iniciativa congregassem vontades e se dirigissem ao Patriarcado de Lisboa, propondo que fosse a Igreja a promover a construção de um Colégio que resolvesse a continuação dos estudos das crianças desta zona da margem sul. A pretensão foi aceite e, num curto espaço de tempo, foi construído um grande colégio, segundo projecto do Arq.º Costa e Silva.

Exactamente 50 anos depois – no passado dia 8 de Outubro – teve lugar uma solene sessão comemorativa, que decorreu no magnífico anfiteatro e a que presidiu o Sr. D. Gilberto Canavarro, Bispo da Diocese de Setúbal, instituição que detém actualmente a propriedade do Externato Frei Luís de Sousa. Foi ocasião para o Director, Dr. José António da Costa, se referir à *Família Frei*, formada por tantas gerações de professores, de funcionários e, sobretudo, de alunos que de lá saíram para o ensino superior e para a vida activa, sempre com um forte sentimento de pertença a uma instituição onde Tradição e Competência são a mais valia que faz a diferença.

A APCA congratula-se pela celebração do ano jubilar desta escola da cidade de Almada e saúda todos os colegas professores que nela trabalham, dignificando, em todas as circunstâncias, a profissão docente.

Profalmada, n.º 5, 2006, p. 6

Educação, educações

Fernando Serra

1. Prática educativa e cultura

A compreensão da natureza da acção educativa exige uma perspectiva analítica centrada sobre a cultura entendida em sentido lato e sobre os respectivos processos de transmissão e interiorização. Com efeito, verifica-se uma relação orgânica, consubstancial, entre educação e cultura (Masemann, 1999). Na acepção fenomenológica proposta por Alfred Schutz (1978), a cultura é um dinâmico e permanente processo de sedimentação de significados estruturados e estruturantes da vida social. Por outras palavras, aquilo a que se chama cultura, mais não é do que um stock de conhecimentos, traduzido em esquemas socialmente construídos de expressão e interpretação prevaletentes num determinado grupo social.

Apenas uma parcela do conhecimento que cada indivíduo armazena e mobiliza na sua vida decorre da esfera da sua experiência mais íntima e pessoal. Acima de tudo, o conhecimento é transmitido num prolongado processo educativo mais ou menos elaborado e formalizado, no âmbito do qual uns agentes são considerados como transmissores e outros como destinatários desse conhecimento. Tais procedimentos tipificados de transmissão cultural não dizem apenas respeito à transferência intergeracional de informação, da geração mais velha para a geração mais nova. Eles desenvolvem-se também, numa linha intrageracional, no sentido da categoria dos conhecedores para a dos não conhecedores; da categoria dos especialistas para a dos leigos.

No seu processo de sedimentação histórica, as iniciativas de transmissão e aquisição da cultura instituíram-se como prática educativa. A educação, revelando-se muito embora o meio pelo qual a cultura é transmitida em todas as esferas institucionais, constitui-se também ela mesma como um contexto institucional autónomo, com a sua herança, a sua cultura, o seu acervo de conhecimentos.

Para efeitos meramente analíticos deve distinguir-se prática de acção, não obstante a tendência verificada na linguagem corrente para ambos os termos serem usados indiferentemente. A prática consiste numa espécie de cristalização sempre actualizada e actualizável da acção. Os sujeitos exteriorizam-se pela acção: esta traduz a sua actividade. A prática releva da cultura objectivada; é um legado cultural acumulado e num certo sentido exterior aos sujeitos. Trata-se do resultado de uma consolidação temporal, histórica, de padrões de acção surgindo sob a forma de tradições e modos típicos de desenvolvimento de uma determinada actividade.

Nesta linha de entendimento, aquilo que se designa como *prática educativa* reporta-se a um quadro de tradições que confere estabilidade às acções educacionais. Nas palavras de G. Sacristán (1988), consiste num acervo cultural de saberes articulados com crenças e valores colectivos, e que se exprime em *ritos, costumes, sabedoria partilhada, instituições, espaços construídos para educar, formas de vida no interior das organizações escolares [...]* orientações básicas e papéis estabilizados (p. 88).

As práticas educativas apresentam as suas mais interessantes expressões nas grandes correntes e concepções pedagógicas que, no palco da história da educação e em dinâmico movimento, vemos emergir, ascender à consagração – inspirando o discurso e a retórica dos agentes, orientando e regulando as respectivas práticas –, para seguidamente entrar em regime de defeso ou mesmo em estertor. Por outras palavras, isto significa encarar a história das transformações educacionais e pedagógicas como uma história das correntes de pensamento e acção, umas com o estatuto de *dominantes*, outras com o estatuto de *dominadas*, mas todas parecendo obedecer a uma dinâmica essencialmente dialéctica: as dominantes, sempre susceptíveis de deixarem a qualquer momento de o ser; as dominadas, sempre prontas a elevarem-se triunfantes sobre as rivais.

2. O triângulo pedagógico de J. Houssaye

Equacionando a necessidade de disponibilizar um modelo teórico compreensivo e coerente das diversas práticas educativas, da sua estrutura e regras de funcionamento, bem como das grandes construções teóricas a seu propósito produzidas, J. Houssaye (1993) introduz uma propedêutica conceptual que denomina como *triângulo pedagógico*. Este representa as relações diferenciadas entre três elementos essenciais: o saber, o professor e os alunos, dos quais dois se estabelecem como sujeitos, ocupando o remanescente o *lugar do morto*, ou a posição do *louco*. (fig. 1)

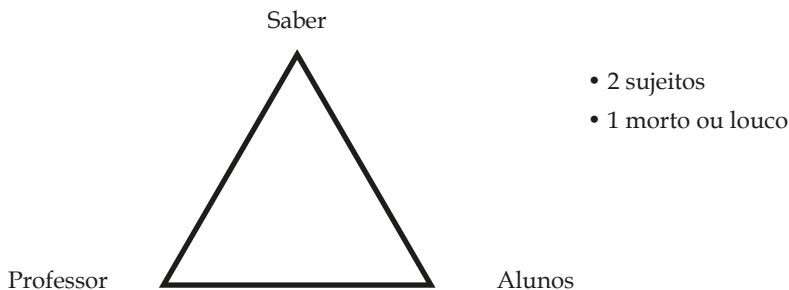


Figura I – O triângulo pedagógico (Houssaye, 1993, p. 15)

Os termos *Saber*, *Professor* e *Alunos* apresentam neste contexto uma acepção lata: o *Saber* refere-se a conteúdos, disciplinas, programas, aquisições; o *Professor* alude ao formador, educador, iniciador, tutor, etc.; o *Aluno*, ao educando, aprendiz, formando, etc. A noção de sujeito qualifica dois dos elementos desta tríade como partes implicadas num relacionamento recíproco preferencial, em detrimento de um terceiro que se vê relegado para o plano do morto (ausente, desvalorizado...), ou para o plano do louco (refractário, esquivo, anômico, incontrolável...). Ora, para Houssaye, toda a pedagogia se encontra articulada em função de uma relação privilegiada entre dois destes elementos com exclusão do terceiro, mas com o qual não obstante deverão os primeiros estabelecer um certo tipo de contacto (a exclusão não é aqui entendida como uma irremediável ruptura). Uma alteração assinalável de *lógica pedagógica* supõe assim uma necessária alteração do padrão de relacionamento nuclear estabelecido: uma transformação dos processos básicos em jogo. Nas figuras seguintes resentedos os três tipos de processos que podem ser aqui contabilizados: o processo *ensinar*, o processo *aprender*, e o processo *formar*.

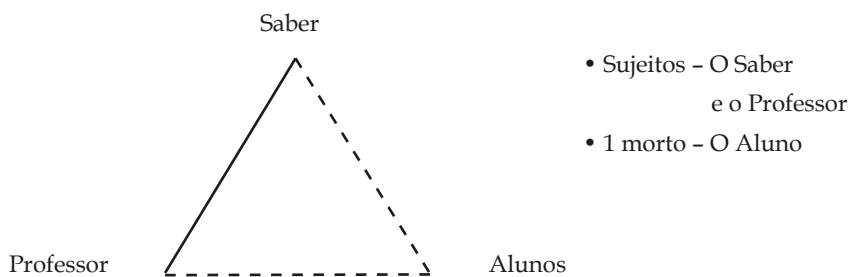


Figura 2 – O processo *ensinar* (Houssaye, 1993, p. 16)

O processo *ensinar* assenta na relação privilegiada entre o professor e o saber, permanecendo o aluno no lugar do morto. Trata-se de um processo permanentemente ameaçado por certas orientações dos alunos: por exemplo quando, por insatisfação, *abandonam* a situação pedagógica, ou quando a *recusam* instalando em limite a própria *loucura*.

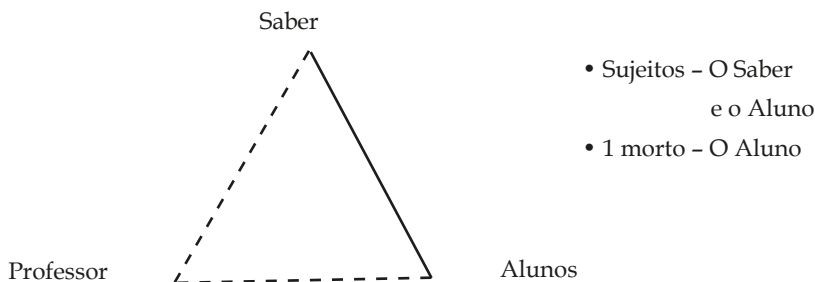


Figura 3 – O processo *aprender*

No quadro do processo *aprender* é a vez do professor tomar o lugar do morto, já que a relação privilegiada é a que se estabelece entre os alunos e o saber. É aqui entendido que os alunos acedem ao saber por si próprios, de modo directo. Não estando rigorosamente ausente, o professor desempenha um papel supletivo como preparador e orientador do aluno nessa sua busca directa e imediata do saber (neste sentido a morte do professor pode ser entendida como uma *morte eficaz*). O potencial de fragilidade, de *loucura*, deste processo reside por exemplo na adopção, por parte do professor, de estratégias educativas demasiado directivas ou imiscuintes, limitando a espontaneidade e a autonomia dos alunos.

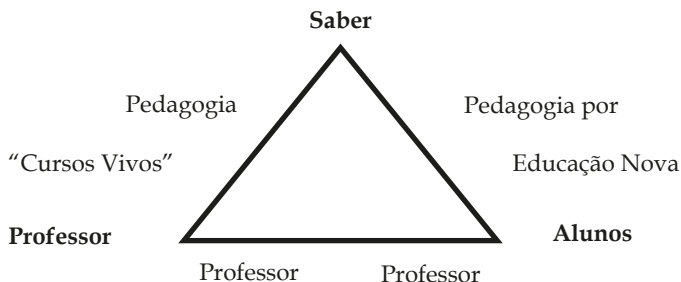


Figura 4- O processo *formar* (Houssaye, 1993, p. 17)

No processo *formar* encontramos-nos no pleno da relação fecundante professor-alunos, os quais conferem ao saber o estatuto subalterno do morto. Neste caso, a constituição das regras transaccionais não se faz a priori mas durante o desenvolvimento da própria relação, de tal modo que se espera venha o saber a ser construído (produzido, integrado e gerido) no quadro da parceria professor-alunos. A fragilidade respectiva deste processo radica no potencial de-formativo introduzido quer por professores quer por alunos quando, ou na medida em que, recusam as regras estruturantes deste processo e reclamam regras próprias a outros domínios ou modalidades de relacionamento. (continua no próximo número)

3. Um mapa mínimo das práticas educativas e correntes pedagógicas

De modo relativamente simples, é possível *arrumar* como segue as várias as várias correntes, modelos ou práticas pedagógicas, tendo em conta os conceitos nucleares atrás identificados .

No eixo *ensinar*, encontramos a pedagogia tradicional, aquela que se estrutura de modo particularmente rígido em torno dos saberes e do estatuto magistral do professor; e os designados *cursos vivos*, ou aqueles dispositivos pedagógicos que acolhem estratégias de pergunta-resposta, numa aparente *concessão formativa* do professor. No eixo *formar*, situam-se por um lado algumas das pedagogias libertárias (Neill, Hambourg), e socialistas (Makarenko, Snyders), mais vinculadas ao papel directivo do professor, e por outro lado as chamadas pedagogias institucionais (Oury, Fonvieille) e não directivas (Rogers) mais sensíveis à autonomia dos agentes para produzir e gerir as suas próprias regras de funcionamento. Por último, no eixo *aprender*, encontram-se de um lado correntes como por exemplo a Educação Nova, dando prioridade à construção autónoma do saber num quadro relacional onde o professor apenas coadjuva e apoia o aluno; do outro, correntes associadas ao ensino programado, ao ensino assistido, ou à pedagogia por objectivos. Neste caso, não obstante se confirme a mesma prioridade pedagógica (a autonomia na aprendizagem), alteram-se as estratégias de molde a estruturar mais sistemática e previsivelmente a aprendizagem, o que se traduz por vezes na incerteza quanto à lógica (*aprender* ou *ensinar*) efectivamente em questão.

4. Notas (pouco) conclusivas

Na sua trajectória sócio-histórica pelo espaço-tempo das instituições escolares, as várias correntes educativas apresentam diferentes graus de densificação ou de invisibilidade; de expressividade ou de amorfismo. No seu auge tornam-se dominantes; na sua deflação, mostram-se decadentes ou apenas se insinuam na sua potencialidade. Entre um estádio e outro, ora se encontram trivializadas ora assertivas. No estádio nascente de uma dada corrente, quando a sua capacidade de regulação das práticas é ainda emergente, o poder de uma ideia-força pedagógica reside no seu carácter excitante e mobilizador de energias; já na sua fase madura a fonte desse poder é o seu carácter não problemático ou implícito, a sua incorporação institucional.

Resta-nos levantar a questão sobre qual será a corrente ou correntes pedagógicas que têm regulado nos últimos anos as práticas das escolas no nosso tempo e quais as que se insinuam já no horizonte. A história da educação e das correntes pedagógicas mostram-nos que quando uma determinada configuração educativa se encontra no seu estádio trivial ou rotineiro, não problemático, criam-se as condições propícias para que, nos limites das suas franjas, o instituído abra o flanco ao novo, ao refractário. Os elementos instituintes inspiram-se normalmente naquilo que não é nem trivial nem familiar. Sobre as ideias inaugurais, aquelas que prometem um futuro viável escreveu um dia Vitor Hugo que eram muito mais potentes do que o troar de poderosos exércitos.

APCA: Sujeito/Objecto de Solidariedade

Paulo Eufrásio

Não deixa de surpreender a origem etimológica da palavra *solidariedade*. Na sua raiz encontra-se o adjectivo latino *solidus* que significa *unido, coeso, de uma só peça...* Sugere a ideia de rocha que, sendo composta de diverso material geológico, no entanto, devido a uma forte consistência, forma um todo único.

Em jeito de avaliação e reflectindo sobre o que tem sido a Associação de Professores do Concelho de Almada (APCA) nos últimos anos, a característica que ressalta é precisamente esta da solidariedade, tanto no grupo em si, como na comunidade em que se encontra inserido. É que, neste aspecto, podemos considerar a APCA não só como sujeito mas também como objecto de solidariedade.

1. Como sujeito de solidariedade, refira-se a solicitude com que a maioria dos sócios se preocupa com a situação dos colegas que se encontram em alguma dificuldade. Motivo de exemplar dedicação e solidariedade é igualmente a forma como alguns elementos da Direcção se entregam, praticamente por inteiro, à absorvente tarefa de levar por diante os projectos que temos em mãos, procurando ultrapassar sucessivos obstáculos que os entravam.

Relevemos também o papel da nossa Associação como elemento dinamizador de cultura, na nossa cidade e concelho, através de conferências, colóquios, espectáculos, visitas culturais e exposições de trabalhos das diversas sensibilidades artísticas dos seus membros ou dos alunos da Usalma.

Ainda como sujeito de solidariedade, há que realçar a entrega e exemplar dedicação com que cerca de 70 professores (quase todos sócios) voluntariamente se disponibilizam para leccionar no âmbito da Usalma. Esta atitude solidária bastaria, só por si, para a APCA ter o direito de ser considerada uma Instituição Particular de Solidariedade Social, objectivo pelo qual há muito nos batemos.

2. A APCA é também objecto de solidariedade, sobretudo a nível institucional. Ressalta em primeiro lugar o apoio que temos recebido e continuamos a receber por parte da Câmara Municipal de Almada (CMA), em que se tem manifestado, de diversas formas, o espírito solidário da sua Presidente. Citem-se, apenas como exemplos, a cedência das instalações onde funciona a nossa sede e o secretariado da Usalma; a cedência do direito de superfície sobre o terreno onde funcionará o futuro Lar/Residência; a cedência, em regime de comodato, do palacete Ribeiro Teles, na Cova da Piedade, onde, após obras de restauro, funcionará a futura *Casa do Professor*. O apoio técnico da CMA, na explicitação destes e outros projectos, tem sido e continua a ser de imprescindível importância para podermos caminhar no sentido de concretizarmos os nossos sonhos de solidariedade e serviço à comunidade.

Ainda a nível institucional, é justo referir o espírito solidário das seis Escolas que continuam a ceder-nos salas para as actividades lectivas da Usalma. Sem essa disponibilidade, o projecto da nossa universidade sénior nunca teria a dimensão que hoje se lhe reconhece.

Na cerimónia comemorativa do 4.º aniversário da APCA recebemos da CMA a estatueta que ao lado se reproduz e que é uma miniatura da estátua *Nós e os Outros*, da autoria do escultor José Aurélio. Ela nos sugere a atitude solidária dos que, crescendo juntos, num percurso diferente mas paralelo, emergem dum tronco comum, que a todos irmana, numa dinâmica do DAR e RECEBER.

Profalmada, n.º 9, 2007, p. 3

Dossiê: Estado da Educação Aproximações para Reflexão-Debate*

Ernesto Fernandes

Quando 1,5 milhões de crianças e jovens entram pela porta da sua *Escolinha* ou da sua Escola¹, importa acolher e cuidar do futuro em sua mochila guardado. Nestes rostos, em cada um o seu olhar expectante. Em muitos, a ansiedade ou o medo. Todos frágeis por sua idade. Todos em desejo secreto de encontro com o(s) professor(es) à semelhança do imaginário de Victor Barroca Moreira, em seus 9 anos

*O amor é um pássaro verde
Num campo azul
No alto
Da madrugada*

Colaço, Maria Rosa, *A Criança e a Vida*, 40.ª ed., Lisboa, Ulmeiro, 1996.

A nós educadores cabe o imenso poder de saber ajudar a criar o sentido da vida, em campo azul, entre o céu e o mar, cientes de que a educação transcende a Escola, cientes do nosso protagonismo e incontornável co-responsabilidade.

1. Políticas de Reforma do Sistema Educativo

As mudanças, quantas vezes precipitadas ou avulsas, conformam-se aos ciclos eleitorais. Porém, projectar a médio e longo prazo (10 – 20 anos) é condição necessária de continuidade para avaliar o sentido estratégico e os resultados das alterações introduzidas.

Os melhores sistemas de ensino a nível internacional (Canadá, Finlândia, Japão, Coreia do Sul, Irlanda, ...) operaram na base da avaliação de resultados sustentados e não sobretudo em dados estatísticos meramente conjunturais, ano a ano ou por legislatura.

* Escrito sustentado em Antena Aberta, da Antena I, coordenação de Eduarda Maio, em 10 de Setembro de 2008.

¹ Superior a 2.400 em Estabelecimentos Prisionais, são outros estudantes dos ensinamentos básico, secundário e até superior. Em primeira fase de acesso ao ensino universitário e politécnico, são 40.000 alunos, mais 6% que em 2007/2008. Fora destes números, as crianças até ao 1.º ciclo em creches e jardins de infância. Igualdade de oportunidades, quando a tendência é para acabar as creches públicas (oferta de 4,5%) em favor da rede solidária ou da iniciativa privada lucrativa?

Sem menosprezar os números, há outros indicadores fundamentais, como sejam: a motivação dos professores e dos alunos; a participação dos pais/encarregados de educação; a cooperação em rede das instituições e serviços da comunidade; as competências ganhas para o exercício de uma profissão.

2. Gestão Escolar

A centração em resultados testados, a médio e a longo prazo, constitui-se como princípio incontornável da valia das medidas de política, a nível nacional, regional e local, até para a comparabilidade entre países.

A gestão do ensino revela-se deficitária. Exemplos:

- instalações e equipamentos degradados ou inexistentes: aulas em contentores, infiltrações, ginásios, quando existentes, muitos feridos de adequação;
- escolas que retardam o embelezamento dos espaços: frios, sem nome e sem cor (as letras e as artes não são a cultura do espaço escolar como espaço estético, persiste a cultura de quartel);
- escola segura, que não devendo ser um quartel ou campo entrincheirado, aposta na educação cívica (específica e transversal) enquanto exercício de direitos e responsabilidades de todas as pessoas da comunidade escolar, sem excluir o bebé;
- paradoxo: oito alunos por professor, taxa das mais baixas, e turmas das mais extensas dos países da OCDE;
- livros e manuais não disponíveis a uma semana do início das aulas;
- escolas sem horários publicados, a uma semana das aulas, com sério prejuízo para as famílias a quem compete definir rotinas diárias de gestão doméstica e de acompanhamento escolar;
- desconsideração pelas necessidades especiais de aprendizagem, segundo uma política de redução de custos, centralização que obriga a deslocações de 100 ou mais quilómetros por dia;
- o logro entre ensino público e instituições de solidariedade social, a carecer estas de estabilidade por razões financeiras.

A gestão deverá constituir uma componente da formação básica e permanente dos professores. A gestão envolve aprendizagem de competências específicas, requer saberes distintos que não se confundem com os saberes do ensino-aprendizagem².

² A mudança em curso do modelo de gestão das escolas - fim dos conselhos executivos, o director eleito é o responsável máximo...

3. Cultura da Responsabilidade Pessoal e Social

Carecem a motivação e a responsabilidade de ensinar e aprender. Questão que, não se confinando ao espaço escolar, recomenda uma cultura de co-responsabilidade, requer a mudança da escola de território ou quintal fechado para uma efectiva participação dos pais/encarregados de educação e para uma cultura de inserção da escola na comunidade, durante o ano lectivo e, particularmente, durante as férias, como seja;

- superar o ensino expositivo e livresco, potenciando a experimentação e a observação das coisas e da vida (económica, social e cultural), pela entrevista, fotografia, relatório, debate-reflexão e devolução à escola: aulas dinâmicas;

- re-inventar as férias, não apenas por actividades lúdico-criativas, mas também por serviços à comunidade, como é praticado em países de sucesso no campo da educação: voluntariado em instituições de solidariedade social para crianças e idosos; em serviços públicos de jardinagem, limpeza de praias; em empresas exercendo tarefas de limpeza, apoio administrativo-técnico; serviço cívico não apenas como castigo ou pena por indisciplina ou delinquência³.

Contra o tédio ou a lassidão, importa que as crianças e os jovens se incluam na Cidade, também através do mercado de trabalho empresarial, público ou solidário.

4. Valorização das Profissões da Educação

A valorização da carreira docente não se esgota na dimensão financeira, antes aposta na reflexão-debate dos problemas e da partilha de práticas inovadoras didácticas e pedagógicas, contra a rotina do desabafo-desalento, a rotina da reflexividade, da construção de práticas alternativas..

Corre-se o risco de transformar o professor-educador numa categoria administrativa, em detrimento do sentido de missão e vocação que a deve configurar. Missão e vocação não entendidas à maneira tradicional (missionário, apóstolo ou militante), mas como profissionalidade ancorada nas pessoas e direccionada para o seu desenvolvimento integral (cognitivo-técnico, ético-político e estético-expressivo). Questão igualmente pertinente para outros profissionais que trabalham as pessoas e não as coisas (médicos, assistentes sociais, psicólogos).

A clivagem entre professores titulares e os outros é corrosiva da identidade-uniidade da carreira profissional⁴.

5. Sociedade do Conhecimento e Sociedade da Competitividade Global

Parece consensual que a Escola é um pilar fundamental da vida no Planeta Azul. Campo maternal e de abrigo, seio do futuro.

³ A polémica sobre o estatuto do aluno (Lei n.º3/2008, de 18 de Janeiro) quase reduzida à questão de eliminar o chumbo por faltas. Nesta matéria, deverá ser condição do estatuto do aluno a acção social escolar, alterada para 2008/2009: medidas para a redução das desigualdades sociais crescentes?

⁴ Neste contexto, nada pacífico entre educadores-professores, que a avaliação seja também em função das notas dos alunos. Sucesso de quem e para quê?

Entre preconceitos e juízos, o conhecimento é o decifrador. A ignorância é o nosso inimigo...

Confrontados com o princípio, quase absoluto, da competitividade, para nós professores deve ser fundamental formar para a cidadania, cruzando as dimensões éticas e estéticas com o saber altamente competitivo do científico-tecnológico⁵, condição para o sucesso dos nossos alunos na Cidade em vida com Sentido, entre os pequenotes e os adultos, amparados pelo ritmo diário do sol e da lua.

Com Vitorino Nemésio (1901 – 1978), professor – poeta, em *Navio de Sal*, entre medos e desalentos, a recomendação:

(...) *A sua carga.*
Na dúvida, Capitão, espera o vento,
Iça as velas e larga!

Em Jeito de Avaliação...

O que aprendemos neste ano

Manuela Sousa Matos

Os meus passos são flores
Eu, uma vez, pisei o sol,
mas não o magoei
porque os meus passos são pequeninos.

Victor (8 anos)

in Maria Rosa Colaço, *A Criança e a Vida*, 40.^a ed., Lisboa, Ulmeiro, 1996.

As frases que a seguir se apresentam foram ditas em redor de uma mesa, com as crianças meio debruçadas sobre ela, ora olhando para as letras e as palavras que a caneta produzia, ora impacientando-se porque nunca mais era a sua vez, coisa que tinham aprendido desde o primeiro dia de escola, mas que sempre custava um pouco fazer... esperar pela sua vez, em silêncio, respeitando o tempo e a palavra do outro...

As frases, ditas por crianças entre os 3 e os 6 anos de idade e escritas pela educadora e auxiliar, correspondem à avaliação realizada no final do ano e traduzem o que cada um elegeu como mais significativo e importante do que aprendeu no Jardim-de-Infância.

Sem grandes enquadramentos e preparações pedagógicas antecipadas, o desafio lançado para a conversa foi: O que é que os meninos aprenderam este ano? Vamos fazer a nossa última avaliação, situação regularmente vivida, sempre que queríamos dar a vez e a voz às crianças, enquanto sujeitos de direitos e deveres e actores

⁵ A formação para o estético-expressivo não deve ser entendida pelos professores como “coisa” do jardim de infância ou do primeiro ciclo, antes como dimensão transversal da educação. Em agenda, o ensino artístico como formação específica, outra dimensão.

intervenientes no seu tempo e no seu espaço. E assim foi mais uma vez, como tantas vezes já tinha acontecido ao longo do ano, para tornar real o direito à livre expressão e à opinião de todos e de cada um.

Por isso estas frases, ditas na primeira pessoa do singular, reflectem ideias e sentimentos individuais, que no seu conjunto dão corpo e lugar a um sentir colectivo, fruto de vivências conjuntas onde o eu e os outros andaram de braço dado, marcando um passo que se queria acertado no respeito e na igualdade, apesar de muitos atropelos, zangas e discussões... mas foi assim que se aprendeu, na sala e no recreio, para além de outras coisas, a viver em democracia e a compreender que aprender exige, para além do domínio de competências cognitivas, saber ser e estar com os outros. Parece que é mesmo o mais importante...

Pelo menos, a acreditar pelos testemunhos destas crianças já tão grandes, apesar de pequenas...

O que aprendi na escola...

Aprendi a brincar nas construções, na casinha, a fazer desenhos... às vezes a ensinar os meninos a fazerem coisas boas, aprendi a estar na biblioteca, aprendi a dizer as conversas na reunião, aprendi a fazer ginástica... gostei mais da nossa sala, porque tem brinquedos, construções, casinha... aprendi a estar sossegado na reunião (G., 6 anos).

Aprendi a partilhar as canetas com D., com C., com G., com L... aprendi a brincar com o D... aprendi a fazer desenhos e a brincar com os meus amigos, a jogar à bola... aprendi a fazer letras e os números e a fazer as nuvens e a fazer pintura (J. P., 5 anos)

Aprendi a fazer plasticina, a fazer barro, a fazer contas, a fazer números, a fazer letras, aprendi a brincar e a ver livros, a contar histórias com o M... aprendi a escrever na coluna do diário (C., 5 anos).

Aprendi a brincar com D., a estar sossegada na roda e não conversar... aprendi a fazer pinturas e a partilhar as tintas e a ensinar. Aprendi a respeitar os meninos. Aprendi a conhecer os nomes, do D., do G., do C., do J. P... aprendi a perguntar se os meninos queriam brincar comigo. Aprendi a contar histórias, a pôr o dedo no ar quando quero falar... aprendi a respeitar a L. e todos os meninos... que a L. é muito querida... aprendi a fazer desenhos, a fazer o teatro do capuchinho vermelho (C., 6 anos).

Aprendi a fazer a técnica do berlinde, a fazer desenhos com M., aprendi a fazer amigos. Aprendi que a bater não se resolve nada. Aprendi a fazer coisas como devem de ser. Aprendi a emprestar as coisas (H. M., 6 anos).

Aprendi a ser amigo dos amigos, e eu sou sempre o amigo do H. M... aprendi a fazer pintura muitos dias, a fazer desenhos das folhas, a brincar nas construções e na casinha... aprendi na roda a estar com atenção... a fazer desenho e números e letras na área da escrita... aprendi a dar comida ao peixe e a chamar para o recreio... e a fazer casas nos desenhos (G., 4 anos).

Aprendi a ir para a área das construções, aprendi a fazer jogos, a brincar com a plasticina, a fazer pintura, a fazer o meu nome, a escrever no quadro das actividades (L., 4 anos).

Aprendi a fazer coisas giras. A fazer desenhos, aviões e borboletas de papel, aprendi a fazer muitos amigos. Aprendi a resolver as coisas que correm mal, aprendi a brincar sem aleijar. Aprendi a ensinar aos pequeninos as coisas que aprendi (C., 5 anos).

Aprendi a contar histórias, aprendi a brincar com as amigas. Aprendi a fazer bonecos e a

fazer letras. Aprendi a fazer flores de papel e a recortar (P., 4 anos).

Aprendi a fazer letras e números, a ser amigo da L., a respeitar os outros, aprendi a fazer muitos trabalhos e a brincar e a ser amigo da C., do J. P., do D. ... aprendi a brincar pelos outros, mesmo quando os outros não querem brincar... aprendi a ser amigo mesmo dos que não conhecia, aprendi a fazer mais trabalhos... a fazer desenhos giros, a fazer uma estrada (M., 5 anos).

Aprendi a fazer quantos queres?, a brincar com os outros, a fazer desenhos, aprendi a brincar nas construções e na biblioteca e aprendi música... a brincar com a T., às vezes... aprendi na sala, com a T., a fazer os pintainhos... aprendi a estar quieta na roda e a falar baixinho e aprendi a pintar (L., 5 anos).

Aprendi a não falar alto e a escrever o meu nome. Aprendi a brincar sem barulho, a contar bem, a fazer desenhos, aprendi a fazer muitas coisas e a escrever bem (L., 4 anos)

Aprendi a fazer desenhos e aprendi a fazer bem as letras e os números, aprendi a fazer bonecos, borboletas e a não bater. Aprendi a controlar a minha raiva. (M., 5 anos).

Aprendi a não bater, a partilhar, a emprestar coisas, a fazer desenhos, a fazer construções, a fazer jogos... aprendi a estar com juízo na roda. Aprendi a dar beijos, com a Manela (P., 5 anos).

Aprendi a fazer desenhos com a Manela, a brincar com os meus amigos. A fazer trabalhos para a venda. Aprendi a não bater. Aprendi a não refilar com os meninos pequeninos, porque eu dantes fazia. Aprendi a estar quieto, na roda. Aprendi a ter responsabilidades (H., 6 anos).

Aprendi a brincar sozinho, aprendi a ser amigo dos meninos, do J. P., e aprendi a fazer as pazes... aprendi a construir e aprendi a arrumar e a fazer jogos e máscaras... aprendi a fazer coisas giras (D., 5 anos).

A B. vai à escola,... disse de si própria (B., 5 anos).

Aprendi a brincar com os meus amigos, a fazer construções, aprendi a fazer pintura e a fazer jogos, aprendi a sentar na roda, a lavar as mãos e a fazer xixi sozinho. Aprendi a fazer desenhos e a fazer plasticina (M., 3 anos).

Aprendi a ensinar as coisas aos meus amigos, aprendi a brincar nas construções, na casinha e a ler livros na biblioteca... aprendi a fazer desenhos e a fazer máscaras (R., 4 anos).

Aprendi a fazer desenhos com a B., a saltar à corda, aprendi a ficar com juízo. Aprendi a fazer imagens, a fazer borboletas de pintura e sacos de papel. Aprendi a ler os livros na biblioteca e a estar quieta na roda (M., 4 anos).

*Agrupamento de Escolas da Trafaria EB1/J.I

Instrumentos Básicos de Direitos Humanos

1. Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito.
2. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos humanos e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das actividades das Nações Unidas para a manutenção da paz.
3. Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o género de educação a dar aos filhos.

ONU (1948), Declaração Universal dos Direitos do Homem, Artigo 26.

Sabia Que...

Apenas 4 países da União Europeia impõem 12 anos de escolaridade obrigatória?

São a Alemanha, a Bélgica, a Hungria e a Holanda.

Na Alemanha, são 9 – 10 anos de escolaridade obrigatória a tempo integral e mais três anos a part-time.

Aos países referidos acima, acresce a Polónia que indica os 18 anos como idade mínima para abandonar a escola.

78% da população europeia dos 20 aos 24 anos concluiu o secundário em 2007.

90% ou superior na República Checa, Polónia, Eslovénia e Eslováquia.

53% dos jovens portugueses concluiu o secundário em 2007 enquanto os resultados de 2000 foram de 43% .

A maioria dos países da UE estabelece 9 ou 10 anos de escolaridade, com a idade mínima de 16 anos.

Em Portugal, são os 15 anos.

Fonte: *Expresso*, Educação, Lisboa, 20 de Setembro de 2008.

Livros pela Educação

O Mundo da Criança, Ruth Duskin Feldman, Diane E. Papalia e Sally Wendkos Olds MC, GRAW Hill

Este livro centra-se na continuidade do desenvolvimento, desde a concepção à adolescência, e nas inter-relações entre os reinos físico, cognitivo e psicossocial do desenvolvimento. Incide sobre as teorias e questões do desenvolvimento da criança, a hereditariedade, as influências do ambiente, o desenvolvimento pré-natal e o nascimento.

Educar para a Auto-Estima, Maria José Quiles e José Pedro Espada

Educar para a Não-Violência, Joaquim González Pérez e Maria José Del Pozo, K EDITORA

Esta colecção faz uma abordagem muito prática e objectiva de temas fulcrais da educação nos nossos dias, sendo uma ferramenta de apoio ao trabalho de professores na sua actividade diária. Contém casos de aplicação prática e propostas de actividades para desenvolver com alunos e grupos de jovens.

Os Próximos 50 Anos. A Ciência na Primeira Metade do Século XXI, John Brokman, ESFERA DO CAOS.

O que nos reserva o progresso do conhecimento científico e da tecnologia nas próximas décadas? Conseguiremos criar condições de habitabilidade em Marte? As respostas para estas e outras perguntas encontramos-as pela pena dos cientistas que aceitaram o desafio de reflectir acerca do futuro da ciência, nas suas respectivas áreas de interesse.

Dicionário de Ciências Cognitivas, Guy Tiberghien, EDIÇÕES 70

Este dicionário associa o rigor nas definições a um espírito de síntese enciclopédico. Conta com 280 entradas, enquadra e esclarece os principais conceitos, destacando a importância das interacções inovadoras entre disciplinas até agora relativamente autónomas. No final, constam ainda, uma cronologia, a bibliografia geral e o índice de entradas.

In Campus – Regresso Universitário 08/09, 10 Anos FNAC, *Expresso*, 27 de Setembro de 2008.

Dossiê: Educação para a Cidadania

Currículo do Ensino Básico: Formar para a *Polis*

Fernando Serra

A história dos processos de escolarização tem claramente demonstrado que a educação de tipo escolar sempre veiculou, de uma forma ou de outra, diversas concepções acerca do lugar do indivíduo no espaço colectivo. Para o bem ou para o mal tal educação assumiu sempre uma natureza normativa e socializadora: a escola não apenas instrui, não apenas transmite conhecimentos ou informa acerca de factos e fenómenos constitutivos do acervo cultural; a escola, pelo que exprime ou explicita, pelo que exclui ou omite, transmite valores, promove atitudes, veicula maneiras tácitas de ver e entender o mundo, propõe modalidades de actuação sobre ele. Ao impregnar-se de uma certa mundovisão, de uma determinada mentalidade colectiva ou conjuntura cultural, a escola actua sobre os sujeitos moldando-lhes a identidade e definindo-lhes uma boa fatia da respectiva trajectória social. Resta sublinhar que tal influência é exercida quer de modo intencional, quer de modo tácito ou não plenamente reflexivo.

Em Portugal também esta vocação normativa da escola apresentou diferentes traduções históricas, ao sabor das diferentes concepções da sociedade e do homem. Por exemplo, se recuarmos até à conjuntura político-ideológica do Estado Novo, encontramos na educação escolar uma forte componente expressiva orientada para a passividade dos cidadãos. Uma tal orientação foi, como é sabido, profundamente influenciada por uma matriz simbólica que, assente nos princípios sacrossantos Deus, Pátria e Autoridade, soube articular a seu favor contributos simbólicos e políticos diversos como a religiosidade judaico-cristã, o apego nacionalista ou o autoritarismo político.

Mas esta realidade logo submergiria no vórtice da Revolução de 25 de Abril de 1974. A inauguração de uma novíssima conjuntura política abriu a possibilidade de, por criação ou mera revitalização, emergirem inusitadas concepções e práticas educativas. Desenvolveram-se diversas experiências, quase sempre de vocação vanguardista, que visavam diminuir a carga elitista da escola, tentando excluir dela todos os indícios de endotrinamento autoritário, ao mesmo tempo que apontavam para a edificação de uma nova relação do indivíduo com o espaço público: o Serviço Cívico Estudantil, a Educação Cívica e Politécnica, as campanhas de alfabetização, o trabalho produtivo nas escolas, etc. Muito conotadas do ponto de vista político-ideológico – vivia-se no país, não o esqueçamos, uma acentuada inflexão à Esquerda – estas e outras iniciativas e experiências acabaram por viver o seu período de arrefecimento e acalmia já no período dos primeiros governos constitucionais, na segunda metade da década de setenta. Embora despojadas da respectiva retórica legitimadora, de tipo revolucionário, a reflexão em torno destas experiências alimentou um conjunto de preocupações educativas em torno da questão cívica que vieram a ganhar paulatinamente forma ao longo das duas décadas seguintes.

Apaziguados os ânimos revolucionários e renegociada a posição semi-periférica do

país no sistema mundial, já no decurso da primeira metade da década de oitenta, definem-se agora de modo mais claro a orientação estratégica a prosseguir: construir uma sociedade democrática e pluralista, de vocação europeia, aberta ao mundo e celebrando valores universalistas. Com a aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, em 1986, é finalmente consagrado o papel da escola na formação pessoal e social dos alunos. Esta *nova* área deveria fazer parte integrante dos planos curriculares de todos os ciclos de escolaridade. Em 1989 (Decreto-Lei 286 de 29 de Agosto), codificam-se finalmente os respectivos princípios e modalidades de incorporação curricular. A Formação Pessoal e Social (FPS) deveria, assim, concretizar-se no currículo através das seguintes estratégias (cf. Carita & Abreu, 1993; Abreu, 2000):

- Pela disseminação pelos vários componentes dos planos curriculares;
- Pela incorporação num espaço curricular não disciplinar, a Área-Escola;
- Pela inserção na Área-Escola passando a ser designada como Educação Cívica, mas apenas no 3.º ciclo do ensino básico, com direito a programa próprio;
- Enquanto espaço disciplinar alternativo à Educação Moral e Religiosa Católica (ou outra confissão), designado como Desenvolvimento Pessoal e Social (DPS).

Após um tempo relativamente obscuro em matéria de concretização da Formação Pessoal e Social (FPS), no que se traduziu em resultados práticos algo erráticos (veja-se) por exemplo a incapacidade de disseminar a nova disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social-DPS), eis que surge uma nova retórica política e científica em torno do conceito de Educação para a Cidadania, plasmada em parte na nova organização curricular do ensino básico, instituída com o Decreto-Lei 6/2001. Aqui assume-se de modo cristalino a escola como um espaço privilegiado de Educação para a Cidadania, no pressuposto de que as suas funções básicas não podem traduzir-se numa mera adição de disciplinas, devendo antes apontar para a formação integral dos alunos.

A Educação para a Cidadania passa assim a ser uma componente do currículo de natureza transversal no conjunto dos nove anos de escolaridade obrigatória. O seu objectivo central é o de contribuir para a construção da identidade e o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos (cf. Figueiredo, 2002). Esta componente curricular não é da responsabilidade de um professor ou de uma disciplina, mas deve atravessar todos os saberes e deve passar por todas as situações vividas na escola. Concretiza-se através de um plano que abrange o trabalho a realizar nas diversas disciplinas e áreas do currículo. Aspectos como a educação para a saúde, a educação sexual, a educação rodoviária ou a educação ambiental, entre outros, são considerados quer no trabalho a realizar nas áreas curriculares não disciplinares quer no âmbito das diversas disciplinas.

Um aspecto importante da nova organização curricular na perspectiva da Educação para a Cidadania foi a criação de uma área curricular não disciplinar, a Formação Cívica, um importante espaço para o desenvolvimento de actividades de Educação para a Cidadania, constituindo um contexto educativo promotor do diálogo e da reflexão sobre experiências vividas e preocupações sentidas pelos estudantes, designadamente as relativas à sua participação, individual e colecti-

va na vida do grupo-turma, da escola e da comunidade (cf. Fonseca, 2002).

Segundo Maria do Céu Roldão (1999), ao conceito de Educação para a Cidadania estão associadas diferentes formas de operacionalidade curricular:

- Existência de disciplinas vocacionadas para determinadas dimensões da cidadania com programas específicos (o caso do DPS);
- Incorporação da Educação para a Cidadania nos conteúdos de algumas disciplinas do currículo, sobretudo na História e Estudos Sociais nos currículos de diferentes reformas;
- Organização de temas transversais, ou seja a introdução daquilo que na tradição anglo-saxónica se convencionou designar como cross-curriculum themes, tendo como objectivo a compreensão dos conhecimentos, em termos de cidadania, adquiridos na escola;
- Áreas interdisciplinares/áreas de projecto. Trata-se de uma estratégia semelhante à da organização de temas transversais, embora parta de pressupostos diferentes no modo de entender a formação para a cidadania (por exemplo, a Educação Cívica e Politécnica dirigida ao 7.º ano do Curso Secundário Unificado [1975] ou a Área de Projecto);
- Programas educativos orientados para a formação pessoal e social do aluno, nas suas diferentes dimensões;
- Vivência institucional: clima de escola e mecanismos de participação. Trata-se de uma proposta curricular que promove a construção social de valores e dá relevância à vivência organizacional, ao clima e cultura de escola e à intervenção na sociedade.

Vimos que a educação para a cidadania pode exprimir-se de modos diversos no currículo, desde a modalidade propriamente disciplinar até presenças mais tácitas ou difusas de ensino-aprendizagem. O esquema seguinte pretende ilustrar de modo sintetizado esses principais modos de incorporação curricular.

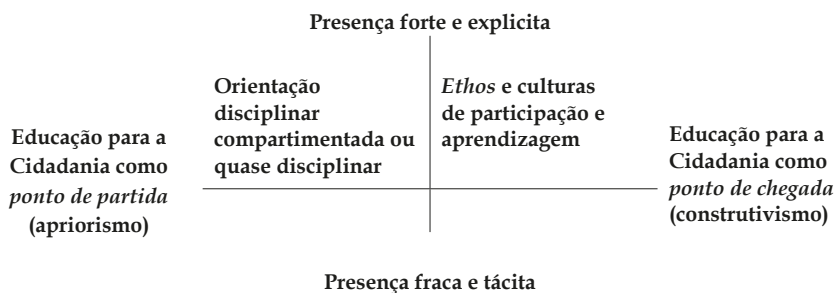
Este domínio educativo nunca deverá ser reduzido a um trivial reportório de actividades escolares ou, muito menos, a um elen co de matérias curriculares prêt-a-porter. A sua pertinência para a dinâmica do funcionamento democrático das nossas sociedades deverá ascendê-la ao patamar de genuína finalidade de toda a política educativa, seja qual for o seu locus de produção – local, regional ou central. Concretiza-se através de experiências e práticas diversificadas, sejam elas formais ou informais (Santos & Silva, 2002; Pires, 2002). Também não deverá ser uma educação meramente discursiva, assente numa retórica normativa, mesmo que virtuosa e carregada de boas intenções morais (a chamada moralina, para adoptar um neologismo jocoso). Daí que uma mera instrução cívica seja sempre uma versão muito pobre da Educação para a Cidadania. Esta nunca deverá reduzir-se a *lições* de boa conduta cívica ou à veiculação de uma informação devidamente *empacotada* acerca do modo de funcionamento das instituições políticas do Estado ou da união Europeia.

Sem querer diminuir a relativa importância da aprendizagem objectiva dos comportamentos, valores e virtudes de civilidade (tolerância, coragem, legalidade, abertura, solidariedade, compromisso, patriotismo, responsabilidade moral, participação, etc.), ou a apropriação cognitiva das regras institucionais da vida colectiva (órgãos de soberania nacionais e da União, eleições e referendos, Estado de Direito, direitos e deveres constitucionalmente consagrados, etc.), a Educação para a Cidadania deverá saber tomar a seu cargo o desenvolvimento pessoal e social dos alunos.

Dito de modo genérico, e retomando o esquema apresentado, a concepção metodológica subjacente às iniciativas de Educação para a Cidadania tenderá a posicionar-se de modo diferenciado num continuum polarizado entre a ênfase nos resultados e a ênfase nos processos (cf. Menezes, 1999). No primeiro caso estará em causa a aquisição de informação, comportamentos, valores e atitudes segundo uma lógica pedagógica predominantemente informativo-instrutiva. Ou seja, a Educação para a Cidadania como uma espécie de *ponto de partida*. No segundo caso, estaremos antes perante iniciativas pedagógicas que relevam de uma abordagem mais estreitamente associada às perspectivas de exploração reconstrutivista, claramente vocacionadas para o desenvolvimento, nos alunos, de processos psicológicos mais complexos, processos esses capazes de permitir lidar com as diferentes situações do quotidiano pessoal e cívico. A Educação para a Cidadania seria então uma espécie de *ponto de chegada*.

Tem vindo a ser crescentemente assumido por educadores e especialistas neste domínio que as metodologias do segundo tipo surgem como mais ajustadas a uma perspectiva desenvolvimentista

Pesença no currículo oficial



dos alunos, mais propícias a uma interiorização sustentada de competências de apreciação crítica da realidade e de intervenção em prol do bem comum. Esta preferência assenta na convicção de que as iniciativas que deixam adivinhar nos seus princípios metodológicos um carácter meramente informativo, associado a uma forte componente didáctica, sublinhando a aquisição de conhecimentos sobre a realidade ou o treino de comportamentos mais ou menos específicos, enferma de um problema de sustentabilidade das aprendizagens. As *boas* soluções para os problemas da vida em

comum, supostamente adquiridas pelos alunos, demonstram frequentemente todo o seu potencial de obsolescência, sempre que se trata de transferir as competências adquiridas em contexto formal de ensino-aprendizagem para o domínio da vida prática (Menezes, op. cit.). Ou seja, a sua *utilidade* pode não ser um dado adquirido, bem pelo contrário.

Mais do que disponibilizar novas soluções cívicas para os alunos, há que capacitá-los para um esforço continuado de construção e reconstrução das respectivas percepções do mundo, tomadas de posição e orientações de acção próprias a uma cidadania responsável. O entendimento reconstrutivista da educação para a cidadania assume o papel central do desequilíbrio como condição de transformação do sistema pessoal no sentido de uma orientação cívica mais consequente e madura. A reflexão, a acção e a relação constituem os elementos nucleares de produção do conflito cognitivo que está na base do desequilíbrio ao jeito de Piaget.

Um tal conflito tende assim a ser induzido sempre que são criadas condições educativas em que os alunos são intencionalmente expostos a problemas desafiantes ou dilemáticos, em contexto de negociação interpessoal de pontos de vista ou que impliquem o envolvimento activo em projectos de acção (Andrade, 1992; Menezes, 1999; Menezes et al, 1999). Mais do que a mera adesão conformista, acrítica e automática a padrões de comportamento cívico consentâneos com a vida democrática, o que se deseja é melhoria, nos alunos, da qualidade da sua acção-em-contexto, só possível com o desenvolvimento da respectiva estrutura sócio-cognitiva, levando-os a reconsiderar, a partir do seu *interior*, as posições e as decisões pessoais que tomam face à vida e ao mundo que os envolve. Quando, a propósito das dificuldades em concretizar na prática intenções de transformação social, se fala na necessidade de *mudar mentalidades* é disto mesmo que se fala.

Alinham com esta perspectiva educativa todas as iniciativas que assumem acima de tudo a problematização da realidade, o conflito cognitivo, a discussão de dilemas (reais ou hipotéticos), a clarificação de valores, a acção consequente, enfim, todo aquele reportório de estratégias pedagógicas que, ainda que implicitamente, promovem processos psicológicos mais integrados e complexos (identidade pessoal, raciocínio moral, tomada de perspectiva social, estratégias de negociação interpessoal, etc.); processos esses mais susceptíveis de permitirem o aumento da massa crítica de cidadãos com *identidade cívica*.

Igualmente dentro dos limites de uma educação para a cidadania de pendor reconstrutivista, encontram-se todas aquelas iniciativas pedagógicas que promovem a concretização de projectos de intervenção social, a articulação entre a escola e o seu meio social (próximo ou afastado), ou as vivências democráticas no sentido de uma melhoria da qualidade psicossocial das experiências de vida dos alunos no contexto escolar.

As transformações profundas que as sociedades contemporâneas têm vindo a sofrer nas últimas décadas têm desafiado as concepções e práticas de Educação para a Cidadania. Assistimos hoje ao declínio crescente de um modelo educativo assente

na vinculação política passiva do cidadão face ao Estado. No seu lugar, cresce de importância um modelo educativo que encara o cidadão como um agente social munido de um conjunto de competências cognitivas, éticas e de ação susceptível de o capacitar para tomar nas mãos a melhoria da qualidade dos contextos sociais onde vive e trabalha. Esta nova cidadania requer um novo tipo de cultura educativa e de formação: uma cultura que entrelace o formal e o informal, os referenciais teóricos e a vida concreta, a escolaridade obrigatória e a educação ao longo da vida, o currículo formal e o ethos tácito da escola.

Referências

ABREU, I. (2000). A Educação Pessoal e Social – o círculo permanente e inacabado. (tese de mestrado não publicada) Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

ANDRADE, J.V. (1992). Os Valores na Formação Pessoal e Social, Lisboa: Texto Editora.

BELTRÃO, L., NASCIMENTO, H. (2000). O Desafio da Cidadania na Escola. Lisboa: Presença.

CARITA, A., ABREU, I. (1993) A Formação Pessoal e Social. Desenho Curricular. Lisboa: IIE.

FIGUEIREDO, C., C. SILVA, A. S. ROLDÃO, M. C. (1999). A Educação para a Cidadania no ensino Básico e Secundário Português (1974-1999). Inovação (número temático: Direitos Humanos. Educação para a Cidadania)., vol. 12, n.º 1, pp. 27-45.

FONSECA, M. (2002). Formação Cívica. Guia de Orientação para o Ensino Básico. Porto: Porto Editora.

MENEZES, I., MENDES, M., FERREIRA, C. & RIBEIRO, C. (1999). Educação Cívica: Reflexões a propósito da análise do currículo implementados e conseguido no domínio da cidadania em Portugal. Inovação (número temático: Direitos Humanos. Educação para a Cidadania)., vol. 12, n.º 1, pp. 47-58.

MENEZES, I. (1999). Desenvolvimento Psicológico na Formação Pessoal e Social. Porto: Edições Asa.

FIGUEIREDO, C. (2002), Horizontes da Educação para a Cidadania na Educação Básica. In ME- DEP (2002). Novas Áreas Curriculares: Lisboa.

PIRES, L.(2002). Práticas Pedagógicas. Reorganização Curricular do Ensino Básico. 1.º Ciclo. Registos Estruturados, Estudo Acompanhado, Formação Cívica. Vila Nova de Gaia: Edições Nova Gaia.

ROLDÃO, M. C. (1999). Cidadania e Currículo. Inovação (número temático: Direitos Humanos. Educação para a Cidadania)., vol. 12, n.º 1, pp. 9-26.

SANTOS, C. SILVA (2002). Formação Cívica. Um guia prático de Aprendizagem (2.º ciclo). O essencial para desenvolver uma educação para a cidadania. Porto: Edições Asa.

Estatuto do Aluno: Deriva entre Filosofia e Política Educativa

Ernesto Fernandes

1. ESPANTO

A Lei n.º 3/2008, de 18 de Janeiro, in Diário da República, I Série - n.º 13-18 de Janeiro de 2008, consagra a primeira alteração à Lei n.º 30/2002, de 20 de Dezembro sobre o Estatuto do Aluno dos Ensinos Básico e Secundário, materializada em mais de 30 artigos.

No Diário da República referido, é republicada a Lei, com as devidas alterações, p. 585-594.

As alterações introduzidas e o Estatuto actual configuram um furor político-administrativo e processual que quase faz submergir a filosofia que o sustenta.

Em meu entender, a Assembleia da República perpetua uma cultura legislativa mais adequada a súbditos do que a cidadãos, mesmo quando está em causa uma categoria profissional (educadores e professores) objectivamente qualificada, académica e profissionalmente. Uma cultura de poder centralista e de governamentalização, apesar de Abril. Nós, educadores e professores, temos sabido dizer Não em crescendo. O Sim, traduzido em debates e propostas, é claramente deficitário, manifestação evidente de uma cultura de subalternidade. Reprodução da cultura do Estado Novo, que se alicerçou no analfabetismo e condicionou as elites.

2. FILOSOFIA (do gr. philosophia, procura da verdade)

Os capítulos I (conteúdo, objectivos e âmbito), II (autonomia e responsabilidade), III (direitos e deveres do aluno) e IV (dever de assiduidade) consagram uma filosofia com sentido de futuro, mas ambivalente. Vejamos:

a. (...) promovendo, em especial, a assiduidade, a integração dos alunos na comunidade educativa e na escola (...). A assiduidade é um objectivo ou uma condição do ensino-aprendizagem (ver Artg.º 2.º - objectivos)? Como compagina com o fundamental: (...) salvaguarda efectiva do direito à educação e à igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares, pela prossecução integral dos referidos projectos educativos, incluindo os de integração sócio-cultural, e pelo desenvolvimento de uma cultura de cidadania capaz de fomentar os valores da pessoa humana, da democracia e do exercício responsável da liberdade individual (Artg.º 4.º, n.º 1)? E ainda, com o Artg.º 9.º (vivência escolar) quando conceptualmente consagra (...) o pleno desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos alunos e a preservação da segurança destes e ainda a realização profissional e pessoal dos docentes e não docentes?

b. assisticamente, no capítulo III (direitos e deveres do aluno), retoma-se, no Artg.º 12.º (valores nacionais e cultura de cidadania), identifica os instrumentos nacionais e internacionais de referência:

- a Constituição da República Portuguesa

- a Declaração Universal dos Direitos do Homem
- a Convenção Europeia dos Direitos do Homem
- a Convenção sobre os Direitos da Criança.

3. POLÍTICA (do gr. polis, cidade)

Num Estado de direito democrático, o poder eleito legisla, o povo é soberano. Cada um de nós – educador, professor, auxiliar de acção educativa, pai/encarregado de educação – já leu, já fez formação, ou já fez trabalho de casa sobre os instrumentos de referência, nacionais e internacionais, acima referidos?

Os capítulos V (disciplina), VI (regulamento interno da escola) e VII (disposições finais e transitórias) são desqualificantes do legislador e não dos formadores.

Esta deriva deve ser campo de contestação propositiva dos profissionais da educação. Uma normatividade esquizofrénica que descuida, pior, avilta a acção educativa. Não creio que seja em nome dos direitos, liberdades e garantias, consagrados na Constituição da República.

As faltas, o insucesso, o abandono, a indisciplina e a violência, entre pares e com os adultos, não se resolvem constituindo cada educador ou professor como um agente policial ou judicial, numa teia burocrático-administrativa cujo efeito é encolher os ombros, deixar passar, tornar-se indiferente, deixar correr. Ou seja, cada um de nós ir perdendo a paciente persistência (Paulo Freire) de educar-formar. Educação não é sinónimo de instrução. Um professor não é um polícia, nem um jurista.

Em o Sonho (1951), disse o nosso colega-poeta Sebastião da Gama:

*Pelo Sonho é que vamos,
comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
haja ou não haja frutos,
pelo Sonho é que vamos.
Basta a fé no que temos.
Basta a esperança naquilo
que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
com a mesma alegria,
ao que desconhecemos
e ao que é do dia-a-dia.
Chegamos? Não chegamos?
-Partimos. Vamos. Somos.*

Em minha trajectória de professor (ensino secundário, ensino do ciclo preparatório e ensino universitário) e de formador de formadores (educadores, professores, assistentes sociais, animadores, psicólogos, sociólogos) anima-me a utopia do poeta: *Partimos. Vamos. Somos*

* Escrito de Maio de 2008. Em Novembro, esta lei da Assembleia da República (não é legislação do Governo ou do Ministério da Educação), que quase passou despercebida ou ignorada, sofre a contestação de alunos e professores. O Despacho Ministerial, de 16 de Novembro de 2008, que entra em vigor no dia seguinte à data da sua assinatura, clarifica a questão das faltas entre justificadas (designadamente por doença) e injustificadas e seus efeitos em termos de avaliação como medida disciplinar correctiva ou sancionatória. Paulatinamente, emerge a consciência, a nível das Escolas e da opinião pública, da correlação entre estatuto do aluno, avaliação de desempenho e carreiras.

Profalmada, n.º 16, 2008, p. 7

Em jeito de Avaliação...

Uma Viagem de Reflexão sobre Direitos e Deveres dos Mais Novos

Elena David

Apresentação

No âmbito do Plano de Actividades do Projecto Experiment@RTE, inserido no Programa Escolhas 3.^a Geração, cuja entidade promotora é o Agrupamento Vertical de Escolas Padre Abílio Mendes, freguesia do Alto do Seixalinho, concelho do Barreiro, está prevista a concretização de um conjunto de actividades, nomeadamente de educação-cidadania no 1.º ciclo do ensino básico, sendo o relato que a seguir se apresenta da experiência-projecto desenvolvido, neste âmbito, no ano lectivo de 2007/2008.

A partir do diagnóstico elaborado pela VitaCaminho – Associação de Desenvolvimento Pessoal e Social, entidade gestora do Projecto acima referido, verifica-se a existência de um maior número de situações de insucesso e absentismo escolar a partir do 5.º Ano, que têm como consequência, em alguns casos, o não cumprimento da escolaridade obrigatória.

Neste contexto, em relação aos alunos do 4.º Ano da EB 1, n.º 6, das turmas das professoras Fátima Soares, Helena Antunes e Dulce Jota, escola que integra o Agrupamento, e tendo em consideração que a transição de ciclo implica mudanças ao nível de estabelecimento de ensino; tipologia de docência; horários escolares; número de áreas disciplinares etc., consideramos pertinente desenvolver programas-projectos que possam minimizar os efeitos desta transição, facilitando a integração das crianças no novo contexto sócio-escolar.

Uma cultura de educação para os direitos e responsabilidades humanos apresenta-se como uma questão fundamental para o desenvolvimento de sociedades em

que os valores da cidadania e da democracia participativa se construam entre as diferentes gerações.

Reflectir e trabalhar sobre os direitos da criança, com as próprias e com os professores, tem subjacente a concepção de uma socialização sustentada na liberdade/autonomia e na responsabilidade pessoal e solidária na comunidade e na escola.

Experiência

Assim, o início desta nossa viagem aconteceu pelas apresentações. Dissemos o nosso nome, como gostamos de ser tratados, o que esperamos que aconteça este ano na escola, nome dos melhores amigos e também pensámos sobre o que é ser uma pessoa importante...

Do que se escreveu

Espero passar de ano; a minha mãe é uma pessoa importante, porque é uma boa mãe; uma pessoa importante é a professora; gosto de ser tratado com carinho e pelo meu nome; ser importante é ser respeitado e conhecido por aquilo que somos e não por aquilo que temos.

O direito a ter um nome, a ser registado e a ter uma nacionalidade, havendo uma das sessões que foi dedicada à definição dos conceitos de naturalidade e nacionalidade, recorrendo à origem etimológica das palavras, articulando com o Artigo 7.º da Convenção sobre os Direitos das Crianças: A criança é registada imediatamente após o nascimento e tem desde o nascimento o direito a um nome, o direito a adquirir uma nacionalidade e, sempre que possível, o direito de conhecer os seus pais e de ser educada por eles.

No âmbito do tempo próximo de trânsito para um novo ciclo, os alunos realizaram um questionário individual sobre a nova Escola, a frequentar no próximo ano lectivo, tendo sido dinamizada uma sessão com a devolução das respostas e debate/reflexão sobre dúvidas e questões que os alunos colocaram, tendo havido, posteriormente, uma sessão em que estiveram presentes dois professores da EB 2,3 PAM para responder às perguntas colocadas pelos alunos: Artigo 13.º A criança tem direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de procurar, receber e expandir informações e ideias de toda a espécie, sem considerações de fronteiras, sob forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha da criança.

Para estas sessões, os alunos elaboraram cartões de boas-vindas e mensagens de agradecimento aos professores convidados, no sentido de aprendermos uma cultura de bem receber e de reconhecer. Dos questionários, parece importante salientar algumas das questões:

Dúvidas / Desejos

Se vai haver projectos novos que eu nunca fiz; Que tipo de castigos teremos se nos portarmos mal; Que me tratem bem e que os professores sejam fixos; Espero coisas boas e arranjar novos amigos; Que a escola seja gira; Espero que seja mais ou menos como esta e que seja bem recebido; Fazer novos amigos, conhecer novas coisas e novas pessoas, conhecer novas actividades da escola; Ter amigos, aprender e conhecer

novos professores; Não desiludir os professores; Espero que seja divertido; Espero que seja divertida, com pessoas, professores, directores e contínuos maravilhosos e animados; Espero que a comida seja boa; Espero que seja bonita; Ter boas notas e dar-me bem com os colegas; Se há novos projectos; Gostaria de saber onde se faz o cartão para entrar na escola; Quais as disciplinas.

Receios

Se os grandes me baterem; Não passar de ano e ter maus testes; Espero não ser atacado; Não me dar bem com as outras pessoas e também não estar preparada para tantos professores e tantas fichas; É chumbar; é que não gostem de me receber ou coisa assim, É que me tratem mal; Tenho medo dos cães e de perder-me da sala; É tratarem-me mal e que os professores sejam maus e que me dêem uma alcunha; Que alguém na escola fique zangado comigo; São os mais velhos dos outros anos; É de me portar mal e ir para o conselho executivo; Ser expulso da sala de aula; Não ter amigos; É que me roubem qualquer coisa; Que gozem comigo.

Após estas sessões de esclarecimento, cada turma realizou uma visita à EB 2,3 Padre Abílio Mendes, tendo sido recebidos por alunos do 9.º ano de escolaridade e pela vice-presidente do conselho executivo, em que estes alunos apresentaram um trabalho sobre o que fazer em situações de acidente na escola e em que conheceram alguns dos principais espaços em visita guiada pelos alunos mais velhos.

Foi, ainda, realizado um trabalho de grupo, em que os alunos tiveram que escolher um coordenador e um relator do grupo, sobre direitos e deveres das crianças jovens.

Alguns exemplos deste trabalho:

Sobre os Direitos

Ter a sua opinião; ter um nome; uma nacionalidade; uma casa e uma família; conviver uns com os outros; direito à privacidade; as crianças deficientes devem ter cuidados especiais; ir para a escola; brincar; direito à diferença, à liberdade, a comer, a ser bem tratado

Sobre os Deveres

Respeitar todas as pessoas; permitir a opinião dos outros; estudar; falar um de cada vez; não mexer nas coisas que não são nossas; não fazer birras quando os pais não nos podem comprar coisas

Foram devolvidas as respostas ao questionário, seguida de debate-reflexão sobre as mesmas. Na sequência, os alunos escolheram um direito e ilustraram-no.

Esta nossa viagem culminou na elaboração, em conjunto com a EB 2,3 Padre Abílio Mendes, do Guia do Aluno, documento a ser entregue no início do ano lectivo, aquando da recepção dos alunos que transitaram do 1.º para o 2.º ciclo

Avaliação

Do que se disse, do que se ouviu, do que se discutiu, do que se desenhou, avaliámos e escrevemos uma descoberta-chave: o direito a ser ouvido conjuga-se com o

dever de escutar o outro. Difícil, mas possível. No dizer dos alunos,

Em termos gerais

Satisfaz, satisfaz bastante... eu presto atenção às coisas e faço...eu, eu acho que é bom porque nós temos desenvolvido bem...eu faço umas matérias bonitas... aprendemos também como é que vai ser quando formos para a outra escola. Gosto das coisas que nos traz...acho muito interessante e depois vai ser muito útil para o 5.º ano...pode ser muito útil para várias fases...vai ser-nos útil para sabermos como funcionar na escola, quando é preciso preencher algum coisa... gosto muitos das actividades porque quando nós estivermos no 5.º ano pode haver pessoas que nos perguntam coisas e nós já podemos ajudar os outros... .

Do que gostaram mais

Trabalhar em grupo; fazer desenhos e responder aos questionários; da visita dos professores da Escola Padre Abílio Mendes; ler escrever e falar; de aprender coisas sobre a Escola Padre Abílio Mendes; de falar sobre a nacionalidade; de aprender mais, de rir e de brincar e ao mesmo tempo pensar; ter ido conhecer a Escola PAM; de falar sobre os direitos das crianças.

Do que gostaram menos

De nada; de serem poucas sessões, devia ser 2 vezes por semana; quando a Elena falava e os colegas estavam a falar; quando fiz a ficha em grupo; dos trabalhos em conjunto; quando a professora Elena faltou; da primeira aula; do questionário sobre a escola nova.

O que aprenderam

A fazer desenhos sobre os direitos; a formação cívica; informações sobre a Escola Padre Abílio Mendes; as regras da outra escola e a ser melhor comportado; como vai ser para o ano; a importância de escrever, de estudar, de trabalhar e de brincar; que todas as pessoas têm uma nacionalidade; que as pessoas têm uma naturalidade e o direito de serem livres; sobre a nacionalidade e os direitos; sobre os direitos das crianças e jovens; a ser mais responsável e a perceber as coisas; respeitar as diferentes *raças* e as professoras; que os direitos são para ser cumpridos; a fazer questionários em conjunto; aprendi a apresentar; aprendi o que era EVT; que é bom ter amigos e ser amigo; que as crianças têm muito direitos, como por exemplo: a ter família, a ser respeitado; os direitos do Homem; aprendi que não há só direitos para as pessoas *normais*, mas há direitos para todas as pessoas; aprendi a colaborar e a partilhar

Avaliar para melhorar

Pintar desenhos; pode ficar como está, mas podíamos ter desenhado mais; quando fazemos debates é os alunos se calarem; durar mais tempo; ter tido as aulas desde o início do ano; falar mais sobre a nacionalidade; as aulas serem às segundas e às sextas; que façam esta actividade nas outras escolas e com outros alunos; respeitarmos-nos uns aos outros e não falarem todos ao mesmo tempo; realizar mais trabalhos em grupo; devíamos fazer tipo um livro com as coisas que fizemos, desenhando

também e assim ficaríamos com uma recordação; fazer jogos com os direitos das crianças e fazer coisas no computador; fazer mais pinturas.

Em jeito de conclusão
Em cada modo de olhar de uma pessoa
Em cada modo de ser de cada pessoa
A diferença
Criança jovem adulto idoso
Pai mãe avô manos tias
Professores Auxiliares de Educação
Cada pessoa cruza-se com outros na Cidade
Liberdade e igualdade para todos
Quem não deseja
O respeito pelos direitos e responsabilidades de
cada pessoa?

Profalmada n.º 16, 2008, p. 8-9

Instrumentos Básicos de Direitos Humanos **Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989)***

Artigo 1.º

Para os efeitos da presente Convenção, entende-se por criança todo ser humano menor de 18 anos de idade, salvo se, em conformidade com a lei aplicável à criança, a maioridade seja alcançada antes.

Artigo 2.º

1. Os Estados-partes respeitarão os direitos previstos nesta Convenção e os assegurarão a toda a criança sujeita à sua jurisdição, sem discriminação de qualquer tipo, independentemente de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou outra, origem nacional, étnica ou social, posição económica, impedimentos físicos, nascimento ou qualquer outra condição da criança, de seus pais ou de seus representantes legais.

Artigo 12.º

1. Os Estados-partes assegurarão à criança, que for capaz de formar os seus próprios pontos de vista, o direito de exprimir suas opiniões livremente sobre todas as matérias atinentes à criança, levando-se devidamente em conta essas opiniões em função da idade e maturidade da criança.

*Aprovada para ratificação pela Assembleia da República, Resolução n. 20/90, de 8 de Junho de 1990

Artigo 13.º

1. A criança terá o direito à liberdade de expressão; este direito incluirá a liberdade de buscar, receber e transmitir informações e ideias de todos os tipos, independentemente de fronteiras, de forma oral, escrita ou impressa, por meio das artes ou por qualquer outro meio da escolha da criança.

2. O exercício desse direito poderá sujeitar-se a certas restrições, que serão somente as previstas em lei e consideradas necessárias:

- a) ao respeito dos direitos e da reputação de outrem;
- b) à protecção da segurança nacional, da ordem pública, da saúde ou moral públicas.

Artigo 19.º

1. Os Estados-partes tomarão todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educacionais apropriadas para proteger a criança contra todas as formas de violência física ou mental, abuso ou tratamento negligente, maus-tratos ou exploração, inclusive abuso sexual, enquanto estiver sob a guarda dos pais, do representante legal ou de qualquer outra pessoa responsável por ela.

2. Essas medidas de protecção deverão incluir, quando apropriado, procedimentos eficazes para o estabelecimento de programas sociais que proporcionem uma assistência adequada à criança e às pessoas encarregadas de seu cuidado, assim como outras formas de prevenção e identificação, notificação, transferência para uma instituição, investigação, tratamento e acompanhamento posterior de casos de maus-tratos a crianças acima mencionadas e, quando apropriado, intervenção judiciária.

Artigo 28.º

1. Os Estados-partes reconhecem o direito da criança à educação e, a fim de que ela possa exercer progressivamente e em igualdade de condições esse direito, deverão especialmente:

- a) tornar o ensino primário obrigatório e disponível gratuitamente a todos;
- b) estimular o desenvolvimento do ensino secundário em suas diferentes formas, inclusive o ensino geral e profissionalizante, tornando-o disponível e acessível a todas as crianças, e adoptar medidas apropriadas tais como a implantação do ensino gratuito e a concessão de assistência financeira em caso de necessidade;
- c) tornar o ensino superior acessível a todos, com base na capacidade e por todos os meios adequados;
- d) tornar a informação e a orientação educacionais e profissionais disponíveis e acessíveis a todas as crianças;

e) adoptar medidas para estimular a frequência regular às escolas e a redução do índice de abandono escolar.

Artigo 29.º

1. Os Estados-partes reconhecem que a educação da criança deverá estar orientada no sentido de:

a) desenvolver a personalidade, as aptidões e a capacidade mental e física da criança e todo o seu potencial;

b) imbuir na criança o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais, bem como aos princípios consagrados na Carta das Nações Unidas;

c) imbuir na criança o respeito aos seus pais, à sua própria identidade cultural, ao seu idioma e seus valores, aos valores nacionais do país em que reside, aos do eventual país de origem e aos das civilizações diferentes da sua;

d) preparar a criança para assumir uma vida responsável em uma sociedade livre, com espírito de compreensão, paz, tolerância, igualdade de sexos e amizade entre todos os povos, grupos étnicos, nacionais e religiosos e pessoas de origem indígena;

e) imbuir na criança o respeito pelo meio ambiente.

Sabia Que...

24% das 316 mil crianças dos 0 aos 3 anos estavam inscritas em creches, em 2007: 4,5% na rede pública; 77,3% na solidária (IPSS); e 18,2% na rede privada lucrativa.

138.168 crianças dos 3 aos 5 anos frequentavam o pré-escolar público em 2006/2007. As restantes 125.719 estavam em jardins de infância privados ou em IPSS. A taxa de pré-escolarização nacional é de 78%.

1824 é o número de creches e jardins de infância clandestinos em Portugal, segundo a ACPEEP.

1917 € é o rendimento mensal de uma família (pai, mãe e um filho) a partir do qual entra no escalão máximo de uma IPSS.

446 € é o custo real de uma criança em creche e 293 € em jardim de infância, segundo um estudo da Confederação Nacional de Instituições de Solidariedade. O Ministério da Educação estima que uma criança no pré-escolar público custa 2.509 € por ano (209 €/mês)

Fonte: *Expresso* - Educação, 13 de Setembro de 2008, p.21.

Livros Pela Educação

Para além das referências bibliográficas propostas nos escritos deste Boletim, recomenda-se a leitura de obras de Paulo Freire (1921–1997), reconhecido como pensador contemporâneo de vulto no campo da pedagogia dialógica e da educação de adultos na e pela cidade:

GADOTTI, Moacir (org.), (1996), Paulo Freire: uma biobibliografia, São Paulo, Cortez.

FREIRE, Paulo (1972), Pedagogia do Oprimido, Porto, Afrontamento.

FREIRE, Paulo (1991), A Educação na Cidade, São Paulo, Cortez.

FREIRE, Paulo (1997), Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

APPLE, Michael W. e NÓVOA, António (orgs.) (1998), Paulo Freire: Política e Pedagogia, Porto, Porto Editora (Prefácio de Maria de Lourdes Pintasilgo)

PROGRAMA Gulbenkian Educação para a Cultura, Descobrir, Outubro 2008/Setembro 2009, catálogo que divulga uma variedade de actividades e projectos (visitas, concertos, oficinas, cursos, férias e dias especiais) para crianças, famílias e adultos.

A temporada 2008/2009 representa, segundo o Presidente da Fundação, Rui Vilar, uma referência pedagógica em que (...) os vários projectos transversais, que podem inclusive estender-se a outras áreas formativas, como a Literatura, a Ciência, as Artes do Espectáculo ou o Áudio-Visual. Interdisciplinaridade e inovação pedagógica e estética juntam-se assim numa proposta dinâmica dirigidas aos públicos de todas as idades. *Fundação Calouste Gulbenkian*

Profalmada, n.º 16, 2008, p.3-11

Memória das Palavras Curiosidades semânticas

Paulo Eufrásio

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas
sob a face neutra.*

Carlos Drummond de Andrade

Todas as palavras têm uma história. História simples e linear, nuns casos; mais curiosa e, por vezes quase hilariante, noutros casos.

Descobrir todo um curioso percurso semântico que se esconde por detrás de cer-

tas palavras é sempre uma aventura cheia de imprevistos. Quase sempre esse percurso nos é transmitido através duma evolução diacrónica, rigorosamente fundamentada. Neste caso temos a etimologia científica, que é aquela a que devemos dar crédito. O próprio termo *etimologia* tem a sua etimologia: deriva, como é sabido, de etymos *o verdadeiro; o certo*, no que se refere à origem da palavra. Mas existe também a chamada etimologia popular. Não é menos interessante e apresenta-nos por vezes uma explicação plausível, se bem que não seja, na maioria dos casos, exactamente a correcta. Nestas circunstâncias há que aceitar apenas o que dita o bom senso e, como dizem os italianos, remetermo-nos apenas ao *si no è vero, è bene trovato!*

É já aceite pela generalidade dos linguistas que a Língua evolui de uma forma dinâmica, não podendo ser encarada como um corpo inerte e imutável.¹ É por isso que, no que à etimologia diz respeito, os conceitos de correcto e incorrecto nem sempre se apresentam com fronteiras bem definidas, sobretudo se tivermos em linha de conta as mutações semânticas que certas palavras vão sofrendo. Existem palavras mais ou menos consentâneas com a realidade histórica do seu percurso, mas raramente o totalmente errado acontece.

Nesta perspectiva, seguimos o pensamento e os ensinamentos de um mestre que sempre consultamos com proveito. Refiro-me ao filólogo e brilhantíssimo professor catedrático Manuel Rodrigues Lapa, falecido em 1989 com 92 anos, e que foi um dos mais profundos e originais estudiosos da nossa língua, tanto no domínio da literatura como da estilística.² Segundo ele, o esforço de perscrutar a memória das palavras é de indiscutível importância para a ciência da linguagem e até para a história das civilizações, na medida em que à origem das palavras podem prender-se factos históricos e sociais de grande interesse e curiosamente marcados pelas diversas épocas. Por isso aconselhava o velho Mestre: *Como medida de bom senso, há que ter em conta o sentido etimológico de cada palavra, respeitando a semântica do seu percurso histórico que serve sempre para dela termos a completa riqueza de significado.*³

Há que referir também o facto de a origem de muitas palavras remontar ao nome de coisas concretas da vida quotidiana, como a caça, a agricultura ou outras actividades de sobrevivência. Com o tempo, porém, o homem despertou para outros interesses, mais ligados a conceitos abstractos (religião, estados de espírito, arte, beleza...). Foi neste contexto que surgiu a necessidade de enriquecer a língua com novos vocábulos que permitiram exprimir novas ideias. À falta de outro recurso, optou-se muitas vezes por atribuir um sentido abstracto a palavras já existentes que, por transposição de sentido, passaram a significar outras realidades, alargando assim o seu campo semântico. Como exemplo, vejamos como surgiram as palavras *delirar/delírio*. Vêm do latim *de+lirium* que, na lavoura, significava para os romanos simplesmente *sair do sulco (lirium) traçado pelo arado* e passou a significar a realidade que hoje lhe atribuímos, através de um processo linguístico de alargamento semântico, conforme adiante se explica. Esse percurso metonímico é uma constante em muitas das palavras que constam da pequena compilação que apresentamos abaixo.

Para as seleccionar, começámos por revisitar a colaboração que, ao longo de mais

de quatro anos, prestámos ao Boletim Profalmada, na secção A Memória das Palavras. No entanto, não encontrando aí uma ordem lógica – nem sequer alfabética – entre as diversas entradas, verificámos também que nem todas as palavras *estudadas* apresentavam aquele aspecto surpreendente que as poderia classificar como curiosidades semânticas. Pois é este, precisamente, o critério da selecção aqui utilizado: são palavras banais e de uso corrente, mas que vão buscar a sua origem etimológica ou às raízes gregas, latinas e árabes, ou mesmo a antropónimos com alguma incidência histórica, mas cujo significado actual, tanto num caso como no outro, diverge claramente daquele que lhes deu origem.. É nessa descoberta que poderá residir o interesse deste despretensioso trabalho.

Abalar

É uma palavra de uso cada vez menos frequente, a não ser nas zonas mais rurais, mas que encerra em si uma origem marcadamente clássica. Dá-se como certo que provenha do verbo latino *advallare*, composto pelo substantivo *vallis vale*, a que se antepôs a preposição *ad para, no sentido de*. Sendo assim, abalar significa *descer para o vale, ir para baixo*. Será que temos aqui alguma reminiscência histórica do tempo da civilização castrense tardia, em que deixar as casas, geralmente construídas no alto das colinas, implicava descer ao vale e pôr-se a caminho? Refira-se que, por generalização, o verbo abalar, para além de se empregar com o sentido de movimento ou afastamento físico, também se usa, por alargamento semântico, como sinónimo de comover ou magoar psicologicamente. Derivados de abalar temos ainda abalada (*estar de abalada*), assim como abalo, no sentido de agitação, tremor (*abalo sísmico*), choque/perturbação emocional.

Acanhar-se

Tem uma etimologia no mínimo estranha este verbo de uso tão corriqueiro. Diz-se que se acanha uma pessoa que é tímida, envergonhada, que não consegue estar à vontade. Ora, na origem deste vocábulo está o nome latino *canis*, que significa *cão*. Conclui-se que, no entender de quem primeiro o utilizou, aquele que se acanha é semelhante ao normal comportamento de um cão, ao ser repreendido: encolhe-se, fica intimidado. Afinal, é o mesmo comportamento também evocado pela popular expressão *pôr o rabo entre as pernas...*

Assassino

É curiosa a relação entre esta palavra e o vocábulo **haxixe**. Assassino tem a sua origem nas lutas sangrentas do séc. XI, entre xiitas e outras facções muçulmanas e também, é claro, contra os cruzados cristãos. Foi o príncipe Hassan Ben-Sabbat que, fugido do Cairo, se instalou na Pérsia, onde formou uma seita de seguidores que se espalhou por todo o Próximo Oriente veio até à Europa balcânica. Hassan atraía ao

seu palácio jovens, a quem exigia obediência cega. Para o conseguir e estimulá-los, proporcionava-lhes grandes orgias, embriagando-os de álcool e haschich (haxixe), fazendo-os crer que, se lhe obedecessem, gozariam para sempre dos maiores prazeres no paraíso, após a morte. Desta forma, partiam em hordas violentas, usando da maior ferocidade para saquear e chacinar populações, matar cheques e príncipes árabes, além de todos os cristãos que encontrassem. Surgiu assim a palavra *assassino* que tem a sua origem no plural árabe hashshashin, que quer dizer *os que estão tomados pelo haschich* (haxixe).

Azar

Nas línguas neolatinas – aquelas que, como o português, derivam do latim – esta palavra tem duas acepções: por um lado, emprega-se com o significado de desgraça, infortúnio, fatalidade; por outro, assume o significado de casualidade, acaso. Contudo, a origem do vocábulo é árabe, sendo a forma portuguesa uma adaptação fonética da palavra az-zahar. Acontece que este termo árabe é o nome atribuído ao objecto que chamamos *dado*, que utilizamos em certos jogos em que se lançam os dados à sorte. Observamos, pois, que em português se conserva a forma fonética do árabe, mas que o sentido concreto original, referente ao dado, se perde, se bem que não totalmente. Na verdade esse sentido mantém-se, de algum modo, mas deslocado, uma vez que é frequente certo jogo de dados – que se baseia na pura casualidade – redundar, para o perdedor, em desgraça e infortúnio. De referir que, em francês, a palavra equivalente *hasard* significa apenas *casualidade, acaso, sorte*, sem o sentido de infortúnio que também lhe é atribuído em português.

Banal

Bans, em francês, significa *proclamações ou pregões* com que os arautos dos senhores medievais davam a conhecer ao povo alguma nova determinação para as gentes do seu senhorio. O mesmo termo deu origem a outras palavras como *bando* e *banhos* (do casamento). Dava-se o nome de *banais* às coisas pertencentes aos senhores, tais como fornos, lagares, azenhas, moinhos ou até barcos para travessia dos rios, sobre os quais era proclamado que poderiam ser utilizados pelo povo, mediante o pagamento de uma determinada quantia. Estas taxas constituíam os *direitos banais* dos senhores da nobreza e do clero. Hoje, a palavra *banal* (que soa a galicismo já impossível de erradicar) significa *coisa trivial, comum, vulgar* que todos conhecem ou podem utilizar.

Bera

É muito curiosa a evolução semântica deste vocábulo, de uso mais urbano que rural. Deriva do antropónimo alemão Baer, nome do proprietário de uma firma alemã com a mesma designação, com sede em Berlim, e que, na primeira década do séc.

XX, já dispunha de sucursais nas mais importantes cidades da Europa. Por volta de 1908 começaram a aparecer, nas joalherias de Lisboa e Porto, pedras falsas da marca *Baer*”, tão perfeitas que todos as supunham verdadeiros brilhantes da famosa marca alemã. Assim surgiu o termo *bera* para designar qualquer coisa adulterada ou uma reles imitação. A pouco e pouco, *bera* foi alargando o âmbito do seu significado, usando-se hoje também em expressões como *o tempo está bera* ou *fulano ficou bera*, na acepção de *ficar zangado, furioso, danado...*

Busilis

É de algum modo hilariante a forma como é tradicionalmente explicada pelos etimologistas a origem desta palavra, que aparece pela primeira vez num texto italiano do séc. XIV . Conta-se que um estudante medieval de latim, que não se entendia muito bem com a língua de Cícero, emperrou na tradução da expressão *in diebus illis naqueles dias* que, para maior dificuldade, surgia no texto dividida, devido à translineação, da seguinte forma: no final de uma linha aparecia *in die* , forma singular de *in diebus*, e que o aluno facilmente traduziu por *no dia*. Mas como traduzir o *bus illis* que dava início à linha seguinte? O rapaz não conseguiu fazê-lo, simplesmente porque essas duas palavras não têm qualquer significado. Assim, o termo *busilis* passou à história como o ponto onde está a maior dificuldade para resolver um problema, utilizando-se sobretudo na expressão *aqui é que está o busilis*.

Calamidade

Esta palavra é a tradução do substantivo latino *calamitas* que, por sua vez, deriva da forma *calamus*, também latina. Este termo, que ascende ao grego *kalamos*, significa *cana, junco, caule dos cereais*. (Desta raiz deriva igualmente a palavra *colmo*, através do latim *culmum*) Vemos assim por que motivo os latinos chamavam *calamus caneta* àquela rudimentar ponta de cana que utilizavam para escrever nos pergaminhos. Como é que, então, se passou de *calamus* para *calamidade*? Trata-se de um percurso metonímico, uma vez que se passou da concreta visão dos caules das searas derrubadas, pela força das intempéries, para a desgraça que isso representava em termos de fracas colheitas e consequente falta de alimento. Era a calamidade pública derivada da funesta destruição das colheitas.

Cálculo

Em latim, *calculus* é o diminutivo de *calx* cal, pedra e significa pedrinha. (A mesma origem tem a palavra inglesa *chalk* que significa giz). Por isso, em medicina, se chamam *cálculos renais* a essas pequenas pedras, habitualmente calcárias, que se formam nos rins e se acumulam na bexiga, causando penoso sofrimento a quem padece desse problema. Mas o mais vulgar significado do termo diz respeito a contas, números, avaliação... Isto porque era com pequenas pedrinhas que os romanos

faziam os seus *cálculos* mais elementares.

Calcanhar-de-aquiles

É uma expressão usada para designar o ponto fraco de alguém, em termos físicos, morais, emocionais ou intelectuais. Assim, curiosamente, o calcanhar-de-aquiles de uma pessoa tanto pode ser uma deficiência física como intelectual, aludindo sempre a algum aspecto em que essa pessoa é mais vulnerável.

Tem uma origem mitológica, pois Aquiles era filho da deusa Tétis e de um mortal, o rei Peleu. Conta a lenda que, na infância de Aquiles, pretendendo a mãe torná-lo imortal, mergulhou na água sagrada do rio Estige todo o corpo da criança, excepto o calcanhar por onde o estava a segurar. Ora como esse ponto, por onde a mãe o agarrava, não foi molhado pela água mágica, o calcanhar passou a ser a única parte vulnerável do pequeno Aquiles.

Este herói lendário aparece na *Ilíada* de Homero como um dos chefes aqueus que acompanharam Agamémnon a Tróia. Durante o cerco a esta cidade, Aquiles, para vingar a morte de um seu fiel amigo (Pátroclo), matou Heitor, filho mais velho do rei Príamo. É aqui que surge Paris que, para vingar a morte de seu irmão Heitor, feriu mortalmente, com uma seta envenenada, o calcanhar de Aquiles – o único ponto vulnerável do seu corpo.

Calendário

A palavra latina *calendarium* significava *livro de contas*. Derivava de *calendae* (as *calendas*, ou seja, o 1.º dia do mês). É que, no antigo calendário romano, havia em cada mês três momentos fixos: *calendas*, *nonas* e *idos*. As *calendas* correspondiam ao primeiro dia de cada mês; as *nonas* ao quinto ou sétimo dia (consoante os meses); e os *idos* diziam respeito ao décimo terceiro ou décimo quinto dia. Ora, ao que parece, era no dia 1 de cada mês que o arauto dos sacerdotes convocava o povo para anunciar quantos dias (cinco ou sete) se passariam entre as *calendas* e as *nonas*, assim como quais as datas das principais festas nesse mês. Por esta razão há quem defenda que *calendas* vem do verbo latino *calare* cujo significado é *chamar, convocar*.

Como era hábito os romanos pagarem as dívidas em atraso logo no primeiro dia do mês (as *calendas*), o livro onde se fazia esse registo recebeu o nome de *calendarium*. É a este propósito que se refere o dito latino *ad calendae graecae solvere*, como quem diz *pagar lá para as calendas gregas*, com o significado irónico de não pagar nunca. Isto porque, entre os gregos, não havia *calendas*... Daqui passou, para o português e outras línguas, a expressão mais simples **para as calendas gregas** que equivale a dizer: para um dia ou época que nunca há-de chegar, ou, de forma mais popular, *no dia de São Nunca à tarde!*

Calinada

Sinónimo de asneira ou tolice, consiste num dito disparatado ou acção que provoca o riso, por revelar ignorância ou ingenuidade. O termo deriva do adjectivo *calino* (sinónimo de ingénuo, estúpido, parvo) e que tem a sua origem no antropónimo Calino, nome de um negociante parisiense de quadros que, pelos meados do séc. XIX, se aventurou pelas artes do teatro, onde desempenhava papéis de bobo, fazendo rir a assistência com os seus disparates. O termo perdurou, sobretudo no meio estudantil, onde se designava por calinada todo o erro de acentuação na leitura de palavras latinas. Mas também em português ainda hoje ouvimos certas calinadas, como é o caso frequente de *póssamos* ou *supônhamos*...

Candidato

Era hábito, na Roma antiga, apresentarem-se em público, vestidos com uma toga branca, todos aqueles que aspiravam ao desempenho de um cargo público importante. Tal costume era a forma de demonstrarem publicamente que eram pessoas impolutas e dignas de toda a confiança para o cargo que pretendiam exercer. É que *branco*, em latim, diz-se *candidus*, donde vem a nossa palavra *cândido*. Pretendiam, pois, esses *candidatos* transmitir uma imagem de uma dupla candura: por um lado, a total ausência de *nódoas* que pudessem denegrir a sua reputação; por outro, a candura de quem é simples e totalmente transparente nas suas intenções. Temos, portanto, que *candidato* será aquele que se apresenta intocável na sua integridade moral e, sem sofisma, cheio das melhores intenções nos seus projectos futuros. Será que isto passa pela cabeça dos nossos candidatos a cargos públicos, ou da nossa, quando os elegemos?...

Carácter

Utilizamos este vocábulo para designar o conjunto de qualidades ou defeitos que constituem como que a *marca original* de uma pessoa. Se actualmente essa *marca* tem a ver sobretudo com aspectos psicológicos, assim não acontecia no termo originário, que deriva do grego *jaracter ferro para gravar*. Com esse ferro incandescente se marcavam – como ainda hoje – os animais, para assinalar o seu proprietário.

Cavalleiro

Nunca é demais insistir na diferença entre *cavalleiro* (substantivo masculino cujo feminino é dama, senhora) e *cavaleiro* (cujo feminino é amazona). Etimologicamente, porém, tal distinção não é pertinente. É que ambas as palavras são oriundas do latim tardio *caballarius*: acompanhante de cavalo, escudeiro.

De início, a palavra *cavaleiro* designava o homem da nobreza que possuía cavalo, o que, devido ao seu preço, era privilégio só da nobreza. Como a aristocracia, sem-

preziosa do seu elevado estatuto, supunha ser a única classe social capaz de acções generosas e de sentimentos nobres, passou a associar-se ao cavaleiro a qualidades de um indivíduo gentil e delicado. Um cavaleiro, numa palavra. Por isso, embora derive de cavalo, um cavaleiro passou a ser uma pessoa insigne e mui digna de respeito. De cavaleiro para cavaleiro passou-se por influência do espanhol caballero, que significa indistintamente as duas coisas.

Cemitério

É uma palavra de origem cristã e que tem a sua origem na convicção de que os mortos na graça de Deus não estavam definitivamente mortos, mas sim adormecidos até à ressurreição. Por esta razão escolheram uma palavra que traduzisse uma ideia de esperança na morte, em vez de outras expressões oriundas do paganismo e que transmitiam a ideia de enterramento eterno. É que cemitério vem do grego *koimetérion*, através do latim *coemiterium*, e significava simplesmente *dormitório*, *quarto de dormir*.

Centeio

Oriundo da Ásia, é uma planta herbácea, da família das gramíneas, que se adapta perfeitamente a climas rigorosos e a terrenos pobres. A farinha do grão de centeio é panificável, simples ou em mistura, e dela se faz um pão muito saboroso e nutritivo que, no nosso país, ainda é fabricado no norte transmontano. O vocábulo é documentado em textos portugueses desde o séc. XIII. Provém do substantivo latino *centenum* *centeio*, que deriva do cardinal *centum* cem, porque, segundo os romanos, cada semente dava origem a uma espiga com, aproximadamente, uma centena de grãos (cem por um!).

Cesariana

Aplica-se este termo para designar a operação cirúrgica que consiste na extracção do feto do ventre materno, através de incisão na parede abdominal. Associa-se frequentemente a designação desta cirurgia ao nome do primeiro imperador romano, Júlio César, que teria nascido (ano 101 a.C.) através deste método, conforme tradição a que se refere o escritor latino Plínio-o-Velho (27-79 d.C.). Sabe-se contudo que, nessa altura, esta operação se fazia apenas imediatamente após a morte da parturiente, na tentativa de salvar o bebé, ao qual era frequente, neste caso, dar-se o nome de César, uma vez que nascia através duma caesura, palavra latina que significa *corte*. Acontece que Aurélia, a mãe de César, viveu até à idade adulta do filho, o que igualmente retira consistência à informação de Plínio.

Resta-nos aceitar a versão segundo a qual o termo cesariana – que passou ao português através do francês *cesarienne* – deriva do participio perfeito (*caesus*) do verbo *caedere* (cortar). Temos assim o substantivo *cesura* com o significado de corte (incisão

com lanceta) ou, também, com o significado de pausa métrica no interior de um verso, dando origem a dois segmentos (hemistíquios). Com a mesma origem temos os antropónimos Cesário e Cesária, derivados todos do latim *caesura* (corte).

Chá

Ao ideograma chinês, que representa a palavra chá, correspondem duas formas fonéticas: *Chá*, no dialecto Mandarin; *Te*, no dialecto *Fun-kien*. Apenas Portugal, no séc. XVI, adoptou a primeira forma, ao contrário da maioria dos países europeus da época, que optaram pela segunda, introduzida na Europa através do holandês *Thee*. Assim temos que, em espanhol, chá é *Té*; em francês, *Thé*; em italiano, *Tè*; em inglês, *Tea*; em alemão, *Tee*.

Chegar

Era hábito, entre os romanos, os marinheiros, momentos antes de atracarem a um porto, começarem a dobrar a vela do barco, o que em latim se dizia *plicare velam*. Tudo leva a crer, segundo os mais conceituados etimologistas, que o nosso verbo *chegar*, no sentido de alcançar o destino ou atingir o fim de um percurso, provenha deste verbo *plicare dobrar, enrolar*, uma vez que o simples acto de enrolar ou dobrar as velas significaria, normalmente, que a viagem estava no seu termo e, por conseguinte, que se estava a *chegar*. Repare-se que foi frequente a consoante latina *pl* se transformar em *ch* na correspondente palavra portuguesa, como, por exemplo, aconteceu com *plenum* que tanto deu *pleno* como *cheio*, ou com *planum* que tanto deu *plano* como *chão*.

Cínico

Antístenes de Atenas (444-365 a.C.) foi o fundador de uma escola filosófica que se caracterizou pelo desprezo das conveniências morais e culturais da época e que teve como representante mais famoso Diógenes (413-327 a.C.), encarnação perfeita do ideal cínico. Esta atitude extremista levou a que os seguidores desse ideal fossem comparados, pelos críticos seus contemporâneos, a animais, nomeadamente aos cães. Chamaram-lhes cínicos, palavra que deriva do grego *kynikós* (próprio do cão), que se formou a partir de *kyon* (cão), e como tal ficaram conhecidos na história da filosofia, se bem que o cinismo filosófico seja uma atitude perante a vida, discutível é certo, mas respeitável enquanto pensamento. O significado da palavra foi, contudo, evoluindo e, hoje em dia, chamamos cínico a um indivíduo hipócrita, sarcástico, irónico, que finge sentimentos ou diz o contrário do que pensa, não nos ocorrendo de forma nenhuma a relação *canina* que está na origem do termo.

Crisântemo

Flor típica do Outono e que ornamenta as campos dos nossos cemitérios nos primeiros dias de Novembro. Os antigos chamavam-lhe crisanto, o que era mais con-

sentâneo com a etimologia grega: *chrysos* significa de ouro, a que se junta o segundo elemento *anthos* (flor). Será , portanto, flor de ouro ou dourada.

Delirar/Delírio

É uma das palavras em que mais transparece a transposição semântica do concreto para o abstracto. Na origem está o latim *de+lirium* que, na lavoura, significava simplesmente que o lavrador, sonhando já com o alegre festim de uma farta colheita, se distraia a ponto de *sair do sulco ou rego (lirium) traçado pelo arado*. Por analogia e num processo linguístico de alargamento de sentido, a mesma expressão passou a aplicar-se à perturbação mental de quem não segue um rumo certo, tanto no seu raciocínio como na respectiva expressão verbal. Vem ao caso recordar expressões populares como *andar no rego* ou *pôr (alguém) no rego*, utilizadas com a acepção de *comportar-se* ou *obrigar alguém a comportar-se* segundo as normas estabelecidas.

Desastre

Segundo os dicionário, este vocábulo emprega-se para significar qualquer acontecimento nefasto, especialmente se ocorre de súbito, ocasionando grande dano ou prejuízo. Ao utilizá-lo, a poucos ocorrerá que a palavra desastre deriva do termo *dis-astrum* que, em latim, significa má estrela. Usava-se para qualificar, de acordo com as antigas concepções astrológicas, toda a desgraça provocada por uma má posição dos astros. O desastre era (e ainda é, para muitos...) entendido como uma fatalidade devida à má influência dos astros.

Desastrado(a) será, por conseguinte, uma pessoa sem sorte, conforme o sentido que é dado ao termo por Diogo Brandão (séc.XVI), num poema que faz parte do Cancioneiro Geral de Resende: *E vou-me por esses montes / Desastrado, sospirando*⁴

Despautério

Sinónimo de grande disparate ou de coisa absurda, esta é mais uma das palavras que teve origem num antropónimo. Em 1537, o flamengo Johannes van Pauteren publicou uma gramática *Comentarii Grammatici* muito confusa e, ao que parece, repleta de calinadas e de regras absurdas e sem sentido, mas que, apesar disso, depressa se difundiu por toda a Europa. Os franceses adaptaram o sobrenome do autor à própria língua, passando o van Pauteren a ser designado por *Despautere*, já que a preposição holandesa *van* é equivalente à francesa *de*. No séc. XIX, o termo francês passou ao português com a forma e significado que hoje lhe atribuímos.

Escapar

Escapar é fugir ou libertar-se de alguma coisa. Mas, na sua composição, está eviden-

te a palavra *capa*. E está lá porque a origem é latina. Vem do verbo *excappare*, formado por ex. *para fora* e *cappa capa*, o que vem a dar *deitar fora a capa*. Porquê esta relação semântica? É que, como é fácil de perceber, não era nada cómodo para um fugitivo continuar com a capa, pois esta se lhe embrulharia nas pernas. Daí que, na fuga, fosse necessário livrar-se dela e de tudo que lhe dificultasse a correria, como acontecia com os soldados romanos de cuja indumentária fazia parte uma capa.

Escrúpulo

Na origem do termo está o diminutivo grego *escropulus* e o correspondente latino *scrupulus*, ambos com o significado de *pedrinha pontiaguda* que, uma vez introduzida no calçado (sandália), dificultava a marcha, a ponto de se ter de caminhar com muito cuidado, ou seja, *escrupulosamente*, para que esses *escrúpulos* não ferissem os pés. Deste significado inicial, de carácter físico, passou-se, por extensão metafórica, para a acepção ética. Assim, um escrupuloso é uma pessoa que, sendo bem formada, sente como que um mal-estar ou angústia, quando está na iminência de cometer algo menos correcto. A ideia física, de pedrinha que entra no calçado, originou também a expressão popular *estar com a pedra no sapato*, aludindo à sensação psicológica de ressentimento provocado por qualquer ofensa.

Espada de Dâmocles

A expressão remete-nos para a história – verdadeira ou lendária – que nos relata o que se passou com certo cortesão invejoso e bajulador, chamado Dâmocles, que vivia no palácio do príncipe Dionísio de Siracusa (séc. IV a.C). Para mostrar a Dâmocles que o poder, também acarretava preocupações e ansiedade, Dionísio ofereceu um banquete magnífico, sentou-o no lugar de presidência e pediu a todos os convivas que tratassem Dâmocles como se fosse o próprio soberano. Sentiu-se Dâmocles extasiado, pensando ser o mais feliz dos homens. A dado momento, porém, Dionísio aproximou-se e pediu-lhe que olhasse para o tecto. Para grande susto de Dâmocles, reparou que, sobre a sua cabeça e presa apenas por uma crina de cavalo, pendia uma afiada espada... Só nessa altura ele compreendeu como todo o poder é efémero, pois em qualquer momento pode ocorrer a desgraça. Falamos em espada de Dâmocles sempre que nos queremos referir a um perigo iminente que causa ansiedade, pois a qualquer momento pode vir a ensombrar um estado de felicidade.

Freguês/Freguesia

Trata-se de um vocábulo, datado do séc. XIII, de origem eclesiástica a partir do latim *fillii ecclesiae*, ou seja, *filhos da igreja*, e que terá evoluído da seguinte forma: *filigreje* < *felegrês* < *freguês*. Em espanhol deu origem a *feligrés*, que está mais próximo da origem latina do que a palavra portuguesa. Respeitando a sua origem, o termo *freguês* começou por designar apenas o paroquiano, isto é, aquele que pertencia a uma freguesia ou paróquia.

Assim se compreende melhor a expressão *Vai pregar a outra freguesia* utilizada muitas vezes como manifestação de rejeição relativamente a alguém cujo discurso nos desagradava. Para além deste sentido eclesiástico, a palavra *freguês* adquiriu também o significado de *cliente* ou consumidor que habitualmente compra no mesmo estabelecimento. E a razão terá sido porque outrora (e ainda hoje, em algumas zonas rurais), junto às igrejas, havia sempre vendedores que aproveitavam para fazer negócio com os fregueses que saíam do templo, no fim da missa. Assim o freguês do religioso era igualmente freguês do comerciante vendedor. É curiosa a evolução semântica deste termo, uma vez que, actualmente, *freguesia* se refere quase exclusivamente à divisão administrativa civil, enquanto que as zonas geográficas, em que se divide uma diocese, são normalmente designadas por *paróquias*.⁵

Gladíolo

Neste caso a origem é latina: *gladius*, que significa espada, e que se apresenta aqui na forma do diminutivo *gladiolus*. Gladíolo é, portanto, pequena espada, aludindo assim à forma das suas folhas lanceoladas.

Glicínia

Mais uma vez é o grego que está na origem: *glykos* significa *doce, de sabor doce, de odor doce*. Desta palavra derivam vocábulos como glicose ou glicemia. Não é verdade que é essa forte fragrância adocicada que sentimos quando, na primavera, passamos próximo dos cachos floridos dessa trepadeira decorativa? Ao que parece, até a própria seiva da planta é doce...

Gueto

A palavra é a redução de *borghetto* que, em italiano, significa *pequeno burgo*. Era este o nome de um pequeno ilhéu, nos arredores de Veneza, onde foram concentrados, no séc. XVI, os judeus da cidade, como aconteceu noutros pontos da Europa. Se bem que esta situação se tenha alterado com a Revolução Francesa, foi de novo implantada no séc. XX, na Europa de Leste, quando Hitler subiu ao poder, como aconteceu no tristemente célebre Gueto de Varsóvia, habitado por quase sessenta mil judeus. Hoje em dia, por extensão de sentido, aplica-se o termo a todo o tipo de bairros degradados, nos arredores das grandes cidades, onde se aglomeram minorias étnicas ou pessoas com grandes carências que, não raro, são objecto de marginalização e isolamento.

Imbecil

Subjacente a este termo surge-nos hoje a ideia de *estúpido ou idiota*. No entanto, na origem, a debilidade não era de comportanto mas física. É que *imbecil* provém

do latim *imbecillus*, em que o prefixo *im*, neste caso, corresponde à preposição *com*, e o outro elemento da palavra deriva de *baculum*, que era o que se pode chamar um bastão ou cajado. (Esta é igualmente a origem de *báculo*, ainda hoje usado pelos bispos). Temos assim que, entre os romanos, o *imbecil* era aquele que, devido à sua debilidade ou deficiência física, já não conseguia andar sem se apoiar num cajado. No percurso semântico deste termo, perdeu-se o significado de deficiência física e transferiu-se para a área mental, única acepção em que é hoje utilizado.

Inaugurar / Agoiro / Augúrio

Estão sempre a acontecer inaugurações disto e daquilo. Mas decerto pouquíssimos imaginarão a realidade que lhes está subjacente. A religião dos romanos estava imbuída duma grande dose de superstição. Assim, perante uma decisão importante, não agiam sem primeiro saber se os deuses apoiavam ou não o empreendimento que tinham em vista. Para isso, era hábito consultar os áugures, sacerdotes capazes de prever o futuro, a partir da análise do voo das aves, do seu canto ou da forma como comiam. Esta consulta e o respectivo resultado (presságio, predição) eram ambos designados de augurium. Havia mesmo um guia (Livro do Direito Augural) que fazia corresponder a cada *senal* dado pelos pássaros a respectiva interpretação. O termo latino inaugurare consistia pois em consultar os auguria (plural de augurium), tendo acabado por adquirir também o valor que ainda hoje lhe atribuímos de *dar início a, estrear*. Repare-se que augurium também deu origem a agoi(u)ro, que se emprega sobretudo na expressão *mau agoi(u)ro*, a propósito de algumas aves, outra consultadas pelos romanos, como o abutre, a coruja e o corvo, que ficaram para sempre associadas a desgraças.

Masoquismo

Ao contrário do que acontece com o sadismo, esta perversão consiste na obtenção de prazer através do sofrimento físico ou psicológico do próprio indivíduo que a ele se submete. O termo, de uso relativamente recente (início do séc. XX), deriva do antropónimo de um barão e romancista austríaco, Leopold von Sacher-Masoch (1836-1895). Este autor ficou célebre por ter escrito uma série de novelas eróticas em que são descritas, com ousado realismo, bizarros comportamentos sexuais de certas pessoas, a que veio a chamar-se masoquismo.

O vocábulo acabou por ultrapassar o âmbito sexual e aplica-se, hoje em dia, à atitude de quem parece andar sempre em busca do próprio sofrimento ou humilhação.



Mausoléu

Chamamos assim às grandes construções tumulares, de evidente riqueza arquitectónica e artística. A origem do vocábulo está no nome próprio, Mausolo, rei da

antiga Cária, na Ásia Menor. À sua morte, a viúva, a rainha Artemisa II, querendo perpetuar-lhe a memória, mandou erigir um sumptuoso túmulo numa colina frente ao mar, na cidade de Halicarnasso – hoje Budrum, na Turquia.

O monumental edifício, construído no ano de 353 a.C., e que media quarenta e seis metros de altura, ficou na história da arte como uma das sete maravilhas do mundo antigo, avistando-se do mar a enorme distância.

Embora feito para durar eternamente, a construção derruiu com o tempo, desconhecendo-se como, e dela apenas restaram numerosos fragmentos, sendo os maiores as estátuas quase intactas de Mausolo e Artemisa, que encimavam o mausoléu, e que se encontram expostas no British Museum de Londres.

Mecenas

Esta palavra tem origem no nome de um romano, Gaio Cílinio Mecenas, que viveu no início do período imperial e foi amigo e conselheiro do imperador Augusto (séc.I a.C.). Amante das letras e possuidor de grande fortuna, acolhia ao seu redor escritores (como, por exemplo, Virgílio e Horácio), dos quais era amigo e cuja actividade estimulava e custeava, no caso de não terem independência financeira para poderem produzir tranquilamente, sem preocupações materiais. Foi assim que esta fase do período imperial se tornou uma das mais ricas da literatura latina. Discute-se ainda hoje se tal apoio era desinteressado ou se pretendia com ele, em jeito de retribuição, que os escritores elogiassem, nas suas obras, Augusto e o regime. Fossem quais fossem os motivos que o levaram a formar um círculo literário, o certo é que a palavra *mecenas* designa, nos nossos dias, aquele que apoia financeiramente o trabalho dos artistas, escritores, cientistas ou associações de utilidade pública.

Merenda

Esta pequena refeição, a meio da tarde, começou por ser um privilégio de poucos, entre os trabalhadores (escravos) romanos. Para consegui-la era preciso *merecê-la*. É o que prova a origem do termo que deriva de *merendus*, participio passado do verbo *mereri* que significava *merecer*. Daqui se pode concluir que os senhores concedessem esse suplemento na alimentação apenas àqueles que o *merecessem*, ou seja, aos que revelassem, a seus olhos, maior esforço e eficácia no trabalho.

Ministro

Em latim, *ministrare* significa *servir*. *Minister* será *aquela que serve*. Ajustada palavra para a função, quando esta é mesmo de serviço à comunidade, ao bem público. Desajustada, contudo, quando comparamos a praxis com o que devia ser. Encontramos em muitas palavras contradições assim...

Alargando o vocábulo, temos *ministério* que é o local e organismo onde é suposta, antes de mais, a preocupação por servir o bem comum. Também no vocabulário religioso se utiliza *ministério* (ministério sacerdotal, por exemplo) com o significado de funções de quem está instituído no sacramento da ordem. Igualmente aqui, a palavra, na sua origem, exige, de quem está nessas funções, que as desempenhe como serviço à comunidade e não como tarefa de um mero funcionário a quem a função enaltece. Repare-se ainda que, nos refeitórios dos mosteiros e conventos, existia habitualmente uma abertura especial entre a cozinha e a sala das refeições, por onde se passavam os alimentos e a que se dava o nome de *ministra*.

Negócio

As classes dominantes, na antiga Roma, dedicavam-se às artes, às letras ou a outras actividades que lhes dessem prazer. Não necessitavam de trabalhar, pois para isso tinham os escravos... A essas actividades agradáveis davam o nome de otium, o ócio. Os trabalhos manuais, artesanais, designavam-nos por *nec otium, não ócio* ou seja, as actividades de quem não tem tempo livre, o que, aos romanos, soava como algo de aviltante. Vemos como a semântica altera por completo o sentido original das palavras e como *negócio*, com os tempos, se tornou uma coisa bem distinta.

Orquídea

Esta palavra tem uma origem, no mínimo, surpreendente: vem do grego *orchídion*, cujo significado é *pequeno testículo*, por causa da analogia que os antigos encontraram entre o aspecto deste órgão e o dos tubérculos da orquídea. Reforça-se esta relação se recordarmos vocábulos do foro médico, como, por exemplo, orquialgia, orquiectomia ou orquicocele.

Pascácio

Este termo terá entrado para o nossa língua no séc. XVI e deriva do castelhano pascasio que, por sua vez, vem do antropónimo alatinado *Paschasius*. *Pascásios* era o nome dado, nas universidades espanholas, aos estudantes oriundos da província e que iam passar as férias de Natal ou da Páscoa à sua aldeia, fora da cidade (De notar que, em Espanha, também pelo Natal as pessoas se saúdam com felices Páscoas). Daqui derivam os sentidos actuais de provinciano, pessoa simplória, pacóvio e, por extensão, aquele que facilmente se deixa enganar.

Páscoa

Tem a sua origem na palavra grega *pasca* que, por sua vez, corresponde ao hebraico *pesah* e ao aramaico *pasah*. Se bem que outras etimologias tenham sido sugeridas, remontando ao egípcio (*golpe, ferida*) ou ao siríaco (**ser feliz, estar alegre**), no entanto a

mais comumente aceite é a que se baseia no hebraico bíblico, onde significa *saltar, passar adiante*. É este o significado que lhe é dado no Livro do Êxodo (12, 12-27) em que é descrita a *passagem de Javé*, dando a morte aos primogénitos dos egípcios e saltando as casas dos hebreus, a quem poupou, uma vez que as suas portas estavam marcadas com o sangue do cordeiro, prescrito como refeição ritual. Assim, depois da saída dos hebreus do Egipto, conduzidos por Moisés, a celebração da Páscoa adquiriu o sentido de memorial dessa libertação. Era celebrada na primeira lua-cheia da Primavera e ainda hoje assim é, entre os cristãos, o que motiva a sua mobilidade no calendário, sempre no primeiro domingo depois da primeira lua-cheia da primavera.

Jesus e os seus apóstolos, como judeus que eram, também celebravam a Páscoa judaica todos os anos, com uma ceia especial conforme as prescrições do Livro do Êxodo, como também o continuam a fazer hoje todos os judeus praticantes. Foi precisamente durante a *última ceia* pascal, na véspera da sua morte, que Jesus instituiu a Eucaristia como memorial da redenção, que em breve iria consumir com a morte na cruz. Deste modo, a Páscoa, para os cristãos, já não é apenas a memória da libertação do Egipto, mas passou a ser a comemoração da redenção da humanidade, realizada através da morte e ressurreição de Cristo.

Patavina

Está esta palavra presente em expressões como *não perceber patavina* ou *não ligar patavina*. Supõe-se que o termo esteja relacionado com a cidade romana de Patáviu, actual Pádua. Os seus habitantes seriam acusados por Roma de falar um mau latim, cheio de erros e regionalismos, linguajar esse que passou a ser designado por patavinitas. A verdade é que o historiador Tito Lívio (59 a.C-16 d.C) era natural de *Patauium* e os críticos da época acusaram-no de introduzir demasiadas patavinitas nos seus escritos, tornando-os de compreensão quase impossível. Terá sido por esta razão que o vocábulo *patavina* entrou em português com o significado de *nada, coisa nenhuma*.

Pecúlio

Este vocábulo vem do latim *peculium*, diminutivo de *pecus* que significa gado. *Peculium* era o nome dado a umas tantas cabeças de gado do rebanho que o senhor permitia que o escravo/pastor tomasse como suas. Também sabemos que era através da quantidade de gado que se podia avaliar da riqueza ou fortuna de cada um. Assim se compreende que o termo tenha passado a designar dinheiro, património, economias amealhadas. Em português temos ainda, com a mesma origem, o adjetivo peculiar que significa particular, especial... como especiais seriam, para o pastor, aquelas tantas rezes que o senhor lhe concedia o privilégio de apascentar para si. São da mesma família etimológica palavras como pecúnia (dinheiro) e pecuária (criação e tratamento de gado).

Política(o)

Na origem deparamos com polis - a cidade grega - donde deriva polites (cidadão) e *politeia* (política / governo da cidade). É ainda a partir de *polis* que surge o termo *polícia* que, inicialmente, se referia apenas às boas maneiras (a boa educação que era suposto possuírem os da cidade) e que, a partir do séc. XIX e por influência do francês *police*, passou a designar a instituição responsável pela manutenção da ordem e segurança, assim como os membros dessa instituição. É curioso verificar que palavras como polir/polido/polimento/polidez / polidamente... remetam também para a mesma raiz (*polis*).

De assinalar também a relação, quase antonímica entre os gregos, no que respeita às palavras político e idiota. *Polites* eram os cidadãos que contribuíam para o funcionamento da *polis* (cidade), sobretudo através do desempenho de cargos públicos. Os que, ou por não terem direitos (escravos, mulheres e estrangeiros) ou por não quererem, se alheavam da condução dos negócios da *polis* recebiam - sem qualquer sentido pejorativo na época - o nome de *idiotes*, vocábulo que tinha o significado de pessoas comuns, desligadas do governo da cidade e que, muitas vezes, até ignoravam as deliberações que a regiam. Desta ignorância política se passou, pelo séc. XV, ao significado de pessoa sem instrução e, posteriormente, já no séc. XIX e mais uma vez por influência francesa, é-lhe atribuído o sentido, que tem hoje, de parvo ou pessoa de pouco juízo.

Primavera

Nos primórdios da civilização romana, apenas se distinguiam duas estações básicas. Uma era *Ver*: o tempo bom, a estação da floração e da frutificação. A outra era *Hiems*: o mau tempo, a estação da chuva e do frio. Mais tarde, ainda entre os romanos, a grande estação do bom tempo (*Ver*), com a duração de seis meses, passou a ser subdividida em três partes: aos primeiros dois meses chamavam primo *Vere* (donde: Primavera) que, à letra, poderíamos traduzir por *primeiro Verão*; aos segundos dois meses designavam por *Veranum tempus*, o Verão propriamente dito; aos últimos dois meses davam o nome de *Aestate* que deu origem a *estio*, *estival*, *été* (francês)... A Primavera é a primeira estação do ano porque, inicialmente, o calendário romano começava em Março, do que temos reminiscências no nome dos meses de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, respectivamente 7.º, 8.º, 9.º e 10.º mês. É por esta razão também que o primeiro signo do Zodíaco - *Aries* (Carneiro) - corresponde ao período que se inicia a 21 de Março.

Retaliar

O verbo retaliar significa aplicar a *lei de talião*, ou seja, pagar com a mesma moeda. Esta lei faz parte de um antigo texto jurídico, o famoso *Código de Hamurabi* (rei de Babilónia de 1728 a 1689 a.C) que se encontra no Museu do Louvre, em Paris. Segundo este sistema de penas, o autor de um delito tinha de sofrer um castigo igual

ou equivalente à injúria, para que esta fosse vingada. A palavra *talião* não é nenhum antropónimo, mas vem do pronome latino *talis*, que significa *tal, tal qual*. Assim, retaliar é aplicar um castigo tal qual ou equivalente ao crime cometido. No Antigo Testamento este princípio está registado na Lei de Moisés: *Quem ferir um homem mortalmente deverá morrer* (Êxodo: 21, 12); e *Se de tal facto advier dano, então pagará vida por vida, olho por olho, dente por dente...* (Êxodo: 21,23). É, afinal, o mesmo princípio consagrado no conhecido provérbio: *Quem com ferros mata, com ferros morre*. Também Maomé, no Corão, apela a este sistema penal, procurando, no entanto, mitigá-lo, por reconhecer a sua dureza. Por isso promete a misericórdia divina ao lesado que perdoar tal forma de punição. A lei de talião vigorou até finais da Idade Média, altura em que foi abolida da maioria das legislações modernas.

Saber/Sabor

Têm a mesma raiz, pois provêm do latim *sapere ter gosto, saborear*. Observa o famoso etimologista italiano, Ottorino Pianigiani, que, assim como o *sabor* parte da língua e *sobe* até ao cérebro, o *saber* faz o percurso contrário: do cérebro vem à língua, que é o mais comum instrumento de difusão do conhecimento. Deste modo, se pode dizer que, na maioria dos casos, quem não sabe explicar por palavras o que sabe, é como se, na realidade, não soubesse...

Salamaleque

A origem desta palavra é árabe. Deriva de *salam'alaik* (a paz esteja contigo), bela forma de saudação usada pelos árabes, em quase todas as circunstâncias. É curioso como um conteúdo, tão rico e fraternal, se desvirtuou em português, adquirindo um significado negativo, quase caricato. A semântica fixou-se apenas nas exageradas vénias que acompanham quase sempre esta forma de saudar. Assim, chegou até nós o *salamaleque* apenas com o significado de cumprimento reverencial de quem faz rapapés subservientes, a fim de impressionar o outro e conseguir o que deseja. Afinal, o choque de culturas também se manifesta nestes pequenos mas significativos desvios semânticos ...

Tosco

Tratando-se de um objecto grosseiro ou mal acabado, dizemos que é tosco. A palavra é abreviatura de *toscano*, habitante da belíssima região italiana da Toscânia. Acontece que em Roma, no séc. I a.C., existia um bairro de má reputação, pela rudeza e grosseria dos seus habitantes, oriundos dessa zona de Itália. Chamavam-lhe *vicus tuscus*: bairro toscano ou tosco.

Trabalho

Sabemos que, para muita gente, o trabalho não é propriamente um prazer... E a

verdade é que, pelo menos etimologicamente, não deixam de ter razão. A palavra deriva do latim vulgar *tripalium* que, à letra, significava *três paus*. Era um instrumento de tortura, entre os romanos, composto por três varas cruzadas, a que se prendia o réu para ser chicoteado. Este aspecto odioso do trabalho persiste ainda em expressões como *meter-se em trabalhos*, *o cabo dos trabalhos*, *passar trabalhos*, etc. Só no séc. XIV a palavra começou a tomar o sentido que tem hoje. Até aí era utilizado o termo latino *labor*, que está na origem de palavras como *lavoura*, *lavor* (espanhol), *lavoro* (italiano) e *labour* (francês e inglês).

Tragédia

O termo grego *tragoedia* encerra uma origem inesperada. À letra: *tragos é bode*, e *bidé é ode, canção*. Ou seja: tragédia é a *canção do bode!* Como se explica tão bizarra etimologia? Nas festas dedicadas a Dionísio – o deus grego do vinho – tinha lugar o concurso das tragédias, em que os textos dramáticos dos famosos autores, como Sófocles, Eurípedes ou Ésquilo, eram declamados por actores que se apresentavam caracterizados de sátiros, semideuses com pés de bode, que faziam parte do séquito dionisiaco. Além de declamarem os textos a concurso, esses actores, com pés de bode, tinham por hábito fazer pouco – *satirizar* – toda a gente. Por esse motivo a sua actuação era conhecida como *tragoedia*, ou seja, *canção do bode*.

Tramontana

A palavra aparece sobretudo na expressão *perder a tramontana* com o significado de *desorientar-se*, *perder o norte* e, por analogia, *perder a cabeça*. Na verdade tem origem no italiano *stella tramontana* que designava a estrela polar ou, mais à letra, estrela que se via *atrás dos montes*, o mesmo é dizer *para norte*, relativamente a quem navegava no mar mediterrâneo. Em noites de tempestade, *perder a tramontana* seria, portanto, sinónimo de desorientação, de perder o norte... Mais tarde, depois da invenção da bússola, passou a dizer-se *perder a bússola*, se bem que esta seja uma expressão muito menos usada.

Trivial

Coisa banal, sem relevo nem originalidade. Esta palavra deriva do latim *trivium* e teve, entre os romanos, uma origem curiosa: nasceu da confluência das três vias (*trivia*) mais importantes que davam acesso à cidade de Roma, onde se cruzavam gentes das mais diversas origens. Por não se conhecerem e pouco saberem uns dos outros, as suas conversas limitavam-se a assuntos de pouca monta (tempo, preços, etc), que passaram a designar por conversas triviales *das três vias*. Muito mais tarde, já no sistema de ensino universitário da Idade Média, *Trivium* passou a aplicar-se às três disciplinas básicas do curriculum normal, ou seja, a *Gramática*, a *Retórica* e a *Dialéctica*, a que se seguiam as quatro superiores do *Quadrivium*: *Aritmética*, *Geometria*, *Astronomia* e *Música*.

Bibliografia de referência

- *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Editorial Verbo.
- *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências /Editorial Verbo, 2001.
- *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Editora Objectiva, Rio de Janeiro, 2004.
- José Pedro MACHADO, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Livros Horizonte, 1989
- Id., *Curiosidades Filológicas*, Livros Horizonte, 1940
- Orlando NEVES, *Dicionário da Origem das Palavras*, Editorial Notícias, 2001.
- Alice PÓVOA et alii, *As Faces Secretas das Palavras*, Edições Asa, 2004.
- Márcio BUENO, *A origem curiosa das palavras*, Rio de Janeiro, 2003.
- F. Rebelo GONÇALVES, *Das palavras portuguesas de origem grega*, Lisboa, 1926
- António FREIRE, *Helenismos Portugueses*, Publicações Faculdade de Filosofia de Braga, 1984.
- Emile GENOUVRIER/Jean PEYTARD, *Linguística e Ensino do Português*, Livraria Almeida, 1973.
- Joan COROMINAS/José A. PASCUAL, *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*, 1989.
- Merritt RUHLEN, *A Origem da Linguagem*, Circulo de Leitores, 1994.
- Francis VALPY, *An Ethymological Dictionary of the Latin Language*, Londres, 2005.
- *Origen de las Palabras*, in: www.etimologias.dechile.net

¹ Campos, H.-Xavier Mt. *Sintaxe e Semântica do Português*, Univ. Aberta, Lisboa, 1991

² Por imposição do regime do Estado Novo, o Prof. Rodrigues Lapa teve de abandonar a sua cátedra na Faculdade de Letras de Lisboa. Foi Director do jornal *O Diabo* e responsável pela *Colecção de Textos Literários* da Seara Nova. Mais tarde transferiu-se para o Brasil onde prosseguiu a sua carreira académica em paralelo com a actividade de investigador e ensaísta. Já com 87 anos publicou uma espécie de autobiografia cujo título - *Memórias de um idealista que quer endireitar o mundo* - reflecte, só por si, o ideário de toda uma vida.

³ M. Rodrigues Lapa, *Estilística da Língua Portuguesa*, (10.^a ed.), Coimbra Editora, 1979

⁴ A. José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, (3.^a ed.), Porto, s/d.

⁵ Miguel de Oliveira, *História Eclesiástica de Portugal*, Porto, 1940.

A influência de uma Universidade Sénior na qualidade de vida da comunidade

Manuela Richter

Esta temática, a defender brevemente em tribunal universitário pela investigadora Manuela Richter foi apresentada no Fórum Romeu Correia aquando do 2.º encontro sobre Educação, promovido pela APCA e da abertura solene da Usalma.

A apresentação feita em power point, teve como fundo algumas fotos do jantar de encerramento do ano lectivo transacto. Tratando-se de um trabalho de investigação, cuja terminologia é científica, pretende-se que o mesmo seja apresentado em pormenor na página dedicada à investigação nas futuras edições deste correio.

Encontramos na dedicatória deste trabalho, entre outras referências, as seguintes palavras da autora:

“ A todos os formandos/aprendizes-fazedores, cuja força interior tem permitido o exercício referido na memorável sentença de Píndaro, torna-te o que és! Entre poder-fazer-dever, o essencial é Ser, num contínuo processo de auto-realização. “

Breve síntese:

Com o aumento progressivo da longevidade, com a baixa de natalidade e o assustador envelhecimento da população portuguesa, é cada vez maior o número de pessoas na idade da pós reforma, em idades anteriores aos sessenta anos, atingidos em muitos casos, em boas condições físicas e mentais, capazes de abraçarem uma segunda etapa no projecto da vida pessoal que leve a pessoa à sua plena realização e auto-satisfação, agora desvinculada da obrigatoriedade do cumprimento de um emprego.

Urge a necessidade de se reflectir na qualidade de vida desses anos e na forma de se ultrapassar o isolamento em que muitos seniores se encontram, incentivando a prática da sua realização, autonomia e alegria no viver, na sua estima, nos seus afectos, na sua conduta e no veicular das suas aprendizagens que adquiriram ao longo da vida.

A presente investigação visa o estudo da qualidade de vida da comunidade de formandos de uma universidade sénior (Usalma), na área da saúde e na perspectiva de construção psicológica. Aprofundam-se diversos marcos teóricos de conceptualização e apresentam-se resultados obtidos por aplicação dos seguintes instrumentos: Sociodemográfico e de Contexto Educativo, A VUS (Avaliação da Universidade Sénior), de construção científica exclusiva para esta Universidade, com suporte em dois constructos: AVUS A (dimensão intra-pessoal de realização) e AVUS B (dimensão interpessoal de integração/implicação) e versão portuguesa da Life Satisfaction Index/LSI-Z. Da análise factorial conclusiva, demonstra-se, entre várias conclusões, a diferença significativamente satisfatória da variável qualidade de vida, no cons-

tructo A da A VUS, relativamente às habilitações académicas dos participantes, apurando-se destes, a auto-realização por influência da Universidade Sénior.

Introdução

A investigação parte de uma pergunta inicial, a qual poderia ser formulada da seguinte forma:

o que é a harmonia no homem, senão a Qualidade de Vida a que a sociedade aspira?

o presente estudo, Trabalho de Investigação Tutelado (TIT), do curso de Doutoramento em Desenvolvimento Pessoal e Intervenção Social n, encontra-se enquadrado nas linhas de investigação do Departamento de Psicologia Evolutiva y de la Educación de la Universidad de Valencia (Espanha), programa interdepartamental com o Departamento de Altos Estudos e Formação Avançada do Instituto Jean Piaget de Arcozelo, em Vila Nova de Gaia (Portugal). Projectar a investigação sobre Qualidade de Vida implica reflectir sobre o grau mais elevado do desenvolvimento de um povo, da sua consciência racional, da sua vida e da sua condição histórica, cívica, cultural e do seu bem-estar. É a possibilidade de ressignificar o seu ethos, a sua morada, o seu lugar, a sua autonomia, o seu livre direito a estar e o seu dever de ser.

Pensar na humanização é abrir uma pista para a consciência de si, permitindo ao homem ser o autor da sua própria história, construindo um novo referencial com grandeza acerca do envelhecimento e da sapiência ou maioridade, que este conceito enceta, isto é, do nascer ao perecer dos “novos idosos”.

Pretende ser este estudo uma operacionalização que medirá a distância entre as expectativas acerca de Qualidade de Vida do Cidadão Sénior, que voluntariamente se inscreveu e frequenta uma jovem e promissora Universidade Sénior e a sua realização individual e de inserção comunitária, na dialógica do re-criar e do veicular na perspectiva de pedagogo social, no acompanhamento de movimentos intelectuais, novas ideias e inserção em novos estilos de vida e essencialmente sentir-se jovem na partilha de interesses e conhecimentos e na sua aplicação interoperacional.

Concretamente, este estudo partiu da complexidade da conceptualização de qualidade de vida e a implicação desta com a saúde à luz da investigação e a sua relação com a comunidade de formandos da Universidade Sénior de Almada.

É chegada a hora de voltar a atenção à temática do novo papel do cidadão sénior na sociedade contemporânea, onde já ocupou diversos papéis sociais de acordo com a época e cultura, o que nos remete para a visão holística ou totalitária de ser Pessoa, com competências e valores, memórias e vontades.

Importa que nesta investigação de status de qualidade de vida se reflecta profundamente que o sénior tem muito a dar, não só na sua consciência política no exercício de cidadania, mas que se aproprie de estratégias específicas para essa reivindicação e na consciencialização dos seus direitos, que combata a auto-alienação.

Os passos que medeiam a investigação da intervenção serão instrumentos da Psicologia Aplicada ao “estado dentro de nós”, auscultando no sénior, formando aprendente e fazedor, a sua aretê (virtude) cívica na relação intergrupar, Universidade-Comunidade em realização plena do exercício da Cidadania Democrática, bem como na apropriação dum refrescamento co-produtor da sua formação pela pedagogia teórico-prática enquanto caminho, meta-exemplo, no projecto da modernidade, consciente do seu melhor fim, a eudaimonia ou felicidade revisitada.

Na emergente necessidade de se reflectir sobre Qualidade de Vida, assume-se a atitude de busca de definições científicas, quer na conceptualização psicológica, à criação de pistas que impliquem os seniores na sua autoconsciencialização na acuidade do binómio QV/S (qualidade de vida-saúde), quer na reflexão do indivíduo enquanto fazedor aprendente, na ressignificação do lazer, ou do ócio, reflectir no juízo da fórmula de Heraclito, viver de morte, morrer de vida, na prova de que vivemos da morte das células, sendo a vida aquilo o que resiste à morte, ou ainda no sentido que Saramago atribui à expressão “não há nada mais nu no mundo do que um esqueleto”, como se de repente as pessoas simplesmente parassem de morrer; nesta dialógica vida-morte, o que resiste é Qualidade de se estar vivo.

Correio da Usalma, 1, 2005 p. 7, 2 p. 7

Con(s)ciência Corporal

Libânia Nazareth

Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objectos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.

Ítalo Calvino

O jogo de possíveis que Calvino nos sugere lança-nos na visão holística da educação que acolhe e promove a diversidade, a individualidade, a complexidade que existe em cada ser em formação. Um dos maiores desafios da pós-modernidade em termos educativos é o encontro da pessoa consigo própria, nessa dimensão auto-formativa ao longo da vida, que Pires (2000:60) apelida de “saber-fazer relacional” conjugado com o “conhecimento de si”. Essas categorias fazem parte do universo de competências transversais que concorrem para o desenvolvimento global da pessoa, enquanto ser bio-psico-sócio-motor em criação e (re)criação da sua história de vida. Caetano (2004) realça a importância da autenticidade neste emergir pós-moderno de necessidades, entendida como a negação ao isolamento, à apatia, à artificialidade, à simulação de identidades, à obscuridade da consciência, à disfuncionalidade comunicativa consigo e com os outros, à demissão de si.

Encontrar os modos possíveis de cada um construir a sua autenticidade pode ser

um investimento que ajude a quebrar algumas tensões que nos impedem de aceder à dignidade e realização da pessoa, aos vários níveis da acção humana. Uma das propostas possíveis é o convite à consciencialização de si através do corpo. Tolle (2002) afirma mesmo que o corpo pode tornar-se a via de acesso ao reino de ser, o portal para a interioridade e o reconhecimento de si. Daí concluir que as células despertam e regozijam-se sempre que o indivíduo consegue trazer a consciência ao corpo. Le Bou1ch (1998) acentua igualmente que o conhecimento de si mesmo passa primeiramente pelo conhecimento do corpo. Partindo desses pressupostos e de que o desenvolvimento destas novas competências não pode abdicar da corporeidade, sob pena de não se incorporarem e se integrarem, propôs-se um Encontro dirigido a alunos seniores da Usalma. A faixa etária com a qual trabalharíamos é a que neste momento cresce mais no planeta, com todos os desafios que isso implica para as sociedades modernas, para a educação, para cada um de nós que ascende a esse nível de maior sabedoria. Emergia repensar, em conjunto, caminhos possíveis no sentido de otimizar a qualidade de vida, traduzida em “sentir-se bem na sua pele”. Partiu-se com a consciência de que o conceito “qualidade de vida” se encontra também em expansão, em procura de sentidos e que envolve variáveis físicas, psicológicas, ambientais, sociais e culturais. Partiu-se com a consciência da prioridade essencial de escutar, e corresponder às propostas/necessidades dos participantes em situação. Sendo a metodologia vocacionada para a dimensão prática, convidámos alguns conteúdos de inspiração Oriental a estarem presentes nesse Encontro consciencial de nós e dos outros em nós: O Qi Gong (de origem chinesa) com uma auscultação do corpo/alma (Kit: 1997) que provocasse a queda de resistências e crenças enraizadas no corpo, que carregava, em alguns casos, lamentações e sofrimentos enraizados. A Biodanza, com uma actividade de inspiração indiana, para despertar o mundo criativo em cada um, onde fosse possível o entrelaçar de olhares, de respirações, de gestos, de sons, de relações intra e interpessoais com a focalização no aqui e no agora do corpo/presença/consciência. Alguém dizia em voz alta: “sinto a música debaixo da pele”, escutando activamente as sugestões musicais e multidimensionais de Jacotte Cholet. Contou-se ainda com algumas propostas do Psicodrama Pedagógico, de inspiração moreniana, para se adentrar no mundo do relaxamento e técnicas de visualização, que ajudam a aumentar a auto-estima, a aprimorar as potencialidades do cérebro e a desenvolver os vários tipos de inteligência: desde a cinestésica/corporal até à existencial (Gadner, 1994).

Na perspectiva de Weil (2005), sempre que se tenta fazer um encontro entre o Oriente e o Ocidente, está-se a proceder à reconciliação entre os nossos hemisférios cerebrais e a minimizar as nossas tendências à fragmentação planetária em nós.

Nesta busca de caminhos possíveis, abriram-se as portas da Escola D. António da Costa, em Almada, para se iniciar o primeiro workshop, inserido na modalidade “Círculo de Estudos” a realizar através de Encontros ao longo do ano lectivo intitulada: Movimentos de Ser - para Ser. Se tudo pode ser “remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis”, porque não começar por movimentar sequencialmente o corpo e com ele as emoções, os pensamentos, os acontecimentos da vida gravados nas memórias celulares, remexer as percepções de si? Lembremo-nos que “motivação” radica em “movimento” e assim por



diante até nos lembrarmos que a etimologia da palavra “escola” se estrutura em “prazer”, “*tempos livres*”, quiçá para se repensar e fruir as dimensões da pessoa ...

O *workshop* “Consciência corporal” realizado no dia 11 de Fevereiro, sob a orientação da Dra. Libânia Nazareth e continuado no dia 13 com a sessão “Consciência de si”, orientado pela Dra. Ângela Brandão, teve o privilégio de contar com uma trintena de alunos/mestres da vida, “corpos de todos-os-lugares”, que se disponibilizaram a sentir e a repensar as urgências “ex-pressivas” do seu universo interior, através da auscultação dos sinais e mensagens do corpo. Ao longo do *workshop* foram envolvendo e desenvolvendo o grupo de trabalho, enriquecendo-o com as suas vozes internas, os seus batimentos cardíacos em uníssono, as sensações múltiplas, o reconhecimento de que ainda existem partes do corpo desconhecidas

Em todos os momentos, foi visível uma generosidade ímpar dos participantes na receptividade às actividades, revelando aptidões/capacidades infinitas de consciencialização de si.

No final do *workshop*, questionados sobre o impacto da sessão nas suas consciências, registaram as suas aprendizagens significativas em folhas A4, o que posteriormente veio a ser recolhido e analisado, em termos de conteúdo, segundo Bardin (1995).

Ao nível das dimensões de sentido destacaram-se:

- Encontro com as raízes
- Consciência alargada
- Transformação interior
- Desenvolvimento da inteligência emocional
- Promoção da auto-estima
- Unificação e coesão grupal

Nos contributos emocionais aparecem categorias como: Paz/harmonia, alegria/esperança, entusiasmo/ confiança, inspiração/luz e força interior/ criatividade. Na dimensão “consciência alargada” aparece a “necessidade de olhar para si”, de consciencializar “o poder da palavra e do silêncio,” de perceber que os movimentos podem alterar o sentir”.

As apreciações sobre o que se foi passando no interior de cada participante culminou no desejo de repetir ou continuar o trabalho iniciado, sobre a consciência de si através da componente corporal, na maior responsabilização no processo de autoconhecimento, na noção “de que aprender não tem limites” e na necessidade da aplicação do que foi integrado e corporizado no *workshop*. Uma das participantes, no exercício de substituição de imagens negativas sobre si, descreveu: “de amarrada a uma cadeira, finalizei com a imagem de mim liberta e com asas”.

Para que o corpo seja “esculpido”, “dançado”, “lido”, “dramatizado”, “meditado”, é só necessário acordar em qualquer manhã, com a disponibilidade com a qual os participantes da Usalma quiseram partilhar o seu riquíssimo universo interior e decidir continuar a investir no Aprender a Ser que, para (Carneiro, 2001:48), surge como uma prioridade intemporal, nos actuais desafios da educação, entendida como formação ao longo da vida.

Ensino-Aprendizagem Sénior

Algumas Reflexões

Jerónimo de Matos

Na aprendizagem ao longo da vida, o ensino sénior é uma experiência aliciante e um desafio para estudantes e professores.

As Pedagogias Tradicionais foram pensadas com destino às crianças e jovens, partindo de pressupostos psicológicos e mentais específicos desta fase da vida humana.

Ao mesmo tempo foram definidos objectivos que, sobretudo após a revolução industrial, se orientam no sentido de preparar profissionais para as complexas tarefas das sociedades modernas.

Ora o ensino sénior é, em primeiro lugar, uma aprendizagem pós-profissional.

Não tendo como objectivo nem a especialização, nem a concorrência profissional, é um ensino livre nas suas escolhas e lúdico no seu exercício. Em suma é um ensino livre que procura preencher o tempo com opções alternativas à especialização profissional já exercida; é também uma aprendizagem pelo prazer de desvendar universos culturais ou de criação, completando e enriquecendo a experiência profissional anterior.

Tendo como destinatários os seniores cuja psicologia e faculdades mentais estão num estágio de maturidade e fixidez no movimento evolutivo, com perda de alguma capacidade de retenção de novos conhecimentos, mas conquista de outras capacidades, nomeadamente de selecção, de interesse e atenção, a pedagogia deve adaptar-se e diversificar recursos, de acordo com as dificuldades e capacidades citadas.

O ensino sénior, livre de peias burocráticas e de pressões do ritmo e das provas oficiais, tem aqui um largo campo de complemento e alternativa às aulas: os colóquios, as visitas de estudo, os encontros regionais/ou nacionais, são momentos altos de aprendizagem, complementados pelo convívio e o contacto com outras realidades culturais e sociais.

Acrescente-se as histórias de vida e as experiências de vida profissional, a integrar e contextualizar nas aulas, como factores e momentos de partilha e aprendizagem mútua, de valor único a não perder.

O Discurso Pedagógico

Entre as mais-valias que enriquecem a experiência do ensino sénior, contam-se a diversidade cultural, o diferente nível de preparação académica dos utentes e a comunicação intergeracional.

No que respeita à diversidade cultural e à formação académica, estas diferem de acordo com o meio. Cingindo-nos à Usalma, esta diversidade inclui licenciados de

várias áreas académicas, profissionais oriundos da docência em diferentes níveis de ensino com predomínio dos 1.º, 2.º, 3.º ciclos e secundário, militares dos diferentes ramos das forças armadas e de patentes que vão do sargento ao coronel do exército e ao comandante de marinha, médicos, engenheiros, funcionários públicos, enfermeiros, profissionais das mais diversas profissões do sector privado, donas de casa e desempregados.

Quanto ao convívio e à comunicação intergeracional, continuamos a cingir-nos à Usalma, em que não são definidos limite mínimo nem máximo de idade para a inscrição e em que a grande maioria dos 75 professores são, em larga medida, mais novos do que os estudantes.

Este convívio e trocas intergeracionais atingem um elevado grau, com benefícios visíveis de permuta de experiências e um clima afectivo que, com frequência passa pela interajuda, para além das actividades escolares.

Todavia estas diversidades propõem aos professores um enorme desafio, quer na elaboração de programas disciplinares, quer na gestão do discurso pedagógico na aula.

É indispensável ter em mente este objectivo pedagógico: o discurso na sala de aula não pode deixar de ser compreendido pelos de menor preparação, nem deixar de interessar, pela sua elementaridade, os que têm uma preparação cultural média ou elevada.

Por outro lado há o problema da participação oral que deve ser estimulada, mas que supõe atenção e muita diplomacia da parte do professor, de modo que essa participação não seja monopolizada pelos mais preparados, nem derive para níveis de elitismo que afaste ou iniba os menos preparados.

Uma forma de enfrentar este desafio pode passar por suscitar, quando, venha a propósito no decurso da aula, a narração sucinta de experiências profissionais e/ou histórias de vida.

Mas suscitar não implica pressionar. Aqui a sensibilidade e bom senso do professor saberão acautelar a privacidade dos que, por temperamento, têm dificuldade em se expor e a loquacidade dos que nada trazem de novo que seja enriquecedor e partilhável pela turma. Mas o tema das *histórias de vida* é assunto que merece tratamento mais desenvolvido em próximo apontamento.

Avaliação

Na pedagogia clássica, seguida nas escolas dos níveis médios (2 e 3.º ciclos e secundário), há três espécies de avaliação: a avaliação de diagnóstico, aplicada sobretudo em início de ano lectivo ou de mudança de unidade, para avaliar a situação da turma e a sua capacidade, em termos gerais e individuais, para acompanhar o novo programa e possibilitar os ajustamentos pedagógicos considerados necessários; a avaliação formativa que se destina a verificar se a gestão do programa se processa ao ritmo previsto ou se há falhas generalizadas de aprendizagem que obriguem a reformular estratégias; e a avaliação sumativa que tem como objectivo posicionar os

alunos no nível de sucesso alcançado (de 0 a 5 no 2 e 3.º ciclos e de 0 a 20 no secundário) e determinar quem, face aos objectivos propostos atingiu o nível e pode passar de ano (3, 4 ou 5 no 2 e 3.º ciclos e 10 a 20 no secundário).

No ensino sénior a avaliação sumativa está liminarmente fora de causa.

O interesse e participação dos seniores no ensino/aprendizagem, a sua atenção, o gosto com que se dedicam às tarefas propostas, a relação afectiva com o professor, são a melhor prova do aproveitamento possível, de acordo com a capacidade de cada um, a qual é condicionada pelo nível de escolaridade anterior e pela idade.

A avaliação de diagnóstico deve ser aplicada de acordo com a especificidade de cada disciplina. Obrigatoriamente nas línguas nos níveis de continuação, nas informáticas, nas ciências exactas, na iniciação musical II. Nestas a avaliação deve revestir, quanto possível, a forma de um teste diagnóstico escrito.

Nas outras, o diagnóstico pode ser oral, trabalho delicado que deve ter em conta a susceptibilidade de situações que podem, se não houver bom senso, resultar em humilhação ou afastamento definitivo.

A avaliação formativa deve ser um dos principais instrumentos pedagógicos do ensino sénior.

Dever ser voluntária, embora vivamente recomendada, para obrigar à memorização que nos seniores deve ser particularmente estimulada.

Deve ser quanto possível positiva, de forma a fomentar a auto-estima e a confiança, sobretudo em estudantes com baixo nível de escolaridade e que provêm de profissões em que nunca, ou raramente, foram estimulados ou apreciados nas suas tarefas (as donas de casa, por exemplo).

Um bom ou até um excelente podem constituir um forte estímulo e um novo sentimento de si, propiciando uma auto confiança, fundamental para melhorar a qualidade de vida íntima e de relação com os outros.

Podemos considerar também, como parâmetro da avaliação, a assiduidade. Sabemos por experiência que esta é afectada nos seniores por factores que não podem ser objecto de avaliação (uma doença, responsabilidades familiares, férias em época baixa ou de visitas às terras de origem...)

Todavia também esta deve ser estimulada, pela qualidade, participação e inovação na sala de aula.

E, no caso de a universidade, sob proposta do professor, passar certificado de frequência, deve este reflectir a assiduidade ao longo do ano lectivo.

De que forma? Referindo no certificado ou diploma a relação entre as aulas dadas e assistidas (ex. o estudante X frequentou 25 em 30 aulas dadas).



Por uma carta formativa e sociocultural da APCA

Ernesto Fernandes

Introdução

O projecto societário da modernidade ancorou-se na razão-ordem-progresso. Neste projecto, a Escola afirma-se como pilar institucional da liberdade-democracia. Contudo, o papel da Escola tornou-se compulsivamente redutor ao confundir instrução com educação.

Em tempo de crise e reinvenção da democracia (Cf. Boaventura de Sousa Santos, 1994), importa articular a **verdade** (o científico-técnico), com o **belo** (o estético-expressivo) e o **bem** (a ética, os valores). Ou seja, retomar a cultura clássica que, sendo elitista, se recomenda para este nosso tempo de democratizar a democracia (Cf. Giddens, 1998).

Nesta perspectiva sócio-histórica, a missão ou desígnio da APCA situa-se no campo da educação de adultos enquanto parte integrante da educação permanente – educação contínua – educação ao longo da vida (Cf. Rui Canário, 1999; UNESCO, 1999).

Quando em seu percurso a Usalma se afirma como serviço à comunidade, actor reconhecido no campo da educação/formação de adultos, importa ir construindo uma cultura básica sustentada na liberdade-dignidade humana contra o fenómeno totalitário (Cf. Annah Arendt, 2007) e numa perspectiva dialógica de educação (Cf. Paulo Freire, 1972).

Segundo a palavra de Jerónimo de Matos, o processo de formação ao longo da vida, afirmando o ensino sénior, configura-se segundo uma cultura de ensino livre, de aprendizagem pelo prazer, de desvendar universos culturais ou de criação, completando e enriquecendo a experiência profissional anterior (in Correio da Usalma, n.º 12, Fevereiro de 2008).

No Ano Europeu Para o Diálogo Intercultural – Juntos Pela Diversidade, a APCA é convocada a uma intervenção formativa e sociocultural em duas estratégias cruzadas e interdependentes:

- a dos educadores e professores no activo
- a dos formadores da Usalma

Finalidades

Contra os preconceitos, a construção de juízos, por mais que a vida, de ontem e de hoje, tenha por chão os preconceitos dos cientistas, filósofos, artistas, sabedoria popular. Nesta perspectiva (cursos, colóquios, ciclos de conferências, visitas de estudo, convivialidade, aconselhamento ou supervisão individual ou grupal, acção social, viagens), a educação de adultos é um campo multifacetado de partilha das práticas

e de reflexão, iluminado pelas teorias-correntes e conceitos das ciências exactas, das ciências sociais e das artes. Incontornavelmente, a educação para a liberdade-dignidade pessoal em solidariedade – a educação na cidade (Cf. Paulo Freire, 1991).

Princípios teórico-práticos

1. O quotidiano-pessoal, familiar, grupal, associativo, político, partidário - é o campo de desafio da formação/intervenção. O centro são os formandos, em seu registo livre de histórias de vida. Neste sentido, aconselha-se a recusa do modo de trabalho pedagógico do tipo transmissivo, de orientação normativa e do modo de trabalho de tipo incitativo, de orientação pessoal, adopta-se o modo de trabalho pedagógico de tipo apropriativo centrado na inserção social (Cf. Marcel Lesne, 1984).

2. A informação-saber não é para ser exposta pelo formador, antes é para o aprofundamento da reflexão e para o desenvolvimento de cada um, escutando o outro em sua diversa e complexa diferença.

3. O materiais ou instrumentos didáctico-pedagógicos (escritos, audiovisuais, plásticos,...) são ferramentas sobretudo preparados pelo formador para concentrar e desafiar a reflexão perante as opiniões, os preconceitos e as divergências

4. A formação-educação é tutorial, ou seja, baseada na biografia do formando, é personalizada em pesquisa-projectos de cada um, privilegiando o saber-experiência-competências e não o grau de escolaridade. Ou seja, cultiva o princípio: a cada um segundo as suas necessidades, de cada um segundo as suas possibilidades.

5. A formação-educação, qualquer que seja a actividade ou projecto ou evento, deve articular, em intencionalidades – objectivos específicos, a reconciliação entre **saber, saber-fazer e saber estar com os outros, tendo por finalidade saber ser** (Cf. UNESCO, 1996).

6. A avaliação (auto, pelos pares e pelo formador) é formativa. É um procedimento pedagógico: aprender a viver melhor.

7. O projecto da APCA em sua programação anual para os educadores e professores no activo e para os formadores da Usalma, tendo por públicos as crianças – jovens – adultos, deve acentuar e semear a revitalização da **sociedade civil** como eixo crucial do Estado democrático. A bipolarização no Mercado e no Estado não defende ou amplia a democracia de um país, região ou planeta. A **democracia participativa** é necessária e urgente para que a era da globalização não tenha como outra face a barbárie (Cf. ONU, 1948). Crise-crítica-criação são palavras irmãs, nascidas do grego.

8. A APCA, conforme o referido em 7., adopta uma estratégia de cooperação e de intervenção em rede, sem fronteiras, mas cuidando particularmente da sua relação com as outras associações e entidades públicas e privadas do concelho de Almada, privilegiando os estabelecimentos de ensino.

9. Os sócios, os formadores e formandos pautam a sua intervenção pela Declara-

ção Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), ou seja, segundo uma ética dos direitos e deveres humanos, uma ética humanista do cuidado solidário (Cf. Ernesto Fernandes, 2004). No respeitante aos educadores e professores, a ética ou deontologia profissional deve acolher princípios e normas específicos (Cf. Monteiro, 2005).

Bibliografia Sumária

ARENDDT, Hannah. (1958), *A Condição Humana*, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2001.

CANÁRIO, Rui (1999), *Educação de Adultos. Um campo e uma problemática*, Lisboa, EDUCA.

FERNANDES, Ernesto (2004), *Por Uma Carta Ética da Intervenção Social*, in Revista *Intervenção Social*, n.º 29, Lisboa, CESDET, p. 139.152.

FREIRE, Paulo (1972), *Pedagogia do Oprimido*, Porto, Afrontamento.

FREIRE, Paulo (1991), *A Educação na Cidade*, São Paulo, Cortez.

GIDDENS, Anthony (2000), *O Mundo na Era da Globalização*, Lisboa, Presença.

LESNE, Marcel (1978), *Trabalho Pedagógico e Formação de Adultos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

MARINOFF, Lou (2002), *Mais Platão. Menos Prozac!*, Lisboa, Editorial Presença

MONTEIRO, A. Reis (2005), *Deontologia das Profissões da Educação*, Coimbra, Almedina.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1994), *Pela Mão de Alice – O Social e o Político na Pós-Modernidade*, Porto, Afrontamento.

ONU (1948), *Declaração Universal dos Direitos do Homem*.

UNESCO – Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (1996), *Educação: um tesouro a descobrir*, Lisboa, ASA.

UNESCO, (1997), *V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos*, Lisboa, Ministério da Educação, 1999.

Correio da Usalma, n.º 15, 2008, p. 4 e 5



II Parte: Memórias em Campo de (Auto) Formação

A

II Parte resgata a informação relevante publicada nos dois Boletins da Associação, quer em registo de biografias/depoimentos, quer em registo de relato/informação sobre projectos-actividades da Usalma.

São autores, principalmente professores e estudantes, identificados no Índice Analítico, escritos organizados por ordem cronológica e, em certos casos, pela natureza da temática, exemplo *poesia* ou *eventualidades*.

A leitura desta Parte permite-nos olhar para a escrita como expressão e ferramenta de (auto)reflexão, que cuida da memória pessoal e colectiva, potenciada pelo projecto estatutário da APCA. São textos, por vezes breves, que cruzam a reflexão e a narrativa como pilares da formação permanente ou contínua.

Memórias de um Professor

Feliciano Oleiro

A nossa sede: um pouco de História

A recente instalação da Associação da actual sede (rua Conde Ferreira), justifica que nos detenhamos um pouco numa breve análise da foto inserida e que nos foi gentilmente cedida, pelo Senhor Dr. Alexandre Magno Flores. Trata-se de uma vista parcial de Almada. Ao fundo temos o antigo convento Dominicano (actual Seminário de S. Paulo), o cemitério e do lado esquerdo o edifício da escola primária Conde. Ferreira no seu primeiro traçado e com data de 1866.

Em 1938 teve lugar a sua primeira ampliação tendo sido posteriormente objecto de outras alterações. Contudo o corpo inicial tem sido mais ao menos acautelado como se pode constatar no local. Nas primeiras décadas do século passado foram criadas Delegações Escolares concelhias em complemento de serviços de orientação e inspecção escolar já existentes e de maior abrangência. Nos últimos anos o ensino básico tem vindo a ser reestruturado de que resultou a criação de Agrupamentos de escolas no primeiro e segundo ciclos. Da implementação destas alterações resultou a extinção das Delegações Escolares nos concelhos onde foi possível agrupar todas as escolas como se verificou em Almada. Foram estas alterações que nos permitiram a cedência deste espaço pela Câmara Municipal de Almada e onde pudemos instalar a nossa actual sede.

Num próximo comentário voltaremos a este assunto, tendo por objectivo o desempenho das funções das Delegações Escolares ao longo de, aproximadamente, oito décadas.

Profalmada, n.º 0, 2005, p. 3

Um pouco de História: As Delegações Escolares

As Delegações Escolares, referidas no número anterior, foram instituídas no continente (como então se dizia) no primeiro quartel do século passado. Na sequência desta medida emerge a figura do delegado escolar concelhio.

Trata-se dum novo projecto que vem aproximar significativamente a escola do poder central. A partir desta data, tanto os professores como todos os intervenientes no acto educativo, a nível do ensino, passaram a usufruir de um novo espaço que lhes permitia apresentar os seus problemas em tempo considerado útil. Deste modo é quebrado o isolamento a que estavam votadas muitas escolas e sobretudo Postos escolares a funcionarem no interior do país.

Sem pormenorizar, justifica-se uma breve alusão relativa a todo um universo ligado à Delegação Escolar: - Era na Delegação que se encontravam os processos individuais do todo o pessoal dependente do ministério, bem como os processos de matrícula dos alunos do ensino particular.

Os livros de termos de todos os exames realizados no concelho, ficavam igualmente em arquivo para fins de consulta e passagem de documentos. Cabia à DLE processar vencimentos do pessoal docente e não docente, organizar concursos dos professores, acompanhar a assiduidade em ligação com os directores de escola, coordenar os serviços da Acção Social Escolar, para além de toda uma burocracia afim, que se torna fastidioso mencionar.

Não obstante esta carga burocrática o legislador não acautelou o espaço físico destinado ao exercício das funções do delegado. Desta omissão que se pode considerar gravosa, resultaram situações inconcebíveis para não usar um termo mais realista: - O delegado, em alguns concelhos, que não posso quantificar, era muitas vezes constringido a recorrer à sala de aula ou à sua própria residência para atendimento do público. Esta situação absurda só não se verificou nos concelhos onde existiam escolas dotadas de gabinete para o director.

Como o delegado acumulava os cargos de docente e director de escola por inércia de funções, ficava por conseguinte a situação normalizada.

Almada, na década de cinquenta era um desses concelhos onde a DLE funcionava na sala de aula do director /delegado. Nesta altura Almada enfrentava uma *explosão* demográfica sem precedentes. Eram extintos postos escolares e em sua substituição criadas novas escolas com dois e mais lugares docentes. Posteriormente o delegado viria a ser dispensado do serviço docente o que lhe permitiria exercer em plenitude as suas atribuições, mas não teria qualquer espaço físico destinado à instalação dos serviços.

E é de sublinhar vivamente a intervenção rápida da Câmara Municipal de Almada no sentido de se evitar qualquer situação de ruptura.

No início da década de sessenta é lançada a *primeira pedra* que neste caso se traduz pelo início das obras de construção do imóvel onde se encontra instalada a sede da APCA.

Convém referir que ao longo do tempo foi objecto de várias alterações e melhoramentos, no sentido de o tornar mais operacional.

Em suma, num breve olhar retrospectivo podemos afirmar que a Câmara Municipal de Almada dotou a DLE de condições dignas e actuais equiparando-a a muitas repartições congêneres dos estabelecimentos escolares do concelho.

Profalmada, n.º 1, 2005, p. 6

Aconteceu... na escola

Falemos hoje de *coisas* da Escola Primária. Mais precisamente do mundo interactivo que é, por vezes, a nossa sala de aula.

Eu optei pela missão de educar e fiz do ensino o meu munus, envolvendo-me à partida num encargo tão difícil quão delicado.

Como é óbvio, a monodocência permite que do convívio professor-aluno resultem laços afectivos indeléveis, situações marcantes que nos acompanham ao longo da vida.

Aqui o docente é o interlocutor mais próximo da família e por conseguinte é a pessoa a quem a criança entrega toda a gama de emoções que transporta de casa.

Esta cumplicidade propicia o acontecimento de pequenos episódios que, pela sua singularidade, vale a pena referir.

O que me proponho dar hoje à estampa, justifica ser contextualizado na orgânica escolar dos anos cinquenta do século passado para melhor se aceitar e compreender.

Anos vinte

Começamos então pela escola dos anos vinte em que eu, na perspectiva de aluno, posso testemunhar os benefícios recebidos pela frequência duma verdadeira *Escola Básica*. A boa preparação que me permitiu a aprovação no exame do 2.º grau (4.ª classe) deu-me, mais tarde, segurança quando, já adulto, procurei alargar o horizonte dos meus conhecimentos.

A minha professora e conterrânea julgo ter sido diplomada pela Escola Normal de Lisboa. Baseio-me no muito que nos ensinava e nos levava a observar. Nós e os nossos pais todos a estimávamos muito. Lembro-me de ouvir dizer aos adultos que a nossa professora tinha *cadeira*, que era professora de cadeira. Não sabíamos o que significava mas achávamos que isso a valorizava.

Recordo-a com estima e admiração como já tive ocasião de o afirmar.

As escolas normais regiam-se por programas que ao longo de três anos ministravam uma boa preparação pedagógica, cultural e humanista, permitindo aos alunos-mestres exercer funções de qualidade. Esses professores foram os sucedâneos dos Mestres de Ler e posteriormente Mestres-escola. Esta designação era usada pelas pessoas mais idosas.

O edifício onde funcionou a escola normal de Lisboa, de grande beleza arquitectónica e grandiosidade, é, obviamente o paradigma do empenhamento posto pelo poder instituído relativamente ao primeiro ensino.

Aqui funcionou mais tarde a Escola do Magistério Primário. Este imóvel é ainda hoje uma referência, não passando despercebido a quem circula na zona. Assim, melhor se compreende que, no universo escolar e numa postura antonomástica tenha sido, por vezes, citado como a *Sorbone de Benfica*.

Regressão

Posteriormente foram tomadas medidas redutoras que conduziram o país a uma situação preocupante:

A preparação de professores passou de três anos para três semestres, nas poucas

escolas existentes. Foi criado o *Ensino Rural* a cargo de regentes escolares, tendo estes como habilitação mínima o exame da 4.^a classe. Na sequência desta medida passa a haver exame da 3.^a classe com carácter obrigatório para alfabetização dos portugueses. Para colmatar a falta de professores nos meios urbanos, abriram concursos para admissão de candidatos com o curso geral do liceu, mediante um estágio pedagógico de um mês.

Na sequência destas medidas atingimos a década de quarenta com índices de analfabetismo elevados que em nada abonavam a situação de Portugal, sobretudo no contexto europeu. Foi neste modelo de escola que iniciei a docência no ano de 1950.

Estávamos em 1954 e exercia em Montemor-o-novo as funções de professor-director-delegado em acumulação por inerência de cargos.

Recordo o grande desconforto que sentia pelo facto de não me ser possível exercer em plenitude quaisquer destas obrigações, sobretudo as de docente.

Era por vezes constrangido a aproveitar os espaços em que os alunos estavam ocupados em tarefas individuais, para executar pequenos trabalhos administrativos.

Quando tal acontecia, tinha sempre o cuidado de explicar aos alunos o que pretendia fazer e o porquê. Assim quase *a modos* de quem pede permissão, para melhor os convencer a manter a aula em sossego.

Naquele ano leccionava a terceira classe, estava a expirar o prazo para o fecho das folhas de vencimentos de professores e pessoal auxiliar.

Tinha ainda de tirar cópias bastante extensas. Diga-se que o concelho de Montemor era, ao tempo, o mais populoso do distrito, incluindo o de Évora.

Transgredindo mais uma vez as normas legais, resolvi tirar na aula as referidas cópias. Não o fiz sem, mais uma vez, pormenorizar o que pretendia.

Observação certa do Menino

Encarreguei a turma de redigir quatro a cinco frases em tema livre e ilustrá-las com desenhos a seu gosto. Recordo ter-lhes recomendado com ênfase: - « Vão estar caladinhos que o professor vai fazer as folhas de vencimentos e não se pode enganar». Recolhidos os exercícios e corrigidos fui surpreendido com a seguinte frase: *Se não fossem as folhas ,a gente já sabia muito mais.* O exercício foi lido na aula e saudado o aluno pela verdadeira observação que fazia e tão facilmente compreensível.

Este simples episódio tem-me acompanhado ao longo da vida. Muitas vezes o tenho referido, sublinhando a naturalidade com que aquela criança denunciava um sistema de má organização escolar cujos malefícios a atingiam. Este modelo de *escola* só viria a ser alterado na década de sessenta. Sem rigor, podemos afirmar que as medidas que vinham sendo tomadas no sentido de melhorar e autonomizar as escolas eram normalmente tímidas e não iam além de situações de remedeio. Aquilino

Ribeiro, sempre crítico do regime do Estado Novo, referia-se a Portugal como *um país de meias solas.... que anda descalço*.

Penso que, à animosidade do escritor, estava subjacente a falta de medidas de fomento educativo e o corte dos direitos à liberdade de expressão.

É certo que com a revolução de Abril todo um *status quo* se altera. Tenhamos em conta a realidade duma sociedade acomodada, com poucos hábitos de pensar pela sua própria cabeça, (passe a redundância).

Gerou-se grande afã social em busca de novos rumos e o debate de ideias passou a ser *a pedra de toque* de todas as discussões. Alturas houve, como espectador atento, ter verificado a ligeireza com que eram afastadas experiências e saberes básicos, indispensáveis à construção do nosso futuro colectivo.

É comum afirmar que a construção dum projecto educativo abrangente, sempre se considera inacabado. Não obstante os progressos verificados e a abertura da escola à sociedade, chegámos ao século XXI sem termos recuperado do hiato de cerca de quatro décadas do milénio anterior.

É esta realidade com que se debate o Ministério ao tomar medidas de combate ao analfabetismo, ao insucesso e ao abandono escolar.

Esperemos estarem criadas as condições que, mediante a congregação de esforços de dirigentes-professores-pais-sociedade civil, a nossa escola possa atingir o estádio a que, por jus, tem direito e os portugueses merecem

Profalmada, n.º 2, 2006, p. 4 e 5.

Professor Moura

Ao atinarmos no arco do tempo percorrido, divisamos sinais, marcas, referências, ou, melhor dizendo, reencontramos pessoas com as quais convivemos e pelo muito que representaram para nós, sentimo-nos constrangidos a recordar e a enaltecer.

À medida que avançamos, esses mesmos sinais vão-se esbatendo, esfumando uns; enquanto outros se avolumam e clarificam. É com base neste princípio que hoje evoco a figura do Professor José Francisco de Moura.

Conheci o Professor Moura nos finais da década de quarenta. Contudo, antes de me ter sido apresentado, já alguns dos seus ex-alunos me falavam dele com entusiasmo e admiração.

Vejamos, então, quem foi José Francisco Moura:

- Cito António Nóvoa no seu Dicionário de Educadores Portugueses, transcrevendo alguns dados do seu vasto percurso e que melhor se ajustam ao meu propósito:
- Recordar educadores, com os quais convivemos e consideramos modelares.

Currículo do Professor Moura

«Nasceu em Vendas Novas em 29-05-1893 e faleceu em Lisboa em 28-11-1971. Fez o ensino normal em Portalegre, iniciou funções na Colónia Penal de Vila Fernando, seguindo-se Figueira e Barros e finalmente Ervedal, onde ocupou também o cargo de Presidente da Câmara de Avis. Por volta de 1940 foi colocado como adjunto e três ou quatro anos mais tarde como Director do Distrito Escolar de Lisboa. No último período da sua vida profissional trabalhou como inspector orientador do ensino primário. Desempenhou ainda funções como Vice-Presidente e Presidente da Direcção-geral da Liga Escolar Católica (1947-1948 e 1949). Colaborou com certa regularidade na imprensa de educação. Pertence a uma geração que faz a transição da República para o Estado Novo. Os primeiros escritos que dele conhecemos foram ainda publicados no mais combativo jornal associativo dos professores, “*A Federação Escolar*”, alinhando com o tom geral do periódico desde 1928. No início da década de trinta escreve sobre os novos processos de educação das crianças, criticando a escolha dos inspectores pelas suas convicções políticas. Comenta a evolução da escola primária a nível europeu, naquele jornal (n.º182 de Setembro de 1931).

Director de *O grito da criança* entre 1930 e 1934, escreve também em *O ensino primário* (1932) defendendo o movimento associativo dos professores.

Na década de quarenta, já como adjunto do Director Escolar de Lisboa continua a colaborar na *Escola Portuguesa*, em defesa da dignidade da escola primária e sua consequente actualização.

Participa igualmente em *A Nossa Escola*, escrevendo artigos que se situam na mesma linha dos que publicou na *Escola Portuguesa*, isto é, integrados na política defendida pelo Estado Novo.

Em 1956 é-lhe feita uma homenagem no Ervedal, onde é inaugurado um busto, na qual discursa o inspector Joaquim Tomás.»

- Quando me fixei em Almada, já o professor Moura exercia as funções de Director Escolar de Lisboa. Era um bom observador dos homens e das coisas, sempre atento ao universo das suas funções. Falava pausadamente, o que lhe emprestava autoridade e consequentemente interesse em o ouvir. A sua disponibilidade não tinha limites: - Todos ouvia, aconselhava e quantas vezes indicava rumos conducentes à solução dos assuntos que lhe eram apresentados.

Alguns dos seus ex-alunos atingiram o top da vida político-académica. Esta circunstância deu-lhe visibilidade e *abriu as portas* que permitiram revelar a sua grande estatura de *homem-solidário*.

Os laços que o ligaram ao interior alentejano e às suas gentes permaneceram inalteráveis. A sua deslocação para Lisboa não o afastou de Ervedal (sua terra adoptiva).

As residências que ocupou na Capital jamais foram ignoradas pelos muitos ervedalenses que, a seu conselho, tinham alterado o sentido das suas vidas.

Só aqui encontro motivo que justifique a grandiosidade da homenagem que lhe

foi prestada, aquando da inauguração do seu busto, por total subscrição pública, durante a sua vida activa, condição *sine qua non* dos seus promotores.

Foi com indizível satisfação que testemunhei a presença de várias centenas de amigos, ex-alunos e admiradores, vindos de diversos pontos do país, todos unidos pelos nobres sentimentos da amizade e da gratidão.

Atendendo à dimensão demográfica da localidade, foi impressionante de ver e confortante ter podido participar.

Na minha perspectiva, entendo que o professor Moura *fez escola*: Ainda hoje tenho presente as *tertúlias* de sábado à tarde, no Café Colonial (aos Anjos) de que era cliente assíduo. Ali nos reuníamos em *mesa redonda*, em cavaqueira amena, um grupo de amigos, na maioria professores: - Dentre os temas abordados predominava o ensino, organização escolar e política, entre outros. Escusado será dizer que os temas de actualidade política eram os meus preferidos quíça pela surpresa.

Chegado do interior, dum meio *fechado* onde era considerado um verdadeiro tabu fazer quaisquer críticas ou comentários deste teor, por mais inocentes ou intencionais que fossem, nem queria acreditar no que ouvia.

Dei-me então conta da existência de um circuito de informação oral *de bastidor* que, à «boca pequena», circulava através do cordão humano subjacentemente ao poder político instalado.

Só mais tarde tive a confirmação da veracidade de muitos temas ali *vindos a lume*.

O escândalo de pedofilia da Costa do Sol, designado *Ballet Rose*, ali relatado em pormenor, foi o que mais me impressionou pelo facto de, à data e por hipótese, ter julgado tratar-se de boato.

Sempre que me era possível, marcava presença nos encontros do *Colonial*, qual aluno atento e interessado. Regressava sempre a casa com o ego *em alta*, dado que os assuntos ali versados, além de interessantes, considerava-os sempre como um contributo valioso para um melhor desempenho das minhas funções na Delegação Escolar, cuja dinâmica era para mim um desafio.

Com estas breves e despretensiosas palavras, pretendo, tão somente, homenagear a memória do Homem, o Educador, o Amigo com quem tive a honra de conviver.

Termino transcrevendo parte da intervenção do inspector Joaquim Tomás, no Ervedal em 1956: - « só um homem de selecta cultura profissional e elevada intuição pedagógica, poderia obter dos seus alunos resultados bem patentes e seguros.

Vem demonstrando toda a grandeza da sua integridade, na obra imensa de formador e forjador de almas e de funcionário ilustre da nação»

Normas de vida

Normas de vida, são tantas quanto o poder da nossa criatividade.

É óbvio e aceita-se sem qualquer dúvida ou contestação que o ser humano usufrui, actualmente, duma média de vida mais longa. Os meios de comunicação dissonos dão conta e muitas vezes nos surpreendem, quer publicando notícias, quer através de entrevistas, em que o idoso se comporta, não digo como um jovem, mas, isso sim, com visível desembaraço.

Tendo em conta os avanços da ciência, não duvidamos que, futuramente, os sociólogos, os psicólogos, os gerontólogos ou quejandos pensadores e sábios, venham a encontrar respostas para certos fenómenos de longevidade.

Quanto a mim, apenas pretendo divagar um pouco sobre o tema. Ir além disso, seria pura estultícia da minha parte.

Todavia, confesso que me agrada disrecrear um pouco sobre esta realidade, Única e exclusivamente, com o objectivo de manter operantes as minhas faculdades de pensamento e a conservação da memória que também, igualmente, necessita de exercício.

Logicamente, assim como que a contragosto, costuma afirmar-se que a “dor-é-nossa-amiga”.

Na verdade, é a dor que, por vezes, nos avisa aquando o mal nos acomete.

Foram enormes dores-de-cabeça que me alertaram de que o meu organismo não suportava grandes doses de álcool; foi igualmente uma intoxicação tabágica que me chamou a atenção para os malefícios causados pelo hábito de fumar. Cito apenas estes dois casos, pelo facto de se tratar de situações que me provocaram enorme sofrimento.

Entendo que a vida deve ser vivida com a alegria e o entusiasmo possíveis sem, contudo, perdermos de vista “os alertas” que, mais cedo ou mais tarde, nos vão chegando.

Sempre pautei o meu comportamento em obediência a estes princípios, porém um dia aconteceu em que as minhas pernas-tardas se negaram continuar sujeitas ao ritmo que lhes vinha sendo imposto. Surpreendido, mas não alarmado, aceitei o facto como natural. Interiorizei ser chegada o momento de fazer uma paragem que me permitisse encontrar outros rumos, outros ritmos, se possível, não menos aliciantes.

Diz-nos a sabedoria popular que parar olhando o caminho percorrido é um convite à desistência.

Logo, não me quedei em estereis contemplanções dado que em nada me poderiam ajudar. Perante esta nova situação recorri ao “bornal” das minhas experiências e recordações em busca de novas sinergias que me permitissem uma prática de vida tão participada quanto possível.

Com o rolar dos anos deparam-se-nos encruzilhadas que, inexoravelmente, nos põem à prova.

Outrossim, é chegado o momento ideal de nos estudarmos, de sermos “sábios” e ver de que “alfaias” dispomos para continuar.

Com a respectiva salvaguarda não pretendo indicar normas ou caminhos; apenas me atrevo a referir algumas opções que balizaram a minha conduta neste quartel da vida.

Confesso que sempre passei ao lado do mundo doméstico, até ao dia em que me aposentei e todo um statu quo fatalmente se alterou. Perante esta dura realidade, aconteceu estar só, em casa, e ao atentar no espaço que habito notei as marcas deixadas pelo tempo.

Considerando, mais uma vez, que a nossa casa é o nosso lar e deduzindo que a família se formou ao redor do lar, (pedra base do fogo) lembrei os mitológicos Lares seus antigos protectores.

Senti-me deste modo motivado para novos desafios, novos ensaios, novas aprendizagens:

- A decoração, o restauro, a culinária e consequentes normas de nutrição, são em parte grandes responsáveis pela qualidade de vida de que hoje desfruto, permitindo em simultâneo uma mais ampla vida de relação, tanto do meu agrado.

Moro há mais de quarenta anos num “cantinho” da Velha-Nova-Almada, ao qual costume chamar “A minha Aldeia” pelo facto de todos nos conhecermos e com facilidade entrarmos em diálogo.

Recuando no tempo, à década de sessenta, não deixarei de sublinhar que foram almadenses, operários da Companhia Portuguesa de Pesca “Olho de Boi”, a frequentar um curso de adultos sob a minha orientação, que em primeiro lugar me deram a conhecer a terra onde acabava de me fixar. Ainda hoje está por quantificar quem lucrou mais dessa troca de conhecimentos: - Se foi o “mestre” ou os seus instruendos.

Sempre que se me depara uma oportunidade, não afasto uma troca de “saberes” ou de sabores - os “sabores da vida” que são tantos quantos os cambiantes da nossa imaginação e nos conduzem ao sonho que é, sem dúvida, o grande “tempero” da vida.

Profalmada, n.º 4, 2006, p. 6

Episódios do mundo rural Alentejano: A *Retinta*

Hoje evoco um pequeno episódio da vida rústica que nos mostra claramente o grau de relação do homem com os outros animais trazendo-os, por vezes, à escala de possíveis seres pensantes.

O senhor António tinha o grande condão de reunir à sua volta toda a garotada do *Monte* para ouvir as suas maravilhosas histórias que nós adorávamos e ouvíamos sempre caladinhos. Desta vez falou-nos das proezas da vaca *Retinta*, pela qual nutria

um fraquinho muito especial.

Era mesmo a *menina dos seus olhos*, como ele costumava dizer. Tratava-se dum belo exemplar de pura raça alentejana: - Corpulenta, de corna aberta, pelo curto, vermelho / carregado e luzidio.

Estávamos em fins do Outono, era altura de enchocalhar o gado, visto que durante o Inverno, pernoitava na charneca, a granel e era muito importante poder localizar cada animal.

Como cada chocalho tem o seu timbre específico, para cada rês era escolhido o que melhor se ajustava ao seu comportamento.

A Retinta, dotada de grande astúcia e muito gulosa, foi *castigada* com um chocalho grande e sonoro, de forma oblonga, gargalo estreito com cerca vinte/trinta centímetros, designado por «sem-serra», para mais facilmente se conhecer o seu paradeiro.

Naquele ano a Retinta estava prenha de primeira barriga. Noite alta, sentindo, a fome apertar e sabendo onde encontrar boa pastagem, saiu do rebanho com *passinhos pequeninhos*, para que o badalo não oscilasse e foi caminhando em direcção à seara de aveia. Ao raiar da manhã voltou, de pança cheia, com ar comprometido, no dizer do maioral que, meio orgulhoso, meio zangado, assim lhe ralhou: - *vens com medo grande matreira; só não te castigo porque trazes um filho na barriga e precisa ser bem alimentado*. Nós entendíamos que o Senhor António não tinha mesmo vontade de a castigar.

Na primavera seguinte a Retinta voltou a desaparecer mas o Senhor António, sempre atento, não se alarmou. Na verdade, manhã alta de Abril, voltou acompanhada do filhote, um lindo bezerrinho alegre e brincalhão.

O maioral, enquanto contemplava embevecido o filhote sôfrego a sugar as tetas da mãe com a cauda a *dar a dar*, apenas comentou: - *Trazes a marca do teu pai*; por isso vou dar-te o nome de *Bragado*.

O Senhor António das Vacas, era este o seu *nome de guerra*, contava-nos tantos episódios da sua relação com os animais que nós escutávamos maravilhados e interiorizávamos como verdadeiros.

Profalmada, n.º 5, 2006, p. 6

Tesouro Arquivado

As nossas recordações de infância, que julgávamos adormecidas *ad-acter-num*, surgem muitas vezes vivas e despertas, como que a convidarem-mos a chamá-las à lembrança.

Foi porventura esse estado de espírito que me levou a evocar o pequeno episódio a que hoje me reporto:

- A ribeira de Sítimos com cerca de sessenta quilómetros, nasce algures a sudoeste de Évora e desagua no Rio Sado junto de Alcácer do Sal. Na parte superior do seu curso é designada por ribeira de Alcáçovas e corre apressada por entre apertadas margens.

A cerca de dez quilómetros da Foz espraia-se, contempla as suas várzeas férteis e segue tranquila e mansa, sem pressas de chegar ao fim.

É nesta transição que situo o ponto fulcral desta narrativa.

Aqui, o curso das águas, mais ou menos agitadas, é surpreendido por uma enorme massa rochosa que obriga a um desvio, retomando, após, o seu curso natural ao encontro do *pai* Sado. Da força erosiva da torrente resultou a formação dum pego de águas profundas; o rochedo agigantou-se sobre o abismo dando origem a um miradouro caprichosamente belo. Sem sombra de blasfêmia, poderíamos imaginar uma tosca *Pedra de Ara*, não fora a falta da bênção divina.

Esta massa líquida designada por *Pego do Altar* constituía, ao tempo, uma referência na *corda* de povos das redondezas, devido à sua singularidade.

Estávamos de facto em presença dum lugar de rara beleza paisagista, tanto pela exuberante vegetação, como pelas mais curiosas perspectivas que a todo o momento nos surpreendiam.

Aqui, esteva, o medronheiro, a murta e o lentisco, cresciam ao desafio, procurando atingir as suas *irmãs* de grande porte, também estas bem presentes ao longo de pronunciadas encostas. Enfatizando eu diria: com o poder descritivo de Victor Hugo, estaríamos perante uma bela paisagem de Rembrandt.

Todavia, aconteceu que a realidade de hoje é bem diferente.

Os fatalismos impiedosos do progresso alteraram complementamente o cenário, substituindo-o por outro bem diferente:

Hoje o visitante poderá apenas admirar o paredão da barragem do Pego do Altar a «esconder», inexoravelmente, aquela maravilha da Natureza.

Profalmada n.º 6, 2006, p. 6

A minha ida à Escola

Ida à escola, sendo uma expressão simplista é, contudo, a que melhor se ajusta ao tema que hoje pretendo abordar.

Nos alvares do século vinte, frequentar a Escola Primária não estava ao alcance de grande parte das crianças residentes no interior alentejano, devido ao afastamento escola – residência. Só a partir da década de trinta com a criação de Postos Escolares, (como medida de remedeio), foi possível que algumas dessas crianças pudessem

aprender a *ler – escrever – contar*, como então se dizia. Quem vivia em *Montes* isolados nem de tal riqueza poderia usufruir.

Para melhor nos situarmos, ouçamos um rapazinho de oito anos, a contar-nos como decorreu a sua ida à escola, nesses *tempos difíceis*.

“ Nós morávamos no Monte das Romeiras e a escola era em Santa Susana a uns bons cinco quilómetros de distância. De permeio havia a ribeira de Sítimos que, em Invernos chuvosos, ia cheia e ficávamos isolados. Como não havia «escola» às quintas-feiras, não pensávamos no prejuízo de aprender mas, isso sim, em mais um dia de brincadeira completamente livres das caminhadas já referidas.

Certo dia, ouvi ao meu Pai, em diálogo com a minha Mãe, a seguinte conversa:

Temos que mandar o rapaz para a escola; está na idade...Não quero que se repita o que se passou com os irmãos; se não tivéssemos arranjado aquele professor mesmo improvisado teriam ficado sem conhecer uma letra. (É de sublinhar que, à época, certas famílias só com algum *engenho* salvavam os filhos do analfabetismo).

Na realidade eu ainda guardo uma vaga memória do Mestre Velez de Carvalho, assim se chamava o referido *professor*. Soube mais tarde, já adulto, tratar-se dum ex-seminarista, natural de Avis, que, ao abandonar os estudos, optou por uma vida errante, de boémia. Na saga de tal procedimento chegou certo dia ao Monte da Arcebispia, (onde eu nasci) e ali se aboletou .

Esta situação proporcionou aos meus nove irmãos – quatro *elas* e cinco *eles* – vindos de anteriores matrimónios desfeitos pela pneumónica, salvarem-se da tão propalada iliteracia.

- Assim sendo, com oito anos já feitos, fui admitido na referida escola em Santa Susana.

No primeiro dia os meus pais acompanharam-me à escola. Fomos de charrete e recordo-me que, pela primeira vez, ostentava um *fumo* no braço esquerdo, em sinal de luto pela minha avó paterna – a avó Brites.

De futuro tinha à minha escolha dois caminhos: o mais curto era pela serra, com mato de estevas e montado. Por vezes assustava-me com os barulhos dos pássaros, das cobras, dos lagartos ou coelhos... que fugiam espavoridos com a minha aproximação. O segundo percurso, embora mais longo, era o que eu gostava mais porque tinha companheiros a partir do Monte dos Carvalhos e íamos pela *estrada real*.

Uma vez deparámos com uma grande cobra a *encantar* um passarinho que, de asinhas abertas, a piar, a piar, aflito, estava prestes a ser engolido. À nossa presença a cobra fugiu e a avezinha salvou-se. Lembro-me que apanhámos um grande susto e ficámos quietos por instantes como que *pregados* ao chão, sem dizer palavra.

Por vezes distraíamo-nos a brincar, perdíamos a noção do tempo e a última parte do caminho era sempre a *corricar* e chegávamos esbaforidos.

O que nos custava mais era o frio e a chuva durante o Inverno.

A aula funcionava numa sala muito comprida e estreita, só com duas filas de carteiras. Éramos muitos, rapazes e raparigas, da primeira à quarta classe.

A nossa professora era nova, natural de Viseu e ia sempre junto de todos a ensinar e tratava-nos com muito carinho.

Os da primeira classe tínhamos lição à secretária. Um dia disse-me: - *Estás salvo, já sabes ler, vai para o teu lugar.* Eu fiquei muito contente, mas confesso que ainda não tinha dado por tal.

No Inverno, os que morávamos nos *Montes* afastados, saíamos mais cedo para não chegarmos de noite a casa.

Três longos anos *andei* nesta escola sem, contudo, atingir a terceira classe. (continua no próximo número)

Corria o ano de mil novecentos e trinta, à data da inauguração da escola de Santa Catarina de Sítimos, instalada em edifício próprio e com a vantagem acrescida de me ficar mais perto de casa. No Monte do Arrais moravam os irmãos, Manuel, Beatriz e o Máximo e lá íamos os quatro alegres e felizes. Logo a seguir, passávamos mesmo pela *rua* dos Montinhos, onde morava uma *velhota* que sempre falava connosco. Ao saber que eu *tinha andado* na escola em Santa Susana, disse-nos que nunca lá tinha ido. Eu fiquei admirado e confesso que me senti importante por ser *mais viajado*, dado que, anualmente, ia com os meus familiares às festas de S. Cristóvão e à Feira da Luz, em Montemor-o-Novo.

Com a minha transferência para a nova escola, acabaram-se os medos e os inconvenientes das cheias. Com curiosa surpresa, para mim, a escola de Santa Catarina era há dias notícia, na imprensa diária, incluída na lista das escolas a encerrar devido à baixa frequência.

Em sete de Outubro abriram as aulas sob a orientação duma nova professora vinda de Alcácer do Sal, terra da sua naturalidade. Já tive ocasião de manifestar, noutros escritos, a minha gratidão pelos ensinamentos que me transmitiu.

Todos gostávamos da nossa professora e de *andar à escola*. A Dona Cora da Conceição Teia, seu nome completo, possuía o *condão* de nos mobilizar para as mais diversas tarefas, às quais nos entregávamos alheios ao passar do tempo.

A sala de aula era espaçosa, iluminada por quatro janelas, sendo duas viradas à zona ribeirinha. A secretária da professora estava colocada sobre um estrado em madeira cujo acesso se fazia por dois degrau laterais sempre que éramos chamados à sua presença.

Acontecia, por vezes, haver quedas quando, precipitadamente, regressávamos aos lugares. Recordo, certo dia, ter feito um desenho do Noé a cair do referido estrado. Como ele era muito meu amigo, não levou a mal, esta pequena maldade.

Na primavera, durante os passeios ao campo, éramos levados a observar, até ao pormenor, os acidentes geográficos, a flora, fauna, os cursos de água, etc. Regressa-

dos à aula e munidos de moldes em cartão, relativos à Metr pole, Ilhas adjacentes e Col nias (depois Províncias Ultramarinas), represent vamos em mapas de papel almaço, por meio de símbolos, todas as riquezas naturais de cada território.

Os dois anos em que frequentei a terceira e quarta classes permitiram-me a aquisi o de conhecimentos valiosos, que me serviram ao longo da vida.

Dei-me conta disso quando, mais tarde, me *abalancei* ao primeiro ciclo liceal (3. ano), dispondo apenas do tempo pós-laboral, naquele ano de mil novecentos e quarenta e seis.

Não fora a boa prepara o em português, jamais teria vencido as dificuldades com o francês, desenho geométrico e in cia o    lgebra, a ocuparem quase todo o tempo disponível.

Em Julho de 1933, prestei provas do exame do 2.  grau na emblemática escola Conde de Ferreira, em Alcácer do Sal e em condi es de saúde fragilizada, pelo facto de, dias antes, ter adoecido com sez es.

Nunca o disse: todavia, hoje não hesito em revelar dois breves comentários da Dona Cora: - 1.  *Se não fossem as sez es tinhas ficado distinto*, 2.  Dirigindo-se aos meus pais comentou: *deviam mand -lo estudar porque ele aprende bem*.

  guisa de conclusão, não resisto a um breve comentário relativo   escola Conde Ferreira: Situada   beira Sado, dotada duma escadaria de acesso em mármore a entros -la num plano superior, poderia hoje ser o ex-libris da cidade.

Infelizmente tal não aconteceu: Os fatalismos do *progresso* não a pouparam   impunidade do camartelo, por vezes impiedoso e enigmático nos *meandros* do urbanismo.

Sempre que por ali passo,   com certa nostalgia que detenho o olhar no imóvel que, hoje, ocupa aquele espaço.

Profalmada, n.  8, 2007, p. 6

Memórias R sticas

Feliciano Oleiro



Uma pescaria no Pego do Altar

«Onde há mar, há peixes e há, mais ou menos, pescadores». Esta dedu o, não sendo da «minha lavra»  , todavia, a que melhor se adequa ao tema que hoje pretendo evocar.

O Pego do Altar para além do seu belo enquadramento paisagístico, já por mim referenciado noutros escritos, constituía, ao tempo, uma apetecível reserva piscícola. Para isso muito contribuíam as mais variadas espécies que, na altura da desova, subiam o curso da ribeira de S timos e se quedavam no remanso das suas águas

sensivelmente profundas. No início da primavera facilmente poderíamos observar, nas goladas das cascalheiras, os sulcos produzidos pelos exemplares de maior porte, entre os quais alguns sáveis e salmões que, no cumprimento do seu ciclo de vida, lutavam contra a força da corrente.

Volvidos alguns dias estavam criadas as condições para se proceder à pescaria do ano. Estas pescarias tinham, para além do mais, o objectivo de proporcionar um dia de franco convívio, entre vizinhos e amigos, passado num local aprazível, em plena natureza.

Nesta altura aparecia lá pelo monte das Romeiras o amigo Zé do Moinho para aprazar a data de evento.

O Zé do Moinho, amigo do meu pai, era pescador de profissão e exercia a sua actividade no Sado, a juzante de Alcácer do Sal.

Durante o almoço era marcada a data que, normalmente, caía a um domingo e sempre em «função das luas» porque era quando o peixe anda mais movimentado, (dizia ele). Como não era ali praticada *captura* de grande monta, previa-se sempre uma *faina* de sucesso!

Na realidade, ao longo do ano só se pescava à *cana*, à *tarrafa*, ou por meio de *nassas* e *galritos*.

O Zé do Moinho possuía *Artes* mais que suficientes: - Bastar-lhe-ia uma rede de arrasto a fazer cerco e um tresmalho no interior.

Quando chegávamos para *assentar arraiais*, já as redes tinham sido lançadas ao raiar da manhã.

Escolhida uma clareira abrigada, as minhas irmãs iniciavam os preparativos do almoço, enquanto os homens angariavam lenha para o brasido.

Um dos pontos altos deste quase ritual, era quando o Zé do Moinho iniciava a *pesca à lapa*. A partir do momento em que desaparecia no *abismo*, todos ficávamos *suspensos* a medir o seu tempo de mergulho.

Por vezes era um peixe de barriga para o ar, com a espinha dorsal partida, a anunciar a chegada do nosso *herói*, quase sempre com um óptimo barbo preso pela guelra.

Seguia-se o içar das redes e nova expectativa dominava os presentes.

O Zé do moinho sabia o nome de todas as espécies de peixes e, à medida que o tresmalho subia comentava: - «Olha uma saboga! Esta só frita e bem golpeada, por causa das muitas espinhas. Também há quem lhes chame savelhas. Que rica fataça, são muito espertas; nem sei como esta se deixou emalhar!?» comentava.

A seguir era puxado o arrastão, sem o retirar da água, para fechar o saco e avaliar a quantidade de pescado.

Outro bom momento era o do almoço, no qual o peixe era *rei*.

Colocada uma grande toalha sobre a erva rasteira, com uma pedra a cada canto, não fosse o vento *fazer das suas*, eram postas azeitonas, queijos, enchidos e grandes pães caseiros. O vinho aguardava no fundo do pego, para se manter fresco e bem preso por um barço. Seguiam-se pardelhas na brasa (de que eu não gostava), fritada mista com salada de alface, tomate e pepino e por último a bela *caldeta* feita com o peixe graúdo: «que cheirinho! diziam todos». Às crianças eram servidas postas *abertas* por causa das espinhas. Não obstante esse cuidado, lá vinha sempre a *sentença* do costume: «comam devagar, com cuidadinho».

Naqueles tempos não se falava tanto de poluição e o peixe dos nossos rios e ribeiras era *de confiança*

Contudo há que ter em atenção o seguinte pormenor: - O estuário do Sado, com os seus sapais, avança para o interior umas boas dezenas de quilómetros, transformando o baixo curso da ribeira de Sítimos num pequeno esteiro, devido ao fluxo das marés. Eram estas águas, de baixa salinidade que apaladavam o peixe com o qual nos deliciávamos.

São estes os sabores de infância que perduram e nos acompanham ao longo da vida.

O peixe sobranete, que tinha ficado na água para se manter vivo, era distribuído por todos os participantes. Ao fim da tarde depois de arrumados os apetrechos e apagado o lume, regressávamos a *penates* depois dum dia bem passado em plena natureza.

Hoje o Pego do Altar, que tanto marcou a minha infância, só existe na memória de alguns habitantes da região.

O seu nome, dado à barragem ali construída foi, sem dúvida, a melhor maneira de homenagear aquela maravilha da Mãe Natureza.

Profalmada, n.º 9, 2007, p. 6

Saga de Pequenas Histórias de Vida I

Quando atino na complexidade da vida, e me ponho a divagar, acabo sempre por concluir que todos os nossos gestos e comportamentos convergem no sentido da continuidade e da libertação.

Nada é estável e em cada momento todos vamos descobrindo as nossas verdades e enfrentando as nossas dúvidas. E quem não tem os seus medos e as suas incertezas, se o Apóstolo Pedro as teve ao questionar o Mestre, pronunciando a tão conhecida expressão: - Quo vadis, Domine?.

Não obstante este meu comezinho juízo, estou ciente existir um certo paralelismo entre a idade e a autonomia que se vai adquirindo ao longo da vida. A corroborar esta afirmação, acresce o facto de tomarmos hoje resoluções impensáveis em momentos anteriores.

Outrossim, é ponto assente que devemos ponderar nas nossas decisões e que nos

sintamos confortados ao carrear o nosso *grãozinho* de solidariedade para com o nosso semelhante.

Na sequência deste meu divagar, tem-me acontecido por vezes, ao acordar, ou melhor dizendo, meio acordado meio a dormir, no momento do sonho, dar comigo num desatino, em busca de rumo que me dê sentido à vida, libertando-me de um estádio de *pasmaceira* que em nada me poderia ajudar, na construção daquela paz interior de que todos desejamos usufruir à medida que as nossas vidas caminham para o ocaso.

Foi num destes momentos, ao adquirir a consciência plena, que decidi discretar um pouco sobre a narrativa de pequenos episódios, que indelevelmente, me foram deixando as suas marcas no decurso da minha existência. Há que ter em conta que esta minha decisão tem por finalidade ocupar o meu tempo e nada mais que isso.

Por conseguinte não encontro outro motivo para além duma certa lonjura, um caminho já feito ou certos estados de alma que por vezes me surpreendem. - Não teria a menor hesitação se porventura tivesse o engenho do vizinho de Mestre Aquilino, que, ao tentar fazer um gamelo para o cão, lhe saiu uma viola.

No meu caso, não aspiraria a tanto; com uma bandurreta por resultado, já me daria por satisfeito.

Logo, e em alternativa, há que procurar assunto que, pela singularidade, valha a pena referir. Para além do mais há ainda a ter em conta que, como já disse, a escrita me ocupa o tempo, para além de me divertir. Simbolicamente interiorizo aquela criança que, na posse do seu brinquedo preferido, se alheia do universo que a envolve e cria e fortalece o seu próprio mundo.

É em obediência a este princípio que me ocuparei de futuros escritos e, em simultâneo, marcarei presença em próximas edições do nosso boletim, sempre receptivo à colaboração de todos os associados.

Profalmada, n.º 10, 2007, p. 6

Saga de Pequenas Histórias de Vida II

Partindo do aforismo *a conversar é que nos entendemos*, será pois em conversa amena que procurarei dissertar sobre pequenos episódios da minha vida, quiçá ampliados à luz dos meus olhos, - o que não obsta a que tenham sido esses *os escolhidos*.

Assim sendo, será pois um desenrolar de emoções e acontecimentos que ao longo do tempo vêm preenchendo este *filme* que podemos considerar quase de *longa metragem*, mas que, eu nomearei de: - *Saga das minha pequenas memórias*.

Em desacordo com o que seria lógico, vou iniciar estas conversas antes do princípio, isto é, antes de ter vindo à luz do dia.

Oriundo do Povo Chão, sem pergaminhos visíveis, tenho à partida a tarefa simplificada, libertando-me dos meandros genealógicos, nem sempre fiáveis.

Com base num pequeno acervo documental e pelo que me foi relatado por credíveis e interpostas pessoas, julgo não me afastar muito da veracidade dos factos.

Ao indagar as minhas origens na linha paterna não me foi possível ir além de antigos fazedores de olas e moringues; se artistas houve na criatividade de moldar a argila, perderam-se na memória do tempo. O meu avô António (que já não conheci) foi o último artesão da família que, na vila alentejana de Alcáçovas, se dedicou à olaria.

Segundo me foi contado, era um homem bom, calmo e muito dedicado no seu mister. Estou plenamente convencido que este meu antepassado, dedicando parte do seu tempo ao manuseamento do barro, dando forma a possíveis obras de arte, jamais teria *sujado as mãos*.

O meu pai, único filho varão, já não seguiu as pisadas do seu progenitor. Concluídos os *estudos primários*, ainda adolescente, procurou dar novo rumo à sua vida, indo de aprendiz de corticeiro a gerente de fábrica.

Na linha materna, o assunto não é assim tão linear:

- Tudo teria começado na pacata vila de Rio Maior, entre dois jovens da média burguesia (como adiante se verá) que se apaixonaram na doce intimidade dum grande amor, do qual resultou o nascimento dum filho.

Daqui louvo e admiro esse jovem de apelido Goucha (que penso ser de origem francesa), não só por ter assumido a paternidade do fruto daquela *ligação*, dando ao filho o nome completo de Manuel Luíz Goucha, como ter acautelado o seu futuro, evitando a indigna exposição na *Roda*, como era comum à época.

Para amamentar o *Menino* arranjou-lhe a *indispensável* ama de leite e levou ambos para longe, mais concretamente para o termo de Arraiolos, freguesia de Vale de Pereiro, Monte dos Conselhos, propriedade dum seu amigo de confiança que ali os acomodou. O Manuel Luis Goucha (meu avô) cresceu, fez-se homem, sempre sob os auspícios de bons amigos. Já adulto foram-lhe facultadas alfaias agrícolas suficientes para organizar a sua vida, como veio acontecer.

Casou com Clementina Laranjeira, natural de Ilhas, Arraiolos e tiveram significativa prole: duas filhas e três filhos.

Aquando da proclamação da república o avô Goucha tinha a sua casa agrícola sediada na herdade de Amoreira - Montemor - o - Novo, propriedade do *Visconde da Amoreira* de quem se tornou amigo, tendo este marcado presença no primeiro casamento de minha mãe, Rita Goucha e lhe ter oferecido uma prenda que ela sempre acautelou com esmerado zelo.

Notei muitas vezes que a minha mãe fazia referência à prenda de casamento oferecida pelo Senhor Visconde e, com certo ênfase, a mostrava aos seus amigos. Eu entendia aquele gesto como afirmação dum certo estatuto social e, nem sei porquê, o que é certo é que ainda hoje conservo aquele pequeno-grande tesouro em *prata de lei*, como então se dizia.

Justifica-se abrir aqui um breve parêntese, para melhor nos situarmos: - O meu bisavô Goucha, o proprietário da Herdade dos Conselhos e o Visconde da Amoreira eram amigos entre si, o que me leva a crer todos terem contribuído para o sucesso do seu *protegido*.

Após a primeira grande guerra, a pneumónica, ou gripe espanhola por que também ficou conhecida, flagelou rudemente muitas famílias portuguesas, inclusive as que se encontram nas minhas origens. Para que possamos fazer uma ideia da extensão desta calamidade, basta referir que só na Europa o número de mortos rondou os três milhões.

Perante tão grande tragédia novos rumos foram procurados, novas famílias se reorganizaram!...

Profalmada, n.º 11, 2007, p. 5

Saga de Pequenas Histórias de Vida III

Na sequência das grandes perturbações sociais motivadas pela *pneumónica* (já citadas anteriormente), o avô Goucha transferiu a *Casa Agrícola* para o termo de Alcácer do Sal e deu novo sentido à sua vida:

- Tomou, por arrendamento, um lote de herdades de Adolfo Beja, com sede no Monte da Arcebispa, onde residiu durante um curto espaço de tempo. Entendeu ser o momento de autonomizar a vida dos filhos, após o que lhes entregou todos os utensílios agrícolas, para cada um, livremente, se orientar como muito bem entendesse.

O avô Goucha, qual *guerreiro* que depõe as armas, retirou-se para Alcácer, onde adquiriu casa própria, mais especificamente na zona alta (aos Açougues) e aí se ficou até ao resto dos seus dias. Como *homem da terra* que era, possivelmente por não sentir atracção pela vida urbana, comprou uma propriedade rústica constituída por olival, vinha e pomar: (um Cerrado), passe o regionalismo.

Ao tempo, o meu pai desempenhava o cargo de *feitor agrícola* no latifúndio de Adolfo Beja, com sede igualmente em Arcebispa. Justifica-se que explicito que o meu pai e Adolfo Beja eram grandes amigos, não obstante este ser mesmo muito rico, enquanto que o meu pai desfrutava duma vida modesta. Essa amizade criou raízes nos bancos da escola primária e sempre se manteve, sem quebras, ao longo das suas vidas. Foi o amigo que o admitiu na sua fábrica de cortiça em Alcáçovas e mais tarde no cargo de Feitor em Arcebispa e por último foram sócios na área de orizicultura.

Retomando a senda da família, confesso que desconheço o modo como os meus pais se conheceram; o que posso afirmar é que, por *voltas* de mil novecentos e dezoito, estavam ambos viúvos e a minha mãe, como se tal não bastasse, *carregava* o seu quinto filho do primeiro matrimónio, em adiantado estado de gravidez. Viveram, certamente, momentos de grande dramatismo, os quais só viriam a ser atenuados com a união dos seus destinos por meio de casamento. Perante a nova situação nada mais lhes restaria para além de *meterem ombros* à reorganização de tão numerosa e heterogénea família, onde a minha mãe teve um papel preponderante, como veremos.

A minha querida mãe era dotada de forte personalidade e sentido de justiça, para

além duma aura de simpatia irradiante. Só na sua inteligência e na prática duma autêntica *engenharia* de inserção familiar encontro a resposta para o modo como ajudou a criar seis filhos e quatro enteados como se todos fossem *irmãos de sangue*. E de tal modo, de tal estilo o fez, que *baralhava* todos os que tentavam acertar no grau de parentesco existente entre uns e outros.

Eu só na pré-adolescência me apercebi da realidade. Não quero deixar de referir um pormenor que julgo consubstanciar o procedimento adoptado. Tanto as duas irmãs mais velhas, como as mais novas, (sem qualquer grau de parentesco) trajavam de igual entre si. Tenho pensado muitas vezes que este facto, para além de estabelecer confusão, teria tido efeitos psicológicos que ajudariam a cimentar a harmonia que sempre *reinou* lá em casa.

Foi esta família *sui generis* que me recebeu quando vim a este mundo.

Profalmada, n.º 12, 2008, p 6

Saga de Pequenas Histórias de Vida IV

Ontem como hoje, quem se dirigir de Alcácer do Sal para Santa Susana, seguindo a margem direita da ribeira de Sítimos para montante e percorridos os primeiros quatro/cinco quilómetros, notará, ao lado esquerdo, o Monte da Arcebispa, um pouco afastado do percurso. Paremos uns momentos porque vale a pena: - O local não assinala grandes elevações, no entanto o Monte lá está sobranceiro à várzea, apenas cortada pela linha d'água da referida ribeira. Aqui os caniçais que embelezam as margens, específicos de terrenos salgadiços, dão lugar à tramagueira, ao salgueiro e ao vime-chorão, sendo estes dois últimos os garantes da *indústria* artesanal de cestaria.

Corria o ano de mil novecentos e vinte. Imaginemos a cena, que é como quem diz: *as palavras que se seguem são de pura ficção*.

O penúltimo dia do mês de Maio surgiu alegre e radioso. A Primavera tinha vindo a jeito e a vegetação ervedense, na sua exuberância, embelezava a várzea na riqueza dos seus matizes. Milhões de corolas multicores atapetavam igualmente os campos a perder de vista.

Seria caso para exclamar: - Oh natureza, quantas maravilhas, quantos mistérios encerras no teu seio!

Contrastando com esta paz virgiliana atochada de bucolismo, no interior de um dos compartimentos do Monte da Arcebispa havia enorme agitação e viviam-se momentos de grande ansiedade. Alguém lutava heroicamente pela *vida*, no sentido mais lato do termo, para além das suas próprias forças.

Imagino, creio mesmo, que tudo terá decorrido como normalmente acontece: - Seguraram-no pelos pés, de cabeça para baixo e aguardaram expectantes o seu *berro*, qual clarim a anunciar a sua entrada num novo mundo de continuidade. *Vem perfei-*

tinho, disse a parteira. Faltava um quarto para o meio-dia, no dizer da mãe Rita.

A partir daquele momento a família Goucha-Oleiro passou a contar com o seu décimo filho. Devia ter sido *do bom e do bonito*: as minhas quatro irmãs a disputarem a posse do menino para o pegarem ao colo.

Quando comecei a tomar consciência do espaço que me rodeava sentia sempre alguém por perto.

Entendo hoje que este pormenor poderá ter contribuído para que, a vida de relação tenha sido para mim, uma constante ao longo de tempo.

Ainda hoje não enjeito *dois dedos* de conversa sempre que o julgue oportuno. Considero que o isolamento é drasticamente redutor. As minhas primeiras recordações, vêm ainda de quando morávamos no Monte da Arcebispa: - Recordo o grande susto que apanhei, quando o rafeiro de guarda ao Monte - O Sado - me abocanhou pelo facto de me ter aproximado enquanto ele comia. Foi tal o susto que me provocou gaguez por algumas semanas. Lembro-me também do mestre Velez de Carvalho e das suas grandes barbas que me amedrontavam. O mestre Velez, já por mim referenciado noutros escritos, era uma figura insólita que o meu pai contratou para ensinar os meus irmãos a ler, escrever e contar, como o mínimo possível, dado não existir qualquer escola nas redondezas.

Pouco tempo volvido, o meu pai autonomizou a sua vida, tomando por arrendamento a Herdade das Romeiras onde se dedicou à agricultura. Eu ia pelos meus seis/sete anos e foi a partir daí que tomei consciência do mundo rural em toda a sua diversidade.

Posso mesmo acrescentar que foi o início de toda uma aculturação que muito contribuiu para a minha rusticidade, com a qual ainda hoje convivo em harmonia.

Profalmada, n.º 13, 2008, p. 6

Saga de Pequenas Histórias de Vida V

A partir do momento em que contamos com a presença do narrador destas despretensiosas memórias, tudo *fiará mais fino*. Iremos, sem dúvidas, estar atentos às suas afirmações de modo a evitar que alguma vez se arrogue a envergar roupagens alheias e desvirtue a veracidade dos factos.

Uma vez instalados na herdade das Romeiras, é fácil deduzir que os meus pais enfrentavam uma situação difícil e de grande empenhamento no contexto familiar.

Conscientes de que a roda do tempo é inexorável no seu avançar, impunha-se que tomassem medidas urgentes no sentido de acautelarem o futuro da sua numerosa prole.

Deste modo, sem mais delongas, meteram «mãos a obra» e tomaram, por arrendamento, a herdade da Lezíria, apenas separada pelo curso da ribeira. Estavam certos que a presença de água abundante era sem dúvida «uma mais valia» para os

seus novos desafios.

O Monte das Romeiras era menor e de construção mais modesta, comparativamente com o da Arcebispa.

Basta citar que parte da cobertura era de telha-vã e só na zona de habitação, os compartimentos eram forrados e os pavimentos do tipo formigão.

Não obstante estes pormenores, reconheço que a escolha do local foi acertada, atendendo ao enquadramento paisagístico do local, entre a várzea e a charneca, com montados de sobre e azinho.

Aqui se organizaram, não só como família como ainda promotores da sua exploração agro-pecuária, criando uma pequena empresa de tipo familiar, como hoje diríamos.

Foi neste cenário que decorreu a minha infância e parte da adolescência, das quais guardo boas e menos boas recordações. Sentia-me, por vezes limitado quando a minha mãe não me autorizava a ir pelos campos na companhia dos meus amigos. Íamos à *descoberta* e eram grandes momentos de euforia e libertação para todos. Hoje atribuo essa atitude de zelo excessivo ao facto de ser o único filho do segundo matrimónio.

Foi por estas alturas que comecei a ouvir falar na minha ida para escola. Houve mesmo um dia em que ouvi o meu pai dirigir-se à minha Mãe, nos seguintes termos: - Rita: temos que mandar o rapaz à escola. Não quero que se repita o que aconteceu aos irmãos; se não tivéssemos *arranjado* aquele professor, mesmo improvisado, teriam ficado sem conhecer uma letra.

Esta paz, esta monotonia, viriam certa manhã de primavera a ser perturbadas com a surpreendente paragem dum veículo automóvel na rua do Monte. O insólito aconteceu pondo a criação numa polvorosa e o rafeiro de guarda a ladrar agressivo.

Soubemos depois tratar-se dos Técnicos que vinham iniciar sondagens com vista à construção da futura barragem de *Pego do Altar*.

A sua presença tinha como principal objectivo a procura de local onde pudessem almoçar, visto estarem hospedados em Alcácer.

Naqueles tempos os restaurantes eram poucos e mesmo «casas de comida» só as havia nas terras com maior expressão populacional. Era ainda a época das *Vendas* (estabelecimentos mistos onde poderíamos encontrar de tudo como caricaturalmente se afirmava). Na secção de vinhos e petiscos apenas forneciam o suficiente para acompanhar *uns copos* e nada mais.

Perante estas dificuldades a minha mãe prontificou-se a fornecer os almoços aos *Senhores Engenheiros*, mediante determinadas condições como veremos a seguir.

A açorda Alentejana

Diversidade de culturas existente entre nós e os técnicos, encarregados da prospecção geológica dos terrenos destinados à futura barragem do Pego do Altar, deu origem a uma aculturação mútua e quebrou, obviamente, a monotonia típica do interior alentejano. Podemos mesmo acrescentar que se estabeleceu uma convivência simbiótica (se nos é permitida a expressão) em que todos lucrávamos, alargando assim o horizonte dos nossos conhecimentos.

Um caso paradigmático passou-se com o Eng.º Silva, possivelmente por ser um dos que mais falava comigo.

Um dia, para me impressionar, disse-me que andava a ser construída em Lisboa uma estátua tão grande que eu poderia deitar-me num sapato. Concluí mais tarde, tratar-se da estátua alusiva ao Marquês de Pombal. Por vezes trazia-me discos para ouvir na grafonola de corda que havia lá em casa. Recordo a oferta dum caleidoscópio que me fascinou. Pedia muitas vezes para lhe trautearem *cantigas*, escrevendo as músicas em seguida, o que para mim era coisa nunca vista.

Eu caminhava para a adolescência e ia-me encarregando de tarefas de apoio familiar. O que mais me agradava, eram as idas a Alcácer levar *mimos* aos meus avós. Ia montado na égua ruça até à entrada da vila, onde havia uma *estalagem* e ali prendia a minha montada à manjedoura a regalar-se com o *penso* de favas com aveia, comido directamente do bornal que lhe amarrava à *cabeçada*.

Se bem nos recordamos, os *Engenheiros* passariam a almoçar no Monte, mediante a escolha da ementa.

Naquela manhã, os nossos comensais trouxeram uma alcofa de sardinhas *vivinhas da costa* dizendo apenas: - «D. Rita, hoje queremos açorda para o almoço».

Com alguma surpresa, visto tratar-se dum prato regional simples e pouco divulgado, a minha mãe recomendou pão bem cozido, ovos, pimentos, bom azeite e azeitonas novas, *britadas*, dado que estávamos no Outono.

Quando uma das minhas irmãs colocou na mesa a travessa com as sardinhas acabadas de assar, seguida duma terrina-coberta com a açorda, todos se *entreolharam* com ar interrogativo.

Assim que destamparam a terrina e o aroma forte dos coentros, do alho e dos pimentos assados, perfumou o ambiente, o espanto foi total.

Escusado será dizer que provaram, saborearam e repetiram à boa maneira queirosiana.

Depois duma breve troca de saberes e de sabores ficou acordado que, futuramente, a açorda alentejana, para além de outros pratos regionais, passaria a marcar presença à mesa dos nossos *Engenheiros*.

Na realidade a *açorda* que esperavam saborear era o que, no Alentejo, se designa por *migas de azeite*, as quais acompanhadas com peixe frito, são igualmente uma delícia.

Sempre considerei este hilariante episódio como um hino à típica *açorda de alho*, como também se designa por todo o Alentejo.

Não seria por acaso que as mães alentejanas iniciavam a alimentação definitiva dos filhos pelas saudáveis e típicas *açordinhas* com uma gema de ovo escalfada.

Muito haveria para contar sobre a vida dum adolescente, sempre tão rica em situações imprevistas e por vezes judiciosas.

Contudo, se o engenho me ajudar, tenho em mente recriar alguns episódios vividos com emoção à data, mas que têm permanecido fechados a *sete chaves* no baú das minhas recordações.

Estou a pensar na gorada visita à *Fonte da Serra* e na *Ida da família a Lisboa*, a qual antecedeu a grande mudança para o termo de Montemor-o-Novo, onde nova etapa se inicia, deixando para trás a meninice e a adolescência.

Profalmada, n.º 15, 2008, p. 9

A ida à “Fonte da Serra”

A adolescência, como fase de instabilidade do *crescimento* humano, tem sido objecto de aturados estudos psicossomáticos por psicólogos e quejandos especialistas afins, com mais ou menos aprofundamento.

Na verdade todos nos recordamos de atitudes comportamentais que, de supetão, nos surpreendiam e da insegurança que, uma vez instalada, nos deixava indecisos sem atinar rumo.

A minha crónica de hoje tem como tema nuclear um certo estado de alma vivido na minha adolescência, o qual tem permanecido bem guardado no *cofre forte* das minhas emoções mais íntimas.

Então comecemos por aqui, com a simplicidade que me é peculiar.

Numa das linhas d’água da ribeira de Sítimos, muito próximo do local onde hoje se encontra o talude da barragem do Pego do Altar, existiu em tempos uma nascente designada por *Fonte da Serra*, da qual nos abastecíamos sobretudo para beber, dada a pureza da sua água. Até aqui tudo bem, não fora o lugar *escondido* e semi-selvagem da sua localização, o qual vou procurar descrever com as *tintas* da minha memória de adolescente.

A água brotava por uma telha colocada na fenda da rocha, a meia encosta do desfiladeiro daquele espaço ermo e montanhoso. Poderíamos considerá-la de autêntica linfa, se quiséssemos evocar alguns estilistas da língua.

A sua viva frescura era mantida em asados de barro ao longo do dia.

A completar este cenário havia uma envolvente florestal em que o mato rasteiro, arbustos e árvores de grande porte se entrelaçavam numa natural harmonia. Freixos, carvalhos e sobreiros, estimulados pelas suas funções fototrópicas, adquiriam tão grande altura que os desfigurava comparativamente aos seus congéneres em campo aberto.

Este tipo de vegetação coava a tal ponto a luz do sol, que emprestava ao local um isolamento assustador, mas que nos permitia *ouvir* os misteriosos silêncios da natureza.

As minhas irmãs iam sempre aos pares buscar água àquela fonte.

Ora, aqui *entra em cena* uma familiar do Engenheiro Silva – a D. Alice, que ocasionalmente vinha passar o dia ao “Monte”. Era uma senhora simpática, muito bela, contrastando em tudo com os nossos costumes inclusivamente no trajar. Ao vê-la lembrei a minha primeira professora em Santa Susana. Todos a achávamos bonita e gostávamos muito dela. Tratava-nos com carinho e ia sempre junto de nós para nos ajudar.

Eu ia um pouco além dos meus catorze anos.

Certo dia, a D. Alice, colocando-me a sua mão no ombro, convidou-me a acompanhá-la à Fonte da Serra, porque gostava de conhecer o lugar daquela nascente.

Fê-lo no seu belo tom de voz, mas que naquele momento me pareceu diferente, dando origem a uma emoção inesperada como se um fluxo magnético me tivesse percorrido todo o corpo. Confesso que fiquei perturbado sem saber porquê, mas esta sensação estranhamente agradável, deu-me conta de que algo de novo tinha acontecido no mais íntimo do meu ser.

Quando pedi à minha mãe autorização para acompanhar a D. Alice e ela, no seu tom perentório (já meu conhecido), me disse que não “deixava”, foi como se o mundo tivesse desabado sobre os meus ombros.

Lembro-me que fiquei muito sentido sem descobrir o que teria levado a minha mãe a tal procedimento.

O caso ficou por ali, mas as falas da D. Alice e aquele tom de voz jamais deixaram de “bailar” na minha cabeça de adolescente. Dali em diante dava comigo a olhar a D. Alice com “outros olhos” e à sorrelfa sem ela dar por tal. Entretanto fazia desenhos e submetia-os à sua apreciação. Um dia tentei reproduzir uma paisagem relativa a Sintra, sua terra natal e ela indagou se o teria feito para lhe agradar. Rememoro que fiquei sem resposta e de certo modo encabulado.

Mais tarde interiorizei que a minha mãe, supostamente, teria lido algo nas “entre linhas” das falas da D. Alice, e foi isso que a levou à sua decisão. As mães têm tais artes para observar os filhos que estes dificilmente escapam às “malhas” da sua vigilância.

Para mim guardei a recordação dum perturbador amor platónico, que tão fortemente alimentou as minhas criativas fantasias naquela fase em que o coração do adolescente é surpreendido pelo desenvolver de novas emoções. Pese a carga de ingenuidade, sempre retive este episódio como o arauto que, para além de anunciar, direccionou a minha sexualidade.

Com esta breve narrativa, confiada hoje ao papel, procurei apenas recriar uma breve incursão pelas vivências da minha pré-juventude. Posso contudo afirmar que não foi de ânimo leve que tomei esta decisão.

Lembrei-me certamente do “ridículo” (cito Fernando Pessoa) e, por hoje, mais não digo.

Memórias/Depoimentos

Porque Sou do MEM

Joaquim Sarmento

Como é do domínio público, o Movimento da Escola Moderna é um movimento de professoras e professores de todos os graus de ensino, criado na década de 60, que se propõe construir através da acção dos professores que o integram, a formação democrática e o desenvolvimento sócio-moral dos educandos com quem trabalham, assegurando a sua plena participação na gestão do currículo escolar¹.

Todos temos consciência da complexidade crescente do acto educativo e dos desafios que nos colocam as dinâmicas naturais das alunas e dos alunos, que desejam como pessoas singulares exercer o direito a participar activamente na construção e apropriação dos seus próprios saberes.

A nossa cultura pedagógica dominante herdou, há 330 anos, de La Sale, o paradigma de que seria possível generalizar a um grupo-turma a relação mestre/discípulo sustentada na lógica de um professor e de um aprendiz. Criou-se a ilusão de que era possível ensinar muitos como se fossem um só, num conceito bancário (utilizando a expressão de Paulo Freire) em que o aluno seria um copo vazio que viria a ser preenchido com a sabedoria suprema do mestre-escola.

Este modelo, que foi sustentado e exercido com recurso à violência e ao medo, não resistiu à contestação, sobretudo depois dos Beatles e do Maio de 68, porque não respeita os legítimos direitos de participação e expressão das pessoas concretas que constituem o grupo-turma.

O modelo de La Sale morreu no plano teórico por não ter defensores, mas ainda está presente no imaginário de muitos professores e professoras, que o têm como referência no seu quotidiano educativo e vivem dramaticamente o exercício da profissão, por tentarem assumir a missão impossível de inculcar o saber perante a imprevisibilidade das dinâmicas na sala de aula, a diversidade existente no interior da turma, mas sobretudo pelo incómodo desejo de expressão da vida a crescer, em cada uma daquelas pessoas a quem chamamos alunos.

Se as turmas consideradas normais ou heterogénias se tornaram difíceis para o exercício tradicional da docência, os alunos problemáticos, (que habitualmente peço para integrar nas turmas que lecciono), seres humanos como os outros, talvez menos assertivos, mas igualmente desejosos de serem reconhecidos como pessoas e de terem protagonismo no processo de ensino-aprendizagem, tornam-se um verdadeiro quebra-cabeças.

Torna-se evidente que é necessário e urgente alterar o paradigma que esteve na génese da escola que temos e caminhar na construção de uma escola verdadeiramente democrática, cooperativa e inclusiva.

Paulo Freire, considerado por muitos o maior pedagogo de língua portuguesa,

¹ Cf. www.movimentoescolamoderna.pt.

dizia sabiamente que ninguém educa ninguém – ninguém se educa a si mesmo – os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo².

Não defendo pedagogias não directivas, respeito religiosamente os programas e procuro desenvolver metodologias democráticas onde todos os membros da turma (verdadeira comunidade de aprendizagem) se envolvam nas decisões e responsabilizem pela gestão de uma pequena fatia do programa que devem partilhar com os outros.

Não estou sozinho nesta aventura porque além de mim, cerca de dois mil educadores e professores nos diferentes graus de ensino partilham os sucessos e insucessos em verdadeiro espírito de cooperação.

Acreditamos que aqui e agora uma outra escola é possível se apostarmos verdadeiramente numa intervenção pedagógica quotidiana, persistente, reflexiva, democrática e cooperativa, ensaiando os pequenos passos que fazem avançar a humanidade.

² Cf. FREIRE, Paulo (1972), *Pedagogia do Oprimido*, Porto, Afrontamento.

O Padre Manuel Antunes

Paulo Eufrásio

Não se estranhará que, neste boletim da APCA, apareça uma pequena crónica sobre o grande mestre que foi o Padre Manuel Antunes. É que, se fizermos uma rápida pesquisa, facilmente verificaremos que um grande número dos que frequentámos a Faculdade de Letras de Lisboa nas décadas de 60 e 70, tivemos o privilégio de escutar as suas excepcionais lições, mesmo quando o nosso curso não nos exigia tal frequência. A aura de serena sabedoria que sobressaía do seu discurso académico atraía a muitos, por mera curiosidade, acabando por tornar acanhado o amplo anfiteatro onde as suas lições eram geralmente proferidas.

O Padre Manuel Antunes nasceu em 1918, numa pequena aldeia do concelho da Sertã, no seio de uma família bastante pobre de recursos materiais. Depois dos estudos preparatórios, aos 18 anos entrou como religioso para a Companhia de Jesus. Concluídos os estudos de Filosofia e Teologia, teve a seu cargo a formação humanística dos jovens jesuítas, começando igualmente a sua regular colaboração na *Brotéria – Revista de Cultura* de que veio a ser igualmente director durante mais de 20 anos. Foi através da sua colaboração nesta revista que se tornou conhecido no meio académico, o que fez com que, em 1957, o Professor Vitorino Nemésio o tenha convidado para professor de História da Cultura Clássica, na Faculdade de Letras de Lisboa, onde se manteve até 1983. Em 1981 foi-lhe conferido, pela mesma Faculdade, o grau de Doutor honoris causa.

A sua vasta obra escrita abrange temas literários, filosóficos e culturais, muitos deles publicados, com inúmeros pseudónimos, tanto na *Brotéria* como na *Revista Portuguesa de Filosofia* e na vasta lista de 240 artigos com que colaborou na *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Foi amigo pessoal de António Sérgio, José Régio,

Jorge Sena e Almada Negreiros. Este último terá dito um dia a seu respeito: “Este homem é só espírito...”.

Foi mestre de excepção que deixou marca profunda e duradoura em milhares de estudantes que, desde 1957 e ao longo de mais de um quarto de século, passaram pela Faculdade de Letras de Lisboa. A sua memória permanece viva, vinte anos após a sua morte, pois continua a iluminar o caminho a muitos que procuram nos seus escritos discernimento e orientação. É que, embora seja possível distribuir a sua vasta obra pelas grandes áreas disciplinares da cultura clássica, filosofia e história da cultura ocidental, estética e crítica literária, pedagogia e educação, religião, teologia e espiritualidade, política nacional e internacional... não só chegamos à conclusão que tudo está em tudo, mas também que tudo deve servir o claro desígnio de tornar o homem mais humano.

Com objectivo expresso de retomar o legado cultural do Padre Manuel Antunes, proporcionado a respectiva recolha em ordem à reedição integral e rápida e conveniente divulgação da mesma, realizou-se em Lisboa, no passado mês de Dezembro, um Congresso Internacional subordinado ao tema “Padre Manuel Antunes: Interfaces da Cultura Portuguesa e Europeia”. Este evento científico teve lugar em três palcos distintos: na Fundação Calouste Gulbenkian, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e na Casa da Cultura da Sertã, onde lhe foi feita condigna homenagem junto à sua estátua, da autoria de Vasco Berardo e inaugurada a 24 de Junho de 2005.

Nos tempos difíceis que a sociedade atravessa, com tanta vozearia ululante, tanto nacional como de fora, parece de elementar bom senso ir ao encontro do silêncio criador que nos permita refletir palavras de sabedoria que nos ajudem a repensarmos no essencial e a redescobrir os valores fundamentais para o homem de hoje.

Profalmada, n.º 2, 2006, p. 5

Caminhos de Vida

Américo Morgado

Falésias seculares
Historias de mares
Namoro de gaivotas
Marcas de ventos
Desgaste de tempos
Passados sobre passados
Futuros de presente
Presente, como hoje
Em que te contemplo.
Aqui e ali somos iguais
Aqui e ali somos iguais
Nas rugas do rosto

Corpo rijo endurecido
«Calmo, sábio, desafiador
Mesmo com os desgostos
De minhas perdas por amor
A causarem tristeza térrea
Secantes de fogo ardente
Obrigarem olhos a fechar
Para que não me veja
Vergado, rendido, perdido,
Mas não estou vencido
Sou falésia nua
Mas altaneira permaneço.

Profalmada 3, 2006, p. 7

Insondáveis encontros

Américo Morgado

O início começou silencioso, apreensivo; depois entusiasmante, apostado, vocativo, tal qual a semente estremece, ao sentir seus tecidos dilatando e, dela, o novo nasce.

Começa docilmente a romper a terra e aparece, à luz do sol, o que antes não existia.

É o clarão do amanhecer, que anuncia o dia, mas não diz o acontecer.

Assim, eu entrei, falei e declamei poesia!

“Sensibilidades Artísticas”, programa de actividades da APCA, surgiu por magia de almas generosas, na claridade dos dias 29 a 31 de Maio passado.

As memórias guardam momentos únicos de beleza, que vimos, apreciamos e deles falámos com paixão.

Sonhos ressurgiram dos baús fechados, abriram-se ao vento e voaram até à Sala Pablo Neruda. Aí nos encontrámos.

Sonho, sonho-procura, o coração alegra-se, imagina um mar de poesia azul-turquesa vivo ou verde de esperança, convidando a embarcar e navegar de uma luz, que brilha no horizonte, mas não se sabe bem onde.

“Sensibilidades Artísticas” brilharam e disseram que a partilha faz a vida e adoça o acontecer.

Tudo, ali, estava exposto: barro, tecido, tinta, tela, música, fotografia, vestes e o tempo, a fala e a poesia, em arte entrelaçados, sentimentos dados, em cores do arco-íris.

Aparelhagem, robots dos nossos tempos, deram seus préstimos no enquadramento de paredes nuas à espera de vestidos.

Foram dias esteticamente belos, pureza, inocência e grandiosidade. Dias mágicos envolvendo um novelo oculto, ali mesmo fecundado. Gestação criativa desenvolveu e gerou Há Outros Caminhos para o Sol, um livro de poesia, que irá aparecer vestidinho, para que lhe possamos pegar e ler, na esperança de mais Sensibilidades criarem, darem de si, num ciclo de eternidade.

Profalmada, n.º 5, 2006, p. 7

O Instituto Sidónio Pais

Maria Ruas Silva Caio

No último número do Profalmada (Junho de 2007) noticiámos a oferta, para a Biblioteca da APCA, de uma grande quantidade de livros. Foi um generoso gesto da sócia n.º 335, Maria Ruas Silva Caio. Juntamente com os livros vinha também uma medalha comemorativa do Instituto do Professorado Primário – Presidente Sidónio Pais, que a colega Maria Caio fez gosto em entregar à guarda da nossa Associação e que vinha acompanhada do seguinte texto, que temos muito gosto em publicar.

“Os anos... muitos anos passaram e... ainda me lembro:

Corria o ano de 1932 e... eu, com os meus dez, vinha pela primeira vez a Lisboa. Esta cidade era, para mim, um desejo e uma novidade. Ao sair do barco, vi tanta gente na rua, tanto movimento, que perguntei ao meu avô se tínhamos vindo à feira, como fazíamos lá na terra.

- Nada disso - respondeu o meu avô.

A minha vinda era apenas para começar os meus estudos liceais, como aluna interna num colégio, fundado para receber filhos de Professores Primários.

À chegada fomos recebidos pela Directora, também ela Professora Primária. Foi assim que conheci a D.^a Amália Luazes, uma velha senhora da qual, com muita saudade e estima, vou tentar falar.

Era uma senhora da época: sempre vestida de preto, chapéu de veludo preto, tipo touca, apertado no queixo com grande laço de seda preta; sapatos também pretos, impecavelmente luzidios de tanto brilho (Isto era um exemplo e uma exigência para todas as alunas...). Completava a figura um chapéu de chuva com cabo de prata, que usava em todas as estações do ano.

Era exigente com as alunas, obrigando as mais velhas a ajudar as mais novas, cuidando delas com muito amor e orientando-as nos estudos. No Liceu Maria Amália, que nós frequentávamos, todo o corpo docente conhecia a professora Amália Luazes, pelas visitas que ela fazia ao Liceu e pelo que exigia no tratamento e cuidado com as alunas do Instituto, onde eu, as minhas irmãs e irmãos, assim como algumas colegas residentes no nosso concelho, fizemos os nossos cursos.

Em meia dúzia de linhas resumirei como surgiu este Instituto, que estava situado na Rua de S, Sebastião da Pedreira, em Lisboa.

Amália Luazes ficou viúva, com dois filhos: o António (Toni), que era o nosso médico, e a “Menina”, como era conhecida, e que era uma jovem promissora e muito estudiosa. Um dia, porém, adoeceu. Nada importante... (dizia o mano médico e outros colegas). Mas a verdade é que a doença se prolonga por tempo infinito e ela fica acamada. Foi nesta difícil situação que passou a ter um sonho permanente, em que pensou dia após dia: o seu sonho era fazer um colégio para que os filhos de professores, das aldeias mais longínquas do nosso país, pudessem vir para Lisboa estudar.

Quando Deus levou a “Menina”, o sonho não morreu. Passou a ser o pensamento de todos os dias da sua mãe, a professora Amália Luazes. Incapaz de parar, de cruzar os braços, ela subiu e desceu, vezes sem conta, as escadarias do Ministério da Instrução. Conversou e desconversou, um dia e outro dia, com o então Presidente Sidónio Pais... até que lhe foi cedido um Palacete do Marquês de Pombal, sito na Rua de S. Sebastião.

Assim estava realizado o sonho da sua “Menina”: Nasceu o Instituto do Professorado Primário - Presidente Sidónio Pais.”

Profalmada, n.º 10, 2007, p. 3

Uma história de vida: Fui abençoada ?

Julietta Ferreira

Antes de contar a minha história, tenho de fazer um prefácio, um preâmbulo ou um esclarecimento, conforme queiram chamar, para se poder compreender melhor o sentido da mesma.

Não sou católica, no sentido de que não vou à missa, não me confesso, não co-

mungo, ou seja não cumpro com as regras da igreja. Não considero o PAPA o meu chefe religioso. Também não sei bem se sou agnóstica, porque em momentos de aflição já dei comigo a rezar as duas únicas orações que sei e aprendi em miúda.

Mas sou filha de pais completamente ateus. Fui baptizada só aos 9 anos, por influência do padre da minha terra que era meu professor de Religião e Moral, não tendo qualquer oposição dos meus pais, que eram bastante liberais para aquela época. Estamos a falar dos anos 50. Mas depois passou-me a vontade religiosa e já não casei na igreja, nem baptizei os meus filhos.

Posto isto.....

Por volta dos meus 40 anos, tive uma enorme depressão. Não sei se poderei falar da crise dos quarenta, mas seguramente que não foram a ternura dos mesmos.

O motivo real da depressão nunca foi conhecido (será que não são todas assim?) e o psiquiatra a que recorri, encharcou-me de tal forma de medicamentos, que além de não me curarem me transformaram numa autêntica “couve”, na expressão de uma amiga minha jornalista, quando me viu.

Ao fim de alguns meses, resolvi então, a conselho de algumas pessoas, tentara medicina chinesa, fazendo acupunctura e outros tratamentos que o médico considerou necessários para a minha cura.

De facto, ao fim de algum tempo, estava consideravelmente melhor. Foi nessa altura que (por razões que agora não interessa explicar) ganhei num concurso uma viagem ao Parlamento Europeu em Estrasbourg. Fui de imediato apoiada pela família e principalmente pelo médico da medicina chinesa (ele não era chinês) que deveria fazer a viagem, porque para o meu caso seria a melhor terapia possível.

E assim lá fui eu num autocarro cheio de jovens (porque o concurso tinha sido destinado a eles) e, à medida que viajava, sentia realmente que a minha vida e o meu sistema nervoso estavam a normalizar.

No dia da visita ao Parlamento, estávamos nós na sala de reuniões a ouvir as explicações da então deputada e infelizmente falecida Lourdes Pintassilgo, quando, através do circuito interno de Televisão, anunciaram que o PAPA estava a chegar ao Parlamento para uma visita.

Foi um alvoroço em todo o edifício!!!! Todos saímos a correr. Todos os grupos de visitantes que lá estavam, incluindo mais grupos portugueses, além do nosso, todos os funcionários e dirigimo-nos para o hall de entrada do edifício, ficando atrás de um cordão de segurança lá colocado e tentando toda a gente ver o Papa.

E eis que o Papa João Paulo II entra todo vestido de branco e ele próprio muito branco, rodeado pela sua comitiva, estes todos vestidos de negro.

Todos se agitaram e os funcionários franceses, considerando que eu era “très mignone”, empurram-me muito gentilmente para a frente para ter a possibilidade de ver melhor o Santo Pontífice. Então João Paulo II aproxima-se de mim e aperta as minhas mãos entre as suas.

Confesso que não fui tomada de nenhuma emoção no momento. Achei quase natural. Comecei-me depois a aperceber qual o significado de todo aquele gesto, quando, depois de sairmos dali, as diversas pessoas se aproximavam de mim em enorme excitação por eu tersido tocada pelo Papa. Mais ainda à noite, no quarto do Hotel, quando vi pela TV a visita do Papa ao Parlamento. Esta visita foi muito falada na altura, porque houve um acontecimento insólito com um deputado francês de direita que abandonou o Parlamento em discordância com o Papa, por causa do caso do Lefêbvre. Lembram-se??

Foi então que pensei: quantos milhões de pessoas gostariam de estar no meu lugar naquele momento.? E porquê eu? Que nunca na minha vida tinha pensado alguma vez deslocar-me para ver o Papa fosse onde fosse.???

Mas o que retenho mais desse acontecimento e dessa viagem, além da imagem extraordinariamente branca do Papa, é que vim totalmente curada. E pensei: fui Abençoada??

Mas deixem-me dizer para terminar, que continuo na mesma a não ir à missa, não vou a Fátima, e não cumpro com os mandamentos da igreja.

Profalmada, n. 11, 2007, p. 9

Almada, Coração Meu

Ilídio Quintinha Guerreiro

Por ti estou aqui
Para te ajudar a seres o mais belo emblema
Da Justiça e da Dignidade

Cresces, cresce,
Para as pessoas que a ti se acolhem
Como refúgio e bem-estar.
Umás porque te admiram
E sentem o teu pulsar radioso;
Outras porque mereces a contemplação do trabalho, do saber,
Da compreensão e da competência,
Do teu modesto e perseverante labor.

Aqui se junta o mundo
Aqui se encontram gentes,
Aqui se cruzam povos,
Aqui existe o Amor,
Aqui se constrói a Vida.

Almada, coração meu,
Sempre povo,
Sempre Bela.



134
Usalma

Correio da Usalma, n.º 5, 2006, p. 6

Quadro de pregação de Santo António do Milagre do Burro

Oliveira Gervásio

No passado dia 23 de Abril realizou-se, na capela do Seminário de Almada, o concerto de Páscoa protagonizado pelo Coro Polifónico de Almada cuja direcção coube ao maestro João Batista Branco.

Alguns alunos do Coro Polifónico da Usalma assistiram a este momento musical mavioso, não só pelo deleite das melodias polifónicas., como também pelo desiderato de inovar as suas técnicas de canto.

No final da actuação, o sacerdote explicou o significado do quadro, que se encontrava na capela-mor, a pedido de alguns presentes.

Após a explicação do mesmo foram convidados por este a dirigirem-se à sacristia onde mostrou um quadro do século XIII de autor desconhecido.

O quadro representava o Milagre de Santo António e do Burro perante a hóstia consagrada.

O milagre deu-se durante uma pregação de Santo António, cujo tema era a eucaristia, levantando-se um sujeito, um herege empedernido, para protestar: “Eu acreditarei que Cristo está realmente presente na Hóstia Consagrada quando vir o meu jumento ajoelhar-se diante da custódia com SS. Sacramento”. O Santo aceitou o desafio. Deixaram o pobre jumento três dias sem comer e, no momento e no lugar pré-estabelecidos, apresentou-se António com a custódia e o herege com o seu jumento, que já não aguentava de pé devido ao forçado jejum. Mesmo meio-morto de fome, deixou de lado a apetitosa pastagem que lhe era oferecida pelo seu dono, para se ajoelhar diante do Santíssimo Sacramento!

Não devemos pensar que o santo se aproveitasse dos milagres para conquistar os ouvintes; mas como verdadeiro discípulo e apóstolo de Cristo, conquistava as almas com muitas orações, com o bom exemplo e clarificadores debates. Graças ao seu esforço e ao de outros missionários franciscanos, a Europa Cristã, em poucos anos, adquiriu uma nova juventude de fé e de vontades: um rosto novo.

Devemos lembrar também que a sua tarefa não se limitava somente à assídua pregação; muitas outras tarefas estavam sob a sua responsabilidade:

Superior dos frades do norte de Itália; fundador dos estudos de teologia na Ordem franciscana, ensino de Teologia em Bolonha, Montpellier, Toulouse (França) e Pádua; e durante os poucos momentos livres dedicou-se à redacção de: “Os Sermões” livro que lhe proporcionou o título de Doutor da Igreja in *Vida do Santo* de Vergílio Gamboso

Santo António nasceu em Lisboa em 1195, primogénito de uma família nobre poderosa e rica. Os pais encaminharam-no para os estudos, desejando-lhe uma carreira de magistrado ou de bispo. Mas a criança, baptizada com o nome de Fernando, bem



cedo começou a desiludir sonhos ambiciosos dos seus progenitores.

Quando completou 15 anos, depois de ter rezado e reflectido muito, abandonou toda a riqueza de sua casa e contrariando os seus familiares entrou no Mosteiro de São Vicente, na periferia de Lisboa; morreu em Pádua com 36 anos de vida de benevolência e dedicação aos que mais necessitavam.

No mundo hodierno, em especial na sociedade coetânea lisboeta, é um Santo de grande relevo e importância ao qual são dedicados momentos festivos como “ As noivas de Santo António ” e os arraiais do dia 13 de Junho. Festas essas que enchem as ruas alfacinhas de muita alegria e júbilo.

Correio da Usalma, n.º 5, 2006, p. 5

Sociologia Clínica

Fernando Nogueira Dias

Sociologia Clínica é um ramo especializado da sociologia geral. O seu objectivo é o de ajudar a resolver problemas e a melhorar a qualidade de vida das pessoas. Para isso socorre-se das Teorias Sociológicas, dos métodos e técnicas de investigação e de técnicas de intervenção. O seu objecto de análise e de intervenção é sempre de carácter social, dizendo este respeito a uma pessoa, a um grupo, a uma comunidade ou a uma sociedade.

O desenvolvimento desta disciplina tem decorrido mediante duas fases: uma diz respeito à explicação dos conceitos teóricos e dos objectivos de sociologia clínica ; a outra refere-se às técnicas de intervenção junto dos alunos.

No âmbito das técnicas foram aplicadas e explicadas as seguintes: análise de situações sociais, de organizações de famílias e de casos pessoais. As técnicas de intervenção, para além das técnicas da sociologia, basearam-se nos conceitos terapêuticos e de desenvolvimento humano da terapia Rogeriana. Por concreto foram realizados grupos de encontro, grupos de tarefa, discussão livre e entrevistas individuais.

A turma seguiu com interesse a disciplina tendo nela participado com motivação e de forma assídua.

Correio da Usalma, n.º 7, 2006, p. 5



Usalma

Viver com Saúde

Os alunos

No final deste ano lectivo, queremos partilhar com os outros colegas da Usalma, o que de útil e interessante aprendemos nesta aula, admiravelmente ministrada pelo nosso professor, Senhor Dr. Luís Hermenegildo. As nossas aulas foram muito participadas, entusiásticas, alegres e, sobretudo, enriquecidas com a cognição e prática do professor.

Ficámos a saber o que era a OMS e quais os seus objectivos, qual é a missão da Direcção Geral da Saúde e analisámos em profundidade as declarações para a Promoção da Saúde das cartas de: Ottawa, Adelaide, Sundswall, Jacart, Bangkok e Do México.

Aprendemos outras coisas muito importantes relacionadas com o nosso dia-a-dia, as quais, embora as conheçamos, não nos apercebemos que elas existem. Como, por exemplo, a nova Roda dos Alimentos que devem fazer parte da nossa alimentação diária, que deve ser repartida por: pequeno almoço, um lanche a meio da manhã, almoço, lanche, jantar e um copo de leite, ou outro alimento leve, ao deitar. Não podemos estar muitas horas sem comer, porque mesmo quando estamos a dormir há órgãos que estão a trabalhar, e as células precisam de ser alimentadas.

A nova Roda dos Alimentos é composta por 7 grupos de alimentos de diferentes dimensões, os quais indicam a proporção de peso com que cada um deles deve estar presente na alimentação diária:

Não é por acaso que a água está colocada no centro da roda. Apesar de não possuir um grupo próprio, faz parte da constituição de quase todos os alimentos e devemos bebê-la em abundância, entre 1,5 a 3 litros por dia, conforme as necessidades de cada pessoa. (Para mais informação consulte: www.publico.clix.pt/pesoemedia/roda.asp).

Com esta nova Roda dos Alimentos onde se encontram as porções que devemos comer em cada grupo, podemos preparar facilmente uma refeição racional, isto é:

- Completa - comer elementos de cada grupo e beber água.
- Variada - comer alimentos diferentes dentro de cada grupo variado diariamente, semanalmente e nas diferentes épocas do ano, aproveitando os produtos de cada Estação.
- Equilibrada - respeitar as proporções.

Não devemos consumir mais calorias do que aquelas que precisamos, para não correremos o risco de ficarmos com excesso de peso e arranjar-mos outras doenças.

Seguir as recordações da nova Roda dos Alimentos e praticar Actividade Física moderada e regular, é fundamental para a obtenção de um peso corporal saudável.

Na população adulta, o Índice de Massa Corporal (IMC) é uma medida que permite avaliar a adequação entre peso e altura.

Um simples passeio a pé com duração de pelo menos 30 minutos realizado diariamente, é um bom exemplo de actividade física moderada e regular.

Ainda aprendemos:

- Ganhos em Saúde:
 - Acrescentar anos à vida;
 - Acrescentar saúde à vida;

- Acrescentar vida aos anos;
- Redução do sofrimento evitável.
- Determinantes da Saúde;
- A Saúde em Portugal
- Doenças que afectam a humanidade, etc.

Correio da Usalma, n.º 9, 2007, p.8

Estudos Alentejanos: As Minas de Aljustrel Aspectos económicos e sociais nos finais do Século XIX e princípios do Século XX

M. Inácia Reis

No *Século XIX*, a revolução industrial, em ligação com a expansão capitalista e com o desenvolvimento dos transportes, vai provocar um alargamento do mercado internacional.

O papel das regiões subdesenvolvidas, como é o caso de Portugal é, sobretudo, o de fornecer matérias-primas agrícolas ou minerais que vão servir de base às indústrias dos países desenvolvidos.

Apesar de a nossa indústria ser ainda incipiente, alguns sectores mereceram o interesse estrangeiro como o das cortiças, metalurgia, tabaco e, principalmente, a extracção de recursos naturais (*minas*).

No entanto, este investimento estrangeiro não leva ao desenvolvimento do País.

Nos anos finais da monarquia um sociólogo francês afirmava que:

- os lucros das minas saem do País;
- não há transformação de minério em Portugal, logo não há indústrias anexas;
- tudo isso contribui para a continuação da inferioridade industrial do País.

O regime saído do 28 Maio de 1926 é de características nacionalistas, tendo Salazar, em 1943, publicado mesmo uma Lei de nacionalização de capitais estrangeiros mas assegurando às empresas existentes as posições adquiridas, como é o caso de Aljustrel. Estas empresas beneficiavam de legislação que lhes assegurava sempre:

- baixos salários;
- segurança;

- facilidade na remessa dos lucros para o País de origem;
- baixos impostos.

Algares e S. João do Deserto em Aljustrel, contam-se entre as quatro maiores minas do País, devido ao facto de o cobre ser um dos metais mais procurados nos finais do Século XIX e princípios do Século XX, porque era usado em componentes para a energia eléctrica e comunicações.

Correio da Usalma, n.º 6, 2006, p. 4

História da Arte

Aproximação à arquitectura gótica em Portugal

José Luís Carvalho

Contexto Histórico

Tal como noutros países europeus, também em Portugal se verificou de meados do século XII a meados do século XIII um grande surto de construções quer de edifícios religiosos quer de construções civis e militares.

Na origem deste facto está o fervor religioso então reinante, bem como a acumulação por reis e senhores, do espólio proveniente do saque da Reconquista. Este espólio foi investido, em grande parte, nessas construções. Para além do fervor religioso impunham-se necessidades de defesa militar e das populações.

A economia e a sociedade estavam a mudar profundamente.

É neste contexto que, embora muitos anos depois de ter sido criado em França (por volta de 1140 na Abadia de S. Denis, próximo de Paris), chega a Portugal o estilo gótico.

Primeira Construção com Elementos Góticos:

Mosteiro de Alcobaça - Foi construído entre 1172 e 1252 pelos Cistercienses. De concepção românica, a abóbada da igreja foi construída em estilo gótico. A decoração era simples em oposição ao que acontecia com outras igrejas de então, porque os Cistercienses tinham como princípio esses ideais religiosos e estéticos.

As torres e a fachada têm actualmente elementos barrocos.

O mestre biscainho João de Castilho dirigiu, por volta de 1509 “a empreitada da nova sacristia fazendo da respectiva porta um depoimento manuelino, com as suas ombreiras em forma de tronco no doso (um esquema conhecido do gótico tardio centro-europeu)”.

Mosteiro da Batalha (Mosteiro de Santa Maria da Vitória) É uma das mais significativas construções portuguesas em estilo gótico. Foi mandado construir por D.

João I, na sequência da vitória na Batalha de Aljubarrota, tendo-o transformado em emblema da Dinastia de Avis, por ele fundada. As obras foram iniciadas em 1386, cabendo ao mestre português Afonso Domingues a sua direcção._

O Estilo Manuelino

O chamado estilo manuelino enquadra-se no gótico flamejante (Gótico Final). As estruturas pouco se alteram. A sua característica fundamental é a exuberante ornamentação. Em parte é a tradicional, mas verifica-se forte influência da expansão ultramarina. São usados motivos naturalistas e náuticos, bem como esferas armilares (símbolo da realeza manuelina) e outros símbolos heráldicos. Os arcos, as abóbadas, os portais e as janelas são muito trabalhados. Certas inovações apresentam-se como que uma aproximação ao Barroco.

O melhor exemplo do estilo manuelino é o Mosteiro dos Jerónimos começado em 1502 (ou 1503?). Esta obra foi iniciada sob a direcção do mestre francês (?) Diogo Boitaca (até 1513) e a partir de 1517 sob a orientação do mestre biscainho João Castilho.

Diogo Boitaca e o português João de Arruda notabilizaram-se na realização de vários edifícios manuelinos.

Expansão e Evolução

A partir da Ile-de-France, os edifícios góticos começaram a difundir-se por toda a França, sendo os mais significativos, no século XII, a Catedral de Notre-Dame de Paris e a Catedral de Chartres, e no início do século XIII as catedrais de Amiens e de Reims.

Estas catedrais provocaram a admiração de todo o mundo cristão pela sua magnificência, começando desde logo a ser imitadas, quer na própria França quer nos países vizinhos, alastrando para toda a Europa, para isso contribuindo de forma decisiva, com as suas viagens, as ordens monásticas mais activas, fortemente implantadas naquele país. Com o decorrer do tempo, foram criadas variantes locais ao gótico francês inicial.

Um século depois do seu início na Ile-de-France, o estilo gótico já atingira a Sicília e a Islândia e, através dos cruzados, já chegara ao Próximo Oriente.

A arquitectura foi dominante no início do Gótico, subordinando-se a escultura e a pintura a imposições arquitecturais. Mais tarde, a escultura e a pintura foram ganhando maior relevância, atingindo o seu ponto mais alto no Gótico Final.

Por meados do século XIV as variantes regionais influenciaram-se mutuamente de tal modo que no início do século XV começa a surgir o chamado Gótico Internacional, em que passa a prevalecer uma certa homogeneidade no estilo.

Em meados do século XV o Gótico começa a decair, e em meados do século XVI quase desaparece. Catedral de Chartres



A sua reconstrução no novo estilo foi iniciada cerca de 1145 por iniciativa do bispo de Chartres, amigo do abade Suger, ambos partilhando os mesmos ideais. Devido a um incêndio, foi novamente reconstruída de 1194 a 1222, com nova concepção, representando “a primeira obra-prima do estilo gótico na maturidade do Gótico Pleno (Alto Gótico; Gótico Clássico)”.

Mantém ainda a maioria dos seus vitrais de origem o que é único relativamente às catedrais construídas na sua época.

Correio da Usalma, 1, 2005, p. 3 e n.º 2, p. 6

Caminhos para a Arte

Joaquim Vital

Haverá diversos caminhos e destinos para a arte. A arte tem muitas leituras. A pintura, a escultura e a arquitectura não são toda a arte. Os vitrais são complementares e ornamentais. É como se estivéssemos num museu e nos confrontássemos com um ror de espaços e salas etiquetados para nossa orientação, por época, ou por estilo.

Antes de iniciarmos este curso da História da Arte, nunca pensámos que o assunto se nos apresentaria tão vasto, talvez ciclópico, e que tudo se resumiria possivelmente a pintores célebres e estatuária vária. Grande engano, que só tem origem na multiplicidade de solicitações ou no desinteresse que haverá em perseguir certos caminhos ou, se dentro de um museu de pintura ou escultura, na procura da cafetaria. O nosso professor, mais que orientador, tem-nos esclarecido bastante e interessado por este mundo da História da Arte e da sua associada ou complementar, a iconografia.

Num sentido lato, a arte pode significar coisas muito diversas. Se só existem artistas e não arte, como pode o mundo apreciar a verdadeira riqueza das obras produzidas? Numa acepção filosófica, se Deus criou o homem, será que a obra divina, na criação dos humanos, não existe mais? Ou, antes, o mundo se teria resumido a grande grupo de protozoários? O pintainho não existiria mais, pois só a artista da galinha estéril imperaria. Indo mais longe, e no campo da arquitectura, cuja grandiosidade não seria em princípio, nosso escopo incluir no ensaio, mas que para rebater afirmação talvez leviana, gostaríamos de salientar aqui as maravilhas dos Jardins suspensos da Babilónia, o Farol da Alexandria, as Pirâmides, a Catedral de Colónia com o Sarcófago dos Reis Magos, S. Pedro de Roma, Mosteiro da Batalha, os Jerónimos, não será isto arte bem viva?

Arte não será porventura, o Buda gigante Kamaku (Japão) ou a Vénus de Milo?

Entremos então nas variantes de outros caminhos e orientemo-nos pela sinalização de espaços e salas. Que estilos e épocas da pintura e escultura iremos procurar ou, pelo contrário, saborear ao acaso? Sigamos o que está em concordância com a nossa cultura e sensibilidade. Consideremos os conhecimentos tão úteis, adquiridos, na História da Arte, associada à Iconografia, e percorramos os espaços e salas

pela ordem que se nos apresentam. Os Esponsais dos Arnolfini, de Jan Van Eyck. Como nota do guia, a arte de Van Eyck atingiu talvez o maior triunfo na pintura de retratos. Um simples recanto onde nada falta: o tapete e os chinelos. O rosário na parede, a pequena escova ao lado do leito, as frutas no parapeito da janela e sobre a arca. É como se pudéssemos fazer uma visita aos Arnolfini na rua residência. Isto é Arte!

Para os letrados da poderosa família dos Medici, a história do nascimento de Vénus ou Vénus surgindo do mar (1485), que encomendou a Botticelli, era o símbolo do mistério através do qual a mensagem divina da beleza viera ao mundo. Isto é Arte!

A Deposição da Cruz, de Roger Weiden, 1435, Retábulo. Óleo sobre madeira. O corpo de Cristo forma o centro da composição. As carpideiras emolduram-no de ambos os lados. S. João, inclinado para a frente, como Santa Maria Madalena do outro lado, tentar amparar a Virgem desfalecida. Isto é Arte!

Vejamos em S. Pedro a Capela Sistina, em que o tecto nos parece mostrar um aglomerado disforme de figuras, mas se nos concentrarmos melhor, no meio de tantos visitantes geralmente ali presentes, e procurarmos um bom ângulo de visão, toda a pintura do tecto, que representa o Juízo Final. Mostrará afinal uma excelente e equilibrada repartição das figuras pintadas. E o museu imaginário costumaria .

Correio da Usalma, n.º 3, 2006, p. 3

Etimologia e significado de Arte

Diogo Perez

No quadro disciplinar da Usalma surge com destaque a Área das Histórias: Universal, de Portugal, Pré e proto-história, de Almada, da Cultura e das Artes das Palavras (etimologia), da Arte.

A História da Arte, com um programa, entre a erudição e a divulgação, pretende conduzir os estudantes à observação informada e à fruição das obras de arte da arquitectura à escultura, da pintura às artes decorativas.

Este programa, pensado para três anos lectivos, teve início no estilo Românico e seus antecedentes, continuando pelo Gótico e Renascimento no 1.º ano; no 2.º ano retoma o Renascimento e Maneirismo, continua pelo Barroco, Neo-Clássico, Romantismo, Realismo, Impressionismo, Pós-impressionismo e Vanguardas do séc. XX; no 3.º ano vamos às raízes: Arte Paleo e Proto-histórica, Egípcia, Grega, Romana, Oriental, Pré-colombiana, etc.

Neste segundo ano da Usalma frequentam a História da Arte duas turmas: uma no 1.º ano, com 30 alunos inscritos e uma frequência média de 80% e outra no 2.º ano, com 20 alunos inscritos e uma frequência média de 75%.

Completam a actividade lectiva as visitas de estudo guiadas aos museus, às cidades e monumentos mais acessíveis e ilustrativos dos estudos realizados. Voluntariamente, a maior parte dos alunos apresenta trabalhos escritos sobre monumentos, pintores, escultores e/ou as suas obras. É de salientar a existência dum site na internet, da iniciativa de um aluno, em que os trabalhos são divulgados e sujeitos a debate. A relação entre os alunos é excelente e a participação constante.

Etimologia e significado de Arte

o vocábulo arte deriva do latim ars (artis), que equivale ao grego *técne*, mais antigo. A palavra grega *técne* significava, de início, a habilidade normal do agente.

A partir da anexação da Grécia por Roma (146 a. C.), mas, talvez, só nos tempos de Cícero (106-43 a.C), surgiu a correspondência entre *técne* e a palavra latina ars, artis. O agente, isto é, o técnico (ou artesão, ou artífice) era estimado na medida em que conseguia imprimir um cunho pessoal (estilo)

aos seus trabalhos. Nas duas línguas antigas e ao longo da duração do seu uso, os dois vocábulos implicaram (ou foram implicando):

- um certo saber
- um certo fazer
- por vezes, um certo sentir, como agrado ou deleite resultante desse saber e desse fazer.

Entretanto, Aristóteles (384 - 322 a. C.) já tinha tematizado *poiésis*, a partir do verbo *poiéo*, como algo que hoje podemos designar como criação artística.

O verbo grego *poiéo* detinha então pluralidade de acepções, entre as quais a de criação, como nomeação e eleição (escolha), com exercício de um influxo, ou de uma eficiência, que poderia fazer compreender o arcaico vínculo da poesia com a música e o canto, como encantamento mágico, anúncio profético ou celebração religiosa. Todavia, por condicionalismo culturais, Aristóteles subvalorizou a *poiésis* (ou a criação artística) em relação a:

- *praxis* (prática, isto é, a actividade cujo fim é imanente ao agente e à operação deste; e
- a *theoria* (ciência), ou seja, a contemplação pura.

Segundo ele, à *poiésis* (criação artística) correspondia actividade transitiva visando um fim (como a produção de uma obra) distinto do agente e da própria operação. Concebeu-se entre o agente e o objecto uma relação fundada na harmonia entre um e outro e na consciência daquele quanto a isso,

pelo que se falou de:

- a) um prazer específico, caracterizado por um sentimento de medida e tonificação que o objecto lhe provoca; e

b) uma co-pertença, que indicia ausência de consumo imediato e/ou subvalorização de interesses pragmáticos do agente.

Depois de 1750, tal relação foi sendo designada como relação estética. E a lembrança de relações estéticas vivenciadas pelo agente

foi designada como experiência estética.

A partir de certa altura, admitiu-se que Arte designa a criação de objectos tendo em vista a experiência estética. Quanto a tal criação, importa distinguir se «objectos» compreende:

- ou o conjunto de objectos originais criados,
- ou a sequência total de objectos criados

Outra acepção de arte designa o conjunto dos artistas (isto é, dos criadores de objectos tendo em vista relações estéticas). Uma outra acepção de arte designa o conjunto de obras de arte (O'sA).

Geralmente, arte com tal acepção emprega-se designando determinado subconjunto do conjunto de OA. Uma obra de arte (AO) consiste num objecto criado tendo em vista proporcionar relações estéticas.

A expressão verbal história da arte corresponde geralmente a história da arte plástica (ou visual). Abarca a arquitectura, o desenho, a escultura, a gravura, a pintura e um sem-número de novas «técnicas mistas» afins daqueles.

Em acepção ampla, arte designa também a música e a literatura, assim como o canto, o cinema, a dança, a mímica, a pantomina, o teatro e várias «técnicas mistas» afins daqueles.

Tal é o, digamos, curriculum vitae de arte - pelo menos o do resumo do seu entendimento mais vulgarizado no continente europeu, na transição do século XX para o século XXI.

Correio da Usalma, n.º 2, 2006, p. 4



Usalma

Aproximação ao Renascimento - Pintura Leonardo da Vinci (1452-1519)

José Luís Carvalho

“A Adoração dos Magos” - Em 1481 foi encomendada a Leonardo pelo Convento de San Donato, em Scopeto, uma pintura de altar - “A Adoração dos Magos”. O artista fez vários estudos e um esboço da composição. Depois de ter trabalhado na obra vários meses seguidos, encerrou a sua oficina em Florença e partiu para Milão.

Mesmo assim, “A Adoração dos Magos” acabou por ocupar, na pintura de Leonardo, um lugar muito importante.

Trata-se de uma pintura de grandes dimensões em que, apesar de inacabada, Leonardo “formulou as suas novas ideias artísticas”. Ao centro, calmamente, Maria com o Menino Jesus ao colo; à sua volta grande movimento das figuras aproximando-se do Menino, em adoração, exprimindo a sua surpresa e emoção.

As reacções humanas expressas nas figuras deste quadro, as cabeças e outros elementos, virão a repetir-se em obras seguintes do artista.

Nesta obra, Leonardo inicia a disposição das figuras principais em pirâmide. Este “padrão compositivo” adquiriria, depois, na pintura renascentista, grande importância e significado.

A figura em pé, em primeiro plano à direita é, segundo alguns historiadores de arte, o próprio Leonardo.

Também na “Adoração dos Magos” Leonardo desenvolve uma pintura que constituiu inovação artística. Embora obra incompleta, mesmo o “preparo”, o artista materializa gradual e suavemente as formas e, ao contrário de Boticelli, (que, como Leonardo, também teve formação na oficina artística de Verrochio) não define contornos. A incidência da luz, torna visíveis, em grau variável, os corpos, que se apresentam tridimensionais, permanecendo incompletas as formas, cujos contornos estão implícitos. É o método de modelar “claro-escuro”.

Correio da Usalma, n.º 6, 2006, p.6

Os Jerónimos do meu contentamento Memória de um aluno / estudante

Felisberto Esteves

O despertar do meu prazer pela leitura começou, teria eu sete anos. Nessa época, a banda desenhada do “Mosquito”, do “Mundo de Aventuras” e do “Cavaleiro Andante” eram a leitura preferida das crianças no dealbar do contacto com as letras.

O primeiro “Jerónimo” escrevia-se com “G” e era chefe apache de alguns dos índios americanos (1830-1909) que vivia nas Montanhas Brancas do Arizona. Soube, mais tarde, já adulto, que terá sido preso pelo General George Cook em 1883. Veio a falecer em 17 de Fevereiro de 1909, depois de ter assolado a Florida e o Alabama com os seus guerreiros.

Aquelas aventuras desenhadas em “banda” naquelas revistas eram emocionantes, daí a grata recordação deste Gerónimo.

Mais tarde, teria 10/11 anos, a minha professora, invisual, mas cheia de amor pelos seus alunos, levava-me e aos colegas da 4.^a classe, que nesse ano passavam ao liceu, em visitas guiadas, mensais, por outra professora auxiliar, amiga, ao Museu das Janelas Verdes, também conhecido por Museu de Arte Antiga.

Aí tive o primeiro contacto com outro Jerónimo que, recordo com saudade, me

inspirava “medo”. Parece paradoxal, ter saudade deste “medo”. A pintura, renascentista flamenga, assustava. O Juízo Final, que mais tarde viria a admirar no Museu Municipal de Brugues, Bélgica, confirmava aquilo que havia apreciado em Lisboa na obra “As Tentações de Santo Antão”, ou António. O quadro existente nas Janelas Verdes, será uma cópia do que existe nos museus reais de Belas-Artes da Bélgica.

Cerca de 30anos depois e para desenvolvimento de estudos teológicos tive ocasião de apreciar o carácter de um outro Jerónimo. Este, elevado aos altares da Igreja, terá nascido em Estridon (Dalmácia – actual região Servo-croata) no ano 340. Este Jerónimo, depois de ter abraçado a vida religiosa foi ordenado sacerdote no Oriente e, no seu regresso a Roma, tornou-se secretário do Papa Dâmaso, que o convenceu a fazer traduções latinas das Sagradas Escrituras, tendo promovido o monaquismo. Desta revisão, resultou o que mais tarde se veio a denominar “Vulgata” ainda hoje usada.

Para fazer este ciclópico trabalho, ter-se-á retirado para uma gruta em Israel, onde terá vivido cerca de 25 anos em ascetismo absoluto. Morreu em 420 da nossa era.

Agora no acaso da vida, venho encontrar um outro Jerónimo, porventura mais “terreno”, dando-me ânimo para prosseguir na busca de conhecimentos da História d’Arte de que tanto gosto. Com ele temos desenvolvido a delicadeza que tiveram diversos artistas na aplicação da criatividade humana no percurso da sua história, ao longo dos séculos, limando as arestas que a cultura, muitas vezes livresca e também apressada, veio sedimentando ao longo do meu autodidatismo. A sua serenidade e conhecimento transmite-nos confiança que é a âncora que segurará o nosso próprio conhecimento nesta matéria. Bem haja, Professor Jerónimo.

Correio da Usalma, n.º 8, 2007, p. 5

No Chiado à tardinha

António Amável S. Martins

Subindo a Rua do Carmo temos logo um ex-libris de Lisboa: a centenária Livraria Bertrand (foi fundada em 1747) e que foi ponto de encontro de muitos escritores, Aquilino à cabeça. Cortando depois para a Rua Garrett houve ali em tempos as tertúlias do extinto Café Chiado e as da Brasileira. Sentado a uma mesa, junto a uma tabacaria, temos o nosso Fernando Pessoa que daqui ouve o sino da sua aldeia que se situa ao lado, no largo São Carlos, onde nasceu (4.º andar esq.).

Teatro S. Carlos

O S. Carlos foi construído entre 1792 e 1793 e é cópia do Teatro S. Carlos de Nápoles. Trata-se de uma arquitectura teatral do barroco tardio, belissimamente decorado e que tem sofrido diversas intervenções.

Saindo pela António Maria Cardoso, de triste memória, desembocamos no Largo das duas igrejas: a sul a dos Mártires e a norte a do Loreto.

Igreja de Nossa Senhora dos Mártires



Substituiu o templo afonsino destruído pelo terramoto de 1755. A 21 de Novembro de 1147 D. Afonso Henriques havia lançado a primeira pedra para a edificação da igreja no local onde foram sepultados os que deram a vida para a conquista da cidade, proclamados mártires, e para onde foi trasladada a imagem da Virgem Maria, que acompanhara os cruzados.

Com o terramoto caíram as torres sineiras e o tecto da nave. Em sua substituição foi edificada uma capela provisória que serviu de igreja paroquial durante quase 50 anos, até à construção da actual igreja. O trabalho em mármore da capela-mor e da nave, incluindo os dois púlpitos, foi obra de mestres da Escola de Mafra.

O acesso é feito por dois lances de escadas e a porta principal tem um baixo relevo representando D. Afonso Henriques dando graças à Virgem pela conquista, motivo que se repete numa pintura do tecto. O corpo principal tem 3 janelões com varandins e sobre o janelão do centro existe um óculo com vitral. A torre sineira nas traseiras é um acrescento do século XIX.

A igreja é barroca de uma só nave com materiais de lioz e mármore de Pero Pinheiro em tons rosa, branco e cinza.

Igreja de Nossa Senhora do Loreto

Gizada pelo arquitecto Filipe Terzi (como aliás várias outras igrejas da capital) foi encomenda de comerciantes ita

lianos em 1517. Era uma das mais ricas da época mas sofreu um incêndio em 1651, foi reconstruída em 1676, com revestimentos em mármore e pinturas italianas, mas o terramoto de 1755 viria a destruí-la quase por completo. Reconstruída, reapareceu com uma fachada neo-clássica, apesar de continuar com elementos do século XVII, particularmente as esculturas que adornam as portas.

A sacristia é revestida a azulejos e as paredes estão cobertas de pinturas.

À margem de tudo o que vai escrito deveria ser realçado o protagonismo dos artífices, para além dos mestres da Escola de Mafra", que tornam sempre possível a construção de todos os monumentos, sejam eles quais forem. Quero terminar com a primeira estrofe do poema da *Pedra de Lioz* de António Gedeão:

*Álvaro Góis,
Rui Mamede,
Filhos de António Brandão,
Naturais de Cantanhede,
Pedreiros de profissão,
De sombrias cataduras
Como bisontes lendários,
Modelam ternas figuras
Na brutidão dos calcários.*

Bibliografia: *Tesouros Artísticos de Portugal*, edições Readers Digest.

Pintura Impressionista

José Luís Carvalho

O movimento impressionista foi uma das matérias que mais interesse despertou na disciplina de História da Arte, no segundo semestre do ano lectivo 2007/2008.

Assim, julgo que terá algum interesse a publicação de algumas notas no “Correio da Usalma” sobre a pintura impressionista.

Aquele movimento surge em Paris na década de sessenta do século XIX, desenvolvida por um grupo de jovens artistas, que pretendiam criar novas maneiras de pintar, ao mesmo tempo contestando o academismo conservador de então.

A pintura impressionista caracterizou-se, fundamentalmente, pela escolha de temas da vida quotidiana, cenas urbanas, paisagens, pintando normalmente em pleno ar livre, no local do tema e perante a realidade, tentando com pinceladas rápidas de cores distintas e fortes em tons claros e luminosos captar para a tela as sensações visuais do momento, explorando os efeitos e cambiantes da luz natural. Explora também sensações de movimento.

Baseia-se na teoria da cor (utiliza o princípio da “mistura óptica” das cores).

Rompe, assim, com os principais temas académicos (mitológicos, religiosos e históricos) e com as cores artificiais dominantes, sombrias e terrosas.

Mal recebida inicialmente pela crítica, foi mais tarde considerada uma pintura de vanguarda, influenciando no último quartel do século XIX e no início do século XX outras correntes artísticas.

O impressionismo francês recebeu influências da pintura naturalista que o precedeu e, por sua vez, inspirou movimentos artísticos de outros países que o adaptaram a uma linguagem nacional.

A designação de “impressionista” foi dada por um crítico de arte (inicialmente com certo sentido pejorativo) acerca de um quadro - “Impressão: Nascer do Sol” - apresentado numa exposição colectiva em 1874, por Claude Monet, um dos mais notáveis impressionistas franceses.

Outros pintores maiores do início do movimento impressionista foram: Édouard Manet; Edgar Degas; Pierre-August Renoir; Camille Pissarro; Alfred Sisley; Frederic Bazzille e Berthe Morisot.

A pintura *Almoço na Relvade* de Édouard Manet, é considerada a primeira a apresentar elementos impressionistas, com inovação na escolha do tema e na técnica de execução, tendo sido, então, alvo de cerradas críticas negativas pelos academistas, e rejeitada para exposição no “Salon” de Paris (em 1863), evento anual, oficial, representativo da arte francesa.

Exposta no mesmo ano no “Salon des Refusés” (salão das obras recusadas pelo júri



do “Salon”) escandalizou muitos dos milhares de pessoas que acorreram à exposição. Interrogavam-se sobre o significado de uma mulher nua colocada no centro da pintura, sentada próximo da sua roupa espalhada, e junto dela dois homens respeitáveis, muito bem vestidos, igualmente sentados, e com um ar de indiferença. Manet não pretenderá contar ou sugerir uma história à semelhança de outros pintores representando a nudez feminina velada e hipocritamente escondida em temas bíblicos ou mitológicos.

As três figuras estão em primeiro plano; o corpo da mulher está fortemente iluminado. O fundo, a folhagem e a mulher que, recatadamente, segura o vestido de banho, são pintados com cores intensas de pequenas e rápidas pinceladas.

Correio da Usalma, n.º 15, p. 9

Museu da Farmácia

Miguel Chagas

Situado num palacete, propriedade da ANF (Associação Nacional das Farmácia), este museu privado iniciou-se com a doação particular do Dr. Salgueiro Basso à ANF. Desde 1996 que o seu director, Dr. João Neto, tem vindo a desenvolver um projecto internacional proporcionando aos seus visitantes uma visão universal da história da farmácia e da saúde, ao longo de 7000 anos de história, apenas com peças originais (cerca de 15000 peças).

Este museu está dividido em duas áreas temáticas principais, dedicadas à farmácia no Mundo, e à farmácia em Portugal.

Farmácia em Portugal

Inicia-se a exposição com a Farmácia Barbosa de Paço de Sousa, exemplar de botica do século XVIII. Segue-se a Farmácia Pacheco Pereira, da 2.ª metade do século XIX, de madeira policromada. Na sequência temos a farmácia Liberal, fundada em 1890, que se situava na Avenida da Liberdade em Lisboa, e respectivo laboratório, onde se efectuavam análises clínicas de hidrologia.

A visita a este sector termina com a exposição de uma farmácia tradicional chinesa oriunda de Macau. Trata-se da farmácia Tai Neng Tong, datada do século XIX com belos armários lacados, painéis de madeiras exóticas e belas talhas douradas.

Farmácia no Mundo - 7000 anos de história

Área de exposição, situada no 2.º piso, com peças fascinantes, que vão desde o neolítico, até aos nossos dias, passando pelas 1.as civilizações históricas do próximo Oriente Antigo - Ex: Demónio Pazuzu (Neo Assíria - Sec. VIII. VII a.c); do Antigo Egipto- Ex. Estrela mágica com Hórus (664 - 332 a.c); da Grécia - Ex: Arybaldos - mundo Grego Oriental cerca do Sec. VI a.c, utilizado para guardar óleos para atletas do Império Romano - Ex: Estatueta em mármore da Higeia, deusa da Farmácia; de civilizações e culturas sul - americanas (México - Colima, 100 a.c - 250 d.c) com figura de corcunda de olhos cerrados; do Islão com o manuscrito de Avicena, intitulado o Cânon da Medicina; de África - Ex: Figura - fetiche do Congo; do Tibete - Ex: Carta

médica anatómica, pintada em tecido, do Sec. XVI; do Japão com a exposição de uma boneca de diagnóstico, em marfim. Existem ainda peças da Idade Média na Europa e vários testemunhos da farmácia no Barroco.

Este museu dispõe ainda de uma caixa de Petri com uma amostra de penicilina com a assinatura, a tinta vermelha, de Alexander Fleming (1881 - 1995).

Outras áreas temáticas:

- Áreas dedicadas ao início do fabrico de medicamentos nas pequenas farmácias e à publicidade de especialidades farmacêuticas.

- Área Espacial com exposição de farmácias portáteis usadas no Space Shuttle "Endeavour", medicamentos da Estação Orbital Mir e comida para astronautas russos.

- Prémios recebidos por este Museu - Melhor Museu Português 1997; Prémio Al-mofariz - Melhor Projecto de Farmácia; 1.º Prémio Nacional de Design Comunicações. Foi ainda nomeado para melhor museu da Europa 2004.

Espero que este artigo funcione como estimulante do apetite. Mas se quiser saciar esse apetite só terá que se inscrever nas visitas a este belo museu.

Correio da Usalma, n.º 15, 2008, p. 10

Museu

Américo Morgado

Passar através de mundos alheios
Iguais aos nossos, mas distantes.
Consciências que ficaram escondidas
Por cada passo que deram
E nos intervalos abertos entre as coisas
Que deixaram, sonhos realizados.
Subir escadas, entregar-me vivo à vida deixada
Olho os olhos da estátua, almas falam
Na cumplicidade estética do belo,
Na identidade de personagens
Estrelas de azul, elos encadeados
Sociedade, adaptações, mentalidades
Repugnância, preocupações, sombras
Me tocam, emboscadas envoltas
Em ciladas que percorro, esquecendo-me de mim
Dentro da vida de outros, que contemplo.
Um museu, ondas vento, que é tempo adormecido
Dentro do tempo, resposta dada, experiência que fica
Válida guarida onde descanso, vendo-te, homem
Aprisionado teu tempo, a tua marca fala
Regressos à liberdade do começo, repouso de morte
Naufrágios de vida, mas sempre vencida e por ela caminhamos

Correio da Usalma, n.º 8, 2007, p. 2

Animação Sociocultural

Manuela Richter

A disciplina de Animação Sociocultural aplicada na Usalma, parte duma reflexão ética e social, combate a lamúria, o auto-comprazimento, a resignação.

É uma auto-consciencialização do corpo, permitindo um novo olhar sobre o mundo, realçando a civilidade, a cooperação, a interdisciplinaridade.

Pretende dotar os formandos de competências transversais, essencialmente ao nível de técnicas, práticas de acção social e de movimento público.

Lançam-se as técnicas e criam-se as práticas direccionais para um projecto de cooperação intergeracional.

Citando Paulo Freire *o Homem é permanentemente a sede entre infância/adolescência/maturidade/velhice*.

Poemas da autoria de um formando, alusivos à época natalícia e que estão a ser trabalhados corporalmente na disciplina de Animação Sociocultural.

Natal

Humberto Santos

É Natal, noite de frio
Províncias cheias de neve
A enchente enorme dum rio
Que em fúria nada a deteve

Levou casas e haveres
Móveis e agasalhos
E àquele de poucos teres
Não lhe ficou um migalho

Outros juntos à lareira
Comendo a farta ceia
Deixam restos na caldeira
Para os pobres da aldeia

Meia-noite, vão rezar
Porque é uso lá na terra
Noutras, canhões a matar
Não é Natal, é a guerra

P'ra quê a guerra infernal?
Meu sentimento é profundo
Que na noite de Natal
Haja paz em todo o mundo

E as crianças, doce graça
Quando olhassem para as ruas
Nunca vissem, p'la vidraça
Mais crianças, quase nuas

Depois, com tantos folguedos
A inocência, descobre
Que é bom, repartir brinquedos
Com uma criança mais pobre

É Natal, é Natal,
Vamos todos dar as mãos
Num cumprimento leal
Pois todos, somos irmãos.

Ciência Política

Américo Morgado

1.º Objectivo

- a) Transmitir conhecimentos teóricos do que é a Ciência Política enquanto tal;
- b) Dar conhecimento da evolução, organização, estruturação da Ciência Política enquanto ciência do poder;
- c) Mostrar numa sequência lógica as sucessivas teorias que fundamentam o agir político, quer a nível das instâncias superiores do Estado, quer a nível das Organizações Políticas de Base;
- d) Explicar que a acção política actua dentro da esfera de uma Sociologia Geral que engloba todas as actividades sociais. (Um facto político é um facto social). Neste caso, a Ciência Política não é uma ciência autónoma.

2.º Objectivo

- a) Esclarecer que a política é uma actividade universal que interliga todos os Povos;
- b) Indicar as Comunidades Internacionais, relações entre si, causas e finalidades;
- c) Destaque preferencial para a União Europeia.

3.º Objectivo

Tratar a Constitucionalidade Portuguesa numa referência histórica a partir das noções de Constituição e Carta Constitucional até à Constituição de 1976.

Esta programação está legitimada pelo Ministério da Educação e Cultura e fundamentada nas publicações oficiais à venda pelas Editoras.

Autores que norteiam o responsável desta matéria:

Adriano Moreira, Maurice Duverger, Émile Durkheim, António José Fernandes, Pedro Almiro Neves.

A formação política que se pretende alcançar abrange todos aqueles aprendizes da prática política numa sociedade democrática.

Claro está que a programação retrata as intenções teóricas e ideológicas do responsável que se responsabiliza pelos motivos essenciais, de alguns desvios e acrescentamentos e eliminações que entendeu fazer.

O responsável não optou pela neutralidade, nem por enaltecer preferências. Há uma transmissão de conhecimento responsável. Não se trata de ler e repetir, mas deixar livre o pensamento para a reflexão que pode conduzir à livre discordância cívica própria do cidadão com o gosto pela Democracia na qual pode expressar as suas preferências por outros regimes políticos.

Gerontologia

Simas Abrantes

No âmbito duma Universidade que é dirigida aos seniores, como a Usalma, é de máxima importância que a Gerontologia tenha uma ênfase e um destaque pronunciados, sem serem necessárias grandes justificações. É uma evidência que um dos principais objectivos da Usalma seja o de estudar e compreender os fenómenos que envolvem o envelhecimento e o bem-estar da pessoa idosa.

Portanto, nesta primeira abordagem achamos necessário estabelecer as principais definições da área:

Gerontologia - ciência que estuda o processo de envelhecimento e toda a envolvência da pessoa idosa.

Trata-se de uma ciência relativamente recente, o que não se compreende muito bem, tanto mais que desde sempre o envelhecimento do ser humano deveria ter preocupado a sociedade, o que só recentemente veio a acontecer.

Portanto, existem factores sociais e demográficos para que esta ciência recente tenha a grande importância que hoje em dia tem nas preocupações governamentais e assistenciais.

Tratar dos problemas do envelhecimento não é só necessário, como se vai tornar obrigatório pelas transformações demográficas que as sociedades ocidentais enfrentam. Mesmo que os dirigentes políticos não queiram ver, os idosos aí estão, em toda a parte, com os seus problemas sociais e médicos para resolver.

Vamos então definir o que entendemos por:

Geriatría - área gerontológica que previne, trata e reabilita as doenças próprias da 3ª idade ou que sejam agravadas com a idade. É a área que dentro da gerontologia individualiza as doenças mais características da última etapa da vida.

Foram os factores demográficos com a inversão da pirâmide etária e o reconhecimento de algumas áreas médicas que individualizaram as patologias típicas da velhice, tendo sido "inundadas" por idosos, o que levou a Medicina a reconhecer o Síndrome Geriátrico.

Síndrome Geriátrico - caracterizado por múltiplas patologias, sintomatologia pouco nítida, medicação pesada tanto em número de comprimidos como de preço, e por último, e não menos importante, as pequenas e grandes incapacidades que obrigam a tratamento preventivo e reabilitador.

Mas isto são conversas para mais tarde, se os dirigentes da Usalma, esta belíssima obra educativa, me autorizarem e os leitores me honrarem com a sua leitura.

Sociologia

Madalena Baptista

A disciplina de Sociologia iniciou com uma turma de dezoito alunos inscritos e com uma carga horária de uma hora semanal.

O programa da disciplina foi dividido em quatro partes: a Sociologia Geral, as Técnicas de Pesquisa Sociológica, o Funcionamento das Sociedades, a Reprodução Social e a Mudança Social.

A assiduidade dos alunos foi em média de 45% e a sua participação foi excelente pelo confronto e debate de ideias, pela troca de saberes e de experiências que foram vividas e partilhadas.

Foi sugerido à turma a realização de um trabalho colectivo em que pudessem aplicar os conhecimentos adquiridos. Após consenso, a turma escolheu o tema “Sexualidade e Religião”. Pretendeu-se com o trabalho dar uma componente prática do ensino e utilização da Sociologia.

Apesar do interesse despertado sobre as questões analisadas, verificou-se que uma hora semanal era insuficiente para um programa tão vasto, o que exige, futuramente uma carga horária de, pelo menos, duas horas semanais.

Correio da Usalma n.º 4, 2006, p.4

Língua Portuguesa

Diana Ferreira

Ter tento na Língua!

A “Língua Portuguesa é muito traiçoeira” diz-nos a vox populi, e isso deve-se indubitavelmente à sua maviosa riqueza vocabular e a toda a plêiade de estruturas sintácticas que podemos construir, mas o mais interessante é a sua riqueza histórica, afinal já temos nove séculos de Português, e a sua expansão pelo mundo, uma vez que é falada por cerca de 210 milhões de pessoas. É a Língua nacional em Portugal e no Brasil, tida como oficial em Angola, Moçambique, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Timor e São Tomé e Príncipe, e também é falada em Goa (Índia) e Macau. Em contacto com outras línguas locais originou os crioulos caboverdianos, guineenses et alii.

Desta forma, logo no incipit das actividades lectivas da Usalma procurei mostrar esta tão grande diversidade da comunidade linguística portuguesa, pondo os alunos em contacto com poemas em crioulo de Cabo-Verde e com as músicas inspiradas nessa poesia, imortalizadas na voz de Cesária Évora. Creio que este primeiro contacto foi desmistificador do que é apelidado, pelo vulgo, de português mal escrito, pois pelo contrário, devemos ter orgulho da nossa língua ter originado outra.

Após este breve intróito, considerarei mais profícuo analisar a nossa língua pátria pelos seus segmentos mais pequenos, ou seja, os fonemas pois são eles que nos vão

ajudar a pronunciar melhor a nossa língua e a conhecê-la mais intimamente. Destas aulas, em Dezembro, resultou um conto de Natal de um aluno desta disciplina que muito divertiu os colegas e ruborizou a professora, porém é grande a satisfação quando a mensagem docente se transmite no lugar de tirocínio.

A sílaba, e a sua moderna forma de analisar, foi uma das matérias que mais causou impacto, pela sua esquelética forma e pela tentativa de consolidar conhecimentos da fonética, dados no ponto prévio do programa.

Não será despidendo, neste momento, referir que o programa de língua portuguesa, que está a ser seguido nas aulas da Usalma, está organizado em várias áreas da gramática, nomeadamente a Fonética e a Fonologia (onde se inseriu o estudo dos segmentos fonéticos e da sílaba supracitados), Lexicologia, Ortografia, Morfologia e Sintaxe. É de realçar, embora as áreas sejam vastas, que apenas serão desenvolvidas algumas matérias mais básicas e relevantes para um melhor conhecimento da Língua e da sua gramática.

O intuito da disciplina e da sua professora é proporcionar momentos didácticos de reflexão da própria língua que falamos e escrevemos, para que esta abordagem não seja contraproducente para os discentes.

Assim sendo, no seguimento do estudo da fonologia, considerei fundamental introduzir a História da Língua desde a influência marcante do Latim Vulgar até ao mundo hodierno, focando mais uma vez os fenómenos fonéticos que provocaram a mudança linguística que viria a originar o português como o conhecemos. Esse estudo torna-se fundamental para que ao entrarmos na área da Ortografia se entenda o motivo da escrita de certas palavras, como por exemplo, conselho, concelho, paço, passo, etc. É neste ponto do programa em que nos encontramos, e que se realizará a partir de um bilhete escrito por um avô de uma aluna, uma análise de problemas ortográficos e suas possíveis soluções. Muitas outras actividades se efectuarão pois é preciso “Ter tento na Língua!”.

Findo aqui esta apresentação, que quer, por um lado, dar a conhecer o que a disciplina de Língua Portuguesa propõe aos alunos da Usalma e que, por outro, tem o desiderato de passar a mensagem que o saber, realmente, não ocupa lugar e não tem idade. Com efeito, ao fim de seis meses de aulas é com um imenso prazer que agradeço aos meus alunos por serem sempre tão interessados e curiosos por estas questões linguísticas! Sem dúvida temos passado uns momentos divertidos a questionar esta língua de quem cantou os feitos do peito ilustre lusitano.

A propósito das primeiras aulas de Língua Portuguesa da Usalma surgiu este **pequeno conto**:

Luís Aragão

Num planeta chamado Terra, os humanos que nele viviam discutiam, discordavam, guerreavam-se sem fim, por tudo... e por nada. Por nada e por tudo. Simplesmente não se entendiam.

Então, era uma vez...

... uma professora de “Língua Portuguesa “, que enviada ao mundo - sabe-se lá por Quem - nele pousando, cândida, uniu os pés, bateu as mãos formosas, e cintilante, sublime, explanou:

- Meus queridos concidadãos... parem com todas as confusões... ouçam-me. A origem de todos os problemas está na intercomunicação, verbal e escrita. Está na Língua, como instrumento de comunicação, no modo como o emissor transmite a mensagem ao receptor, e vice-versa ...

Falou até de vogais, que afinal, eram catorze - e o mundo ouvia, atónito - sim, catorze, foneticamente falando, e em representação de cinco, sobejamente conhecidas, as gráficas «a, e, i, o, u».

Primeiramente assombrado... maravilhado... depois, o povo ficou a saber, ainda, que nove eram orais e cinco nasais, e... blá, blá, blá.

Assim dirimida a questão da incorrecta comunicação entre as pessoas, os povos, as nações - A Língua Portuguesa foi declarada a Língua Oficial do Mundo os humanos passaram a compreender-se, a entender-se, as desavenças e as guerras findaram e todos, sem excepção alguma, unânimes, exclamaram:

[diãna/ãz ulĩdu/fəli/natal]

O Português Língua Estrangeira

Maria Laura Casa Nova

Tem sido difícil conceber e implementar uma estratégia global e integrada para a difusão da Língua Portuguesa, que saliente a sua utilidade, mais a sua indispensabilidade para os falantes de outras línguas poderem comunicar e verdadeiramente, entender a fala, o comportamento e a forma de estar na vida dos cerca de 200 milhões de pessoas inseridas no grande espaço lusófono.

Falar-se de política da língua é falar de uma realidade deste século, pois só no presente século se verificou o fenómeno de massificação do ensino e, dentro deste, se inclui com algum relevo o ensino da língua estrangeira.

A globalização da economia mundial criou a necessidade de um veículo de comunicação prático, conciso, exacto.

A entrada de Portugal na União Europeia, a novos países africanos de expressão portuguesa e o interesse crescente pelo Brasil como potência económica, têm motivado os grandes agentes económicos para esses mercados que apresentam aliciantes perspectivas de desenvolvimento.

Em paralelo, e como resultado deste facto, há actualmente uma maior procura da língua portuguesa, não só dos profissionais que asseguram os contactos entre estados e entre empresas, como também por muitos que consideram a aprendizagem do português como elemento valioso numa futura carreira profissional.

Para organizar este tipo de ensino, há que elaborar uma análise prévia das neces-

sidades, tendo em vista o “grupo-alvo”.

Ensinar português a estrangeiros não é para lhes ensinar a profissão, mas para lhes dar os instrumentos linguístico adequados para que desenvolvam a sua actividade em língua portuguesa.

Para tal, os objectivos a atingir são:

Melhorar o nível geral de competência linguística Domínio de áreas lexicais especializadas

Domínio de competências linguísticas relacionadas com o uso profissional da língua na comunicação escrita que implica passar da língua oral à escrita.

Desenvolvimento da leitura, oralidade, actos de fala...

Integração de aspectos de cultura, sociedade, história e política.

O papel do professor de português como língua estrangeira é muito importante. Deve fazer uma interacção constante com o grupo e retro-alimentação permanente para saber se a direcção tomada é correcta e se adapta às necessidades profissionais dos alunos.

Para tal deve realizar uma análise de necessidades e agir em consequência, adaptar o método às necessidades do grupo, escolhendo materiais e criando outros.

Importante é não perder o sentido estratégico do ensino e divulgação da língua portuguesa.

Correio da Usalma, n.º 4, 2006, p. 4

O Português no Mundo

Maria Laura Casa Nova

Nascidos na Península Ibérica e separado do galego ao longo dos séculos XII e XIII, o português espalhou-se pelo mundo acompanhando passo a passo a expansão ultramarina. No entanto, o domínio actual da língua portuguesa não corresponde aos limites máximos dessa expansão mas tão só ao que ela era no século passado, isto é, o Brasil, os cinco países africanos da língua oficial portuguesa, o antigo Estado da Índia Portuguesa, Macau, Timor. Nos restantes territórios ficaram algumas marcas, das quais as mais importantes se encontraram no Senegal, na ilha de Ceilão e na Península Malaia.

Em tempos mais recentes, assistimos a uma nova expansão do português devida à emigração. A Europa Ocidental, as Américas no Norte e do Sul, a África do Sul e a Austrália acolheram muitos milhares de portugueses que aí se organizaram em verdadeiras colónias, criando associações, paróquias, clubes desportivos, dispondo de jornais, rádios e televisões próprias e impondo estudos secundários e universitários para os seus filhos.

Os países com maiores concentrações de portugueses são, por ordem, a França, a África do Sul, os Estados Unidos, o Canadá, a Venezuela, a Suíça, a Alemanha, a Espanha e a Austrália e, finalmente, a Inglaterra, a Holanda, a Argentina e a Bélgica.

Nos nossos dias o português é a língua oficial de mais de duzentos milhões de homens e mulheres, o que faz dele a terceira língua de raiz europeia mais falada no mundo. Este facto é particularmente relevante quando sabemos existirem mais de 4000 línguas e dialectos reconhecidos. Embora não seja possível dizer com precisão quantos o falam como língua materna, os estudos mais recentes situaram-no antes do francês e antes do alemão, por exemplo.

Apesar de ser pequeno o território que o viu nascer, o português criou uma série de diferenciações regionais que os estudiosos têm tentado organizar em conjunto de falares. As posições mais unânimes falam-nos de dois grandes grupos, um ao norte e outro ao sul de Portugal, divididos ainda eles em dois sub-conjuntos. Assim, temos o conjunto dos dialectos do Alto Minho e de Trás-os-Montes, o conjunto do Baixo Minho, do Douro e das Beiras, o conjunto do Centro Litoral e, por fim, o do Centro Interior e Sul. Apesar das suas diferenças, considera-se que os falares dos Açores e da Madeira se aproximam mais do grupo Sul do que de qualquer outro.

Paralelamente às variedades regionais, o português apresenta outras de ordem social, relacionadas com grupos profissionais ou de afinidade sócio-cultural. No primeiro caso, encontramos algumas gírias mais ou menos definidas que assentam essencialmente em vocabulário técnico de uso restrito—médicos, advogados, políticos e, mais recentemente, pessoas das áreas económicas e informática. O segundo caso, próprio de grupos marginais ou auto-marginalizados e que, em certo momento, englobava algumas gírias “profissionais” (contrabandistas, feirantes, etc.), cobre hoje os calões dos que se dedicam a desportos novos, dos que têm hábitos pouco convencionais, das classes mais baixas ou das classes mais altas da textura social portuguesa.

Um outro tipo de variedade social é a que depende da idade do falante. Sempre tais diferenças se registaram na prática de uma língua (linguagem de crianças, linguagem de adolescentes, linguagem de idosos...). Não é fácil tipificá-las, porque há grupos sociais em que elas são mais evidentes do que noutros. Ainda assim, a evolução da sociedade e a diferenciação de interesses entre os diversos grupos etários criam algumas diferenças linguísticas que aguçam o interesse do investigador.

Os Crioulos de base portuguesa: As relações humanas (comerciais, religiosas, políticas...) estabelecidas entre os portugueses descobridores e colonizadores e a poucos que iam encontrando ao longo das costas exploradas geraram instrumentos de comunicação, línguas veiculares, a que costumamos dar o nome de pidgins. Eram pouco mais do que conjunto de palavras, com um sistema morfológico muito reduzido, que usavam em forte apoio do gesto para poderem servir de transporte da informação, do pedido, da ordem.

Pouco a pouco, algumas desses pidgins foram-se desenvolvendo e estruturando, chegando alguns a ser língua materna dos povos nascidos nessas regiões de contacto intenso, algumas das quais despovoadas antes da chegada dos portugueses. Hoje em dia, há vários crioulos, de base portuguesa, no mundo (assim chamados porque

foram criados a partir da presença portuguesa e utilizando o português como língua estruturada). Entre eles, e para além do cabo-verdiano, há o crioulo da Guiné-Bissau e de Casamansa, os crioulos do Golfo da Guiné (S.Tomé e Príncipe, Ano Bom...), os crioulos indo-portugueses, o crioulo de Malaca e os da Costa norte da América do Sul. Isto sem falar dos “semi-crioulos” de algumas regiões do Brasil, de Angola e de Macau.

O crioulo de Cabo Verde nasceu das relações estabelecidas pelos portugueses com os escravos negros trazidos da costa ocidental de África. Num primeiro momento, a política colonial defendia o interesse da separação dos grupos étnicos, o que separou os portugueses e os africanos de cada etnia em grupos estanques. No entanto, em breve surgiu a necessidade de uma língua de contacto que permitisse a comunicação. Essa língua usou como base o português e recebeu elementos lexicais dos variados idiomas em presença.

Assim surgiu o pidgins de Cabo Verde. A sua passagem a crioulo foi a consequência natural de comunicação útil. Pouco a pouco se geraram situações linguísticas mais liberas e, por isso, com maior dose de abstracção (referências espacio-temporais, relações interpessoais...). Por outro lado, o nascimento de novas gerações em situação “crioula” (isto é, criada em casa ou sob domínio do senhor colonial) levou naturalmente a uma generalização desta língua mista e à sua reestruturação em ordem a servir os interesses dos falantes. Tem sido este crioulo, desde o início do século XVI, a língua comum dos cabo-verdianos.

Como qualquer língua, o crioulo tem estruturas e regras que lhe são próprias e que em nada se confundem com o português. Entre elas, assumem particular importância o sistema verbal e a morfologia nominal. Como, no entanto, a base lexical tem muitos elementos comuns, não é raro estabelecerem-se confusões entre as duas línguas. Trata-se de “interferências”, usos de palavras portuguesas com o sentido que palavras iguais têm em crioulo e vice-versa ou até de palavras de uma língua quando nos estamos expressando na outra. Mais do que delimitar fortemente o léxico de cada língua, importa ser-se capaz de distinguir estruturas e perceber qual a verdadeira fronteira que as separa.

Correio da Usalma, n.º 7, 2007, p. 4 e n.º 8, p. 3

Português para estrangeiros O meu nome...

Colette Costa

Cada vez que
Olho para ti
Lembro-me da
Estação em que
Te conheci
Tu estavas tão
Entretido,

Gozando
Umás férias
Imensamente merecidas
Longe do reboliço da vida que
Levavas na cidade
Onde
Te tinhas instalado havia muito tempo.

Deixei o lugar onde estava.
Andei na tua direcção,

Com muita calma
Olhaste para mim
Sorrreste,
Tombei nos teus braços...
Amor à primeira vista!

Correio da Usalma, n.º 9, p. 4



Usalma

Francês III

Maria Laura Casa Nova

Colette Costa, la professeur de français nous donne la capacité de penser en français d'une forme explicite, exposant les idées.

Elle est, au même temp, élève de portugais où elle développe ses études pour perfectionner l'idiome.

Momentos de Partilha com Sabor Inconfundível num almoço memorável a 20 de Março de 2007

Maria José Januário

Num qualquer dia de 2007 encontraram-se para partilhar a forma como iriam degustar a literatura: com prazer e em boa companhia.

É um dos grupos deveras interessante e que já tem dado que falar, pelo sentido de partilha e boa disposição. Dir-se-ia mesmo um espaço de grande qualidade humana que relança memórias lidas e vividas em maravilhosos momentos de revelação, sensibilidade e alegria.

Tornou-se assim numa colheita de grande qualidade que tão bem mistura algumas castas mais jovens, de cor carregada, com tonalidades vermelhas de entusiasmo e paixão com castas mais maduras, que tornam o aroma mais intenso da experiência e o sabor mais encorpado para um resultado mais prolongado.

No fundo, cruzam-se desta maneira vários processos de produção para uma fascinante fermentação de sentimentos e emoções.

É sabido que ainda se encontram a meio do estágio de 2007, realizado em cartolas literárias do que de melhor existe dos nossos escritores portugueses, mas revelaram desde o início uma atitude em que a tradição surgia sempre renovada e aberta a novos horizontes.

E em jeito de conclusão, uma homenagem a um grande poeta do inconformismo:

Discurso

*No dize-tu-direi-eu
Havia um que dizia
Quer dizer é como quem diz
Que o mesmo é não dizer nada
Tenho dito.*

Alexandre O'Neill

Aos meus estudantes de Literatura Portuguesa da Universidade Sénior

É Natal

Maria Leopoldina Amaral

Pára aí! É já Natal
Tempo de amor sem igual!

Põe nos lábios um sorriso
Que venha do coração
Lá bem do fundo da alma
E nada mais é preciso
P'ra acabar co'a solidão
P'ra vida ficar mais calma.
Põe nos lábios em sorriso
E nada mais é preciso

Pára aí! É já Natal
Tempo de Paz sem igual!

É tempo de dar presentes
Com carinho, com amor
A todos do mesmo jeito
Deita p'ra fora o que sentes
Dá a ternura, o calor
Que te enche, inunda o peito
É tempo de dar presentes
Deita p'ra fora o que sentes

Olha bem em teu redor
Estende a mão e sorri
Tenta minorar o mal
Ajuda os outros
Reparte um pouco de ti

Pára aí! É já Natal ! ...

Correio da Usalma 1, 2005, p. 1

Natal

João Saraiva

Numas palhinhas deitado,
Abrindo os olhos à luz,
Loiro, gordinho, rosado
Nasce o Menino Jesus.

Uma vaquinha bafeja
Seu lindo corpo divino,
De mansinho, que a não veja
E não se assuste o Menino!

Meia noite. Canta o galo.
Por essa Judeia além
Dormem os que hão-de matá-lo,
Quando for homem também...

E, pensativa, a Mãe Pura
Ouve, fitando Jesus,
Os rouxinóis na espessura
Dum cedro que há-de ser cruz!...

Correio da Usalma, n.º 6, 2006, p. 7

Sonho de Natal

José Albino

Sonhei que era Natal
Natal verdadeiro
Havia paz na terra
No universo inteiro.

Movidos do mesmo espírito
Os homens eram irmãos
Unidos na verdade
Davam as mãos.

Diferenças, não havia
Raças, credos, desilusões...

Havia fraternidade, tolerância,
Amor nos corações.
A terra era bendita
O mal eliminado
Nascia o deus menino
O menino era amado.

Foi um Natal sonhado
Não é realidade.
Na terra, não há paz.
Aos homens falta a caridade.

Correio da Usalma, n.º 6, 2005, p. 1

Postal de Natal

José Albino

Um dia,
alguém me enviou
um postal.
Era Natal!
Esse alguém estava cheio de esperanças.
Mas dele apenas ficou
uma estampa de lembranças.
Lindo postal, afinal
bem colorido,
com uma menina
de lindo vestido,
encarnado, rodado,
dando milho aos pardais.
Ela sempre foi
amiga de animais!
A paisagem tinha neve
e ela caminhava,
ao de leve,

com um sorriso na boca
de felicidade, louca.
(Tempo delirante,
esse, de estudante...)
À sua volta, a saltitar,
os pardais, à solta,
cantavam nos beirais.
Hoje guardo ainda
aquele postal,
dum distante Natal;
de uma menina linda,
que não tem idade,
mas cuja imagem
é de felicidade.

Profalamda, n.º 11, 2007, p. 8

Conto de Natal

Usalma, o primeiro sorriso

Luís Aragão

Algures

Aqui... na imensidão sublime do Universo... neste planeta deífico a Terra, neste continente unido, a Europa, neste país tão nosso, Portugal, em Almada, linda e acolhedora Almada... onde Ele, Magnânimo, no betão alto edificado, o reconhece de braços abertos, delimitando-lhe a frente concelhia, expondo-a desde a Cova do Vapor até Cacilhas... a vida dos seus habitantes, os Almadenses, decorria próspera, sociável e tranquila... tudo tinham, tinham tudo, até, como em todas as histórias ... um porém.

Um Porém

Todavia... os jovens idosos que nela viviam, importantes para suas famílias e cidade, após acompanharem os netos à escola e aprovisionarem seus lares de mantimentos, entre outras mil tarefas, deambulavam, zigzagueando, em passeatas monocórdicas, pelas artérias da cidade, felizes, mas... incompletos. Então, numa noite, noite de paz... todos eles, em simultâneo, sem o saberem... das honradas janelas de suas casas, por entre as vidraças onde se espelhavam quentes e irrequietas lareiras, irradiadores, observando impreenchidas cintilantes luzes de Natal, que iluminavam as iluminadas ruas, parques, praças e avenidas de Almada, montras de ricas e sugestivas lojas ostentando brilhos vários, anunciando pequenas e grandes felicidades, paraísos terrestres, seus olhares, vagos, ergueram-se e...descansando interrogativamente no azulado preto do céu, seguiram, curiosos, uma decidida e luzente estrela que... inabalável nos seus propósitos, única, lhes ouviu confidenciar...

“... Por que não temos tudo?”

Uma Estrela

E a estrela, oriente, ainda que continuamente resoluto, reluzindo, sussurrou-lhes, sobressaindo ruas e lugares, moradas... Usalma...Usalma!

Sorrisos, sorrisos, alvos, rostos lindos ternos rostos dignos, olhos de brilhos húmidos... e cúmplices, prometendo (não) guardar segredo - Aprender é viver melhor - eclipsaram-se no fechar das cortinas, regressando para suas noites especiais, para suas famílias, felizes, completamente felizes.

O Primeiro Milagre

Noite de Natal, na Judeia, em Belém, ali mesmo ao lado de Jerusalém, entre Maria e José, recém-nascido - Jesus - esperneou, esbracejou, fez hã! hã! e... pela primeira vez... sorriu.

Fim

Natal de 2007

Correio da Usalma, n.º 11, 2007, p. 1 e 3



Tarde Outonal

Fernando Antunes

Tarde de Outono
Sofro por isso
Com saudades da Primavera.

Nuvens espessas...
Clareza baça...
Folhas amarelecidas
Arrastadas pelo vento...

Irei também eu assim
Tocado pelo tempo...

Desfaleço.
É na tarde baça que me converto,
Volátil, sou espírito, apenas,
Diluído em melancolia.

Vozes...risos de criança
Ecoam no final desta tarde outonal
E eu ressuscito
Numa onda de alegria e esperança..

Correio da Usalma, n.º 5, 2006, pág. 1

Poemas para Ti

Américo Morgado

Sei quem és
Conheço-te

Mas, não te explico!

Olho a erva
Vejo-a
Olho o céu
As cores que tem.
Mais além,
Corpos celeste
Gravitação
A terra suspensa.

Nada explico

Olho, vejo, contemplo
Sem saber porque faço.
O que vejo, é

Ou é o que penso
Imaginando ser
O que é?

Nada explico
Estou aqui para te olhar
A beleza é fugidia
Em mim, permanência!
As pinceladas falam
As metáforas ecoam
Fragmentos de ti.

Só sei, que olho e vejo.
Falar, só sei dizer
Amo, creio.

A verdade é silêncio!
E por aqui me encontro.

Mas, não te explico

Hei-de cantar!

Quero que a canção
Permaneça
Em meu coração
Em meu verso
Em meu tormento
Minha desolação.
Quero que a canção
Não estanque
Seja para sempre
Artéria a brilhar
Escarlate
Até que meu ser se esgote

Maria Petronilho

Hei-de cantar!
Ai, vou cantar!
Digam que não posso
Nem devo,
Deixai-os dizer!
Desobedecendo fui e irei!
Hei-de continuar
Cantando!!!

Correio da Usalma, n.º 7, 2007, p. 5

Nas Asas do Mar

Maria José Januário

Tal como foi referido no nosso número 6, de Dezembro último, apresentamos agora uma referência ao livro de poemas da aluna Maria Petronilho, incluindo a apreciação feita pela professora de Literatura da Usalma Maria José Januário, além de um poema da autora que consta do mesmo.

Na tradição dos grandes clássicos...

Maria Petronilho afirma em breves notas biobibliográficas “ tento transmitir a grandeza das pequenas coisas” e eu acrescento que o faz através de uma escrita simples, límpida e de profunda reflexão sobre o sentido da existência humana. O leitor é, desde o primeiro poema, envolvido pelas emoções e sentido estético da poeta que consegue elevar a descrição de pequenas situações do seu quotidiano a belíssimos momentos poéticos cujo sentido se torna universal.

Maria Petronilho segue assim a tradição dos nossos grandes Poetas: Fernando Pessoa com a procura da identidade e o sentido breve da felicidade, Miguel Torga com a questionação a Deus, Eugénio de Andrade com a urgência do amor e Sophia de Mello Breyner Andresen com a palavra interveniente na busca de um mundo mais justo e belo.

Uma obra a incluir na nossa biblioteca.

Correio da Usalma, n.º 7, 2007, p. 5

O Barroco

Joaquim Augusto de Oliveira

O Barroco é um estilo de apresentar a Arte, numa dinâmica cheia de variedades e movimento que busca a perfeição, talvez até com exagero de formas e elementos ornamentais cheios de subtilezas, no jogo do espírito e da mente humana. A imaginação Barroca procura a alegoria para o desenvolvimento das ideias e para estabelecer a passagem entre a razão e a realidade, o mundo humano e o divino, o material e o espiritual.

A literatura Barroca chega a Portugal no século XVII, por influência do poeta espanhol Luís de Gôngara cuja escola gongórica é caracterizada pelo cultismo e conceptismo. Mas a Arte Barroca abrange todas as áreas desde a arquitectura à pintura à decoração, à música e à literatura. Mas o cultismo e conceptismo na literatura exagera na profusão de elementos decorativos da frase, de trocadilhos e até de figuras gráficas extravagantes.

O estilo Barroco apareceu, após o esgotamento dos temas clássicos que vinham dos séculos anteriores que tinham como fim combater o obstinado pensamento cristão da Idade Média, que se opunha ao advento das ideias novas e a consequente repressão e censura da Inquisição do Santo Ofício.

Mas como na vida tudo tem o seu tempo, o Barroco foi contestado ainda no século XVII, pela sua frivolidade e intelectualismo exagerado. Foram seu detractores os Arcades que fundam as primeiras academias, para estimular e aperfeiçoar a literatura e logo aparecem a Fénix Renascida e o Postilhão de Apolo, que foram as duas Colectâneas Poéticas mais importantes do século VII, cujos poetas e poetisa mais salientes são. Frei Jerónimo Baía, Dr. Simão Cardoso, António Barbosa Bacelar, André Nunes da Silva, Francisco de Vasconcelos e Soror Violante do Céu.

Depois com a rejeição do Barroco, logo no século XVII surge um movimento da Arte neoclássica, recriando o estilo simples e harmonioso da Arte Greco-Romana, imitando o espírito do Renascimento Quinhentista. Do qual logo apareceu literatura de tendência autonomista, já com esboço de uma crítica social, mas ao mesmo tempo de expressão dúctil, que vai enriquecer a nossa língua e dar-lhe maturidade.

Esse movimento vai-se alargando e com uma perspectiva de viver e de criar em liberdade, insubmissa a leis, ou seja o Pré-Romantismo, do qual Bocage é uma das figuras que se impõe, embora também a Marquesa de Alorna e Filinto Elísio lhe estejam associados.

Depois, entre os finais do século XVII e início do século XIX, aparece o Romantismo, a criar uma concepção idealista da vida e da estética, numa atitude de constante desprezo e rebeldia, face às normas estabelecidas. Almeida Garrett e Alexandre Herculano, são os primeiros autores do Romantismo.

Um Pouco de Pessoa

Ana Maria Neves

Dia 13 de Junho de 1888 nasce em Lisboa, no Largo de S. Carlos, Fernando Ant3nio Nogueira Pessoa, que viria a ser o maior poeta de l3ngua portuguesa do s3culo XX.

Fica 3rf3o de pai aos cinco anos de idade e, sua m3e casa mais tarde com o c3nsul portugu3s em Durban (3frica do Sul), para onde Pessoa vai viver e a3 fazer os seus estudos at3 entrar na Universidade do Cabo, que frequenta em 1903/1904, tendo recebido o Pr3mio Rainha Vit3ria, por um pequeno ensaio em l3ngua inglesa (que domina na perfei33o) para ingresso nos estudos superiores.

Em 1905 volta a Lisboa, cidade onde se sente um estrangeiro na sua pr3pria terra. Matricula-se no Curso Superior de Letras, que frequenta s3 durante alguns meses.

Dedica-se ent3o ao estudo de fil3sofos gregos e alem3es.

Desde 1908 at3 3 sua morte trabalha como correspondente comercial para v3rias firmas, uma vez que falava ingl3s com a mesma flu3ncia que o portugu3s.

S3, sem fam3lia e sem amigos (M3rio de S3 Carneiro 3 o 3nico que se lhe conhece), com inclina33o para viver sem compromissos, dedica-se 3 escrita de um modo intenso, ali3s, j3 desde os treze anos que escrevia poemas em ingl3s.

O seu interesse pela arte liter3ria leva a colaborar em v3rios movimentos culturais, como «A 3guia» e em 1915, na revista “Orpheu” da qual dirigiu o 2.º n3mero. Dirigiu tamb3m a revista «Atena».

Durante a sua vida s3 editou quatro pequenos livros de poemas em ingl3s e a Mensagem que ganhou o pr3mio Antero de Quental em 1934.

Como bom gemeniano que era, tinha m3ltipla personalidade que se revela nos v3rios heter3nimos com que escreve, tendo cada um caracter3sticas e identidade pr3prias manifestando-se nos seus poemas. Chega mesmo ao ponto de lhes atribuir fun33es profissionais. Assim em Mar3o de 1914 surge uma compila33o de poemas da autoria de Alberto Caeiro a quem Pessoa atribui a fun33o de seu mestre. Logo trata de lhe arranjar outros disc3pulos; Ricardo Reis e 3lvaro de Campos.

Em prosa escreveu o Livro do Desassossego sob o nome de Bernardo Soares, seu semi-heter3nimo, pois 3 quem mais se lhe compara em personalidade e at3 na profiss3o, apresentando-o como Guarda-Livros, trabalhando numa casa importa33o/exporta33o, na rua dos Douradores e, tal como Pessoa, vivia s3, bebia e fumava muito.

Sabe-se hoje que com menos import3ncia do que estes, o Poeta criou cerca de setenta e dois heter3nimos, estando agora a ser analisado o esp3lio em astrologia deixado por Pessoa, que ao que parece, por um erro de poucos minutos (cerca de dois) na hora do nascimento errou a data certa da sua morte no seu mapa astrol3gico que elaborou.

Fernando Pessoa morreu fisicamente em 30 de Novembro de 1935.

*Não sou nada
Nunca serei nada
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os senhores do mundo.
Estou hoje vencido, como soubesse a verdade.
Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer.*

Correio da Usalma, n.º 9, 2007, p. 9

Viagem pelo Mundo da Literatura

Fernando Antunes

Anos lectivos: 2005/2006 – 2006/2007

Guiados pela professora Maria José Januário iniciámos uma viagem pelo mundo Literatura.

Completámos já alguns itinerários...

A nossa primeira excursão, se bem se lembram, foi a Santarém...

E fomos em boa companhia com Almeida Garrett que “com este clima, este bom ar que Deus nos deu” ... Não quis ficar no seu quarto...

Tejo acima “fomos contemplando o majestoso e pitoresco anfiteatro de Lisboa” ... Assistimos a uma polémica disputa entre campinos e ilhéus...

De Vila Nova da Rainha cavalgámos até Azambuja, pernoitámos numa estalagem.e que estalagem!

Prosseguindo a viagem ouvimos contar uma linda história de amor... a de Carlos e Joaquina, a de olhos verdes!

Desta viagem retemos os seguintes ensinamentos:

- O quanto original tem a nossa Literatura
- Quanta beleza há no nosso país
- Quão rico é o nosso património e tão mal aproveitado que o deixamos cair em ruínas

Completada a viagem, de regresso, deambulámos por Lisboa...

Foi nosso cicerone um rapaz que trabalhava numa casa de ferragens, Cesário Verde, lembram-se dele...

Inusitadamente, descreve-nos uma Lisboa autêntica... as suas ruas e vielas, “uns barracões de gente pobrezita e uns quintalórios velhos com parreiras” ... Mostra-nos ainda um bairro moderno com a larga rua macadamizada...

Fala-nos também das suas gentes: as peixeiras, os calceteiros, os homens de carga...

Assistimos a um pic-nic de burguesas onde “houve uma coisa simplesmente bela”... Nós também vimos! “Foi o supremo encanto da merenda”...

Metemo-nos depois por outros caminhos...

Conhecemos o Senhor Fernando Pessoa, um homem esguio, fato escuro, óculos graduados e chapéu de feltro...

No fundo um “moderno”!

Um fingidor, dizia ele...

Depois de nos dar a conhecer como Fernando Pessoa (o próprio) desatou a inventar outros nomes, apresentando-se ora como Alberto Caeiro, ora como Ricardo Reis... Álvaro de Campos e outros mais ainda...

Pelo caminho, conhece mos também o seu particular amigo... Mário Sá Carneiro que, soubemos, veio a falecer em Paris.

Numa outra viagem surge-nos uma *Aparição*... Visitámos Évora e é com Virgílio Ferreira que penetramos no Neo-realismo e no Existencialismo; Outros rótulos haviam já sido colocados nas nossas bagagens: Romantismo, Realismo, Modernismo...

Penetrámos na corte de D. João V e assistimos à construção do convento de Mafra – um prémio Nobel acompanha-nos: José Saramago!

Depois... ouvimos jograis... Escutámos *Cantigas de Amor* e *Cantigas de Amigo*... Também *Cantigas de Escárnio e Maldizer*.

Numa cidade sitiada – Lisboa – assistimos à resistência dos seus habitantes. É Fernão Lopes que nos assinala os locais onde se sucedem os momentos mais dramáticos.

Depois de uma passagem pela “*írica de Camões* seguimos a grande Aventura dos portugueses na descoberta de Novos Mundos.É com *Os Lusíadas* que embarcámos por *mares nunca navegados*...

E uma vez mais Pessoa... desta vez com uma *Mensagem* apontando-nos o caminho de um *Quinto Império*...

Quase todas estas leituras – viagens como as designei para utilizar uma metáfora – tinham feito parte de um programa que no meu tempo de Liceu fui cumprindo... como sucedeu com todos nós decerto.

Contudo, as leituras orientadas pela professora Maria José Januário avivaram-nos a memória e levaram-nos à descoberta de outras perspectivas. Dou como exemplo a leitura da Crónica de D. João I... Foi realçada a atitude dos Almadenses, a sua resistência ao invasor... ficámos todos orgulhosos do passado da nossa cidade.

Nas últimas etapas fomos ao encontro de José Régio... Sophia de Mello... Miguel Torga...

Em Régio depara-se-nos uma encruzilhada; a propósito debatem-se conceitos sérios porquanto fruto da formação e experiência de cada um. A elevação do debate

conferiu a todos os intervenientes um alto grau de maturidade pelas convicções próprias e respeito por todos.

Em Sophia de Mello surge-nos a beleza do verso... a denúncia de injustiças... o mar... a praia onde a poetiza encontra a própria liberdade.

Torga remete-nos em prosa, e em verso também, para a terra, um Portugal profundo que ainda hoje nos surpreende e encanta.

Para além do *programa* muitas outras leituras foram partilhadas ou sugeridas... Romeu Correia... Ferreira de Castro... Aquilino Ribeiro... Manuel da Fonseca...

Penetrámos no universo da Lusofonia: Craveirinha... Mia Couto...

Foram dois anos de *viagens*... comentadas ao sabor da memória... Outras em breve se seguirão...

Correio da Usalma, n.º 13, 2008, p. 11 e n.º 14, p. 4

O Sonho de Menino

Manuel Anjos Delgado

Era um menino traquina
que vivia com o avô
mas era tão pobrezinho
esse humilde rapazinho
que todos dele tinham dó

Quando ia para a escola
via os amigos brincar
mas o pobre coitadinho
Nunca tinha um bocadinho
pois tinha de trabalhar

Foi então que certo dia
Quando saiu da escola
Não cumpriu com o dever
De o seu trabalho fazer
Ficou a jogar à bola

Vivia bem lá na serra
onde o ar é bem mais leve
pensou então que podia

e mesmo sem companhia
fez uma bola de neve

Todas as noites sonhava
Levantava-se bem cedo
A criança semi-nua
Vinha então para a rua
Adorar o seu brinquedo

E certa noite sonhou
Acordou cheio de medo
Porque de noite choveu
A neve se derreteu
E ele ficou sem brinquedo

Muito triste foi crescendo
Sempre, sempre trabalhando
Faz um juízo profundo
Viu que a vida neste mundo
Não é vivida sonhando

Sentada à janela

Maria Adelaide Ferreira

Sentada à janela
Dum sonho abstracto
Revejo os caminhos que não percorri
E meus braços são mastros
São velas, são asas ...
Minha alma um tormento
Meu corpo um navio
Perdido nas brumas
Dançando nas ondas
Ao sabor do vento.

E quando o meu rumo
Quase se adivinha
Eis que de repente
Meus braços são cordas
Baraços e laços
Tecendo uma teia
Que trava meus passos ...
E quedo-me ali
Suspensa à janela

Revedo os caminhos que não percorri.

Correio da Usalma, n.º 2, 2006, p. 5

Dia de Praia

Manuel Delgado

Lá vou de carrinho
outros de carrão
falta a gasolina
vai de empurrão

Lá vai o carrinho
sempre a buzinar
metido na fila
sem poder andar

Lá vou bem cedinho
cheio de genica
com o meu carrinho
para a Caparica

Lá vai o carrinho
sempre a buzinar
metido na fila
sem poder andar

Lá vou de carrinho
outros de carrão
falta a gasolina
vai de empurrão

Que calor que eu tenho
este sol abrasa
já não vou ao banho
volto já p'ra casa

Que calor que eu tenho
este sol abrasa
já não vou ao banho
volto já p'ra casa

Correio da Usalma, n.º 4, 2006, p. 5

Argumentação

Américo Morgado

Viver os poderes da argumentação, é surgir, vencer
Pela palavra viva, arrojada, atrevida, defensiva
A ser utilizada, burilada em situações melindrosas
Como as do amor que alguém deseje convencer
Amor que precise de ser argumentado não é amor
Bush por amor argumentou invasão do Iraque
Saddam por amor argumentou um Iraque
Que mantinha pela força apertado, violento
Bin Laden por amor argumenta o terror organizado
É o poder da argumentação malévolo
Amor fingido gera o desamor intencional
Coisas do pensar humano e das razões que o alimentam
Armadilhas hipócritas que a humanidade sustenta
Não só social como pessoal como dizer amo-te
E arruíno-te com a mesma violência, meu Iraque desejado
O crescimento que sigo atento não é desta dimensão
É a crença na força da palavra quando desocultada
A clareza da verdade sentida no meu coração
A palavra não possui ideia definida, desejada
A palavra aponta sentidos e leva a convencer-nos ou não
O amor é e não é, simples e confuso, caminho a percorrer
Para mim é, sem palavras, sem argumentações
Minha natureza espontânea, simples, liberdade em acção.

Correio da Usalma, n.º 2, 2006, p. 5

Dar a conhecer o pensamento

Deolinda Mendes

Hoje levantei-me eram exactamente 5h30. Ainda estava um pouco escuro como é evidente, mas, mesmo assim aproximei-me da janela do meu quarto e olhei todo o horizonte que a minha vista alcançou e fiquei encantada com o que a natureza me mostrou. Entretanto o sol espreitou, cada vez mais claro, até que era dia! ...

Comecei a ouvir o canto dos passarinhos, o chilrear dos filhotes nos ninhos, as rolinhas a fazerem «cru, cru», e com tudo isto cheguei a hora de ir trabalhar. Adoro trabalhar, pois a minha profissão é contactar com as pessoas de todas as classes sociais e de todas as etnias e profissões.

Mas ainda não me identifiquei? Sou Deolinda Mendes, motorista de táxi e tenho

um ao vosso dispor para os bons e maus momentos, para curtos e longos cursos.

Ajudo velhinhos que estão um pouco tristes e sobretudo sós!... Assim passo parte do dia até ao fim da manhã, satisfeita das boas acções que fiz ao longo do dia.

Apavora-me só de pensar que daqui a um ou dois anos já não o possa fazer, pois a idade não o vai permitir; depois vem a solidão, o só, o silêncio de quatro paredes da nossa casa, uma tigela com um pouco de caldo quente para nos aquecer um pouco a alma e não sobra mais nada a não ser esperar...

Mas atenção, surgiu e aconteceu o que nunca se imaginaria que aconteceria,

A grande Usalma, que nos conforta anima, distrai confraterniza-se e sobretudo dá-nos ocupação para não nos tornarmos inúteis, é essa a minha grande esperança.

Correio da Usalma, n.º 2, 2006, p. 5

A cidade que eu amo

Maria Emília Abrantes

Na cidade em que eu moro

Há cheirinho a maresia

Os sonhos e o amor

Desviam a nostalgia

P'las redondezas de Almada

Passou-me a estrada da vida

Nimbada já de saudades

Como uma esperança perdida

Do futebol é entusiasta

P'lo Tejo nutre paixão

À beira-mar plantada

Uma cidade em perfeição

Gosta de flores nas janelas

E do fadinho gingão

Das marchinhas populares

Na noite de São João

Nos parques a pequenada

Sempre a correr a cantar

Lembra os passarinhos

Nas árvores a chilrear

Muito prazer me causa

Neste mundo de loucura

Presenciar as mudanças

Desta cidade madura

Sinto um enorme orgulho

Em ter uma cidade assim

Simpática e generosa

Para os outros e para mim

Tenho por ti Almada

Admiração e respeito

Muita estima e carinho

E amizade do peito

Dia da Mãe

Manuel Anjos Delgado

Mãe: palavra tão doce
E tão fácil de dizer
Que vive no seu cantinho
E nos dá todo o carinho
Enquanto puder viver
Fala-se no dia da Mãe

Acho tremendo engano
Feliz de quem a tem
D Porque o dia da Mãe

A Mãe: palavra tão doce
E tão fácil de dizer
Que vive no seu cantinho
E nos dá todo o carinho
Enquanto puder viver

Fala-se no dia da Mãe
Acho tremendo engano
Feliz de quem a tem
Porque o dia da Mãe
Deverá ser todo o ano

Correio da Usalma, n.º 3, 2006, p.1

A Cidade

Maria Adelaide Ferreira

A cidade é como um livro inacabado
Que o tempo vai escrevendo a cada dia
E que por nós vai sendo desfolhado
Em compassos de mágoa e nostalgia

Cais, porto de chegada e de partida
Luzes, magia, sonho e sedução
Mas onde escorre lentamente a vida
Em lavas de cimento e de betão

As personagens passam devagar
Em parágrafos longos de indiferença
Cruzando-se nas ruas sem se olhar

E cresce a cada página a cidade
Em pedra e solidão, fria e imensa
Tal como vai crescendo a humanidade.

Correio da Usalma, n.º 3, 2006, p.7

A minha Cidade

Maria Graciete Palmela

A minha cidade é linda
Falo nela com orgulho
Eu deito o lixo no lixo
P'ra nela não fazer entulho
É pena a minha cidade
Ter tanta poluição sonora
Queria dormir sossegada
E não acordar a toda a hora

Eu amo a minha cidade
Vivo nela noite e dia

Se encontro estacionamento
Até pulo de alegria

A calçada da minha cidade
Dá-me cabo dos sapatos
Vou acabar os meus versos já chega de
disparates

Correio da Usalma, n.º 3, 2006, p.7

Saudade, Vida e Morte

Deolinda Mendes

Estamos no fim do mês de Março, mais precisamente no dia 30, dia do aniversário de minha filha, caso a morte não a tivesse levado. Hoje fazia exactamente 32 anos, se fosse viva.

Um dia muito lembrado e triste para mim, por ter ficado sem a minha menina. O tempo faz mudar, mesmo sem querermos, os sentimentos, as emoções as coisas! ..

Tudo vai mudando e é nessa realidade que devagarinho vamos ao encontro do nosso repouso. A saudade pela minha filha permanece, mas é com esse sentimento que tenho de partilhar a Vida. A saudade é mais do que uma expressão! ...

É um sentimento grande, doloroso e verdadeiro; não podemos resgatar a Vida do nosso ausente, tudo o que partilhámos não volta; ai instala-se a grande saudade. Não aceitarmos a morte física de quem tanto amámos, é não querer dar conta de que também vamos morrendo a cada instante. Mantermos as nossas memórias é muito importante, assim como é também muito importante continuar a dar Amor a todos aqueles que precisam. É remédio para o nosso equilíbrio. Entender a Vida, e a humanidade depois de perda da minha filha só assim poderei fazer frente à solidão, à fadiga e ao sofrimento.

Na nossa vida diária, onde existe esta grande dor, onde constantemente a nossa tristeza habita, torna-se difícil por vezes oferecer o nosso Amor aos outros, sejam familiares ou amigos, porque estamos permanentemente amando o filho perdido. No entanto, se distribuir amor e ajuda por quem o reclama e precisa, minha filha certamente ficará feliz onde quer que esteja.

Eu sou uma de muitas pessoas que precisa de ajuda para continuar a ter forças em querer viver. Peço desculpa à Usalma e a toda a associação, incluindo colegas! ...

O apoio de uma mão, nesta data tão sofrida para esta mãe.

Correio da Usalma, n.º 3, 2006, p. 7



Usalma

Voltei ...

Artur Cravo

Cinquenta anos depois de sair da escola. Voltei a entrar, para aprender.

As carteiras são diferentes, o tinteiro branco em cerâmica que tínhamos à frente para molhar o aparo já não existe, as tampas que se abriam para guardarmos os livros e a sacola também não.

A Usalma veio dar o prazer a jovens maiores na idade, de mostrarem que estão vivos, existem e sabem absorver tudo o que os nossos professores nos ensinam.

Delicio-me com as aulas do professor Jorge Neto em informática, perco-me nas ondas do meu pensamento em Sociologia Política, com o Professor Américo Morgado “Gente” amiga que trabalha voluntariamente e cuja única remuneração, é verem os alunos felizes e participantes; ensinar por gosto dá-lhes prazer.

E nós como crianças, a quem se dá a melhor prenda, sentimos bem que vale sempre a pena aprender, porque até os mais letrados, nem tudo sabem, embora pensem que sim.

Precisávamos de umas instalações só para nós, mas tenho a certeza que a nossa autarquia está atenta, esperamos e vamos pedindo quem sabe um dia não seremos atendidos.

Bem-haja Usalma por este ano de sã convivência e retorno às aulas.

Já Mahatma Gandhi disse:

“O amor é a força mais subtil do mundo”

Correio da Usalma, n.º 3, 2006, p. 7

A luta contra a solidão

No meu caminho encontro
Tanta tristeza!
Tanta solidão!
Vontade de desistir...
Cada pessoa diferente.
Caras enrugadas de cansaço?
Problemas! Abandonos!
Não desistas minha amiga
Abraço-te e sinto
Diz-me o meu pensamento,
Oíço a tua voz,
Vivi o suficiente.
A tua cabeça baixa
O teu olhar não engana.
Não desistas minha amiga

Isabel Romano Colaço Pinto

Lembras-te dos anos?
Recordações de criança,
Saudades dos desaparecidos.
A dor chega. A vida acaba...
Procura ser criança novamente,
Sentir teu coração. Vive!
Aprende
Não desistas minha amiga
Ajuda. Outra.
Dá-lhe a mão.
Sorri.
E não encontrarás a solidão.

O menino mais lindo do Mundo

Fernanda Torres

O menino mais lindo pressupõe que haverá menos lindos. Ora será que há algum menino que ao nascer, não seja o mais lindo do mundo?

Nascido em berço de ouro ou numa cama de grades, numa alcofa ou num caixote, fruto de um grande amor, de uma paixão louca, de um acta irreflectido, duma necessidade primária, bem ou mal recebido pelos que o rodeiam, amparado e cuidado por tudo o que é tecnologia de um bom Hospital ou numa barraca, a verdade é que, ao nascer, será sempre o menino mais lindo do Mundo.

O Mundo é que nós teremos de questionar se será aquele que qualquer menino ao nascer, merece. O Mundo está feio, não se vislumbram sinais de mudança que proporcionem aos meninos que vão nascendo as condições de vida que merecem.

Qualquer menino merece um colo, um colo cheio de amor. Um agasalho nos dias frios, uma casa condigna, uma boa escola, muita protecção e carinho. Uma criança é uma flor delicada que todos nós, adultos, temos obrigação de proteger e cuidar.

Todos e qualquer deles é e será sempre o menino mais lindo do Mundo!

Correio da Usalma, n.º 4, 2006, p. 1

Leitura de um poema proibido

Fernando Antunes

Sento-me
Num banco de jardim.
Procurei a sombra
Para deixar passar uma sombra.

Trago no bolso
Um papel amarrotado.

Pobre de mim
Se não andar com cuidado,
Como quem traz o esquema
De um engenho explosivo.

Sensatamente,
Serenamente,
Deixo-me estar sentado.

Pardais poisam nas árvores...
Então no sossego de fim de tarde...

Desdobro o papel amarrotado
E leio um poema,
Um poema que canta Liberdade
Enquanto a cidade se enche de luz.

Na praça...
Alguém passa
Figura fugidia
Sem poesia

Sinistra... Diria.

Correio da Usalma, n.º 4, 2006, p. 5

Desistir, Não!

Américo Morgado

Os dias não se gastam
Nas ilusões perdidas.
São tantos para viver
A fazer sorrir os olhos
Acreditando ver o desejo
Como botão de flor a abrir
Inaudívelmente, mas sentir
Que somos quem somos

Luz do sol renovada
Como mar em cada onda que chora
E logo outra de alegria vem
Os teus olhos, lindos aos abrir
Trazem, levam saudades de um gostar
Que meu coração acolhe.
Vive, vive, olha como a gaivota sobe

Correio da Usalma, n.º 6, 2006, p. 5

Sentado num banco de jardim

Fernando Antunes

Quantos poetas por aqui passaram
E se sentaram a escrever versos...

Quantos amantes se beijaram
Neste bancos da Avenida...

Quantas crianças traquinas
Saltaram para cima destes bancos...
Quantos "sem abrigo"
Neles se deitaram...

Conheço-lhes os versos,
Sei o quanto amaram,
Oíço risos infantis,
Dói-me o sofrimento alheio.

Sou poeta...
Amante...
Criança...
"Sem abrigo"...

Sou eu, sentido,
Sentado num banco de jardim.

Linha do horizonte

Fernando Santos Antunes

Além, na linha do horizonte
A silhueta de uma caravela.
Traz especiarias
E avistam terra
Ali, no cais,
Mães... esposas... filhos
Esperam os marinheiros.
El-Rei, no palácio,
Manda preparar outra expedição.
Quer mais terras descobertas,
Mais conquistas,
Mais glória.
Tanta dor à partida,
Tanta alegria à chegada,
Tanta ambição desmedida.
Aqui, sentado à beira-mar,
Descanso a vista sobre o horizonte
E respiro este ar
Que tão bem me faz.

Correio da Usalma n.º 7, 2007, p.2

Primavera em flor

Manuel Delgado

Assim que chega o Outono
A planta fica despida
Entra em profundo sono
Parece perder a vida.

Quando chega a Primavera,
Ela recupera a vida.
Fica de novo vestida.
E volta a ser o que era.

Com os campos a florir
Tornam, encanto sem fim,
Lindas flores a abrir
Dão beleza ao jardim.

Flores muitas flores.
Que lhe dão toda a beleza
Flores de várias cores.
É obra da natureza.

Renasces em Mim

Américo Morgado

Numa paleta de cores vejo teu rosto
A soltar-se por cada intimidade no traço
Que a mão diz e eu faço no jeito das tuas feições.
Maravilha recriar-te nas cores apressadas
Para mais realçar a beleza tímida, doce, que possuis.
Uma pincelada forte, aqui, dá mais brilho
Aos teus olhos, que já tanto brilham para mim
Uns toques, ali, avolumam os teus cabelos.
És tal qual tu ao pé de mim, formosa.
Apetece-me dar-te um beijo, mas espero.
Na tinta não, está fresca, ficas esborratada.
Fica a sensualidade colada à saudade colorida
E desesperada para te ver chegar.

Correio da Usalma, n.º 8, 2007, p. 6

Intimidade Magoada

Américo Morgado

Não sei o que dizer meu amor
Amar implica liberdade
E ninguém é de ninguém
Se estou cativo, sei o porquê
O amor é mais livre que a liberdade
E por magia transcende-se
Para ti estou além de mim
Não sei qual é mago que assim me tem.
As minhas palavras não são as palavras
São sons alados,
Lavrados,
Na Terra fónica da alma.
Os meus gestos não são os gestos
Da apanha dos frutos maduros
São toques, de silêncio prazenteiro, puros
Asas de alegria tocando corpos.
Nunca me conhecerás
Conhecer não tem sentido
Nem nunca saberás como te amo
Nem o que de ti me atrai
Luz que só eu vejo para mim existindo.

Correio da Usalma, n.º 9, 2007, p. 5

J'aime la vie

Poème Collectif (les élèves de français du niveau I).

Il est sept heures
L'heure du petit déjeuner
Je sors
Ah! Si je pouvais me promener
Les yeux dans les yeux
La main dans la main...
Il est une heure
Je suis content
Il fait chaud
Je vais à la plage
Le soleil brille
Ah! La douceur de la mer
Sa musique...
J'aime la vie!

Correio da Usalma, n.º 9, 2007, p. 4

Sobre a minha solidão

Fernando Antunes

Lá fora, o amolador
Soprando uma flauta
Passava, anunciando-se,
Com sua geringonça

O calceteiro partia pedras
Batia e repunha-as no passeio,
Por debaixo da minha varanda.

Sons que vêm de fora
Despertar os meus anseios...

Soubera, pudera eu,
Amolar facas e tesouras,

Calcetar passeios,
Ser útil, enfim.
O amolador já se vai
Com sua geringonça
Ecoando por outras ruas
O som da sua flauta.

O Calceteiro
Já não bate a pedra...

Cá dentro
O Silêncio estende-se,
Inteiro,
Sobre a minha solidão.



História de Almada

Angélica Marcos

Vou descrever um pouco da minha Infância.

Nasci no antigo Largo do Catita (hoje Largo José Alaíz), onde existia desde 1922 um chafariz.

Para nós foi muito importante, pois nesse tempo não havia água próxima. Tínhamos de andar alguns quilómetros para conseguir esse líquido tão precioso.

Tenho muitas recordações da minha terra, Almada...

Na minha casa éramos quatro irmãos, pai e mãe. O meu pai era padeiro e trabalhava na Cooperativa Almadense, que era na Rua do Paço, hoje Rua Serpa Pinto.

A minha mãe trabalhava de modista, comigo e com as minhas irmãs e com outras tantas empregadas. Quando os trabalhos estavam prontos, íamos entregá-los a Lisboa.

Nesse tempo não havia autocarros, tínhamos de ir a pé até Cacilhas, umas vezes pela “Pedreira” (Rua empedrada do antigo Hospital de Almada, que desemboca em Cacilhas) outras vezes pela “Estrada Nova” (hoje Rua Bernardo Francisco da Costa).

No Largo do Catita faziam um mercado de rua pois nessa época não existia, ainda, o actual Mercado (Praça de Almada). Ali vendiam-se os bens essenciais como peixe, legumes, fruta, etc... a carne era vendida numa “casinha” onde hoje é a peixaria da Rua Direita, actualmente Rua Capitão Leitão.

Os bens, naquela época, eram escassos e a nossa alimentação era à base de sopas, pois as pessoas viviam com muitas dificuldades e o dinheiro era muito pouco. Os bens eram vendidos aos “decilitros” e às “quartas”... era impensável fazer as compras ao quilo! O próprio bacalhau, que era considerado um alimento de luxo, era vendido à posta e quase sempre estava demolido num alguidar.

Tenho pena que tenham tirado os nomes antigos das nossas ruas... por exemplo, a Rua do Forno, era onde as padeiras faziam o pão que alimentava a população.

Penso que deveríamos manter os nomes antigos das ruas, pois eles estavam directamente relacionados com situações que aconteciam naquela época. Ou então, quando se alterasse o nome de certa rua, se mantivesse a placa antiga, para que o momento original que deu “cor” a esse nome antigo, jamais fosse esquecido...

A ti Usalma Eu Agradeço

Gostaria de transmitir a minha gratidão para com os colegas e professores que tanto me apoiaram e acarinharam ao longo deste ano lectivo.

Sinto que saio da Usalma mais realizada e mais enriquecida olhando as pessoas e o meio circundante de uma outra forma.

Saber Dourado

Rosa Maria Farias Lajas Pereira

O saber é uma oportunidade
que devemos aproveitar!
O saber é uma beleza
que devemos admirar!
O saber é um dom
Que devemos apreciar!
O saber é um sonho
Que devemos realizar!
O saber é um desafio
que temos que aceitar!
O saber é um dever
Que devemos assumir!
O saber é um tesouro
Que temos de aumentar!
O saber é um mistério
Que devemos aprofundar!
O saber é uma promessa que devemos saber cumprir,
Quando a vida nos surgir
Em seu Outono de esplendor
E ainda podermos sorrir
Perante um sonho de saber
Por tantas vezes adiado
No cumprimento do dever,
E nós podermos celebrar
Com toda a força de amor
O nosso sonho de Saber
Que desta vez... é Dourado!

Correio da Usalma, n.º 10, 2007, p.1



O Indeciso

José Maria Guerreiro

Um homem treme
Sente a vida em palpitações
Esta via é a melhor
E se for pior?
Além está a felicidade
E depois se estiver o abismo?
Mas a vida continua a deslizar
No seu percurso constante
Vou por aqui? Vou por ali?
E se perco esta certeza que já tenho?
E se nesta certeza existirem incertezas?
Será que nada é definitivo?
Será que aquela rosa não terá espinhos?
Agora a vida (?) flui sem grandes problemas,
Monótona, desinteressante, sem sobressaltos, vazia .
Sou um homem acomodado na vida
Mas sem horizontes, sem luta, sem paixões.
E se a vida estremecer em promessas riosas?
Será que a aventura nos trará dissabores?
Um homem na sua tremura não perderá a
Oportunidade de ser feliz?
Entretanto ficou-se no caminho, sossegado e
contemplativo, receoso de problemas.
O tempo passou e não tomou a decisão de percorrer o caminho
Na incerteza da sua acção.
Quando entrou no caminho disposto à aventura almejando a felicidade
a vida já tinha passado.
E ele ficou entregue ao arrependimento sem saber que o entrou caminho
era de facto o melhor
Onde a vida corria prenhe de incertezas
A necessitarem de soluções, de trabalho, de
criatividade e de alma,
Enfim, de Vida.
Um homem não é nenhum bandalho, vivendo ao sabor de interesses mesquinhos.
A vida é sol, é luta, é angústia, é alegria, é partilha
Comum.
É felicidade através disso tudo.
Não é, amor?

Gratidão à madrugada

Américo Morgado

A vida abre-se para mim
Surpreendendo-me
pelo gotejar de cicios de uma estrela
de alegria prometida, a bater ao ritmo
do meu coração
Solta-se o sol das minhas mãos
aquece as carícias que dou
acarinha-me a alma, na aceitação do que sou.
Vejo mais cor, não tenho queixas nem dor
Botão de flor doce a abrir gratidão à madrugada
orvalhada, húmus fértil, gritos à liberdade
Centelha viva a iluminar o barro
da noite de sonhos, do mesmo brilho
que se cumpre, por entre fiapos
incandescentes
de sorriso sorridentes
abertos ao cosmos perfeito
feito de amor, a que pertença.

Correio da Usalma, n.º 11, 2007, p. 7

O Guitarrista e a Menina

Julieta Ferreira

No já distante ano de 1977, num dia 8 de Março, festejava-se o Dia Internacional da Mulher.

Nesse tempo, com os meus vinte e poucos anos, considerava que a minha participação nessas comemorações contribuía para o esclarecimento das mulheres portuguesas e as incentivava na luta pelos seus direitos, por isso não só participava como organizava esses eventos como dirigente do Movimento Democrático de Mulheres de Almada.

Assim, eu e as minhas amigas lembrámo-nos de organizar um espectáculo de música para as mulheres do concelho. Fomos então falar com a direcção da Academia Almadense para nos cederem a sala de teatro pequena, que estava fechada há já bastante tempo. Com o seu consentimento abrimos a sala e começámos por limpar todo aquele pó e todas as teias de aranha instaladas nos grandes panos pretos do palco, preparando o teatro para dia 8 de Março.

Convidámos para actuar no espectáculo o nosso GRANDE Carlos Paredes, que com a sua reconhecida generosidade aceitou com prazer.

Nessa altura a minha filha tinha cinco anos e acompanhava-me sempre em todas estas iniciativas.

No dia do espectáculo lá estava ela comigo nos bastidores, onde eu atarefadíssima

tentava controlar toda a situação para que tudo corresse bem.

Começa a actuação de Carlos Paredes e para meu grande espanto, ouço o público a rir às gargalhadas! E interroguei-me algo preocupada: O que se está a passar? As mulheres de Almada a rirem-se do grande guitarrista? Como é possível?

E fui espreitar por entre as cortinas de cena para o palco. E o que vi?

A minha filha muito pequenina, dançava alegremente ao som da música da guitarra de Carlos Paredes.

Este, no seu estilo habitual, tocava de cabeça baixa sobre a guitarra. Tocava, tocava e a menina dançava, dançava, enquanto o público continuava rindo.

Corri para o palco e retirei a minha filha para os bastidores.

Tudo isto, penso eu, sem que Carlos Paredes se tenha apercebido do que estava a acontecer.

Curiosamente não falei naquele dia com Carlos Paredes sobre o sucedido e também nunca mais estive com ele depois. Com o tempo esqueci-me.

Mas no dia da sua morte, na Basílica da Estrela, onde lhe fui deixar um cravo, lembrei-me do que se tinha passado e só nesse momento lhe perguntei se ele se tinha apercebido da dança da menina e agradeci-lhe a alegria que ele com o seu talento lhe tinha proporcionado.

Correio da Usalma, n.º 12, 2008, p. 4

Ser Rio

Ernesto Fernandes

Viver
não é refugiar-se nas margens
Viver
não é perder-se à margem
Viver
é ser rio
entre as margens
em tensão e aposta
tendo por horizonte
o fascínio do mar
na dor sufocante
de deixar-se perder
entre as margens
Viver
é não ter medo do medo
de se perder
é habitar-se
entre o leito e o ir além
é ser rio
entre as margens

Os Sabedores

Silvia Dias

Aqueles que tudo sabem
Aqueles, os sabedores!
Sabem: um e um
São dois, um e três
Ainda é mais fácil

E um coração e a
Tristeza, quantos são?
Os sabedores saberão?

Do alto do pedestal
Eles dizem: tu és
Burro, não sabes a
Comparação
E um coração destruído,
Os sabedores saberão?

Não podem ir mais além
Não sabem analisar,
Este foi rei, aquele
Imperador, o outro
Escritor, e quem
Sou eu?
Os sabedores saberão?

Quando me dizem assim:
Aquilo quer dizer isto,
Isto quer dizer aquilo
E o que eu sinto, o que é?
Os sabedores saberão?

Correio da Usalma, n.º 13, 2008, p. 3

Diálogo mudo

Américo Morgado

O encontro, o momento
abrir sentido ao futuro.

Ansiedade, os teus olhos, o rosto
mal chegaram disseram tudo
e o diálogo ficou mudo.

Ouvi palavras sem serem som
vi gestos, mãos a esvoaçar
a trazer o não sentido.

A esperança que no futuro mora
não chegou contigo.

Fico a olhar infinitos de estrelas
como se do alto se soltasse o sonho
que aqui acarinho sem asas e sei que regressas.

Correio da Usalma, n.º 14, 2008, p. 4

Abro um livro

Américo Morgado

Sinto a nostalgia de um livro queimado e enquanto o fogo o devora oiço o silêncio de um sorriso e murmúrios que se soltam, vão para o ar, enche o mundo; é o valor que o livro possuía.

Pertenço a um povo que há três gerações, não sabia ler nem escrever, nem olhava para um livro e vivia, reproduzia-se, trabalhava, comia e vivia a vida.

Ser ou não feliz, não se discute e, também ser-lhe-ia indiferente que a terra andasse à volta do sol ou o sol à volta da terra como é mais evidente, olhando o céu.

Arrepiam, entristece, como se trata as pessoas e não nos podemos admirar, porque se queimam, atiram-se para o lixo, rasgam-se livros.

A vida dá a vida e o que isso implica. Pensar pertence a outra forma de morrer, de ver, de transformar.

Abro um livro. Leio uma frase bonita, coloco-me dentro da página, fica em mim um doce, como chocolate, sumo que me invade e pulsa pelas artérias do meu corpo. É o livro a dizer o que se esconde, como a magia de conto de fadas. As letras voam a buscar o que voou até ao infinito, sendo o infinito as ideias que moram aqui ao meu lado, como a canela, aroma a dar a cor e o sabor, que torna a mesa atraente e nada me pertence, vêm de fora.

Quando se tem valor transvaza, voa, solta-se no ar e até ao infinito. O que é belo é como o ar, é a vida não pensada e se pensada, pensa-se como vida.

Não penso no ar que respiro. E, quando o penso e dói respirar, já não é o ar. Fico Triste!

Gostava de escrever um poema que ao lê-lo transvazasse para fora de mim e aí ficasse no ar como tudo o que vive do que é belo e não ficasse nostálgico por ver destruir a beleza que se esconde entre as páginas de um livro ou de um poema.

Dar à vida o que de maravilhosos tem e se esconde. É um desafio à mente nojogo das ideias a criar a poesia, a filosofia, a ciência.

Correio da Usalma, n.º 14, 2008, p. 3

Rosto tisonado, sulcado pelo vento

Rosto tisonado, sulcado pelo vento
Figura esguia maneando o malheiro.
E a agulha, tecendo a
rede, como rendeira
Para o casamento.
Os montes de redes brancas ao canto.
O suor fê-las salgadas,

Antes de irem para o mar.
Mãos ágeis de dedos nodosos
Num movimento frenético
Lembram as folhas rodando
No largo da igreja em dia de
Vento.

Correio da Usalma, n.º 15, 2008, p. 11



O Brinquedo

Américo Morgado

O brinquedo, a poesia na nossa mão. A intimidade a identidade com o objecto, como se brincássemos com a alma e com o corpo.

A imaginação, a criatividade, o sonho, tudo estava aqui, como ali, havia movimento, a alegria a manusear o espaço sagrado da brincadeira. Ultrapassávamos vazios, enchíamos o mundo, estávamos plenos na partilha com o outro, com o grupo, socializávamo-nos, concebíamos princípios, cumpríamos as regras, cansávamo-nos com risos e empenhamento.

Tudo estava de acordo com o azul, a noite e as estrelas que nos olham lá de cima e com esta terra cor de terra matizada de outras cores que rolam e se misturam por intervalos com os brinquedos.

A carrinha simples ou de mudanças feitas de cana, madeira e cortiça, o jogo do botão e a aflição das mães a vê-los desaparecer do cesto, o jogo dos cinco cantinhos, cinco quinas dos nossos castelos, o jogo do avião ao pé coxinho, da cabra cega, do lenço, do cântaro e a música e cantoria de rodas, das saias, dança, os namoros com o consentimento da noite e do dia por detrás do casario, os abraços mais bonitos e o luar. Brincávamos, quase, até ao casamento de onde vinham mais crianças a abrir outro círculos entrelaçados na alegria de natais sucessivos, momentos de maior criatividade. Bolas lindas de meias, bonecas de trapo, utensílios de barro que o sol cozia. Eram para nós brinquedos os animais de que gostávamos tanto, as aves, o rio, as árvores, as flores na primavera, o bem me quer, mal me quer, o junco fresco e tramaga a embelezar a porta da saudade da entrada.

Um mundo lúdico, antropomorfizado e de tanta felicidade.

Um mito que foi vida, a continuar na vida sem a criança vida, mas criança consumo, demiurga sem criatividade a ser iniciada à cinestesia do uso e do ter.

Hoje brinquedo é dinheiro, luxo, moda, lucros, grandes negócios para uma criança homem pequeno. Microcosmos de miniaturas dos objectos adultos para homúnculos.

O brinquedo é autónomo, move-se por ele próprio, bebe biberão, urina, molha a fralda a condicionar a criança a ser mãe, sem ser criança.

O brinquedo isola, rivaliza, é marginalizante, é dinheiro, é poder!

Fabrica nostalgia, a ansiedade, a inveja, frustra a criança, cidadã doente de uma amanhã doente que o sol indiferente ilumina.

Correio da Usalma n.º 15, 2008, p. 11

Eventualidades

Dia Mundial do Não Fumador

Elsa Oliveira

Quem estiver atento ao “calendário dos dias mundiais”, facilmente constata que os 365 dias do ano já quase não chegam para tantas encomendas... E porquê este interesse, de algum modo recente, pelos dias mundiais?

Exactamente para se falar deles! Melhor dizendo, é a forma de se conseguir chamar a atenção dos governos e principalmente da opinião para o tema em questão; é também a maneira de fazer realçar a transversalidade de um grande número de problemas a um grande número de países e de os unir em torno de objectivos comuns.

No presente ano lectivo passaram três dias mundiais que, não só por se relacionarem com a Biologia mas pela importância que eles efectivamente têm, merecem que deles façamos um pequeno apontamento: Alimentação, Erradicação da Pobreza e Dia Mundial do Não Fumador. É deste último que vamos falar.

Celebrou-se a 17 de Novembro. Tem como objectivo alertar e sensibilizar o maior número possível de pessoas para os males provocados pelo consumo de tabaco.

Aliás, com objectivos idênticos, celebra-se a 31 de Maio o Dia Mundial sem Tabaco. Apesar de todos termos consciência de que fumar faz mal, nem sempre temos presente a dimensão dos seus malefícios. Efectivamente os hábitos tabágicos são responsáveis por graves distúrbios na saúde, não só reduzindo o tempo de vida, como diminuindo a sua qualidade.

Qualquer fumador está sujeito a contrair: bronquite crónica, cancro de pulmão e doenças cardiovasculares.

Cerca de 80% dos cancros de pulmão são causados pelo tabaco. Os fumadores de um maço de cigarros por dia têm quatro vezes mais enfartes que os não fumadores e têm-nos, em média, 10 anos mais cedo. As estatísticas apontam para que, cerca de metade das pessoas que hoje fumam no mundo inteiro (aproximadamente 650 milhões de pessoas) se venham a transformar em vítimas do tabaco.

Existem actualmente numerosos programas e métodos que ajudam os fumadores a deixar de fumar, mas a última decisão é sempre de natureza individual e nenhum método será eficaz se o próprio não se quiser libertar.

Dia Mundial do Ambiente

Elsa Oliveira

Comemorou-se no passado dia 5 deste mês de Junho o Dia Mundial do Meio Ambiente. Este dia, celebrado em mais de 100 países, foi proposto em 1972 pela Assembleia-Geral das Nações Unidas, para marcar a abertura da Conferência Sobre Meio Ambiente, que se realizou em Estocolmo, na Suécia.

As questões relacionadas com o ambiente, preocupam cada vez mais a humanidade.

É muito vasta a lista de problemas que interferem no meio ambiente. Entre o longo rol, poderemos destacar a poluição do ar e dos mares, a produção de gases de estufa que causam as alterações climáticas a nível global. O destino dos lixos, as questões da energia, nomeadamente das não renováveis, o avanço da desertificação de vastas zonas do planeta, a extinção de espécies por destruição dos seus habitat, a falta cada vez maior de água potável, como algumas das preocupações mais prementes.

Normalmente cada ano é dedicado a um tema, e assim, 2003 foi dedicado à água, 2004 à poluição dos mares e oceanos, 2005 aos espaços verdes.

A Assembleia-Geral das Nações Unidas declarou 2006 como Ano Internacional dos Desertos e da Desertificação, pelo que o dia mundial deste ano tem também como tema central “Desertos e Desertificação”.

Segundo a ONU, um terço da população mundial vive em regiões de difícil acesso à água; dois mil milhões estão em risco de abandonar os territórios devido à aridez e à falta de condições para a agricultura e abastecimento de água; se não houver um uso sustentável dos recursos, o já frágil equilíbrio pode transformar terras áridas em desertos.

Portugal está na lista de países com zonas em risco de desertificação. Um terço do território continental, tem características de clima, de solo e de vegetação, próprias das zonas áridas.

Os incêndios florestais, a erosão, o despovoamento das zonas do interior, o agravamento do efeito das secas, são sinais de desertificação.

Podemos questionar-nos sobre o “como intervir”. Cada um de nós pode contribuir para a preservação do meio ambiente, fazendo a sua parte, não só adoptando novas formas de vida, mas também divulgando e ensinando outros a praticá-las.

De facto, era bom que todos aprendêssemos a consumir menos o que mais precisamos de economizar, ou seja, os recursos naturais e que todos fizéssemos um esforço para não agredir o ambiente, assim contribuindo para a manutenção do seu equilíbrio global.

Dia Mundial da Poupança

Joaquim Silva

Comemorou-se, no passado dia 31 de Outubro, o Dia Mundial da Poupança.

Poupar é abdicar de consumir hoje, para, beneficiando desse adiamento, consumir no futuro.

Consta-se, contudo, que muitos dos portugueses não têm hábitos de poupança, verificando-se mesmo que a taxa de poupança tem vindo a diminuir nos últimos anos.

Para este facto, contribui, naturalmente, o seu baixo nível de poder de compra, mas quando os montantes de poupança são insuficientes há que recorrer ao crédito.

Em consequência, o endividamento, quer das famílias, quer do Estado, tem crescido ultimamente, o que poderá ser preocupante se a respectiva capacidade for perdida.

Correio da Usalma, n.º 5, 2006, p. 7

Dia Mundial da Luta contra a Sida

Elsa Oliveira

No passado dia 1 de Dezembro celebrou-se o Dia Mundial de Luta Contra a Sida.

Já anteriormente aqui falámos de SIDA e da necessidade urgente de se tomarem medidas que impeçam esta doença de continuar a alastrar no planeta.

Cada vez mais se considera crucial investir ao nível da prevenção. Por esta razão, reforçar o alerta para esta pandemia bem como para as formas de a prevenir, parece-nos sempre da maior utilidade.

Não podemos esquecer que a SIDA é uma doença associada aos comportamentos e por esta razão é imprescindível apostar em campanhas de informação bem programadas e pensadas para os públicos a que se destinam.

Faz agora 25 anos que se registou o primeiro caso de SIDA. Importa referir que, segundo a ONU_{sida}, calcula-se que no mundo haja cerca de 40 milhões de pessoas infectadas, sendo que 4,3 milhões se terão infectado durante este ano. Ao longo deste quarto de século, a SIDA terá já morto 25 milhões de pessoas!

Desde o ano passado, a posição de Portugal não mudou significativamente.

Segundo Henrique de Barros, coordenador nacional do combate à doença, continua desconhecida a verdadeira dimensão da infecção no nosso país, mas segundo a ONU/sida, estima-se que o número actual de portugueses infectados ronde os 32 mil. Ainda segundo Henrique de Barros somos, entre os países desenvolvidos, o país com maior incidência de infectados e com a pior mortalidade, pois morrem em média 3 pessoas por dia.

Quando a SIDA surgiu, foi considerada a doença dos homossexuais, mas actualmente ela não distingue sexos, raças ou classes sociais. Todos somos vulneráveis, todos somos responsáveis, todos estamos comprometidos.

É esta a ideia do lema escolhido para 2006: “Por um mundo sem SIDA: manter o compromisso”.

Partindo deste lema, na mensagem do Dia Mundial da Sida, o Secretário Geral das Nações Unidas, Kofi Annan, apelou a todos os cidadãos do mundo, em particular aos seus dirigentes para assumirem mais responsabilidade na luta contra este flagelo. Como ele sublinhou, “A responsabilidade- tema deste dia, exige que cada presidente ou primeiro ministro, cada parlamentar e político, decida e declare: a sida é um problema meu.” Permitimo-nos acrescentar: a SIDA é um problema (também) de cada um de nós e cada um tem que assumir a sua parte nesta luta.

Correio da Usalma, n.º 6, 2006, p. 8

Dia dos Namorados

Elsa Oliveira

O amor entre animais

A propósito do dia dos namorados, comemorado no passado 14 de Fevereiro, lembramo-nos de fazer uma breve abordagem do que é o “namoro” entre algumas espécies animais.

Será difícil ter o conhecimento científico exacto sobre os sentimentos que possam acompanhar os rituais de cortejamento de alguns animais, mas nada poderá impedir-nos de admirar a poesia e a beleza que eles encerram e transmitem!!!

Estudando por exemplo o namoro de insectos, encontram-se formas de comportamento que vão desde a carícia, o beijo ou o abraço, até à sedução com perfumes, danças, serenatas ou roçar de narizes!

O caranguejo, abana a sua grande tenaz brilhante e dança para a sua dama...

Muitos machos de aranha expressam o seu amor por meio de intrincadas valsas e piruetas....

O escorpião estende “as mãos” à fêmea, toma as suas e leva-a a passear...

Em certas espécies de borboletas o macho pousa em frente da sua apaixonada, exhibe as suas lindas asas e agita as antenas, até que ela esteja quase disposta a consentir o acasalamento. Aí, no momento crítico, ele baixa momentaneamente a cabeça e envolve as antenas dela com as suas asas, deixando que um perfume que se liberta numa das asas dianteiras impressione as sensíveis antenas da fêmea que assim dará o seu consentimento para o acasalamento.

E o amor entre cavalos marinhos? É um espectáculo fantástico!

Numa elaborada dança de galanteio, que dura de 24 a 48 horas, o noivo e a noiva andam à volta um do outro, em círculos delicados, a fêmea perseguindo o macho. No auge da dança, as duas criaturas entrelaçam-se num abraço nupcial. Nesse momento, a noiva transfere um ou vários dos ovos que criou, para a bolsa de reprodução do marido. O processo repete-se até à entrega de 250 a 300 ovos cada um deles fertilizado durante o momento da transferência. Cumpridos os seus deveres conjugais, ela afasta-se, e durante 45 dias o pai cuida dos ovos na sua bolsa, até “dar à luz” os seus filhotes.

Mas é talvez entre as aves que as provas de amor são mais conhecidas e também mais frequentes.

Por exemplo os cisnes, acasalam para a vida toda. Quando um deles perde o companheiro, ou companheira, constrói, às vezes durante várias estações, um ninho sugestivo de esperança, como se acreditasse que o seu amor pudesse voltar.

Há pássaros, que fazem a corte com cerejas ou outros frutos semelhantes. Delicadamente, o macho leva uma cereja ao bico da namorada, talvez mais outra e ainda outra

Depois de algum tempo, se ela tiver sido conquistada, aceita uma cereja, mas não a come. Coloca-a de volta, no bico do seu pretendente. Os dois passarinhos acomodam-se lado a lado, num galho, passando a prenda de amor, delicadamente, de um para o outro, várias vezes....

Finalmente, o belíssimo Oscine australiano, pássaro azul acetinado, tem um namoro dos mais surpreendentes! Os machos constroem “chalés” elaborados, por vezes com muitos decímetros de comprimento e com mais de um metro de altura, enfeitados com flores e frutinhas de cores brilhantes, convidando então para eles, a eleita do seu coração a quem oferecem presentes azuis, como pedrinhas ou penas, chegando até a pintar o seu bico de azul com o suco de uma baga desta cor!

Ano Polar Internacional

Elsa Oliveira

Hoje não vamos falar de um qualquer dia mundial, mas sim do Ano Polar Internacional.

Seleccionámos este tema porque, apesar da sua importância científica, nos parece muito pouco divulgado.

O que é o Ano Polar Internacional?

O Ano Polar Internacional (API) é um programa científico focado no Ártico e na Antártida. Decorre no biénio de 1 de Março de 2007 a 1 de Março de 2009 e foi designado pelo Conselho Internacional da Ciência e pela Organização Meteorológica Mundial, como o 4.º Ano Polar Internacional; os três Anos Polares anteriores decorreram em 1882-83, 1932-33 e 1957-58 e foram decisivos para que os cientistas compreendessem a importância das regiões polares para a Terra.

Como afirma José Xavier, membro do Comité Português para o Ano Polar Internacional, «As regiões polares são óptimas para investigar questões fundamentais relacionadas com o aquecimento global, os efeitos das alterações climáticas nos ecossistemas terrestre e marinho, o buraco do ozono ou o aumento do nível do mar».

Estas regiões são muitíssimo importantes no quadro das alterações climáticas e ambientais, pois funcionam como sistemas de refrigeração da Terra, em particular através das trocas de calor ao nível dos oceanos e atmosfera, que regulam o clima do nosso planeta.

Efectivamente, as regiões polares encontram-se nos extremos gelados do planeta Terra, mas têm impactos globais no dia-a-dia de todos nós ao equilibrarem o clima, ao interferirem no nível das águas do mar, das regiões costeiras, nos ciclos da chuva e de neve. As mudanças nos glaciares influenciam a circulação das grandes massas oceânicas e a circulação global da água. regiões polares são muitíssimo importantes no quadro das alterações climáticas e ambientais, pois funcionam como sistemas de refrigeração da Terra, em particular através das trocas de calor ao nível dos oceanos e atmosfera, que regulam o clima do nosso planeta.

Este projecto, em que Portugal participa pela 1.ª vez, envolve mais de 50.000 investigadores e técnicos de mais de 60 países, com o objectivo de congregar esforços internacionais em torno de perguntas científicas chave. Pretende-se que este esforço concertado minimize os custos na investigação polar e maximize os resultados a obter.

O Ano Polar Internacional é, por isso, muito mais do que um evento polar. É já um evento global!



Dia Internacional da Biodiversidade

Elsa Oliveira

Dia 22 de Maio é o Dia Internacional da Biodiversidade.

No presente ano de 2007, as comemorações tiveram como tema “A Biodiversidade e as alterações climáticas”.

Biodiversidade é o termo usado para definir a diversidade biológica, ou seja a variedade de vida que existe no nosso planeta Terra, aqui se incluindo plantas, animais, fungos e microrganismos, mas também a variedade genética dentro das populações e espécies, e os habitats e ecossistemas formados pelos organismos.

Assim, a Biodiversidade inclui, a totalidade dos recursos vivos e dos recursos genéticos e seus componentes, pelo que a espécie humana depende da biodiversidade para a sua própria sobrevivência.

Desconhece-se o número exacto de espécies existentes na Terra (calcula-se que será superior a 5 milhões), mas actualmente, estima-se em cerca de 1,7 milhões o número de espécies já identificadas.

Embora a extinção de espécies seja um fenómeno natural, relacionado com o processo da evolução, as espécies e os ecossistemas sofrem hoje, devido a actividades humanas que interferem no equilíbrio dos ecossistemas, ameaças mais graves do que em qualquer outra época histórica.

Um estudo publicado em 2004 na prestigiada revista “Nature”, sobre os possíveis impactos de alterações climáticas em 1103 espécies de 6 zonas ricas em termos de biodiversidade, mostrou que 15% a 37% das espécies poderão extinguir-se até 2050, sendo as alterações climáticas as principais responsáveis por esta ameaça à biodiversidade.

As alterações no clima fazem-se sentir de forma directa, através de variações na temperatura, na precipitação, no nível das águas do mar ou na salinidade, e de forma indirecta principalmente através do aumento de fogos.

Muitas espécies de habitats frios, como por exemplo os ursos e os pinguins, estão a sofrer impactos negativos, com a redução de alguns glaciares. Também várias espécies de montanha, particularmente plantas, têm ameaçada a sua sobrevivência.

O aumento da temperatura da água dos oceanos, tem provocado a morte de recifes de coral que são importantes zonas de biodiversidade . possivelmente porque estes estariam no seu limiar de tolerância, em termos de temperatura.

Muitas outras espécies estão em risco de desaparecer, reduzindo-se de forma preocupante os graus de biodiversidade. Ninguém se deve alhear desta realidade, pelo que está nas mãos de todos nós evitar que tal aconteça!

Todos podemos contribuir para a redução das alterações climáticas, evitando a

produção directa ou indirecta de gases com efeito de estufa como o dióxido de carbono. E tal é possível, por exemplo, poupando energia, utilizando racionalmente os transportes, reduzindo o uso de recursos naturais não renováveis.

Com pequenos gestos como, utilizar menos o automóvel, não ter luzes acesas sem serem necessárias, escolher os electrodomésticos de menor consumo, não ter aparelhos em standby, podemos dar o nosso contributo para preservar a bela biodiversidade que ainda existe no nosso planeta.

Saibamos preservar um dos bens mais preciosos que é de todos nós!

Correio da Usalma, n.º 9, 2007, p. 12

Dia da Alimentação

Elsa Oliveira

Celebrou-se no passado dia 16 de Outubro, mais um “Dia Mundial da Alimentação”, este ano subordinado ao tema “O Direito à Alimentação”.

A comemoração anual deste dia, lembrando o surgimento da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), destina-se a chamar a atenção de todos, para a fome e insegurança alimentar que afectam cerca de 854 milhões de pessoas, isto é, aproximadamente 14% da população mundial.

Como afirmou Ban Ki-moon, secretário Geral da ONU, é obrigatório “reconhecer o papel dos direitos humanos na erradicação da fome e da pobreza e a relação entre desenvolvimento, direitos humanos e segurança”. Considerou ainda ser inaceitável que, num mundo de abundância, 854 milhões de pessoas sofram actualmente, de fome crónica.

Segundo a FAO, o direito humano a uma alimentação é um direito universal, inerente a todos os homens e mulheres do mundo. Implica não só o acesso a alimentos, mas também ter acesso a alimentos suficientes em quantidade, qualidade e variedade, livres de substâncias nocivas e adaptáveis à cultura dos respectivos povos. De notar que, em Portugal, segundo dados do INE (Instituto Nacional de Estatística), há 2 milhões de portugueses (1/5 da população) que vivem com menos de 306 € por mês, o que é manifestamente insuficiente para satisfazer as necessidades básicas individuais e coloca Portugal na lista negra dos países com mais desigualdade entre ricos e pobres na União Europeia.

Correio da Usalma, n.º 10, 2007, p. 4

Ano Internacional do Planeta Terra

Elsa Oliveira,

O Ano Internacional do Planeta Terra (AIPT) tem o apoio da Organização Geral das Nações Unidas (ONU) e da União Internacional das Ciências Geológicas.

A Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou 2008 como o Ano Internacional do Planeta Terra.

Embora as actividades estejam centradas em 2008, o AIPT abarca o triénio 2007-2009 e insere-se na Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014).

Sob o lema “Ciências da Terra para a Sociedade”, o AIPT visa demonstrar a importância e o contributo das Ciências da Terra para a resolução de problemáticas que afectam a humanidade, no sentido de conseguir um mundo mais seguro e mais próspero. As Geociências podem ajudar a minimizar desastres naturais, a localizar aquíferos, a gerir adequadamente os recursos naturais ou ainda a compreender melhor as alterações climáticas e a biodiversidade.

Deste modo, a ONU pretende que o conhecimento sobre o potencial das Ciências da Terra e o seu contributo na salvaguarda do planeta e na vida dos cidadãos, esteja na ordem do dia em todo o mundo durante os próximos 12 meses.

Os objectivos do AIPT serão atingidos através de dois programas:

- Um programa de divulgação, com actividades lúdicas, educativas e de sensibilização;
- Um programa científico centrado em 10 temas abrangentes, multidisciplinares e socialmente relevantes, seleccionados por um grupo de especialistas mundiais: Águas Subterrâneas, Riscos Naturais, A Terra e a Saúde, Mudanças Climáticas, Recursos Naturais, Megacidades, O Interior da Terra, Oceanos, Solos, Terra e Vida.

Lisboa acolheu a cerimónia de lançamento do Ano Internacional do Planeta Terra, no Pavilhão do Conhecimento, a 10 de Novembro, data em que também se celebra o Dia Mundial da Ciência ao Serviço da Paz e do Desenvolvimento.

O programa de actividades do AIPT em Portugal é coordenado pelo Comité Português do AIPT, que tem o patrocínio do Presidente da República e foi criado em parceria com a Comissão Nacional da UNESCO; neste comité, estão representadas mais de uma centena de instituições nacionais, desde universidades a autarquias que, com o apoio do sector empresarial e de associações profissionais e de defesa do ambiente, pretendem cumprir alguns dos objectivos do Ano Internacional do Planeta Terra.

Pela nossa parte, fica a recomendação: Cuide da Terra, ela é o nosso suporte de vida!

Dia Internacional da Floresta e Dia da Árvore

Elsa Oliveira

O Dia da Árvore, foi comemorado pela primeira vez em 1872, no estado norte-americano do Nebraska , quando John Stirling Morton conseguiu sensibilizar a população no sentido de passar a consagrar um dia por ano à plantação ordenada de árvores, a fim de resolver o problema da falta de produtos que só a floresta podia oferecer.

Esta Festa da Árvore alargou-se a países de todo o mundo, incluindo Portugal, onde se comemorou pela primeira vez, a 9 de Março de 1913.

A partir de 1971, por proposta da Confederação Europeia de Agricultores, instituiu-se o Dia Internacional da Floresta, escolhendo-se o dia 21 de Março, que marca o início da Primavera e com ela o início de mais um ciclo de renovação da Natureza!

As florestas constituem um dos mais valiosos recursos naturais da humanidade, desde as sociedades primitivas até à actualidade , não só sob o ponto de vista económico, ecológico e paisagístico mas também como património cultural, religioso e de lazer, cabendo-nos portanto, a todos nós, cidadãos do mundo, velar pelas nossas florestas, conservando-as, preservando-as e respeitando-as.

Sob o ponto de vista ambiental, a floresta constitui um dos mais importantes ecossistemas que contribuem para o equilíbrio do planeta e como tal, para o seu desenvolvimento sustentável. Para além da diversidade biológica que apresenta e que constitui um importante fundo genético, ela é fonte purificadora do ar, absorvendo o dióxido de carbono (um dos principais responsáveis pelo efeito de estufa) e libertando oxigénio; tem ainda um papel fundamental na fixação dos solos e regularização das águas, ajudando a combater a desertificação.

Muitas florestas são ainda um importante património cultural, pela sua história, pela importância na paisagem de uma região e muitas vezes pelas tradições que lhe estão associadas. Recordemos, aqui perto de nós, entre as diversas paisagens protegidas, a nossa Serra da Arrábida, a Mata dos Medos e a Arriba Fóssil (Fonte da Telha) ou a Serra de Sintra E a nível do país, a Mata do Buçaco ou a Serra do Gerês.

A beleza e mistério das florestas têm sido, ao longo dos tempos, fonte de inspiração para poetas, escritores, músicos, pintores, e outros artistas; em muitas civilizações, foram (são) local de culto, de reuniões, de cerimónias diversas e de sepultura. Para muitos, ela é um espaço de mistério, fonte de fábulas, crenças, lendas e mitos!

Para o homem primitivo, a floresta foi a primeira casa, o primeiro berço, a fonte de alimento natural, esconderijo, local de abrigo... mas nas civilizações actuais, ela está presente no nosso quotidiano, através da presença de produtos que resultam da

exploração das florestas, desde o simples papel que nos permite esta comunicação, a todo o tipo de madeiras usadas na construção civil e naval ou na feitura de objectos, a produtos de perfumaria, drogaria, tinturaria, a produtos alimentares, etc.etc.

Também as suas árvores adquiriram, desde tempos ancestrais, um simbolismo próprio . A verticalidade duma árvore, sugere uma comunicação entre o mundo subterrâneo, através das raízes, e o mundo aéreo através do tronco e da copa com os ramos. A árvore é também símbolo de vida, símbolo de evolução, de protecção e de segurança.

Se repararmos, as árvores ultrapassam o homem em dimensão e em longevidade, tendo por isso adquirido um halo de divino e sagrado. Os gregos e os romanos associavam-nas a deuses e muitos outros povos atribuíram-lhes poderes e fizeram-nas objecto de culto. São muitas vezes símbolos de famílias, cidades ou países (lembremo-nos da folha de plátano no Canadá ou da palmeira em Cuba).

Ainda hoje, diversas árvores têm curiosas simbologias associadas, como por exemplo, o carvalho, símbolo de força e longevidade, a oliveira símbolo de paz, o loureiro de imortalidade e glória, a tília de amizade e fidelidade .

Muito mais podíamos dizer a propósito das árvores e florestas, que tanto têm oferecido à humanidade!

Infelizmente, tem havido destruição, por vezes incontrolada, de florestas (veja-se o caso da Amazónia), pelo abate sistemático de árvores, mas também pelo fogo e algumas epidemias.

Presentemente, aqui na nossa zona, está a alastrar uma preocupante epidemia nos pinheiros bravos, que foi detectada na península de Setúbal em 1999. Esta doença, denominada por “murchidão dos pinheiros” é provocada por um nemátode (espécie de verme do grupo das lombrigas) que tem cerca de 1mm de comprimento e que se alimenta quer de fungos que vivem na madeira, quer de células dos canais condutores da água, levando à morte do pinheiro ao fim de poucas semanas ou meses. Apesar dos esforços que têm vindo a ser feitos, com o abate dos pinheiros doentes e com a criação de uma faixa de contenção com 3Km de largura que vai desde Odemira a Vila Franca de Xira, não se conseguiu ainda travar a progressão da doença. Não se sabe exactamente como esta doença chegou a Portugal, mas admite-se que tenha sido através de madeira importada do Canadá que chegou ao porto de Setúbal.

Para terminar, gostaríamos de fazer um apelo, no sentido de que, cada um de nós, faça a sua parte (possível) para proteger as nossas florestas, nem que seja a passar esta mensagem aos amigos! A Floresta agradece!

Ética Ambiental: Fim de uma civilização

António Amável

Nos anos 40 do século passado a vida das comunidades em Portugal era em grande parte do país comparável à da Idade Média. Mesmos em capitais de distrito não havia esgotos e os excrementos eram deixados em recipientes às portas das casas e manhã cedo eram vazados para um grande bidão que uma carroça transportava. Era frequente o conteúdo sacolejar pingando as ruas. Nas aldeias da Beira à noite as mulheres juntavam-se e contavam histórias dos lobisomens que andavam pelas serras. Havia rezas para todas as doenças só recorrendo ao médico em último recurso. As ruas eram cobertas por mato que os animais iam pisando e depois de curtido servia de estrume para a agricultura.

Os habitantes daquele tempo ou os seus filhos são hoje consumidores desenfreados. É verdade que vão mais ao médico mas acreditam no tarot, consultam bruxos e não primam pelo asseio pessoas ou público mas têm um ou mais automóveis, telemóveis de última geração, passam as suas férias em Punta Cana e têm um cãozinho de estimação.

O panorama descrito não era e não é muito diferente no resto da Europa. Desabaram sobre os cidadãos novidades tecnológicas de que são simples receptáculo e que usam sem crítica nem critério. A multidão instalou-se e quer sempre o melhor lugar.

O homem, entretanto, já está a ser esmagado pela natureza que destruiu. Os lixos acumulam-se pois crescem numa progressão geométrica e a sua reciclagem cresce numa progressão aritmética. Ele vive em tensão e como os outros animais procura a Natureza. Para isso socorre-se do seu automóvel para sair do seu meio e vai contemplar o mar, o rio ou a serra. Mas são muitos os que pensam assim e por isso a maior parte do tempo perde-se no trajecto.

A qualquer alteração visando uma maior justiça para a maioria ergue uma bandeira com os seus direitos atingidos, roçando por vezes o anedótico (recorde-se o protesto que se fez ouvir quando se anunciaram medidas para fazer pagar sacos de plásticos).

Em seu redor crescem os problemas: demográficos (na Europa uma população cada vez mais envelhecida enquanto no Sudeste da Ásia, África e América Latina, os jovens, em maioria, fogem da fome para a Europa), o terrorismo (o problema nunca resolvido do conflito Israel-Palestina foi o rastilho para outras zonas do globo), a desertificação, já pela utilização das árvores, em África, pelas populações, para aquecimento, já pelo desbaste das florestas para uma má utilização agrícola (notícias dos jornais dão conta de que 60% da floresta Amazónica em 2030 estará destruída) a SIDA e tantos outros flagelos.

O homem europeu, ainda há pouco saído de uma vivência medieval, é um novo

rico que se deslumbra com obras. Discute-se o novo aeroporto e as últimas notícias dizem que será em Alcochete pois será muito mais barato, apenas com o «pequeno» inconveniente de prejudicar gravemente o maior aquífero da Península Ibérica (não se ouviram protestos em Almada que consegue ter uma boa qualidade da água). Se forem reduzidos os serviços de abastecimento de água, serão igualmente reduzidos os serviços de Saúde e de Saneamento Básico. Mas nada disto interessa, pois os mais qualificados foram substituídos pelo homem médio que se sente «como todos o mundo», afirma o direito da vulgaridade e impõe-o por toda a parte. Na América do Norte diz-se «ser diferente é indecente». O fim do império romano foi a anulação das minorias dirigentes substituídas pelas massas (Ortega Y Gasset) e com o fim dessa civilização durante séculos ficaram esquecidas conquistas como termas, salgarias de peixe (havia pelo menos uma em Almada), aquedutos (só no século XVIII se construiria o de Lisboa, por exemplo).

A participação consciente dos cidadãos não existe e faz-se muito pouco para integrar os imigrantes e não os excluir (o exemplo da França é paradigmático), evitar a poluição, o consumo desenfreado de energia, a defesa, enfim da natureza no seu sentido mais lato e com isto a defesa da civilização.

Correio da Usalma, n.º 12, 2008, p. 3 e 8



III Parte: Itinerários de Cultura e Lazer

TOPONÍMIA
BOCA DO VENTO

LOURO
ARREIA

A

III Parte, tendo por fonte os Boletins Profalmada e Correio da Usalma, espelha o programa artístico da APCA, entre o lúdico-recreativo e o lúdico-didático.

A abertura a novos territórios (viagens) e a novos espaços (visitas de estudo) afirma-se como eixo da cultura da APCA, enquanto associação de professores virada para a Cidade, sem fronteiras de idade, de género, de habilitações académico-profissionais ou de localismos.

A cultura integral do indivíduo ou a universidade popular, à maneira de Bento de Jesus Caraça (1901-1948), constituem-se como fonte de inspiração da APCA em sua itinerância.

Museu da Cidade e Museu de Arte Antiga

Jerónimo de Matos

Sob esta rubrica vamos reviver as nossas viagens de descoberta e convívio.

Em 2005 procurámos, numa primeira fase, continuar a descobrir ou visitar instituições, lugares e monumentos da área metropolitana de Lisboa: o Museu da Cidade, o Museu de Arte Antiga, em visitas guiadas que foram também viagens ao imaginário e à criatividade do povo português.

Mas o nosso destino maior e o mais visitado nesta área foi Sintra: primeiro, foi a descoberta da obra de Júlio Pomar, a sua “autobiografia” artística, em exposição no Museu de Arte Contemporânea, e, na mesma viagem, o Palácio Nacional. Excelentes guias, em ambos os casos, fizeram destas visitas viagens de descoberta de novos sentidos e de prazer estético.

Uma segunda viagem levou-nos, primeiro, ao mundo do esoterismo, no misterioso palácio da Regaleira e, confortado o estômago em Negrais, fomos à descoberta do mundo romano no acolhedor Museu de Odrinhas.

Nas férias de Páscoa realizou-se o projectado passeio a Espanha cujo périplo passou por Madrid e as maravilhas artísticas do Prado. Rumámos a Barcelona, com estadia de três dias para conhecer ou reconhecer os seus tesouros: das Ramblas ao Montjuic, cirandando pelo parque Guell, ou pelas avenidas à procura das criações geniais do Gaudi, quer nas habitações da fantasia como La Pedrera, quer no arrojo de espanto e vertigem que é a inacabada catedral da Sagrada Família. E, de caminho, conduzidos por um guia excelente, fomos descobrindo o Museu Picasso, o Museu da Fundação Miró, o Museu de Arte da Catalunha, a velha Catedral, a zona portuária e o flamenco. Regressámos por Saragoça, com a visita à Catedral da Senhora do Pilar e Toledo, a deslumbrante cidade de Greco, cujo museu complementou a visita à capela da Igreja de S. Tomás para nos extasiarmos alguns minutos a ouvir o guia e a observar em silêncio “O Enterro do Senhor de Orgaz”. Deambulámos ainda pelas ruas e praças à procura dos vestígios da Toledo imperial, onde viveram em tolerância mútua cristãos, mouros e judeus. Dos cristãos, não pudemos visitar o interior da majestosa catedral por ser Domingo, nem de novo os “grecos”, com destaque para “o despojamento de Cristo no Calvário”. Dos mouros, a traça do casco antigo, e vestígios arquitectónicos em vários monumentos. Dos judeus, a belíssima mesquita de Santa Maria La Blanca.

Já com o calor a apertar, em Maio e Junho, fomos à redescoberta do sempre atracente Alentejo: primeiro Évora e a Praça do Geraldo e a magnífica Catedral; mas também as Portas de Moura, o aqueduto, a judiaria, a universidade do Espírito Santo e tantas igrejas e capelas, que seria longo enumerar.

Depois Serpa, com seus jardins e praças, o Museu Etnológico, o Castelo e as lendas dos Santos Mártires de Serpa, as muralhas, as Igrejas e Capelas, não faltando a visita à queijaria...

No regresso, Beja, com visita ao Convento de Nossa Sr.^a da Conceição, hoje museu, que foi residência e cenário dos amores de sóror Mariana Alcoforado, como contam as *Cartas Portuguesas* que lhe são atribuídas.

Em fins de Outubro fizemos a segunda grande viagem do ano: pela Galiza, rumo a Santiago de Compostela.

Profalmada, n.º 1, 2005, p. 8

Museu do Chiado – Museu Arpad / Vieira da Silva; Azeitão: Quinta da Bacalhoa e Caves José Maria da Fonseca

Jerónimo de Matos

Vagueei encatado pela Quinta da Bacalhoa, entre maravilhas de arte mourisca encravadas em Casa tão Portuguesa e tão ligada à Índia, ao Oriente ao Ultramar

Gilberto Freire, *Aventura e Rotina*, 1951, p.66.

A execução do *Plano de Actividades* de 2006, no capítulo de *Itinerários de Cultura e Lazer*, começou da melhor forma, com visitas guiadas a dois museus de Lisboa, o Museu do Chiado e o Arpad/Vieira da Silva, às Amoreiras, e a visita guiada à *Sintra do Sul*, a Vila Fresca de Azeitão e à sua jóia turística, a Quinta da Bacalhoa.

Nos museus de Lisboa é de salientar a excelência dos guias que tornaram mais acessíveis e de maior apreço as obras dos nossos grandes criadores plásticos contemporâneos, nomeadamente os grandes mestres da Escola de Paris, Maria Helena Vieira da Silva e Arpad, no museu de que são patronos, e, no Museu do Chiado, a excelente oportunidade de visitar uma exposição temporária denominada *O Olhar Fauve* da colecção do Museu das Belas Artes de Bordéus.

A visita a Azeitão tinha como destinos as Caves José Maria da Fonseca, a Quinta das Torres e, principalmente, um dos mais antigos e belos solares portugueses, a Quinta e o Palácio da Bacalhoa.

A Quinta e Palácio, cuja posse e utilização real remonta ao reinado de D. João I, é um verdadeiro museu do azulejo onde podemos admirar os primeiros azulejos de produção portuguesa e também de sevilhanos mudéjares, de azulejos relevados geométricos e historiados, de aresta e majólica. Ali, no belo Palácio, nos jardins e na casa de fresco, admirámos também os primeiros exemplares da arquitectura do Renascimento, de influência italiana, nas galerias de arcadas e nos jardins de traça renascentista.

Nas Caves apreciamos painéis de azulejos preservados, algumas obras de arte, nomeadamente pintura, incluindo um Baco, cópia de Rubens.

A visita às Caves José Maria da Fonseca *informou-nos* detalhadamente sobre a complexa produção do afamado moscatel que degustamos à saída. Após o almoço

Passado o portão exterior, espreita-nos do lado esquerdo uma bela Fonte Decorativa, a água escorrendo de seus quatro tabuleiros, desde o superior até ao magnífico tanque, que repousa num fresco relvado.

Eis que se abre o portão interior, frontal ao exterior, e a nossa anfitriã, a Dr.^a Ana Matos, nos convida a entrar. Passamos então a espaçosa praça rectangular que ostenta, a cada canto, uma espécie de torreões de arquitectura cilíndrica fechados no topo por cúpula ondulada, encimada por uma urna oval, símbolo da dinastia de Avis. Estes “torreões” acompanham em altura os edifícios a que se encontram ligados. As suas linhas têm alguma semelhança às guaritas da Torre de Belém. Em número de onze, estas construções distribuem-se estrategicamente, junto ao Palácio e pela Quinta.

A nascente, a toda a largura da praça, um alpendre apoiado em mais de uma dezena de arcos de volta perfeita, serve o edifício que seria de serviços.

A poente, também a toda a largura da praça, o Palácio, que de planta em L, prolongada desde o topo norte desta, a sua outra ala para poente na direcção de uma das vinhas e do grande tanque de rega.

A meio da ala do Palácio, que dá para a dita praça, uma escadaria de dois lanços, convida à entrada no piso superior, ao mesmo tempo que sob o patamar superior se abriga, em arco, a entrada do piso térreo. A escadaria e o rodapé do lance superior estão revestidos a azulejos hispano-árabes, técnica corda seca, cada parede com decoração diferente e aplicação na horizontal, ou diagonal.

Após agradável descrição da história desta Quinta-Palácio, do seu valor histórico, arquitectónico e artístico, de responder à curiosidade dos visitantes e de nos oferecer um interessante folheto, a Dr.^a Ana Matos guiou-nos, iniciando a visita com a passagem às vinhas, através de um “torreão” que no seu interior guarda uma bela fonte constituída por um elegante cisne e três crianças a ele agarradas num belo conjunto.

Ali, entre as vinhas e a ala do palácio de orientação nascente-poente, cujas varandas, ambas com o mesmo comprimento, mas a do piso inferior com três arcos suportando a superior com seis, se debruçam sobre as vinhas, a Dr.^a falou da arte existente - os azulejos das varandas e os bustos em baixo relevo entre aquelas e, ainda enquanto caminhamos para o tanque de rega, fala-nos dos especiais cuidados que exige a cultura daquelas vinhas.

O tanque de rega, de respeitável superfície, terá tido um repuxo Central, é um belo espelho de água que empresta frescura às casas de lazer que o limitam a sul. Nessas casas, degustámos um bom Moscatel da Bacalhoa Vinhos, e pudemos apreciar os, ainda existentes, velhos azulejos policromados dos rodapés. Decorando o muro interior, que vem da entrada poente até o tanque e, deste até o jardim labiríntico, situado entre as duas alas do palácio, foram há pouco colocados medalhões cerâmicos da “Borbalo Pinheiro”, em substituição dos originais “La Róbia”, desaparecidos e com paradeiro desconhecido.

Entre as casa de lazer, do tanque, e o Palácio vêem-se, além dos medalhões, interessantes azulejos, como o painel “Rapto da Europa”.

Já, no interior do Palácio, pudemos ver imensa arte: painéis de azulejos represen-

tando rios importantes, quer nacionais, quer estrangeiros, mobiliário antigo, painéis de mosaico romano e belas pinturas. Daí passamos ao exterior, voltando à grande praça rectangular, já nossa conhecida, terminando, maravilhados, a nossa visita a esta “jóia única”, como reza o folheto

Ainda segundo o folheto, terá a sua origem em 1330. A sua história terá tido início com os fundadores da Dinastia de Avis, passando mais tarde a Brás de Albuquerque, filho do grande conquistador das Índias (isto já documentado) e ter-se-á mantido na família Albuquerque até 1850.

Passou tempos menos bons (segundo a voz popular), chegou quase ao estado de ruína. Foi restaurada e esteve à beira de ser levada para os Estados Unidos e aí reedificada. Ter-se-á mesmo iniciado a sua desmontagem, logo impedida pelos protestos que se levantaram.

O actual dono, Comendador Joe Berardo, parece apostado em devolver a dignidade e enriquecer mais e mais esta real jóia de Portugal.

Resta-nos agradecer a gentileza e simpatia da Dr.^a Ana Matos que nos guiou e ao Sr. Comendador pela sua dedicação a esta jóia e pela abertura da mesma, para que o público possa admirá-la e amá-la.

Correio da Usalma, n.º 3, 2006, p. 8 e n.º 4. p. 8

Viagem à Andaluzia

Jerónimo de Matos

Quando era jovem, realizou-se uma vez um colóquio muito importante, que reuniu numerosos sábios do mundo conhecido [...] Tratava-se de eleger a terra mais propícia ao desabrochar do ser humano(...) A Andaluzia saía vencedora da votação final. O al-Andaluz, a minha província, harmonia consumada entre a natureza e o homem, e cuja pérola era Córdova.

Herbert le Porrier

in O Médico de Córdova (Moisés Maimónides, filósofo, teólogo e médico judeu, cerca de 1200)

Proseguindo o objectivo de juntar cultura e lazer e o justo propósito de conhecer primeiro a nossa *casa* e a *casa* do nosso vizinho, para depois nos abalancharmos a rumos mais largos, seleccionámos este ano, como rotas principais, o circuito das Aldeias históricas, a percorrer em Junho, e a Andaluzia para a viagem das férias da Páscoa. A adesão dos sócios ultrapassou muito a nossa capacidade, que era de 50 lugares.

Saímos de Almada às 7 da manhã do dia 7 de Abril, rumo a Sevilha, via Algarve. Chegámos à hora de almoço, após o qual, orientados por um guia excelente no conhecimento da cidade, mas exprimindo-se em *portinhol*, percorremos, de autocarro e a pé, as avenidas e os lugares mais belos e carregados de história da que foi capital da expansão espanhola, donde partiu Colombo em 1492, à descoberta das Índias Orientais e regressou sem descobrir que afinal tinha aportado às Índias Ocidentais

(Cuba e as Antilhas).

Apreciámos, ao longo de extensa avenida e no Parque Maria Luísa, pavilhões representativos da arquitectura dos países que participaram na Exposição de 1929, entre os quais o de Portugal, actualmente consulado Português, e vimos, de longe, a ilha da Cartuxa, no meio do Guadalquivir, cenário da Exposição de 1992.

Visitámos o típico bairro de Santa-Cruz, antigo bairro judaico, aproximando-nos da mole imensa da Catedral, sinalizada ao longe pela Torre da Giralda, o vestígio mais saliente da presença árabe, conjuntamente com a Torre del Oro. No interior admirámos a sua beleza arquitectónica (a maior catedral gótica da Cristandade) e a riqueza artística do retábulo e das capelas laterais, com excelente pintura.

De Sevilha rumámos a Granada, bela cidade cercada de serranias em que se destaca a Sierra Nevada, coroada de neve. Com uma guia de origem Portuguesa, tornou-se mais *familiar* a visita ao Alhambra, a cidade-palácio dos naziris (a última dinastia árabe no al-Andaluz), maravilhoso exemplar da arte islâmica, com histórias de amor e violência. A visita prosseguiu pela cidade que foi o último reduto árabe, entregue aos reis católicos Isabel e Fernando em 1492, com a entrada na Catedral e na anexa Capela tumular dos reis católicos, verdadeiro museu de arte em que sobressai a pintura e o tesouro real.

Após o almoço no hotel, prosseguimos a viagem rumo a Córdova, admirando a paisagem de imensos olivais, pontuada, de longe em longe, de cidades brancas.

A cidade dos filósofos Séneca, Averroes e Maimónides reservava-nos magníficas surpresas. Não é já, como explicou a jovem e competente guia, a maior cidade do Ocidente como aconteceu no século XII, com os seus 650 mil habitantes (hoje tem cerca de 300 mil) mas conservou valores históricos e tradições que a tornam única no Ocidente. Em primeiro lugar, a imensa e magnífica mesquita, selva de colunas e arcos que não cansa, pela variedade de motivos, e pela perspectiva sempre nova para o olhar do visitante. Aguardava-nos em Córdova a surpresa duma procissão da semana santa. Vimos assim desfilar, ao longo das ruas, com destino à mesquita-catedral, dezenas de irmandades com os seus penitentes encapuçados, enormes andores com passos da Paixão de Cristo, transportados por jovens invisíveis sob o andor, portadores de insígnias bandas de música, *clero, nobreza e povo*, imenso povo que deslizava atrás da encenação ou observava apinhado nos passeios.

No dia seguinte, a visita prosseguiu pelos velhos bairros, com os seus encantadores pátios interiores, muito floridos, que refrescam e perfumam as casas e são objecto de um concurso anual; as pequenas praças antigas, cheias de história: a Corredora, a do Potro, onde se conserva um albergue do séc. XV em que terá pernoitado Miguel de Cervantes.

De Córdova, após o almoço, passando de novo por Sevilha e entrando pelo Algarve, regressámos a Almada, com a sensação de termos vivido excelente jornada de cultura e convívio.

Aldeias Históricas

Jerónimo de Matos

Conhecer o rico património histórico e monumental do Interior e contribuir para a dinamização da sua vida cultural e económica, foram os objectivos desta visita às *Aldeias Históricas*.

Aldeias Históricas é uma designação pouco exacta, uma vez que algumas das povoações abrangidas pelo programa são vilas, sedes de concelho, dinâmicas e progressivas (casos de Belmonte, Almeida) Trancoso, e as restantes foram vilas e sedes de concelhos medievais, com seus forais e pelourinhos, concelhos extintos nas reformas administrativas do século XIX.

O périplo começou por Idanha-a-Velha, depois dum suculento almoço em Idanha-a-Nova. E começou da melhor forma, com uma viagem às mais remotas origens pré-históricas e históricas, com destaque para a presença romana da *Civitas e Igaeditanorum*, visigótica da Egitânia e sua catedral árabe da Exitânia e sua mesquita e templária da Idanha com seu Castelo, construído sobre o pódio do Templo Romano.

De Idanha rumámos a Monsanto, orgulhosa do seu galardão de “aldeia mais portuguesa de Portugal”, ganho em concurso do Secretariado da Propaganda Nacional, em 1939.

Dia tórrido que não desmobilizou o grupo de intrépidos escaladores que quiseram contemplar o belíssimo portal da igreja românica de S. Miguel e “conquistar” o Castelo roqueiro.

De Monsanto, com olhos deslumbrados dos belíssimos panoramas que a alcançada “nave de pedra” proporciona aos visitantes, seguimos para Sortelha.

Aqui tivemos como cicerone o Sr. Presidente da Junta, que, incansável, nos levou a todos os locais de interesse da belíssima “vila medieval”, do Castelo assente sobre rocha monumental, pelas ruas e ruelas com vestígios da presença judaica, até às portas da muralha, à capela e cemitério (dos leprosos) extra-muros.

Exaustos, mas felizes, acolhemo-nos ao hotel do Sabugal, tendo antes avistado o elegante Castelo das cinco quinas, banhado pelo mítico rio Côa.

Aqui, uma surpresa desagradável: as festas de S. João, com seus concertos roque e música “pimba” a prolongarem-se noite dentro, até às seis da manhã, presentearam-nos com duas noites de vigília (atenção Sr. Presidente da Câmara, assim despromeve a cultura e espanta o turismo).

No dia seguinte a visita começou em Castelo Mendo, cujas portas franqueámos sem receio dos dois berrões, que fazem guarda, ou melhor, dão as boas vindas aos visitantes. E foi um deambular pelas ruas e ruelas até ao arruinado Castelo e Igreja de St.^a Maria, descobrindo solares, varandas, janelas manuelinas, o elegante pelourinho e o núcleo museológico com o sugestivo nome *Do tempo e do espírito*. Prosseguindo o passeio, entrámos depois em Almeida, pelas magníficas portas de S. Francisco que flanqueiam a imponente fortaleza e praça-forte, de estilo Vauban, seguindo para as Casamatas, salas e corredores subterrâneos no interior das muralhas, que acolhiam a população em caso de ataque e que serviram de temíveis prisões para os

liberais, durante a guerra civil que opôs miguelistas e liberais entre 1828 e 1834.

A diligente guia levou-nos depois aos pontos de maior interesse histórico da vila: a roda dos expostos, o picadeiro de El-Rei, as ruínas do castelo medieval, de trágica memória, por causa da explosão de 1810, os paços do Concelho e o Tribunal.

Em Castelo Rodrigo, admirámos o vasto panorama com a Marofa em fundo e Figueira a seus pés. Percorremos as ruínas do Palácio de Cristóvão de Moura, incendiado pela população, após a Restauração; entrámos na Igreja do séc. XII, com talha e pintura barroca do séc. XVII, e deambulámos pelas ruas da antiga vila, descobrindo portas e janelas manuelinas, a Cisterna-Sinagoga e muitas marcas da presença judaica.

Em baixo, na actual sede de concelho, tivemos fidalga recepção, na casa da cultura, com saudação de boas vindas pelo Senhor Vice-Presidente e Vereador da cultura da Câmara Municipal e troca de lembranças, seguida de um lanche com excelentes produtos e o vinho da região. Terminámos o dia em Linhares, visitando o fórum, o Castelo monumental, as casas e os solares com marcas da antiga opulência dos senhores condes de Linhares. Na igreja matriz, admirámos pinturas da escola de Grão Vasco.

No terceiro dia foi a vez de Belmonte e Centum Cellas, Castelo Novo e Piódão.

Profalmada, n.º 4, 2006, p. 8

Paris

Jerónimo de Matos

Parafraseando E. Hemingway, Paris foi, durante quatro esplêndidos dias, uma festa para os 54 visitantes que responderam ao convite da Associação. Bom tempo, viagem de avião tranquila, bom hotel, excelentes guias... tornaram a visita a Paris uma experiência rica de vivências daquilo que a cidade tem de mais belo e mais típico. Da Torre Eiffel a Montmartre, da travessia do Sena em *bateau mouche* à *Place du Tertre*, Versalhes, os museus do Louvre, de Orsay, de Picasso... foi uma descoberta maravilhosa para os neófitos ou uma (re)vivência sempre grata para os *habitués*.

A visita concluiu-se com chave de ouro: passeio à Île de la Cité, a Notre Dame, à Sainte Chapelle e uma passagem pelos *bouquinistes*, à beira do Sena.

Mas, melhor que as palavras, falam os testemunhos dos participantes, dos quais respigamos dois ao acaso:

Ah! Paris... Paris! Ah! APCA... APCA! Que momentos me proporcionastes! Uma ótima organização que contribuiu para uma excelente viagem. Houve uma boa gestão do tempo, que permitiu conhecermos muito em pouco tempo. Trouxe na bagagem o peso do saber, que dificilmente passou no *check in!*...(Maria Teresa Conceição)

Acompanhei a minha mulher e conheci tanta gente interessante neste grupo! Os professores têm muito para dar a todos nós. (António José Gonçalves).

Profalmada, n.º 5, 2006, p. 8

Alpiarça e Golegã

Jerónimo de Matos

Não tomámos o barco no Terreiro do Paço, como Almeida Garret, para visitar o Vale de Santarém, mas *As Viagens da Minha Terra* da APCA andaram de autocarro pelas Lezírias que o poeta cantou e onde sentimos o mesmo deslumbramento da paisagem e o pulsar cultural dos municípios visitados: Alpiarça e Golegã.

Foi num sábado ameno de sol e alguma chuva, mas sobretudo de alegre convívio de fruição cultural.

Primeiro a Casa dos Patudos, de José Relvas, excelente exemplo de legado cultural oferecido à comunidade e ao país. E que legado! A residência familiar, obra do arquitecto Raul Lino, que é um marco na arquitectura portuguesa e a riqueza do seu recheio: mobiliário de estilo, pintura de primeira qualidade, com destaque para os naturalistas Tomás da Anunciação, Silva Pinto e também Columbano e Malhoa, painéis de historiados de azulejos dos séculos XVI a XVIII (vindos dos conventos extintos) e do século XIX-XX, criados para a casa de Relvas.

Após breve visita à reserva do Cavalo do Sorraia, matriz genética do cavalo Lusitano e de um almoço reparador de energias, rumámos à Golegã, atravessando o Tejo na *ponte coberta* da Chamusca. Nesta bela cidade visitámos o Equuspolis, complexo hípico e cultural em cujo museu municipal, moderno e bem equipado, assistimos a excelentes documentários sobre o Cavalo Lusitano e na galeria de exposições admirámos as obras de um dos grandes escultores do século XX, Martins Correia, natural da Golegã.

Com a visita à Igreja Matriz, obra paradigmática das igrejas manuelinas de média dimensão, da autoria de mestre Boytac, em que se destaca o magnífico portal de decoração naturalista e com as referências inevitáveis (as esferas armilares, a cruz de Cristo e o escudo nacional) ao mecenas D. Manuel I, deixámos a Golegã. Regressámos a Alpiarça para degustar, numa adega industrial, o excelente vinho e licores da terra.

Profalmada, n.º 7, 2007, p. 8

Portalegre, Marvão e Castelo de Vide

Jerónimo de Matos

O itinerário desta Páscoa de 2007 não podia ter melhor destino. A amenidade dos dias de Primavera e o esplendor dos campos alentejanos, revestidos das suas melhores galas, tornaram a visita ao triângulo turístico - Portalegre, Marvão, Castelo de Vide - um prazer constante para os olhos, para o espírito e para o paladar.

A saída madrugadora e pontual da Praça São João Baptista fez com que o horário da visita a Portalegre se cumprisse.

Começámos pela Casa Museu José Régio, o vilacondense que se apaixonou pela paisagem e da arte do Alto Alentejo e tudo recolheu num espólio magnífico que é

hoje uma homenagem ao poeta da *Toada de Portalegre* e ao génio criador do povo alentejano. Seguiu-se a visita-guiada ao Museu da Tapeçaria, onde observámos as técnicas de fabricação e a sua evolução no séc. XX e apreciámos belíssimos exemplares expostos. Fomos depois ao Castelo, recentemente recuperado para actividades culturais, e à Sé que, face ao adiantado da hora, só apreciámos por fora na sua imponência de edifício do estilo-chão português, com pormenores do Barroco. Após o almoço, na Quinta da Saudade com especialidades da cozinha alentejana e a observação panorâmica da cidade e do Parque Natural da Serra de S. Mamede, ainda houve tempo para a visita ao Mosteiro de S. Bernardo e ao magnífico Mausoléu do Bispo da Guarda (que nunca visitou a sua cidade), D. Jorge de Melo, atribuído a Nicolau de Chanterene. É justo destacar o bom trabalho da jovem guia que nos acompanhou, muito informada e excelente comunicadora.

De Portalegre a Marvão apreciámos os contrastes do vale e da montanha, até avis-tarmos, alçandorada no alto do monte rochoso, qual cidade suspensa, a bela Al-mar-ruan, de fundação árabe.

O seu rico património contrasta com a rarefacção demográfica. Acompanhados de solícita guia, visitámos o perímetro urbano com as suas casas de variada arquitetura antiga, o seu castelo e as colecções dos Museus Militar e Municipal.

À tardinha, rumámos a Castelo de Vide e, depois de acomodados em acolhedor hotel no centro da vila, jantámos e fizemos a primeira incursão de reconhecimento. E assim se cumpriu o dia 29 de Março.

O dia 30 iniciámo-lo com a recepção no salão nobre da Câmara Municipal, com saudação de boas-vindas pelo Senhor Vice-Presidente da Câmara, Dr. António Pita, que nos dirigiu calorosas palavras de boas-vindas e se disponibilizou para ele próprio guiar a visita ao riquíssimo património de Castelo de Vide, caso raro de integração de tradições judaicas na liturgia Cristã da Páscoa.

Começámos pelo centro histórico, dirigindo-nos depois ao imponente Castelo. Aqui tivemos a grata surpresa de visitar uma casa antiga, restaurada e transformada em autêntico museu de arte e recordações de viagens, por gentileza do seu proprietário, Sr. Comandante Manuel Nemésio, filósofo viajante e filho de Vitorino Nemésio. A visita continuou pela judiaria e sua sinagoga (em intervenção arqueológica) e terminou na simbólica fonte da vila.

Após o almoço visitámos ainda a Capela de Nossa Senhora da Penha, o seu soberbo miradouro e o Centro de Interpretação do Megalitismo, excelente exemplo de pedagogia da pré-história.

Seguimos depois para Estremoz, onde, após breve visita ao centro histórico, mu-seu e igreja renascentista, jantámos em restaurante típico e regressámos a Almada, com a sensação de dois dias cheios de *Cultura e Lazer*.

Roma e Assis

Jerónimo de Matos

O grande poeta do século XVIII Wolfgang Goethe, que visitou e viveu em Roma entre 1786 e 1788 e ali escreveu *Viagem à Itália*, sentiu a sua experiência romana como um rejuvenescimento, pelo contacto com as fontes da cultura europeia: os melhores tesouros das civilizações grega, etrusca, romana, medieval, renascentista e barroca.

Não sei se os 52 visitantes da Associação de Professores, que visitaram Roma entre 7 e 10 de Junho, se sentiram renascer como Goethe, mas sei que foi com enorme curiosidade e prazer que, acompanhados por competentes guias, deambularam pelas Catacumbas de S. Calisto, Transtevere e sua belíssima Igreja de Santa Maria e viram de surpresa a caravana do Papa, correndo a alta velocidade, ao longo do Tibre, no 1.º dia.

Percorreram, pela Via Sacra, as ruínas do Fórum, o Coliseu, o Teatro de Marcelo, entre colunas, arcos de triunfo, ruínas de templos, na manhã do 2.º dia; visitaram as Igrejas de Santa Maria Maior, S. João de Latrão (o espanto do túmulo de Júlio II com imponente e irado Moisés) a basílica de S. Pedro (a maravilha da Pietá - *A mais bela escultura da Virgem* (segundo a encomenda do Papa a Miguel Ângelo), os museus do Vaticano, repletos de obras primas (pelos quais corria um rio de gente) e, maravilha das maravilhas, a capela Sixtina com os frescos da história da criação e o espantoso juízo final. Prodigioso Miguel Ângelo! Foi assim o 2.º dia.

No 3.º dia foi a peregrinação a Assis, cidade medieval no coração da Úmbria, com a visita às igrejas de St.^a Clara, de S. Francisco e da Porciúncula, nas quais o admirável Giotto deixou gravada a fresco, a vida *miraculosa* de S. Francisco e seus companheiros e na qual anuncia os tempos novos da Renascença italiana.

No 4.º dia foi o deslumbramento do Palácio Borghese com as obras primas de escultura de Bernini e os quadros de Rafael, Ticiano, Correggio, Caravaggio e tantos outros que a riquíssima família de Paulo V, Borghese, juntou e/ou açambarcou.

Concluimos a visita, regressando às origens, nos museus Palatinos, revisitando os tempos gloriosos do nascimento de Roma, documentados na estátua da Loba que amamenta Rómulo e Remo, ou do Império de que, das 20 estátuas equestres em bronze, restou a monumental de Marco Aurélio.

Foram quatro dias intensos de arte e cultura, mas também de bom e alegre convívio, a que não faltou o estremecimento e o incómodo da passagem de George W. Bush!.

Profalmada, n.º 9, 2007, p. 8

Madrid

Jerónimo de Matos

Neste Outono primaveril atraiu-nos de novo o sortilégio de Espanha, das suas imensas Castelas, pontuadas de cidades carregadas de Arte e História: Sergóvia, Madrid, Cuenca e Toledo foram as escalas deste périplo de Cultura e Lazer.

Com a partida madrugadora de Almada e pequeno almoço em Elvas, chegámos a Madrid para o almoço, rumando em seguida ao destino do 1.º dia, a bela Segóvia, com seu aqueduto romano, seu alcazar árabe, suas esplêndidas igrejas românicas.

Celebravam-se em Segóvia festas anuais que enchiam as ruas de ranchos de forasteiros, com seus variados e coloridos trajas regionais.

O 2.º dia, com um programa muito carregado, começou com a visita guiada ao Escorial, essa construção *faraónica* em forma de grelha, saída da imaginação de Filipe II e do seu sentimento trágico do cristianismo, que toma por modelo de arquitectura um instrumento de martírio do S. Lourenço, patrono do Palácio-Convento, que foi assado numa grelha. *Faraónico* também pela constituição do Panteão da realeza, à semelhança das Pirâmides do Egipto.

O mais interessante para os visitantes foi a galeria de pintura com vários Grecos, Zurbarans, Riberas e tantos outros pintores espanhóis, italianos e flamengos de primeiro plano.

Com algum desconforto para muitos dos visitantes, o que seria uma passagem panorâmica pelo Vale dos Caídos, transformou-se numa visita guiada e uma apologia à vitória franquista na guerra civil, sem uma palavra de piedade pelos milhares de republicanos que, na condição de vencidos e escravos, ergueram aquele monumento de discórdia à glória do vencedor.

A tarde em Madrid tinha um programa ambicioso que se cumpriu com algum sacrifício de objectivos: a visita ao Museu Rainha Sofia quase se limitou à Guernica, excelentemente analisada pela guia, bem como a esboços preparatórios do quadro. A retrospectiva de Paula Rego apenas pôde ser espreitada, pois nos aguardava o Museu do Prado, numa Madrid atravancada pelos manifestantes do processo Afinsa. No Prado, os guias limitaram-se aos grandes nomes da pintura espanhola: Velásquez, Greco, Murilho, Goia...

Para o 3.º dia ficou a parte mais interessante desta visita: Cuenca, o seu esplêndido Casco Antigo, lá no alto da coluna rochosa, com as suas casas *colgadas* (dependuradas) e, numa delas, o Museu Nacional de Arte Abstracta.

Concluimos a viagem em Elvas, com um excelente jantar à Portuguesa, a matar saudades da nossa gastronomia. No regresso a Almada, pela noite dentro ainda houve tempo para o bom humor e o canto, o que, aliás, aconteceu ao longo de toda a viagem.

Profalmada, n.º 10, 2007, p. 8

Elvas

Jerónimo de Matos

Quem diria que a cidade de Elvas, outrora sede de Diocese, estigmatizada por A. Dinis da Cruz e Silva no *Hissope*, por uma questiúncula brejeira entre o Bispo da Diocese e o Deão da Sé, nos reservava tão agradáveis surpresas?

A explicação está na ignorância dos que vivem no termo de Lisboa e desconhecem a dinâmica cultural da província portuguesa.

Daí o acerto da escolha de Elvas, porta de entrada em Portugal que honra a cultura portuguesa.

Após um passeio pela zona histórica, visitámos o Museu de Arte Contemporânea, primeira surpresa pela qualidade e representatividade da arte portuguesa contemporânea, pelo excelente trabalho de recepção e pela guia (proficiente e gentil).

O Museu da Fotografia revela o esforço denodado de um antigo edil que juntou, no velho cinema, um espólio notável para a história da fotografia.

Após um reconfortante almoço com especialidades de Elvas (o bacalhau à Var-chotel, a carne alentejana, a cericaia com ameixa) foi a vez do *assalto* ao forte de Santa Luzia, hoje museu militar, com uma surpreendente reconstituição virtual das campanhas de Elvas, na guerra da Restauração e nas Invasões Francesa.

Seguiu-se a visita à Sé de que apenas pudemos ver o exterior e, na porta principal, recriar pela memória o desenrolar do conflito em que o deão se nega a vir à entrada entregar, como era de uso litúrgico, o *hissope* ao bispo para aspergir os fiéis que o esperavam na nave da sé.

Houve ainda tempo para subir ao castelo e, da muralha, avistar Badajoz, ao longe.

Profalmada, n.º 11, 2007, p. 8

Museus de Lisboa

Jerónimo de Matos

Não sei quem foi que disse que não é digno do seu país, quem se afadiga em visitar tudo o que é estrangeiro e ignora o património nacional.

Fernando Pessoa chamou-lhe *o nosso lastimável provincianismo*.

Não é o caso dos sócios da APCA que manifestam muito interesse e aderem em grande número às visitas guiadas ao património português, tanto o que está disseminado pelas nossas províncias, tão ricas e tão diversas, como o que se encontra guardado nos museus, com destaque para os da capital.

E a prova está no facto de se terem esgotado os lugares para as visitas programadas em Janeiro e Fevereiro, todas dirigidas a instituições museológicas de Lisboa. Foram primeiro e na mesma viagem, as visitas ao Museu da Presidência, no Palácio de Belém a às Coleções do Hermitage, no Palácio da Ajuda.

Em Belém, uma solícita guia mostrou-nos a parte visitável dos aposentos presidenciais, uma exposição temporária de presépios das Igrejas da diocese de Lisboa e o Museu da Presidência, onde, para além de numerosas e muito valiosas peças, oferta aos presidentes pós-vingte e cinco de Abril, sobressai a galeria de retratos, desde os convencionais aos dois últimos, pós-modernos, de Júlio Pomar (Mário Soares) e Paula Rego (Jorge Sampaio). Na capela apreciamos as discutidas pinturas de Paula Rego sobre a vida da Virgem Maria.

A visita aos Tesouros do Hermitage constituiu uma viagem através da história da Rússia e dos Czares, desde Pedro, o grande, até ao último Romanov, Nicolau II, com destaque para Catarina II. Impressionante a galeria de retratos e sobretudo a joalheria e o vestuário, bem como móveis e objectos, para nós exóticos, do dia-a-dia.

A visita à colecção Berardo no Centro Cultural de Belém, orientada por guias muito informados e com sentido pedagógico, foi ocasião de perguntas e debates que a arte moderna e contemporânea inevitavelmente suscita. No museu de Arqueologia, nos Jerónimos, percorremos, com guias muito solícitos, os tesouros das últimas épocas pré-históricas, em ouro e prata, a colecção de arqueologia egípcia, as religiões da Lusitânia e uma exposição internacional sobre o roubo e a recuperação de obras de arte ao longo da história, desde *os ladrões de túmulos, até aos latrocínios nazis*.

Na Mãe de Água e Museu Arpad / Vieira da Silva o cronista não esteve presente por ter de tomar parte num outro evento, em representação da Associação.

Profalmada, n.º 12, 2008, p. 8

Londres, Oxford, Stratford e Windsor

Jerónimo de Matos

Foram cinco dias muito intensos, mas valeu a pena o esforço dos cinquenta visitantes que, com disciplina e vontade de aproveitar a oportunidade, deambularam por ruas, praças, museus, castelos, palácios e teatros numa roda viva de história e arte, contemporaneidade e cosmopolitismo.

Se Paris é uma festa, Londres é um espectáculo vivo e interminável.

Mas façamos de forma sucinta a crónica dos dias.

Primeiro dia, saída muito matinal de Lisboa e chegada a Londres para o almoço

num típico restaurante-pub londrino.

Seguiu-se um passeio pelas duas margens do Tamisa, reconhecendo os grandes monumentos-ícones da cidade, com destaque para o Parlamento e a Catedral de Westminster, seguindo-se uma visita guiada à Torre de Londres. Foi um primeiro banho da história de Inglaterra que oscila entre a ilusão dos amores efémeros de Henrique VIII e o horror das decapitações políticas, para, em seguida, nos conduzir da frieza sinistra do *Blood Room* ao deslumbramento dos Tesouros da Coroa.

Segundo dia, visita à imponente Catedral de S. Paulo, onde repousam algumas das maiores glórias britânicas, com destaque para a postura original do poeta John Donne. Depois, no Museu Britânico, os tesouros inúmeros da história antiga, da Suméria ao Egípto, da Grécia a Roma, com impressionante riqueza de monumentos e obras de arte e história, que a colonização arqueológica do século XIX juntou na capital do Império Britânico.

Depois do almoço, os tesouros artísticos da National Gallery com Leonardo, Holbein, Rubens, Velásquez e *tutti quanti*.

À noite, num teatrinho de bairro, *O Fantasma da Ópera* ao vivo, com encenação deslumbrante, orquestra excelente e ótimos actores/cantores.

Terceiro dia, visita a Oxford; grande expectativa dificultada pela chuva batida pelo vento de um dia invernosíssimo inglês. Mas deu para perceber, para além da solemnidade antiga de colégios e igrejas, a tradição disciplinada e muito *british* da cidade dos doutores.

Depois do almoço *académico*, visita a Stratford e ao Shakespeare Museum, em que a presença do dramaturgo, da sua vida e obra, ocupam quase toda a pequena cidade.

Quarto dia, a visita ao Castelo de Windsor levou-nos quase à intimidade da rainha e da sua corte, onde voltámos a admirar tesouros artísticos de 1.º plano.

Depois do almoço, um banho de modernidade artística na Tate Modern, com um acervo imenso de arte moderna e contemporânea, dos Nenúfares de Monet ao tríptico de F. Bacon.

Após o jantar, um *tour* privado por Picadilly circus e Trafalgar square, deu para conhecer o lado inseguro da Londres *by Nighth*.

Quinto dia, primeiro o espectáculo tradicional e quase litúrgico do render da guarda, depois a visita ao museu da Madame Tussaud, entre o horror e o *kitch*.

De regresso a Lisboa e apesar das lições de cultura, civismo e da qualidade urbana, patente na conservação das zonas nobres, apeteceu-nos dizer, com uma ponta de nostalgia, o que Álvaro Pais disse a D. João, Mestre de Avis, que se propunha fugir para Londres, para escapar às perfídias de D. Leonor Teles: *Bom Londres, é Lisboa*.

Alqueva e Monsaraz

Jerónimo de Matos

A visita à Barragem do Alqueva e a Monsaraz excedeu, pela qualidade, a elevada expectativa que levou à sua escolha como destino do último itinerário antes das férias de verão. É pelo menos esta a avaliação do cronista, confirmada pelo testemunho unânime dos participantes.

Em primeiro lugar, salienta-se a impressão de grandiosidade, quer do grande lago, quer da barragem: 250 hm2 de área alagada, 80 km de comprimento, mil e tal de margens e mais de 400 ilhas e ilhotas .

O cruzeiro no Barco Guadiana foi um prazer para os olhos, um repouso para o espírito, um convite ao convívio, à observação dos acidentes e povoações da margem: Alqueva, Luz, Monsaraz... culminando num excelente almoço e o desafio ao canto, com predomínio dos cantares alentejanos.

A visita a Monsaraz foi um banho de calor, de história, de arte e de medievalidade. Foi uma maravilhosa viagem na máquina do tempo: o fresco do Bom e do Mau juiz (das duas caras) na casa da Audiência, a Igreja de Nossa Senhora da Lagoa (séc. XVI) estilo clássico-maneirista, de planta quadrangular, o castelo com sua torre de menagem, a Misericórdia do séc. XVI com o belo retábulo. A descida da cruz, a praça velha... arcos góticos por todo o lado, o pelourinho, os paços do concelho (actual turismo). Em suma, a povoação justifica bem a sua classificação de Imóvel de Interesse Público.

Profalmada, n.º 14, 2008, p.8

Alqueva

Américo Morgado

Extensão de azuis d'água
espraiada no desejo da terra,
beleza fecunda, imensidão de braços
a acolherem o homem que transforma.
Aqui, alegra-se o silêncio que se prolonga com a brisa
a ondular copas frondosas que sorriem,
e acariciar as mãos que escrevem
sem ser capazes de escrever o que vêem.
O som de um barco solitário desperta o olhar,
vejo as sombras das margens a inverter a terra onde tudo se esbate.
Se pudesse escolher um lugar onde dormir e ficar
pedia à solidão daquela ilha para entrar.
Tudo o mais é o sonho!

Profalmada, n.º 14, 2008, p.8

Braga e Guimarães

Fica-nos um registo do passeio a Guimarães, Braga e Mosteiro de Tibães. Com um tempo muito favorável, atendendo a que fomos já em finais de Setembro, lá rumamos ao *Berço da Nacionalidade* e à *Cidade dos Arcebispos*, visitas sempre agradáveis pelos anos de História que tais cidades venceram e, conseqüentemente, pela sua riqueza monumental e museológica, sem esquecer a beleza natural.

Uma menção particular para a visita ao Mosteiro de Tibães, que muito nos surpreendeu. Num percurso de duas horas e meia, caminhámos agradavelmente e com interesse, graças ao excelente guia que nos acompanhou. Trata-se, realmente, de um Mosteiro com vida, pelas diversas actividades que nele acontecem.

A título de informação e para despertar o apetite a futuros visitantes: - *A Igreja do Mosteiro é considerada um dos templos mais grandiosos de Portugal e dos maiores marcos da sua arte barroca.*

Profalmada, n.º 15, 2008, p.7

Museu do Azulejo

Deolinda Mendes

No dia 11 de Novembro do ano corrente, a professora Felicidade Vieira organizou uma visita de estudo com os alunos da Usalma, ao Museu do Azulejo.

O encontro de todos os colegas de várias turmas de pintura em azulejo, foi concentrado no cais fluvial de Cacilhas pelas 13h30 para assim irmos todos em grupo fazer a visita ao museu.

Escusado será dizer que foi uma alegria para todos os alunos (cerca de 20) de diferentes idades.

Entrando para o barco para iniciarmos a travessia, sentimo-nos crianças novamente.

Uns riam, outros olhavam uns para os outros felizes por estarmos a passar um bocado do dia diferente do que já não se fazia há longos anos. Olhávamos o rio à medida que o barco deslizava sobre as águas calmas do rio Tejo.

Falando agora uns, depois outros, chegámos a Lisboa. Todos juntos e atrás da professora, fomos apanhar táxis e assim chegámos ao destino que nos interessava.

Fizemos as nossas fotos de grupo, cada um com as suas máquinas fotográficas e outros, de bloco e caneta na mão, lá fomos entrando no mundo da fantasia do descobrir e falar da nossa história do azulejo. A visita foi guiada por uma senhora espectacular e atenciosa. No salão da entrada principal, vimos um painel em azulejo de vários materiais, maravilhosos efeitos derivado às cores diversas e ao abstracto dos desenhos.

Logo em frente, uma galeria com peças artesanais de alguns artistas. Entre eles estavam nomes como Rafael Bordalo Pinheiro, Ana Cordoavam, Ana Vilela, Eduardo Nero e muitos ladrilhos hispanos-mouriscos, etc.

Cada azulejo tem a sua história como figuras religiosas, incluindo o presépio em painel do ano

de 1580 com aproximadamente 1400 azulejos, onde já se fez pequenos restauros pois deterioraram-se ao longo do tempo.

Os sorrisos e olhares embevecidos de ternura das imagens dos pastores e até dos próprios animais são admiráveis.

Temos também o painel de D. Fernando e D. Isabel, com alguns azulejos do século XVI e outros totalmente século XVII, onde começou a fazer-se cores a partir do ano de 1640. No reinado de D. João V (1706-1750) nas igrejas, os tons frios do branco e azul contrastavam com os dourados das madeiras trabalhadas pelas habilidosas mãos dos artesãos dessa época. Também temos painéis vindos dos conventos das carmelitas, sob a forma de alegoria eucarística. Há também azulejos do reinado de D. João III século XVI, do ano 1771, estilo barroco, na capela D. Leonor.

Vimos outra peça espectacular: uma peça rococó alemã da 2.^a metade do século XVIII (talha dourada). Havia e há muito e muito mais para contar sobre as maravilhas que os nossos olhos viram, mas não haveria papel que chegasse para descrever tanta beleza artística. Não quero terminar o texto sem falar num painel de cor azul e branca de toda a nossa Lisboa, com cerca de 23 metros de comprimento onde está toda a história da cidade de Lisboa em azulejo antes do terramoto de 1755. É um painel muito belo.

PS: Não quero terminar sem apresentar os meus agradecimentos à professora Felicidade Vieira, pela tarde que nos proporcionou, organizando esta visita de estudo na qual nos sentimos intelectualmente enriquecidos.

Correio da Usalma, n.º 1, 2005, p. 6

Casa Fernando Pessoa

Joaquim Silva,

Enquadrada nos trabalhos da disciplina de Literatura Portuguesa da nossa Universidade, conduzidos no presente ano lectivo pela professora Maria José Januário, realizou-se no passado dia 17 de Abril uma visita à Casa Fernando Pessoa, por um grupo de alunos, com o acompanhamento da referida professora e de outros colegas.

Esta casa situa-se na Rua Coelho Rocha, 16-18, no bairro de Campo de Ourique, em Lisboa, e enquadra-se nos Serviços Culturais da CML, ocupando um edifício restaurado que foi uma das várias residências do poeta.

A nossa visita foi guiada por duas técnicas devidamente habilitadas, que nos facultaram o acesso ao recheio da casa, incluindo parte do espólio do poeta, e que nos deram várias explicações para um melhor conhecimento da pessoa e obra do mesmo.

De destacar que, para além de um retrato de Fernando Pessoa, original pintado por Almada Negreiros, pudemos ver o quarto com a cómoda que terá servido de apoio à escrita de parte da obra dos heterónimos, numa noite que o poeta classificou de triunfal.

No mesmo quarto está exposta, na estante original a biblioteca pessoal do poeta. Este contacto com a intimidade de Pessoa, os móveis, os livros e sobretudo a palestra

que desvendou aspectos menos conhecidos, ligados sobretudo ao esoterismo, causaram aos visitantes uma viva impressão.

Esta visita foi um contributo importante para compreendermos melhor o génio e a obra imensa de Fernando Pessoa, obra realizada em condições bem precárias e à qual dedicou toda a sua existência.

Deixamos aos nossos leitores um apelo a que visitem esta instituição de cultura e de grande interesse para todos os que estudam literatura portuguesa e apreciam a vida e obra dos grandes criadores.

Correio da Usalma n.º 3, 2006, p. 8

Amadeo de Souza - Cardoso

Joaquim Silva,

Alunos da disciplina de História de Arte efectuaram uma visita à exposição da obra do pintor Amadeo de Souza-Cardoso *Diálogo de Vanguardas*, no passado dia 16 de Dezembro, a qual esteve patente ao público na Fundação Calouste Gulbenkian, apresentada no ano em que esta instituição comemorou o cinquentenário.

De toda a criação do artista, salientamos o quadro *Avant la Corrida* obra considerada perdida e que foi encontrada nas pesquisas internacionais com vista à exposição.

Correio da Usalma, n.º 7, 2007, p. 6

Convento de Jesus e Galeria quinhentista do Museu de Setúbal

O curso de História da Arte II, fez no dia 9 de Junho uma visita guiada ao Museu de Setúbal com destaque para a Igreja conventual, primeira obra da Arte Manuelina., da autoria do mestre Boytaca e para a Galeria quinhentista., em que se evidenciam as obras dos mestres de Ferreirim Jorge Afonso, Cristóvão de Morais, Garcia Fernandes e Gregório Lopes. Participaram: cerca de 15 estudantes e o respectivo professor, que levantaram pertinentes questões à competente guia que orientou a visita. Os visitantes manifestaram grande apreço pelos tesouros artísticos do museu, fazendo votos para que o museu de Setúbal tenha brevemente instalações dignas dos mesmos e a Igreja conventual o urgente restauro que a restitua à sua dignidade e valor artístico.

Correio da Usalma, n.º 4, 2006, p. 8

Museu Nacional de Arte Antiga

José Luis Carvalho

No final do ano lectivo 2006/2007, os alunos da disciplina de História de Arte realizaram uma visita ao Museu Nacional de Arte Antiga, acompanhados pelo professor da cadeira, Dr. Jerónimo de Matos.

O principal objectivo era visitar a exposição temporária *O Brilho das Imagens - Pintura e Escultura Medieval* do Museu Nacional de Varsóvia (séculos XII - XVI).

Foi uma visita com muito interesse, acompanhada, descrita com entusiasmo pelo guia que a orientou.

No final, o Dr. Jerónimo de Matos, como já o fizera noutras visitas, levou-nos a contemplar algumas das obras de referência daquele museu - Painéis de S. Vicente (Nuno Gonçalves, 2.ª metade do séc. XV), Cruz Processional de D. Sancho (1214), Custódia de Belém (Gil Vicente, 1506), para além de outras, o que muito interessou os alunos.

Foi uma manhã cultural bem passada e com boa disposição.

Correio da Usalma, n.º 10, 2007, p. 8

Fábrica de Cerâmica

António Castilho

Os alunos das artes de desenho e pintura em azulejo, com grande contentamento, participaram com avidez na visita de estudo realizada no dia 2 de Maio de 2007, organizada pela prof.^a. Felicidade com a colaboração da aluna Maria Ascenso.

Concentrámo-nos na Praça Gil Vicente onde iniciámos a viagem pelas 10 horas, em autocarro alugado, com destino às instalações da fábrica de cerâmica FAPOR e fábrica do vidro JASMIM, situadas nas proximidades da Marinha Grande. Durante a viagem algumas alunas cantaram e a sua alegria contagiou todos os outros. Na fábrica de cerâmica FAPOR tivemos uma visita guiada onde nos explicaram as várias etapas junto das respectivas máquinas, a função de cada uma delas, desde a máquina de mistura e homogeneização da matéria prima até à sua utilização, pelos processos líquido e pastoso, para fabricação em série.

O processo líquido consiste em vaziar o líquido preparado nos moldes e, depois da sua secagem, o operador abre o molde e retira a peça feita, que depois passará por outras secções, onde será acabada e verificada passando pelo controlo de qualidade.

O processo pastoso consiste em utilizar a massa pastosa já preparada que o operador coloca na prensa, que tem os moldes montados, e a pressiona até obter a moldagem pretendida. Em seguida retira a peça que segue para as outras secções para acabamento e selecção.

No final foi oferecida uma lembrança de cerâmica a cada aluno.

Seguidamente, fomos visitar a fábrica de transformação do vidro. O artesão elabora o produto, utilizando o processo em que o operário coloca na ponta dum tubo metálico o vidro previamente aquecido ao rubro no forno e o molda, dando-lhe as formas pretendidas.

Terminada a visita de estudo regressámos a Almada, com a alegria estampada no rosto, fruto de que tudo correu muito bem.

Correio da Usalma, n.º 10, 2007, p. 8

Museu da Cidade

Carlos A. Cruz

No âmbito da disciplina de fotografia (Fazer com Imaginação), a qual é dinamizada pelo autor do Projecto ImaginArte Almada - José Luís Guimarães - decorreu em 12 de Dezembro de 2007, uma visita ao Museu da Cidade .

A visita foi guiada pelo técnico do Museu da Cidade, José Julião, e integrada nas actividades do Projecto ImaginArte Almada e subordinada ao tema:

A importância da fotografia na preservação da memória

De referir a presença do Presidente da Junta de Freguesia da Cova da Piedade, Jorge Louça, nesta visita ao museu emblemático da cidade, localizado nesta freguesia.

Esta visita mereceu rasgados elogios da parte dos alunos da Usalma, não só pela disposição das fotos e de outros materiais, mas também pela explicação detalhada de todos os pormenores que a mesma abrangia, através do responsável pela visita guiada.

No final todos os alunos receberam um exemplar da publicação * *fotoleituras*, o qual foi entregue pelo docente da respectiva disciplina de fotografia.

Correio da Usalma, n.º 12, 2008, p. 11

Exposição *Gosto à Grega*

*Heldera Letra Pereira, Maria Augusta Pires e
Maria Angélica Marcos*

No dia 5 de Abril 2008, teve lugar uma visita à exposição “O Gosto à Grega” na Fundação Gulbenkian, a qual foi organizada pela Associação de Professores e incluiu grande número de estudantes de História da Arte da Usalma, disciplina que acabou de estudar a Arte Neoclássica em que se incluem os trabalhos daquela exposição.

O Dr. Jerónimo de Matos, professor de História da Arte, durante o percurso de autocarro, falou-nos, não só do Neoclassicismo, mas também da arte Barroca e do

Rococó. Foi também ele o nosso guia no museu.

Nesta exposição evocam-se os primeiros vinte cinco anos do Neoclassicismo em França (1750-1775). Este movimento estendeu-se a toda a Europa até meados do século XIX. A ruptura com o estilo *Rocaille*, que pecava pelos excessos decorativos, assimetrias e sinuosidades, deve-se às descobertas arqueológicas nas cidades de Herculano e Pompeia (1738 - 1748), factores responsáveis pelo retorno aos cânones da beleza grega e à simplicidade da antiguidade clássica.

Nesta exposição podemos admirar: escultura, gravura, pintura, artes decorativas, mobiliário, ourivesaria, porcelana, etc.

Logo à entrada deparámos com uma cópia da estátua equestre de Luís XV, vestido e armado à Romana (bronze prateado de Jean Piegelle - 1714). Seguem-se vasos em bronze cromado, porcelanas e lacas da China e do Japão, apliques, lustres, candelabros e relógios de mesa, cães de chaminé em bronze, etc.

Quanto à escultura temos em mármore *Cibélia da Eritreia, Ninfa descendo para o banho* (1757 - museu do Louvre), *A Comédia'* (1772 - Louis Claude Vassé), *cupidos* em mármore e *Sacrifício Antigo* em bronze prateado. Merece ainda destaque o busto de Madame du Barry, favorita de Luís XV (1768), que foi uma extraordinária mecenas e protectora das artes e que, seduzida pelo Neoclassicismo, protege os melhores artistas do seu tempo a quem encomenda obras para decorar as suas habitações, como Fragonard, Greuze e Vermet, tendo Pajou sido o autor daquele seu busto.

Quanto à ourivesaria, destaque para a obra de Jacques Nicolas Roettiers (1736), um dos autores de um serviço de mesa com cerca de 3000 peças, em prata dourada, destinado ao Conde Orloff, favorito da imperatriz Catarina II da Rússia.

Na pintura temos, além de outras obras, a *Vendedora de Flores* e a *Vendedora de Cupidos* de Joseph-Marie Vien (1716-1809), sendo este quadro uma das manifestações mais emblemáticas da pintura Neoclássica.

Terminámos a visita após admirarmos a magnífica tapeçaria sobre o tema *O Rapto de Proserpina*.

Correio da Usalma, n.º 14, 2008, p. 5

Palácio Nacional de Sintra

Acompanhados pelo Presidente da APCA, Professor Jerónimo de Matos, os estudantes que se deslocaram a Sintra no passado dia 29 de Janeiro para apoiarem a equipa da nossa Universidade que iria participar no Concurso *O Saber Não Tem Idade* visitaram, na parte da manhã, o Palácio Nacional de Sintra (também conhecido como Palácio da Vila).

Na descrição que fez aos estudantes, no exterior, o Professor começou por referir

* *ImaginArte Almada* (2006/7) - III Bienal de Fotografia, teve o apoio da Câmara Municipal de Almada, Juntas de Freguesia do Concelho e da f 4 -Associação de Imagem e Cultura, entre outras entidades.

o facto de o Palácio estar abrangido pela *Paisagem Cultural e Natural de Sintra*, incluída na Lista de Património Mundial, ser o sobrevivente único, íntegro, dos Paços Reais Medievais em Portugal e possuir o maior conjunto de azulejos mudéjares no nosso país.

Outros aspectos focados: o Palácio, constituído por vários corpos edificados ao longo do tempo, terá sido construído sobre a residência dos antigos *wallis* muçulmanos. As obras terão sido iniciadas na época de D. Dinis, sofrendo importantes desenvolvimentos no tempo de D. João I e de D. Manuel I, ficando, desde então, com o aspecto actual, onde se distinguem os estilos gótico e manuelino, este com vincada influência da arte mudéjar; sobressaem do conjunto as chaminés da cozinha gótica com 33 metros de altura; também na época de D. João III foram acrescentados elementos renascentistas; foi reconstruído “à maneira antiga” após ter sido afectado pelo terramoto de 1755; continuou a sofrer obras nos séculos XIX e XX, decorrendo actualmente intervenções de restauro e valorização.

No prosseguimento da visita, no interior do Palácio, o Professor focou alguns elementos nos seguintes locais: Sala dos Cisnes, a maior do edifício; Sala das Pegas; Sala dos Brasões, ostentando na cúpula as armas de D. Manuel I e de seus filhos, bem como de 72 famílias da Nobreza, sendo o revestimento das paredes do século XVIII, com azulejaria lisboeta; Capela, com influência do estilo mudéjar, reformulada no tempo de D. Manuel I, decorada com azulejos hispano-mouriscos; Sala Árabe, em parte decorada com azulejos de matriz geométrica (azulejos de aresta e de “corda-seca” do começo do século XVI).

Correio da Usalma, n.º 12, 2008, p. 5 e 7

National Gallery, Londres

José Luís Carvalho

Uma das mais interessantes visitas que tiveram lugar durante um passeio cultural a Londres/Oxford/Stratford, promovido pela Associação de Professores de Almada, realizado em fins de Março passado, foi a ida à *National Gallery*, que se situa na *Trafalgar Square*.

Dado o limitado tempo disponível para visitar tão vasta colecção, o guia local seleccionou, naturalmente, algumas obras fazendo, perante elas, a sua análise.

Foi com alguma emoção que o autor deste texto, aluno da Usalma da disciplina de História da Arte, observou e admirou algumas obras que em maior detalhe haviam sido estudadas nas aulas. O mesmo sentimento lhe pareceu perpassar por outros elementos do grupo.

Perante a pintura (um painel de altar) *A Virgem dos Rochedos* surgiu, como era de esperar, a velha controvérsia acerca da versão ali exposta: para o guia,

como é natural, a tendência é considerar que se trata da primeira versão de Leonardo da Vinci; a primeira versão, os peritos já apuraram tratar-se da que foi realizada por Leonardo da Vinci e encontra-se no Museu do Louvre; quanto à segunda, alguns peritos dizem tratar-se de uma obra dos colaboradores de Leonardo, outros dizem que se trata de uma obra em que há apenas alguma intervenção do Mestre.

Entre as duas versões há diferenças bem visíveis; outras diferenças são menos perceptíveis devido à imperfeição das reproduções das imagens.

Uma *atmosfera de secreto fervor*, consideram alguns peritos, torna a *Virgem* do Louvre incontestavelmente superior.

Outros exemplos de obras que observámos: “Retrato de Casamento dos Arnolfini” de Jan Van Eyck (representando um mercador italiano e sua noiva, e constituindo um dos retratos mais famosos daquele pintor flamengo, inventor da pintura a óleo); desenho a carvão e giz sobre cartão que é um dos projectos de Leonardo da Vinci para “Santa Ana a Virgem e o Menino”, cuja pintura definitiva se encontra no Museu do Louvre; *Vénus Rokeby* (1647-1651), assim designada por ter pertencido a uma colecção em “Rokeby Hall, Yorkshire”, único nu sobrevivente de Diego Velasquez; *Alegoria das Bençãos da Paz* (1629-1630), óleo sobre tela 203,5x298cm de Peter Paul Rubens (contraste, através de figuras mitológicas, entre os horrores da guerra e as bençãos da paz).

A exposição em Florença (1501) do primeiro cartão de *Santa Ana a Virgem e o Menino* deu a Leonardo da Vinci grande prestígio como pintor, e teve grande repercussão na obra de outros artistas, entre eles Miguel Ângelo e Rafael.

O *Casamento dos Arnolfini* Londres, *National Gallery*, (óleo sobre madeira, 81,80x59,5cm), 1434.

Cartão de “Santa Ana Virgem e o Menino”(giz sobre cartão, 139,5x100cm), 1499(?) .

Por fim, diria que, para os mais interessados em pintura do Sec. XV ao Sec. XIX, será uma visita a repetir, com disponibilidade de mais tempo.

No passado dia 8 de Março, os alunos das turmas I e II de História da Arte organizaram uma visita à capital do Gótico, Santarém para concluírem o capítulo do estudo do Gótico do programa da disciplina leccionada pelo Prof. Jerónimo de Matos.

A participação foi muito concorrida, pois muitos alunos de outras turmas quiseram também conhecer esta cidade e tomar um banho de arte.

Éramos, assim, 50 pessoas (maioria mulheres) satisfeitas por nos encontrarmos às 8h30 da manhã junto ao autocarro para iniciarmos a viagem rumo a Santarém.

E logo, a primeira surpresa: como era o Dia Internacional da Mulher, a organização do evento assinalou esse dia, oferecendo a cada uma das mulheres presentes, uma Flor.

E assim, mais contentes ainda, lá *arrancámos*.

Às 10h00 em ponto estávamos em Santarém junto à Igreja de Sta Clara, onde nos esperava uma Guia oficial, gentilmente cedida pela Câmara Municipal, para começarmos a visita a todos os monumentos de arte Gótica.

A Igreja de Sta Clara foi construída fora das muralhas medievais para acolher uma comunidade de freiras clarissas de Lamego. Do anterior conjunto medieval, que chegou a abrigar 80 religiosas e a dispor de dois claustros e de inúmeras dependências, só a igreja gótica, restaurada entre 1932 e 1940 mantém o aspecto primitivo. Trata-se de um templo de três longas naves (características do gótico mendicante em Portugal).

De seguida, percorrendo a pé, visitámos o Chafariz das Figueiras, que é uma interessante obra de arquitectura civil do Gótico trecentista, situado na encosta do Gaião, numa área onde abunda a água. Trata-se de pitoresca e sedutora construção de utilidade pública, cujo efeito cenográfico é sublinhado pela abundante vegetação musgosa envolvente.

Continuando o nosso percurso pedonal, chegámos à Igreja de Nossa Senhora da Graça, uma das jóias do gótico português, com uma excelente rosácea flamejante na fachada onde se desenha o excepcional portal gabletado, profusamente decorado de acordo com o estilo do mosteiro da Batalha. Nesta Igreja, a par de vários túmulos, destaca-se a campa rasa de Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil.

Próximo da Igreja, observámos, exteriormente, a curiosa Torre das Cabaças. Passámos pela Casa do Brasil, onde estava patente uma exposição de obras de João Cutileiro.

Continuámos para a Igreja de S. João do Alporão, monumento de transição românico-gótica, construído entre finais do séc. XII e inícios do séc. XIII. Desde 1994 esta igreja passou a ser o primeiro núcleo museológico do Museu Municipal de Santarém.

Fomos de seguida para as famosas Portas do Sol, onde também as mulheres presentes receberam uma rosa, oferta da CM em homenagem ao dia da Mulher.

Depois desta longa caminhada, a fome já apertava e seguimos apressados para o almoço num típico restaurante de nome Adiafa.

Lá, enquanto éramos bem servidos com uma excelente refeição, tivemos mais uma surpresa, com a apresentação de um grupo de cantares populares da região, que animou bastante o almoço.

Depois desta pausa bem merecida, fomos, agora de autocarro, para a segunda parte da nossa visita à Igreja de Sta Maria de Almoester, antigo convento das Bernardas, que pertenceu à Ordem de Cister. Esta igreja segue o esquema tradicional do modo gótico português. No seu interior é de salientar o revestimento a azulejo policromado do séc. XVII.

Alvo de críticas foi o aspecto de abandono da zona dos claustros e ainda a aberração de uma construção à entrada do monumento, assim como toda a sua zona envolvente, nada preservada, sem qualquer respeito pela importância arquitectónica do antigo convento.

Por último o Convento de S. Francisco, fundado em meados do séc. XIII com o apoio de D.Sancho II e depois de D. Afonso III.

Este monumento é de uma grande beleza arquitectónica e é considerado monumento nacional, mas tem sofrido enormes transformações e tem sido utilizado para vários fins, alguns nada apropriados à grandeza do convento.

Contou a Guia que o chão que era de laje foi levantado para que os cavalos não escorregassem!

Este foi um dos muitos acontecimentos que contribuíram para a notória degradação em que se encontra o monumento. O pesar pelo estado do convento foi tal que os alunos da História da Arte e seus acompanhantes, pensam apresentar uma exposição nesse sentido à CM, embora a conservação do monumento seja da responsabilidade do Estado, já que como se disse é Monumento Nacional.

Terminámos a nossa visita cultural no Largo do Seminário, onde os mais gulosos (quase todos) se abasteceram dos excelentes doces regionais os Celestes e os Arrepiados e onde também nos despedimos da Guia que nos acompanhou durante todo o dia, sempre muito prestável e simpática.

E assim regressámos a Almada felizes e contentes, por um dia muito bem passado, cheio de cultura e de convívio salutar.



Usalma

Correio da Usalma, n.º 13, 2008, p 5

Setúbal

Julieta Ferreira

Na manhã de sábado, dia 17 de Maio de 2008, os alunos de História da Arte I e II com outros alunos e acompanhantes, mais uma vez, partiram para uma viagem aos meandros da Arte Arquitectónica e Pintura, desta vez na bela cidade de Setúbal, capital do nosso Distrito.

O destino era a **Igreja Convento de Jesus**, um dos grandes tesouros da região e um dos principais monumentos do estilo Tardo-Gótico em Portugal, classificado como Monumento Nacional.

Para nos auxiliarem na visita, tivemos dois guias credenciados e sendo grande o grupo, foi dividido em dois. Assim, a autora deste texto relatará, segundo a versão transmitida pelo guia do seu grupo.

Iniciámos a visita pela Galeria de Pintura Renascentista anexa à Igreja, onde se encontram vários quadros, sendo os principais os que fazem parte do belo retábulo da autoria do pintor régio Jorge Afonso da oficina de Lisboa. Este retábulo estava na capela-mor da Igreja, e lá deverá regressar, quando as obras de restauro da mesma estiverem concluídas.

O retábulo retrata o nascimento, morte e ascensão de Cristo. É, de facto, de uma beleza extraordinária e a explicação minuciosa de cada personagem dos quadros, feita pelo guia, que também era arqueólogo e historiador de arte, foi empolgante.

Como sabemos, os pintores serviam-se da sua arte para, através dela, contarem às pessoas os factos da História, já que a maioria era analfabeta.

Seguimos depois para a Igreja Convento.

O edifício do Convento foi fundado por Justa Rodrigues Pereira que era a ama de leite de D. Manuel I. Esta senhora que teria tido uma vida não muito de acordo com a moral da época (era amante de um eclesiástico, do qual teve filhos) resolveu limpar os seus pecados edificando este convento. Naturalmente teve todo o apoio de D. Manuel I, assim como o teria de D. João II que o mandou ampliar, entregando o projecto ao famoso arquitecto Diogo Boitaca.

A Igreja, Tardo-Gótica, apresenta um interior sumptuoso e foi o primeiro ensaio em Portugal de uma igreja salão. A Igreja é famosa pelas suas belas colunas torsas feitas em brecha (uma pedra típica da Serra da Arrábida).

Este convento foi ocupado pelas Freiras Clarissas, que tinham regras extremamente severas, de tal forma que muitas duravam pouco tempo no convento, sucumbindo à forma como viviam. Ao que se sabe, a entrada para o Convento obedecia a um pagamento bastante elevado pelo que só jovens com muito dinheiro poderiam entrar.

Algumas dedicaram-se à escrita, sendo elas as primeiras mulheres de que se conhecem obras literárias sobre vários temas.

Este Monumento Nacional foi assumindo um elevado grau de degradação e tem sido nos últimos anos alvo de um grande projecto de recuperação e restauro. Tem sofrido muitas contrariedades e cortes orçamentais, embora recentemente tenham tido lugar alguns trabalhos de restauro.



A propósito, ouvi no outro dia o Presidente do IPAR, numa entrevista na rádio, considerar a recuperação deste Monumento como altamente prioritário. Assim se espera!

Despedimo-nos, então, dos respectivos guias e seguimos a pé para o almoço, que sendo em Setúbal, teria de ser obrigatoriamente de peixe.

Depois de uma boa caldeirada para alguns e grelhada mista para outros, deslocámo-nos ainda para visitar outros dois monumentos de Setúbal de estilo renascentista e manuelino, apresentados pelo nosso professor Jerónimo de Matos.

A **Igreja de S. Julião** situada no largo do Bocage e datada da segunda metade do século XIII, foi por duas vezes reconstruída, uma delas depois do terramoto de 1755 pela rainha D. Maria I. Infelizmente a igreja estava encerrada, pelo que não pudemos visitar o seu interior. O mesmo aconteceu na **Igreja de Santa Maria da Graça ou Sé de Setúbal** fundada no século XIII e que é uma reconstrução do alto renascimento, com uma imponente fachada maneirista. Esta igreja foi construída no coração do primitivo burgo medieval setubalense.

Lamentamos bastante a situação de encerramento das igrejas, que infelizmente acontece em muitos pontos do nosso país, pois são Monumentos Nacionais e estão encerrados ao público. Não serve a quem como nós quer conhecer elementos da nossa história de arte, e, seguramente, não serve o turismo dessas cidades e do país.

Para terminar o nosso dia, ainda visitámos a Casa do Corpo Santo, que ficava junto à Sé e que estava aberta. Estilo barroco e onde encontrámos uma fabulosa capela, revestida a talha dourada com imensos relicários de uma grande beleza.

E... a nossa visita terminou, sentindo-nos todos um pouco mais ricos culturalmente.

Correio da Usalma, n.º 14, 2008, p. 5 e 6

Padre António Vieira

Joaquim Augusto de Oliveira



Usalma

Após uns dias de grandes nevões lá para o Norte, mas também de frio e chuva aqui para nós, o que levou alguns dos nossos companheiros a temerem o tempo (mas mesmo assim), lá nos juntámos 11 colegas, acompanhados da nossa excelente professora Dra. Maria José Januário. Pouco antes das 9 horas do dia combinado, quarta-feira 3 de Dezembro 2008 estávamos em Cacilhas para apanhar o barco com destino a Belém, para irmos apreciar a exposição comemorativa do IV centenário do nascimento do Padre António Vieira (1608 - 2008), do grande pintor Carlos Dugos o qual lhe deu o nome de «Vieira - O Verbo e a Luz» e que está exposta na grande sala do antigo refeitório do Mosteiro dos Jerónimos.

Claro que antes de o pintor pintar tão importantes telas, surgiu a ideia, por parte do Estado, de formar a «Comissão Organizadora de 2008 Ano Vieirino» cujo Presidente convidou o pintor para tão merecido trabalho.

E lá partimos na travessia do Tejo, com destino à Estação Fluvial de Belém onde saímos, no Jardim da Praça do Império, em direcção aos Jerónimos. Mas quando passávamos no passeio frente àquela pastelaria a dos pasteis de Belém, quase duas vezes centenária, e isto às nove e tal da manhã, não pudemos passar sem entrar, para tomar o nosso café acompanhado do pastel de Belém...

No fundo, o mais importante da exposição foi a descoberta e a troca de impressões suscitadas por uma pintura de cores fortes que faz uma leitura reinventada dos vários símbolos da obra de Vieira e que se impõe à nossa contemplação através de títulos tão significativos como “V Império de Cristo na Terra”, “Dez Tribos de Israel”, “Batalha de Alcácer Quibir”, “Desejado ou Encoberto”, entre outros.

Regressámos bem satisfeitos, por termos podido apreciar tão bela pintura e com mais conhecimentos sobre Padre António Vieira.

Correio da Usalma, n.º 16, 2008, p. 9

Giotto em Pádua

José Luís Carvalho

Está patente desde 11 de Novembro de 2008 na Sala de Exposições da Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Charneca da Caparica, uma exposição sobre Giotto (Giotto em Pádua - Os frescos da Capela da Arena após restauro de 2002) que, na tarde do dia 12 de Dezembro, foi visitada por um grupo de alunos das disciplinas de História da Arte III-IV e IV-V, acompanhados pelo seu professor, Dr. Jerónimo de Matos.

Giotto di Bondone (1267-1337), pintor florentino que também se ocupou de arquitectura, foi um inovador que muitos historiadores consideram ter revolucionado a pintura da sua época. Abandonou as figuras estilizadas e idealizadas do gótico e deu às suas pinturas a ilusão de realidade e tridimensionalidade. Por isso Giotto foi um precursor do Proto-Renascimento.

Quanto à exposição, trata-se de uma maquete da Capela da Arena na escala de 1:4 que reproduz de forma extraordinariamente bem conseguida os maravilhosos frescos ali pintados, em todo o seu interior, por Giotto. Já esteve exposta em várias cidades e seguirá para outras, levando a arte e “uma mensagem de fraternidade universal e de paz” daquele grande mestre da pintura a outras partes do mundo.

O encomendador Enrico Scrovegni obteve, em 1300, do Bispo de Pádua, auto-

rização para construir uma capela num terreno que comprara, onde se situavam as ruínas da antiga arena romana de Pádua. A construção da capela terminou em 1303, iniciando Giotto, nessa data, a pintura dos frescos que concluiu em 1305. Assim, a Capela da Arena , que é considerada “uma obra de valor universal”, é também conhecida por Capela Scrovegni .

No auditório da Biblioteca foi feita uma breve descrição das técnicas que Giotto utilizava na pintura a fresco. Seguiu-se a visita à exposição orientada por uma jovem e simpática guia que foi analisando as cenas narrativas em que Giotto “recriou episódios da vida de Maria e de Cristo, retirados dos Apócrifos e dos Evangelhos”. Giotto representa as personagens divinas, mostrando o seu lado humano e cria a ilusão de que a história sagrada está a acontecer no momento. Também, deste modo, foi inovador.

A visita despertou bastante interesse no grupo, recomendando-se a todos os alunos da Usalma interessados em pintura que não deixem de visitar tão importante exposição.

Correio da Usalma, n.º 16, 2008, p. 10



ΤΟΡΔΑΝΙΑ
ΕΚΑ ΔΟ
ΒΕΝΤΟ

IV Parte: Eventos

LOURO
ARTISTA

A

IV Parte consubstancia uma multiplicidade de iniciativas, entre a celebração-cerimónia (abertura e encerramento do ano lectivo da Usalma), a participação em encontros das universidades seniores, a convivialidade, as conferências e colóquios ou o reconhecimento da APCA, agraciada com a *Medalha de Ouro de Mérito e Dedicção*, pela Câmara Municipal de Almada.

O Índice Analítico dá visibilidade à cultura multiforme da APCA por um projecto associativo de cidadania activa ancorado, quase exclusivamente, no voluntariado.

Atribuição de Medalha de Ouro de Mérito e Dedicção



Por decisão da Câmara Municipal de Almada, foi atribuída à Associação de Professores do Concelho de Almada (APCA) a Medalha de Ouro, entregue na Sessão Solene de 10 de Julho de 2007, em homenagem aos que têm contribuído para o progresso e modernização da cidade de Amada, em especial, no caso presente, a criação da Universidade Sénior de Almada.

Correio da Usalma, n.º 10, 2007, p. 10

Colóquio

Costumes e Tradições do Antigo Concelho de Almada com Projecção no Presente

Ernesto Fernandes

O Contexto

Em seu projecto associativo de reconciliar o ensino-educação e a cultura, a APCA, com o apoio da Câmara Municipal de Almada e das Juntas de Freguesia de Almada, Cova da Piedade e Cacilhas, no Salão da histórica Incrível Almadense, nos dias 16 e 17 de Abril de 2008, colocou em cena Workshops – Costumes e Tradições do Antigo Concelho de Almada com Projecção no Presente, sob a coordenação da prof. Cecília Correia.

Evento cultural para os associados, os educadores e professores, os estudantes da Usalma e aberto ao público de modo gratuito. Entre participantes e actores adultos, também meninas e meninos do Centro Social Paroquial Padre Ricardo Gameiro, na plateia e galerias. Estimo em mais de 200 pessoas. Em maioria os adultos-adultos, a Sala deixava brilhar outros públicos: jovens, adultos-jovens e crianças. Para além da natureza do evento (cultura popular), quero vincar o seu carácter inter-geracional, dimensão de relevância para os tempos de hoje-amanhã.

A **convivialidade** (eu e os outros em relação) ancora-se na **cidadania** (direitos e responsabilidades no quotidiano, na Cidade e no Mundo Global). Nesta concepção de vida com sentido, o leilão da coroa de flores e frutos, oferta, pela tradição, a João Baptista, pelas festas da Ramalha, rendeu fundos para os projectos da APCA. Empreendedorismo a desenvolver para a sustentabilidade da nossa Associação.

Em ambiente de festa e formação, as vozes e os instrumentos musicais foram a alma e a moldura em palco. A cenografia padeceu em proposta estética (cenário, adereços, som e luz).

Os Workshops

O Programa e o Documento/Caderno disponível configuram um projecto de espectáculo e não tanto de *Workshop*. Cuidado do ponto de vista dos autores-actores, não concedeu lugar à palavra-reflexão dos participantes.

É justo dizer que cada peça mereceu informação e contextualização sócio-histórica. É, igualmente, justo dizer que, mesmo costumes e tradições, devem ser reinterpretados, buscando na tradição traços e valores para a contemporaneidade. Explicitá-los é fundamental para que a tradição não seja o culto do passado, mas antes memória revisitada e recriada para o presente-futuro.

Emocionante. As vozes, os instrumentos, as danças de salão e a participação da assistência em o Baile da Pinhata. De seis pares de artistas, passou-se para mais de trinta pares, vindos da assistência. Pelo meu olhar, à maioria de mulheres não faltaram os homens em idades acima dos 60/70 anos. Um espanto.

Nas vozes e nos instrumentos, jovens-adultos presentes. Interessante, mulheres, claramente adultas, vinham cantando a vida em seu instrumento musical: cavaquinho, acordeão, bandolim, chingalhos, tréculas, cabecinha de sementes, gaita de beijos ou adufe. Entre vibrações e sons, o cavaquinho e a concertina foram objecto de informação histórica e de demonstração técnica.

Não faltou a revisitação das Procissões de São João Baptista (Ramalha, 24 de Junho) e de Nossa Senhora do Bom Sucesso (Cacilhas, 1 de Novembro), em poster de imagem, cada um, em seu andor.

Momento alto do evento. As Burricadas em pregões (carvoeiro, lavadeira, aguadeiro, vendedores de peixe e de figos) e poema dito em jogral pelos alunos da Usalma, de Expressão Dramática, da prof. Helena Peixinho.

Em concerto vocal e instrumental, a festa animou-se em encerramento com Laurindinha, Malhão de Cinfães e Cana Verde, entre palmas rítmicas da assistência.

Tradição e Modernidade

Apesar do 25 de Abril, a cultura do “Estado Novo”, ou seja, do salazarismo-marcelismo, está longe de estar erradicada. Costumes, tradições, hábitos e preconceitos modelam a nossa consciência, individual e colectiva. A folclorização foi um ditado que separou o povo das elites. Cuidado, a todos socializou.

Creio que Quem não semeia o progresso, Deixa morrer a tradição, título de um livro de que sou co-autor, editado pela associação Semear Para Unir (1981).

Nesta perspectiva, a realização deste evento demonstra a importância da intervenção cívica e da cooperação entre organizações da sociedade civil. Daí, o nosso obrigado e reconhecimento: Grupo de Cantares Tertúlia da Esperança do Centro Paroquial Padre Ricardo Gameiro; Ateneu Comercial de Lisboa; Casa do Povo de Corroios; Infantário da Romeira – Cova da Piedade e Grupo das Cantadeiras da Alma Alentejana.

Encontros *CaféCria*

Edite Prada

A iniciativa *CaféCria* teve o seu início em 2006 e tem sido promovida como espaço privilegiado de convívio e de troca de ideias, com o objectivo de dinamizar a participação dos sócios e demais interessados na vida da Associação, suscitar o debate à volta dos projectos ou temas específicos

O seu nome, que foi oscilando na apresentação formal, congrega o lazer em torno do café, com a criatividade e a partilha que sempre estão presentes, de forma mais espontânea ou mais organizada. Ao debate de ideias e às propostas que vão surgindo associa-se sempre um momento mais cultural, com poesia, com música.

Querendo-se geradora de hábitos, a iniciativa tem vindo a ser repetida várias vezes por ano, sempre com o mesmo entusiasmo, muitas vezes com temas novos, outras com temas recorrentes, ainda que com abordagens novas, trazendo à liça a evolução que alguns projectos vão registando.

Apresenta-se, seguidamente, nota de cada um dos encontros realizados, recuperando aqui e ali o testemunho que deles se gravou.

1.º encontro *CaféCria* (15-2-2006), Profalmada, n.º 2

A questão central em apreço neste primeiro *CaféCria* foi a Residência dos Professores a construir no terreno cedido pela Câmara Municipal de Almada na Charneca de Caparica. O tema tornou-se pedra de toque das dinâmicas a desenvolver, no sentido da autonomia e do espírito empreendedor da APCA.

Considerou-se um desafio enorme, pensou-se como fazer estrategicamente as melhores abordagens, partindo de experiências já concretizadas, para obter os fundos necessários a tão grande empreendimento. Muitas e valiosas foram as propostas, sem descurar parcerias e outros diversos meios de angariação de fundos, de forma a poder-se negociar com quem detém capitais. De entre os caminhos possíveis destacam-se: tornarmo-nos IPSS, bolsa de voluntariado, alargar o número de sócios, aumentar a quota, livro de ouro, quadros leiloados ou outros meios usualmente utilizados nestas circunstâncias.

Concluiu-se que o importante era estabelecer metas que a pouco e pouco se iriam atingindo.

Para além deste tema aglutinador, digamos assim, outras conversas se forma entrecruzando. Muitas experiências e fragmentos de vida vieram à colação neste primeiro *Cria Café*. Outros tempos e outros seres que povoaram tantas histórias da vida do professor, património a Reconhecer, a (Re)escrever...

2.º encontro CaféCria (15-3-2006) Profalmada n.º 3

Os que participaram no segundo CaféCria demonstraram uma vez mais grande espírito de solidariedade relativamente aos projectos que temos em mãos. Houve troca de ideias e partilha de sentimentos... tudo acompanhado pelo habitual chá/café com os bolinhos, trazidos pela dedicada generosidade de alguns. Sobretudo, procedeu-se ao lançamento do Livro de Honra que, como tinha sido anunciado, se destina ao registo dos donativos, a partir de 100 Euros, para o grande Projecto da Residência do Professor.

3.º encontro CaféCria (10-5-2006) Profalmada, n.º 3

Neste encontro reflectiu-se sobre os caminhos a percorrer para que a APCA se envolva numa dinâmica de Voluntariado. Salientou-se a importância de participar nestes “encontros de família” que, na sua informalidade, ajudam a caminhar na concretização dos nossos objectivos.

4.º encontro CaféCria (7-7-2006), Profalmada n.º 4, p. 5

Entre música e poesia, e em jeito de tertúlia, aproveitámos para fazer um balanço da forma como tem decorrido esta actividade que, segundo a opinião dos presentes, deve continuar no próximo ano, talvez em outro dia da semana e a outra hora.

5.º encontro CaféCria (24-1-2007) Profalmada 7, p. 5

O espaço da sede tornou-se demasiado exíguo para acolher todos os que quiseram comparecer no 5.º encontro. Para além das actividades mais informais, e, talvez, mais atractivas, foi dado a conhecer o estudo prévio das obras a efectuar no Chalé da Cova da Piedade, onde irá funcionar a futura “Casa do Professor”.

6.º CaféCria (7-3-2007), Profalmada, n.º 7, p. 2

O sexto encontro manteve o espírito de partilha. Houve, além disso a introdução de uma nova dinâmica, tendo sido seleccionado um tema de interesse geral para o debate. Nesse sentido, a engenheira Anabela Linheira fez uma comunicação sobre alimentação.

7.º CaféCria (15-5-2007) Profalmada, 8, p. 2

Seguindo, de algum modo, uma tradição de final de ano lectivo de que insistimos em não nos libertar, fizemos neste encontro um balanço. Pensámo-nos, olhámos para trás e gostámos da maioria do que vimos.

8.º CaféCria (21-11-2007), Profalmada, n.º 10, p. 2

Dando continuidade à apresentação de um tema que se constitui como foco instigador da partilha e da troca de ideias, Luciana Couto falou sobre a Filosofia da Felicidade, o que gerou um debate animado e produtivo.

9.º CaféCria (9-1-2008), Profalmada, n.º 11, p. 2

A iniciar o ano, o encontro a que não faltou a dimensão lúdica e criativa que o

caracterizam, versou sobre temas diversos que a todos interessaram.

10.º CaféCria (5-3-2008), Profalmada, n.º 12, p. 2

O tema de reflexão/motivação deste encontro foi “Envelhecer com Qualidade” apresentado pela Dra. Ângela Brandão.

11.º CaféCria (28-5-2008) Profalmada 13, p. 2

O CaféCria não podia passar à margem dos tempos complexos que vivemos. O Prof. Ernesto Fernandes, sócio da APCA, partilhou a sua reflexão sobre Direitos e Responsabilidades Humanos. Que Fazer, em Tempo de Crise?

O Guião da Comunicação e outros documentos distribuídos aos participantes salientam, entre outros, os seguintes aspectos: a importância da auto-reflexão e do diálogo como terapia e da intervenção cívica para aprender a viver melhor numa Terra solidária; os direitos-deveres humanos como eixo de humanização e aprofundamento da democracia; a crise actual (pobreza, desemprego, exclusão social) que afecta todos os países; a necessidade de ler-escutar os sinais de futuro do nosso tempo, no campo dos relacionamentos, do ensino-educação, da ecologia, dos movimentos sociais e do associativismo.

A duas vezes, Helena Peixinho e Ernesto Fernandes recitam *O Pássaro da Alma*, de Michal Snunit. Manuel Fernandes canta o poema *Ser Rio*, de Ernesto Fernandes, em sua composição à viola.

Em marés de reflexão-esperança, o café, o chá, a água e os bolinhos ofereceram-se como sinais de afecto.

12.º CaféCria (19-11-2008) Profalmada 16, p. 14

Psicologia e Autonomia foi o tema do último encontro CaféCria de 2008.

Com o Dr. Hugo Guerra tivemos uma sessão bem animada e muito participada.

Escutámos alguns trechos da obra *A Traição do Eu*, do psicanalista Arno Gruen, lemos poesia de Alberto Caeiro e acabámos a ouvir poemas e canções nas vozes de Helena Peixinho e de Manuel Correia, que tão bem sabem combinar com a guitarra.

Foi uma verdadeira viagem pelo eu e pelo nós!

É assim que, ao sabor de um café, se juntam outros sabores que animam o nosso dia-a-dia.

Profalmada, 2006-2008

Primeiro Encontro de Sensibilidades Artísticas

Adelaide Silva

O 1.º Encontro das Sensibilidades Artísticas decorreu entre 29 e 31 de Maio de 2006. Neste período, foi posta em evidência a mais-valia cultural que representam os professores do nosso conselho.

Salientamos a pintura, os bordados, os trabalhos em barro, momentos de poesia, música de raiz popular, expressão literária, etc. Outros encontros se vão realizar pois a dinâmica criativa é pródiga em novas manifestações.

Parabéns aos corajosos que não tiveram receio em se expor, com votos de que a sua invenção e arte nos venham a surpreender de novo.

Sobre este evento, a que outros semelhantes se seguiram, escreve a professora Adelaide Silva:

Contribuindo e Transformando, em passos e pontos, mensagens e sons, soltam-se, em amizade, crentes, activas, criativas, expressando, em sedas pintadas, a escrita amorosa de gestos meninos. Aprendentes.

Indo. Ando. A Ver. A Ouvir. A Pensar. A Viver. A Partilhar. Sentimentos, pensamentos, criatividade, tecem histórias com vida.

No 10 Encontro de Sensibilidades Artísticas, o Tempo está presente, envolvente. Agente.

Registado nas fotografias suspensas, a parede branca ostenta Momentos. Aparentamentos. O relógio, o fluir dos dias, a consciência de sonhos, os nossos, no fazer o sentido do caminho. Engrenagens.

Todo o Tempo é de Poesia Desde a arrumação ao caos À confusão da harmonia

Mensagem desenhada pelos acordes das mãos, escrita em tons de sangue e Amor - A serigrafia que permanecerá nas Memórias. Viva.

Em oiro e religiosidades criam-se Registos dignos de guardar para sempre. Mãos de mestra as suas, ligando fios de Penépole. Fidelidades.

O barro moldado, pintado, em corpos de deusas, santos, palhaços, apetece guardar, para prazer dos olhos, o artesanato, nobreza da estética popular, nascida de dentro dela, a artista professora.

Os materiais em luz dão-se para permanecerem acordados a despertar os nossos gostos. Afectividades. O Santo António é um homem, crente na força do Amor.

Telas animadas, traços fortes, cor afirmativa, voz da terra, falam por si. Da bela flor, dos rostos francos, das árvores inseguras, infinitamente, ouvem-se vozes, melodias do quotidiano das sensibilidades, renascidas em festa de sax, recortes de papel com tempo, convidativos, arquitectados em ritmos, apelos a viagens afectivas.

O primeiro encontro promete outros, pela felicidade de reconhecermos e valorizarmos modos sensíveis de construir, de comunicar. Professores.

Os dias foram cheios de movimentos para ser em si.

Em nós, presentes.

Contribuindo e Transformado - por Vontade

Comemoração do 3.º Aniversário da APCA

Jerónimo de Matos

Entrou na agenda anual da Associação o aniversário da sua criação por escritura pública, a 29 de Maio de 2003. É o Dia da Associação, comemorado com um almoço-convívio e muita animação.

A participação dos sócios tem vindo a crescer, atingindo este ano de 2006 o total de 130 convivas.

A celebração teve lugar no Hotel da Costa da Caparica com a presença de alguns convidados de honra e amigos da Associação. Destacamos a honrosa presença da Senhora Presidente da Câmara, Maria Emília Neto de Sousa, o Sr. Vereador da Acção Sociocultural, António Matos, o Director do Desenvolvimento Social, Domingos Rasteiro e a Directora do Departamento de Educação e Juventude, Paula Sousa, aos quais foi entregue pelo Presidente da Direcção, Jerónimo de Matos, o diploma de sócios honorários.

Esta distinção tinha sido proposta à Assembleia Geral que, em sessão de 14 de Março de 2005, a votou por unanimidade. A proposta tinha por fundamento o apoio que desde a primeira hora aquelas entidades dispensaram à Associação nascente e ao desenvolvimento dos seus projectos, nomeadamente a Universidade Sénior de Almada.

Nas intervenções que proferiram, após a entrega dos diplomas, todos se sentiram honrados pela distinção e disponíveis para, a nível pessoal, contribuir para o cumprimento dos objectivos e engrandecimento duma instituição que enriquece a comunidade urbana, dinamizando uma classe profissional cuja acção educativa e cultural se reveste duma importância cada vez mais decisiva na sociedade actual.

Seguiu-se a animação musical com o grupo de cavaquinhos, sob a direcção do maestro José Carita e um concerto que teve como solista o professor Francisco Naia e acompanhamento musical sob orientação do maestro José Carita, intervenções em que a assistência participou vivamente e que aplaudiu com entusiasmo.

Em conclusão, tratou-se de um evento que não só manifesta a vitalidade crescente da Associação, mas que é também garantia, como sublinhou a Senhora Presidente da Câmara, do empenhamento de todos na consecução dos novos projectos, com destaque para a construção da Residência dos Professores, para cuja efectivação vêm sendo dados passos importantes.

Profalmada, n.º 4, 2006, p. 2

Lançamento do Livro: *Escola Conde Ferreira*

Feliciano Oleiro

Com a sala polivalente (Pablo Neruda) repleta de uma assistência interessada, decorreu no dia 24 de Maio a apresentação pública do livro *Escola Conde Ferreira – Um pouco da sua história* da autoria de Feliciano Oleiro e Luís Barradas.

Integravam a mesa, presidida pelo Vereador da Cultura e Educação, Eng.º António Matos, o Dr. Alexandre Flores que apresentou a obra, o Dr. Jerónimo de Matos, Presidente da Associação de Professores que salientou a oportunidade e interesse do estudo histórico e os autores.

Em nome destes, o Professor Feliciano Oleiro fez uma intervenção que a seguir publicamos na íntegra e na qual explica a génese do trabalho, constituindo ao mesmo tempo um notável testemunho da sua vocação pedagógica, do seu humanismo e espírito solidário.

O Professor Oleiro foi, ao longo de várias décadas, Director da Escola Conde Ferreira e Delegado Escolar. O Sr. Luís Barradas, técnico do Arquivo Municipal, é Presidente da Associação de Pais da Escola Conde Ferreira.

Encerrou a sessão o Senhor Vereador da Cultura e Educação, homenageando os autores e todos os que exerceram actividade docente na Escola Conde Ferreira, nomeadamente os Directores e anunciou à assistência a futura utilização das instalações da Conde Ferreira como sede da Universidade Sénior de Almada.

Intervenção do Professor Feliciano Oleiro

Começarei por agradecer a vossa presença, o que muito me conforta neste momento.

Entendo que o “filtro” da vida possui o segredo de coar os nossos sentimentos, em tons diferentes, tornando-nos mais sensíveis e atentos no universo das nossas emoções.

Por isso, muito sinceramente confesso que, nesta fase adiantada da vida, “nem por faz ou por nefas” eu pensaria alguma vez ver-me envolvido nestas andanças pseudo-literárias. Posto isto, julgo ter algum interesse narrar-vos o modo lógico e algo judicioso como tudo aconteceu:

- Na sequência dum convite por parte dos alunos do Jardim de Infância da Escola Conde Ferreira para lhes falar sobre a Escola, dirigi-me ao Arquivo Histórico em busca duma foto para ilustração da historieta com a qual tencionava brindar os meus pequenitos interlocutores.

(Estou a referir-me a uma fotografia parcial do Campo de S. Paulo em que

a escola aparece no seu traçado de origem). Esperançado que o Dr. Alexandre Flores não me deixaria regressar de mãos vazias (palavras suas) se bem o pensei melhor o fiz.

Uma vez em contacto com o meu amigo Luís Barradas, Presidente da Associação de Pais da referida escola, tomei conhecimento da sua intenção em contemplar os alunos, no encerramento das actividades lectivas, com um pequeno historial sobre esta Escola centenária. Foi ao longo da nossa conversa, sobre a minha ligação à escola, que se formou a parceria que hoje aqui vem apresentar o resultado do seu trabalho, consciente de que os seus méritos ou deméritos, a partir deste momento, deixam de estar sob a sua alçada.

Parafraseando o Poeta dos “Simples” poderíamos afirmar: - “Qualquer publicação dada à estampa equivale a um filho atirado à Roda”. Que seja feliz, é o nosso desejo, mas se o não for, não verteremos uma lágrima.

Assim sendo, e na sequência desta citação aconselho o meu “par”, que é jovem, a ocupar-se de futuras iniciativas se possível mais consistentes. Enquanto que eu com a vida a caminhar para o ocaso posso não ter já fôlego para o acompanhar, apesar de esta experiência ter sido motivante e encorajadora.

Antes de terminar vou citar-vos um breve episódio ocorrido no início da década de sessenta do século passado, que ilustra, de certo modo, o papel social desta escola ao longo do tempo.

Almada era ainda um concelho semi-rural já muito fragmentado. Nos espaços de quintas recentemente urbanizadas notavam-se alguns hortejos de apoio à economia familiar.

Todos nós, os mais idosos, nos recordamos de pequenas casas rústicas junto à escola Conde Ferreira.

- Ao assumir o cargo de director da escola verifiquei que as contas da Caixa Escolar registavam um saldo superior a vinte mil escudos.

Ao tempo, esta importância era equivalente a vinte ordenados dum professor no início de carreira. Sabendo-se que aquela quantia provinha da magra quotização mensal dos alunos com mais posses e se destinava à aquisição de material escolar a atribuir aos mais carenciados, achámo-la excessiva.

Como havia um número considerável de crianças que vinham descalças para a escola, aproveitámos a quadra natalícia e comprámos calçado para todos os que se encontravam nessa situação. Lá se foram os vinte contos, mas permitimos àquelas crianças que, também elas, pudessem sonhar colocando o seu sapatinho novo à chaminé na “grande noite” em que todas as crianças experimentam as mais fortes e variadas emoções.

Muito mais terá acontecido ao longo da vida activa desta escola centenária, não nos restam quaisquer dúvidas. Demos conta disso ao longo da incursão que fizemos pelos “Arquivos”.

Tudo o que nos pareceu relevante procurámos reter nas páginas da pequena brochura que hoje aqui apresentamos .

Cabe portanto ao meu parceiro Luís Barradas, no momento da sua intervenção, falar de toda a arquitectura do nosso trabalho e exteriorizar os nossos agradecimentos a todos os amigos e entidades que, muito generosamente, nos deram o seu valioso contributo.

Termino, como comecei, agradecendo mais uma vez a vossa presença e a atenção com que me ouviram.

Obrigado meus amigos, meus companheiros, meus colegas.

Profalmada, n.º 14, 2008, p. 2 e 3

Abertura do ano lectivo

2004-2005

Desde o primeiro ano que a Usalma, faz a abertura solene do ano lectivo

O dia 1 de Março constitui já um marco histórico na vida da jovem Universidade Sénior de Almada. Tendo iniciado a actividade lectiva a 16 de Fevereiro, foi escolhido o primeiro dia de Março para a abertura solene. O Auditório grande da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (Monte de Caparica), encheu-se de amigos, professores e alunos da Usalma para participar na inauguração solene da sua Universidade e ouvir a oração de sapiência proferida com grande brilho pelo Prof. Doutor. Roberto Carneiro. Intervieram também o Sub-Director da FCT, Dr. António Urgueira, o magnífico Reitor da Universidade Nova, Prof. Dr. Leopoldo Guimarães, a Senhora Presidente da Câmara de Almada, Maria Emília de Sousa, Dr. Jerónimo de Matos, Presidente da Direcção da Usalma e a Directora da *Proformar*, Dr.^a Adelaide Silva.

Correio da Usalma, n.º 0, 2005, p. 2

2005-2006

Tiveram início a 11 de Outubro 2005 as aulas da Usalma. Os estudantes do 2.º ano reencontraram-se em ambiente de alegria com colegas e professores do ano anterior.

Os “caloiros” estavam curiosos e muito interessados, uns porque iam frequentar aulas regulares neste nível pela primeira vez, outros porque, após anos de labor

profissional, voltavam a sentar-se na carteira face a um professor, geralmente mais jovem, e a estudar disciplinas ou praticar áreas diferentes da sua formação, com as quais sonharam e a que finalmente tinham acesso.

O número de estudantes, de cursos e de professores cresceu cem por cento: 76 cursos, 80 professores, cerca de 600 estudantes.

As escolas secundárias que nos recebem viram a sua população muito aumentada e mais heterogénea: Anselmo de Andrade, Emídio Navarro, Cacilhas-Tejo, D. António da Costa e Monte de Caparica, que a todos receberam com renovada hospitalidade. Houve a euforia dos reencontros, o espanto dos mais novos pela presença dos seniores, com dossiers e livros debaixo do braço.

E, acomodados nas respectivas salas de aulas, feitas as apresentações, um novo ano de trabalho lectivo começou.

Sessão solene de abertura

Dia 25 de Outubro

Na boa tradição universitária, foi marcada para o dia 25 de Outubro a sessão solene de abertura e oração de sapiência.

Para esse efeito, foi-nos cedido pela divisão das bibliotecas, o auditório Fernando Lopes Graça, no Fórum Municipal Romeu Correia, sala de visitas da cidade de Almada, aberta a grandes eventos culturais.

Às 15h00 uma audiência de cerca de 200 participantes, composta por estudantes, professores e munícipes interessados, tomou parte no desenrolar duma sessão cujo programa, variado e rico, a todos manteve interessados.

Na mesa da presidência tomaram assento o Vereador dos Serviços Municipais da Acção Sociocultural Desporto, Informação e Turismo, Eng.^o António Matos; Dr. Jerónimo de Matos, Presidente da Usalma; Dr.^a Adelaide Paredes Silva, Directora da Proformar; Prof. Doutor José Bautista Vallejo, catedrático da Universidade de Huelva (Espanha) e orador convidado; Dr.^a Libânia Nazareth e o Dr. Joaquim Santos Silva, representante dos alunos.

Todos os presentes na mesa da presidência tiveram palavras de apreço e incentivo para a Universidade Sénior.

Salientamos duas intervenções pela sua relevância: do Prof. Doutor José Bautista Vallejo, orador convidado, que sob o tema “descobrir pessoas e orientar o seu desenvolvimento” proferiu a oração de sapiência.

A introduzir o tema afirmou “ter presente a sublime importância da realidade pessoal do homem, que permite intentar a empresa de explicar o desenvolvimento da pessoa no contexto educativo”.

Partindo da pessoa como sujeito e “objecto” da educação, adverte que, apesar de o homem ser pessoa, nem tudo nele é pessoal, pois está sujeito a múltiplos factores

de desumanização; por isso «foi possível escrever a história da humanidade, mas também a história da inumanidade».

Apontando como obstáculos ao desenvolvimento da pessoa o hedonismo e o consumismo, característica da pós-modernidade, concluiu: “ embora a pessoa esteja na origem, também se dá um processo mediante o qual se chega à pessoa. É a chamada personalização. Por isso sentimos a *necessidade* de descobrir pessoas e o *dever* de orientar o seu desenvolvimento”.

Destaque também para a intervenção da Dr.a Libânia que, de certo modo, aplicando alguns aspectos da exposição anterior do Prof. Bautista, realizou uma breve performance de interação com a assistência que correspondeu ao desafio.

Depois de breve intervalo, a assistência foi brindada com um recital de música e poesia pela Dr.^a Helena Peixinho, acompanhada à viola pelo Dr. José Carita, que também interpretou algumas composições muito apreciadas.

Dia 26 de Outubro: Exposição e debates

No dia seguinte, na sala polivalente do Fórum, foi inaugurada uma exposição de artes plásticas dos alunos da Usalma, dos cursos dos pintores Louro Artur, Francisco Bronze e Otilia Costa, do escultor Jorge Pé-Curto e da Prof. Felicidade Vieira. Após a apreciação das obras expostas, a numerosa assistência tomou parte num animado debate em que intervieram o Presidente da Usalma, e os pintores Louro Artur e Francisco Bronze, tendo-se estabelecido um vivo diálogo, entre a mesa e a assistência, sobre as definições de arte, estética, beleza e criação artística e a sua importância nas civilizações.

De tarde, professores e estudantes de outras áreas, tiveram intervenções muito apreciadas.

Destacamos a Prof. Helena Peixinho com a sua turma de Expressão dramática, a Prof. Zélia Almeida com uma performance musical e a notável conferência da Dr.a Ângela Brandão, dedicada ao tema “Importância da actividade na saúde física e mental.

Correio da Usalma, n.º 1, 2005, p. 4 e 5

2006-2007

Na semana que começou em 16 de Outubro do corrente ano, tiveram início as actividades da Usalma correspondentes ao ano lectivo de 2006-2007.

Sessão Solene de Abertura

De acordo com a tradição universitária, realizou-se no dia 19 deste mês a Sessão Solene de Abertura do ano lectivo, com a correspondente oração de sapiência a cargo do Professor Doutor Victor Serrão.

Esta sessão decorreu nas instalações do novo Teatro Municipal de Almada, gentilmente cedido pela respectiva Direcção, com uma audiência que quase lotou as

respectiva sala principal e com um programa que prendeu a atenção de todos os presentes.

A anteceder as intervenções da mesa, verificou-se a actuação do Coro d'Anselmo, dirigido pelo maestro Victor Gaspar, com acompanhamento ao piano de Paula Espada, tendo tido uma brilhante actuação apreciada por toda a assistência.

Na mesa da presidência tomaram assento: o Vereador dos Serviços Municipais da Acção Sociocultural, Desporto, Informação e Turismo, Eng.º António Matos, em representação da Presidente da CMA; o Presidente da Usalma, Dr. Jerónimo de Matos; o Professor Doutor Victor Serrão, docente da Universidade de Letras de Lisboa; o Professor Alexandre Flores, docente da Usalma; e a representante dos alunos Maria Irene Almeida.

Iniciada a sessão, tomou a palavra o presidente da Universidade, professor Jerónimo de Matos, para saudar e agradecer a presença de todos os que se encontravam na sala.

Sublinhou a adesão e entusiasmo dos estudantes e professores da Usalma em relação ao projecto que a mesma contempla, considerando que o mesmo criou condições cada vez melhores para que um sector da população da cidade tenha acesso a este tipo de ensino e formação.

Agradeceu a colaboração das escolas que cederam as suas instalações, bem como a dedicação voluntária de cerca de oitenta professores e referiu os dois novos pólos para este ano, no Laranjeiro e Monte da Caparica.

Agradeceu, também ao Teatro de Almada o acolhimento para a realização do evento nas suas instalações, referindo a abertura da sua direcção para as actividades da Usalma.

Ao Professor Doutor Victor Serrão dirigiu o maior agradecimento por ter considerado uma honra a sua participação na sessão, assim como ao Professor Alexandre Flores por ter aceite proceder à apresentação deste brilhante conferencista.

Dirigiu-se, de seguida, ao Vereador da CMA agradecendo a sua presença e solicitando que fizesse chegar à Sr.ª Presidente da Câmara os seus cumprimentos e agradecimentos por todo o apoio que a Usalma tem recebido da edilidade.

De seguida foi dada a palavra ao Professor Alexandre Flores, o qual começou por cumprimentar os presentes, em especial o Professor Victor Serrão, sentindo-se muito honrado por lhe caber fazer a apresentação de tão ilustre orador. Procedeu, então, a uma descrição do brilhante curriculum do mesmo. A exposição de Professor Victor Serrão subordinou-se ao tema "Giraldo Fernandes de Prado, Um Pintor em Almada no Fim do Renascimento", tendo o mesmo começado por referir que considerava ser para si e para a Faculdade de Letras uma honra a sua participação nas actividades da Usalma.

Sobre o pintor Giraldo Fernandes disse tratar-se de uma figura relevante da arte

Maneirista, tendo vivido e pintado em Almada e sendo contemporâneo de Fernão Mendes Pinto. Teve contactos com a arte Maneirista em Itália e tem como obra mais representativa o retábulo da Igreja da Misericórdia da nossa cidade, para além de outras pinturas como os frescos da Igreja de Santo António, em Vila Viçosa. A propósito, referiu a falta de regulamentação adequada para a salvaguarda do património artístico do nosso país, ao ponto de não se ter uma ideia completa desse património.

Uma outra faceta artística de Giraldo Fernandes é o “Tratado de Letra Latina” feito por si em Lisboa e que se encontra presentemente em Nova York e que é considerado um documento do melhor na matéria.

Disse ainda o orador que a cidade de Almada tem tido um papel importante no âmbito da cultura em geral, e que a contribuição do Prof. Alexandre Flores tem sido muito relevante, havendo, no entanto, um rico património a descobrir na cidade.

Seguiu-se no uso da palavra a representante dos alunos, Maria Irene Almeida, que começou por saudar a assistência e dar as boas vindas aos novos estudantes. Agradeceu, de seguida, aos professores da Usalma e à Direcção da APCA todo o empenho e colaboração que têm dado à nossa Universidade.

Em continuação, tomou a palavra o Vereador da Cultura da CMA para saudar e felicitar os alunos, professores e outros colaboradores da Usalma, considerando esta nossa Universidade uma singularidade cultural na cidade de Almada.

Concluindo as intervenções da mesa, o Prof. Jerónimo de Matos agradeceu a presença de todos, em especial do Professor Doutor Victor Serrão, ficando a aguardar a publicação da obra deste autor a ocorrer brevemente.

O evento foi concluído com um Moscatel de honra oferecido a todos os presentes.

Correio da Usalma, n.º 5, 2006, pág.1 e 3

2007-2008

No dia 18 de Outubro de 2007, tiveram início as actividades da Usalma respeitantes ao ano lectivo 2007-2008.

De acordo com a tradição da nossa Universidade, após aquele início de actividades, realizou-se a Sessão Solene de Abertura do ano lectivo, a qual decorreu no Auditório Fernando Lopes Graça do Fórum Municipal Romeu Correia, no passado dia 25 de Outubro.

O orador convidado foi o Professor Doutor Leopoldo Guimarães que proferiu a oração de sapiência subordinada ao tema “Ser e Estar num Mundo de Contradições”, muito apreciado pela numerosa assistência.

Na mesa da presidência estava ainda o Vereador Nuno Vitorino, em representa-

ção da CMA, a Presidente da Assembleia Geral da APCA Adelaide Paredes da Silva, o representante dos estudantes, José Luis Carvalho e o Dr. Jerónimo de Matos, Presidente da Usalma, o qual fez a apresentação do orador, cujo teor, muito apreciado pela assistência, será apresentado oportunamente neste boletim.

Seguiram-se intervenções de cada um dos restantes elementos da mesa, das quais se refere, aqui, a do representante dos alunos, José Luis de Carvalho, que começou por agradecer à Direcção da APCA e, em especial, ao seu presidente, Dr. Jerónimo de Matos, todo o empenho e dedicação que vêm dando à causa da Usalma. Realçou ainda o papel dos professores e apelou aos alunos da nossa Universidade para a sua colaboração noutras actividades da mesma.

Seguiu-se um animado e aplaudido momento musical em que actuaram os professores José Carita (guitarra) e Ana Tomás (canto). Encerrou a cerimónia o Presidente da Usalma, seguindo-se um Moscatel de Honra.

Encontro sobre Educação

Na manhã do dia em que ocorreu a Sessão Solene de Abertura do ano lectivo em curso, a APCA levou a efeito um “Encontro sobre Educação”, realizado no Forum Romeu Correia, sala Pablo Neruda, subordinado ao tema “Ética e Educação Ambiental”, cujo orador foi o Professor Doutor José Filipe Santos Oliveira.

Dada a importância do tema, cada vez mais actual, e que é matéria de um dos novos cursos da Usalma acima indicados, a sessão decorreu com o maior interesse e prendeu a atenção da numerosa assistência, tendo havido um vasto debate sobre o tema do encontro

Correio da Usalma, n.º 10, 2007, p. 1 e 3

2008-2009

Joaquim Silva

No dia 15 de Outubro de 2008, tiveram início as actividades da Usalma relativas ao ano lectivo 2008-2009.

Como tem sucedido em anos anteriores, a Sessão Solene de Abertura ocorreu posteriormente àquela data (no dia 25 do mesmo mês), tendo a mesma decorrido nas instalações da Academia Almadense da nossa cidade, com a presença de muitos alunos, professores e convidados.

Do programa da sessão e iniciar os trabalhos, constou a intervenção do Coro Polifónico da Usalma, cuja actuação muito meritória e aplaudida, foi bastante apreciada pelos presentes.

Ocuparam lugar na mesa da presidência, o Presidente da Assembleia Municipal, Sr. José Manuel Maia; o Vereador da Cultura, Eng.º António Matos, em representação da Presidente da Câmara Municipal; a Presidente da Assembleia Geral da APCA, Dr.ª.

Adelaide Silva, o Presidente da Associação de Professores e da Usalma, Dr. Jerónimo de Matos e a Eng.^a Anabela Linheira, como representante dos alunos.

A entidade convidada para proferir a Oração de Sapiência foi a Professora Doutora Maria José Chambel, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Clássica de Lisboa.

A sessão foi aberta pelo Dr. Jerónimo de Matos, começando por saudar todos os presentes e agradecer a presença da oradora, pela sua disponibilidade para realizar a conferência.

Referiu-se ao projecto da Usalma apresentando alguns dados que demonstram a sua dimensão no contexto das universidades seniores e os seus recursos.

De seguida, passou a palavra à Dra. Adelaide Silva, a qual manifestou o seu orgulho por pertencer aos projectos APCA e Usalma, desafiando todos a colaborarem cada vez mais, fez a apresentação da oradora e do respectivo currículo, sublinhando a vertente humanista da sua actuação.

Dada a palavra à representante dos alunos, Eng. Anabela Linheira, esta começou por agradecer à APCA a criação da Usalma assim como aos seus professores pela sua dedicação. Também agradeceu aos Conselhos Directivos das escolas de acolhimento, à Câmara Municipal e a todos os restantes colaboradores.

Seguidamente, iniciou a sua conferência a Professora Maria José Chambel, começando por agradecer o convite e a oportunidade de melhor conhecer a realidade chamada Usalma, uma organização saudável que pode ser um exemplo de estudo no domínio das universidades seniores.

Um resumo desta conferência, muito apreciada pela assistência, será apresentado oportunamente num número deste boletim.

Seguiram-se intervenções dos representantes da Câmara Municipal, tendo o Vereador da Cultura apresentado a situação dos projectos em curso e sublinhado o facto da entrada da Usalma nas escolas do concelho como uma contribuição importante na identificação de Almada como Cidade Educadora.

O presidente da Assembleia Municipal referiu-se ao projecto de referência que é a Usalma e lembrou a data de 23 de Maio do ano de 2003 em que foi criada a APCA. Falou, ainda, do sucesso que constituiu a participação da Usalma na Mostra do Ensino Superior realizada em Almada.

Encerrou a sessão o professor Jerónimo de Matos, agradecendo e salientando as palavras de todos, as quais constituem um incentivo para que o Projecto Usalma continue ainda com mais força.

Este encontro terminou com um moscatel de honra no átrio da Academia.

Colóquios

CPLP 10 anos depois ... que perspectivas?

Maria Laura Casa Nova

No âmbito da disciplina de Relações Internacionais, teve lugar no dia 17 de Maio, na sala Pablo Neruda do Fórum Romeu Correia um colóquio subordinado ao tema “CPLP 10 anos depois ... que perspectivas?” Estiveram presentes, na mesa, o Prof. Doutor Adriano Moreira, os deputados Victor Ramalho e José Lamego, o Vereador da Cultura Eng. António Matos, a Dra. Inês Rosa do IPAD (Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento) como representante do Secretário de Estado de Cooperação, o Presidente da Universidade Sénior de Almada (Usalma) Dr. Jerónimo de Matos e a professora da disciplina de Relações Internacionais, Dra. Teresa Rodrigues, que ao longo do ano fez, não só uma referência à política internacional mas também à política da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa).

Como convidados de honra contámos com a presença de alguns embaixadores ou representantes dos países que constituem a CPLP e, ainda como convidados especiais, a governadora civil do distrito de Setúbal, o Presidente da Assembleia Municipal e representantes do GAERI (Gabinete dos Assuntos Europeus e Relações Internacionais), Instituto Camões e Escolas Superiores de Educação de Setúbal, Lisboa e Jean Piaget.

Aberta a sessão pelo Dr. Jerónimo de Matos, o mesmo explicou o porquê deste colóquio e os objectivos da Usalma e o que ela representa.

Em seguida a Dra. Teresa Rodrigues apresentou os convidados e falou, não só dos objectivos do colóquio, como também da comunidade Internacional.

O Vereador da Cultura deu as boas vindas aos convidados e falou do envolvimento da Câmara Municipal em iniciativas deste género, da sua relação e interesse com os residentes oriundos dos países lusófonos e salientou a solidariedade com os povos da CPLP.

O Dr. Victor Ramalho falou do futuro de todos nós de forma decisiva tendo em conta o mundo da lusofonia e da relação de Portugal com os países de língua Portuguesa.

O Dr. José Lamego salientou os objectivos da política portuguesa no passado, da integração na União Europeia e da relação com os países lusófonos tendo em conta a importância geoestratégica dos novos países da CPLP e da sua constituição.

A Dra. Inês Rosa do IPAD abordou a importância dos participantes dos países da CPLP no desenvolvimento dos seus povos, na rede de ONG (Organizações não governamentais), a actuar nesses países com vista à sua evolução e no compromisso de Portugal no âmbito da EU tendo em conta a sua participação no desenvolvimento dos países de expressão portuguesa.

O Prof. Dr. Adriano Moreira salientou a iniciativa da Usalma, à luz da Convenção de Bolonha, como uma política de aprendizagem ao longo da vida.

De um modo geral, salientou a iniciativa de paz inserida nos estatutos da CPLP como objectivo primordial no contexto do equilíbrio estratégico da paz mundial actual. Disse ainda que a segurança do Atlântico Norte e Sul passa pelos países da CPLP, dada a sua posição estratégica.

Por último, o Embaixador Luís Fonseca, Secretário Executivo da CPLP, explicou a constituição da mesma, os seus estatutos e elogiou a relação existente entre os países que constituem a comunidade.

No final, foi servido um moscatel de honra enquadrado num convívio entre todos os participantes.

Correio da Usalma n.º 4, 2006, p. 3

Arte Rupestre no Alentejo

José Luís Carvalho

Teve lugar no passado dia 23 de Outubro na Sala Polivalente do Fórum Municipal Romeu Correia, um colóquio subordinado ao tema “Arte Rupestre no Alentejo”.

O principal convidado, Dr. António Martinho Baptista, fez uma interessante e erudita exposição que prendeu até ao fim a atenção de todos os presentes.

A primeira intervenção foi do Dr. Jerónimo de Matos, Presidente da Usalma, que começou por referir a existência de dois novos Pólos/Núcleos, um na freguesia do Monte da Caparica e outro na a freguesia do Laranjeiro, inserindo-se neste Pólo/Núcleo a disciplina “Estudos Alentejanos (História e Cultura)” e, assim, o colóquio constituía, disse, como que uma abertura de aulas, ao qual se seguiriam outros relacionados com aquela disciplina, nomeadamente: arqueologia do Alqueva, a romanização do Alentejo, a civilização árabe no Alentejo, reforma agrária e a arte renascentista no Alentejo (já sido convidado o Professor Doutor Victor Serrão que aceitou).

A este propósito sugeriu o Presidente que constituía um desafio para os alunos de outras regiões do país irem às suas raízes e trazer para a Usalma temas das suas terras, vertente que a Universidade quer ver desenvolvida e vir a ser objecto de colóquios e estudos.

O Dr. Antão Vinagre, alentejano, professor da Usalma, apresentou o Dr. António Martinho, de quem é conterrâneo, amigo de infância e colega enquanto estudante. Do extenso e notável currículo salientou: licenciatura em história pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pós-graduação em arqueologia na antiga RDA; vários estágios em arqueologia rupestre em Itália e Espanha, membro de várias agremiações científicas nacionais e internacionais, antigo professor convidado da disciplina de arte pré e proto-histórica na Universidade do Minho, membro do

Comité de Arte Rupestre da Unesco, realização de trabalhos de investigação em arte rupestre do Norte a Sul de Portugal, participação em vários congressos, etc.. É actualmente director do Centro Nacional de Arte Rupestre (sediado em Vila Nova de Foz Côa), é autor de dois livros e inúmeros artigos sobre arte pré-histórica e arqueologia e prepara um segundo volume de síntese sobre os primeiros 10 anos de investigação no vale do Côa, ao qual está ligado desde a descoberta das gravuras.

A brilhante exposição do Dr. António Martinho Baptista versou principalmente sobre os vários núcleos de arte rupestre no Alentejo ainda relativamente desconhecidos, apresentando vários diapositivos com imagens de enorme riqueza artística.

Definiu a arte rupestre como o grafismo pré-histórico, sendo a materialização gráfica das sociedades produtoras de arte, ou seja, o símbolo gráfico da mentalidade pré-histórica. Equacionou a interpretação de uma pintura actual (Picasso ou Miró) com, por exemplo, uma gravura do Vale do Tejo. Para aquelas há documentos, conhece-se a história. Para a segunda não há conhecimento dos antecedentes; sabe-se, actualmente, com bastante segurança, situá-las no período histórico a que pertencem, mas é difícil fazer deduções a partir delas. Fez ainda alusão à arte rupestre no Côa e no Guadiana e a outras manifestações de arte pré-histórica no país.

Foi uma magnífica lição como salientou o Presidente que agradeceu e enalteceu a forma de expor do Dr. António Marinha Baptista, não extrapolando para especulações, mas baseando-se mais em dados científicos adquiridos.

O Dr. Simas Abrantes, médico, professor e aluno da Usalma quis, como alentejano e amigo do principal convidado, agradecer tão elucidativa exposição.

Correio da Usalma, n.º 5, 2006, p. 8

Arqueologia no Alqueva

Maria Cândida Martins

Realizou-se no dia 26 de Janeiro de 2007, na sala Pablo Neruda do Fórum Romeu Correia, o II Colóquio da área de estudos alentejanos sobre a Arqueologia do Alqueva.

Presidiu à mesa o professor Jerónimo de Matos, chamando de imediato os Arqueólogos Dr. Jorge Raposo e Dr. Francisco Silva, dois investigadores que muito contribuíram para a criação e desenvolvimento do Centro de Arqueologia de Almada.

Depois dos agradecimentos pelo convite que lhe foi feito para participar no colóquio e também pela presença dos convidados, o Sr. Dr. Raposo salientou o quanto foi importante todo o projecto de investigação arqueológica realizado no Alqueva, embora ele seja apenas o divulgador e não o investigador. O projecto decorreu durante 5 a 6 anos, sendo a construção iniciada em 1976. Foi suspensa e retomada em 1996 já com o apoio financeiro europeu. A principal barragem terminou em 2002. É um dos maiores lagos artificiais da Europa (250 Km². Todos os bens de interesse

nacional foram identificados, registados e conservados.

Foram feitas muitas pesquisas analisando a cartografia com fotografia aérea, recolha oral para avaliação de impactos.

A principal componente foi a prospecção de campo para confirmar a presença dos sítios de interesses patrimoniais inventariados.

Os Sítios de natureza arqueológica encontrados foram 1515, tendo sido seleccionados apenas 69.

Está à disposição um conjunto de bens móveis e imóveis, que pode ser disponibilizado e valorizados em conjunto de recursos podendo ser explorado no contexto de estratégias globais de desenvolvimento local sustentado.

Sonhamos hoje, e incomparavelmente, mais sobre a ocupação humana da área do Alqueva.

Foram feitas algumas intervenções da assistência tendo o Prof. Jerónimo informado que vão ser realizados mais colóquios até ao mês de Junho.

Não há dúvidas de que ao ser projectada e construída a barragem no vale do Alqueva revelou-se ao país e, em particular, aos Arqueólogos, um património arqueológico imenso.

Correio da Usalma, n.º 7, 2007, p. 7

Os Romanos no Alentejo

José Luís Carvalho

Realizou-se no dia 8 de Fevereiro no Fórum Municipal Romeu Correia - Sala Pablo Neruda - promovido pela Usalma, na Área de Estudos Alentejanos, um colóquio sobre “Os Romanos no Alentejo”, tendo sido orador o Professor Doutor José D’Encarnação, catedrático da Universidade de Coimbra, doutorado em História em 1984, na área de Pré-História e Arqueologia.

Abriu o colóquio o Dr. Jerónimo de Matos, Presidente da Usalma, que agradeceu àquele catedrático a aceitação do convite que lhe fora dirigido e referiu os colóquios já realizados no âmbito da Área de Estudos Alentejanos; “Arte Rupestre no Alentejo” e “Arqueologia no Alqueva”. Referiu ainda os próximos colóquios, o primeiro dos quais será “A Reforma Agrária - passado e futuro”.

A apresentação do orador foi feita pelo Dr. Antão Vinagre que falou sobre o grande interesse do ilustre convidado pelas disciplinas relacionadas com a matéria do colóquio e sobre o seu vasto e importante *curriculum* que inclui o grau de doutor *honoris causa* pela Universidade de Poitiers. Referiu-se à colaboração do orador em diversas revistas nacionais e estrangeiras da especialidade e enumerou alguma da sua obra publicada, destacando: tese de doutoramento “Inscrições Romanas do Conventus

Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização” (esgotado); tese de licenciatura “Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o seu Estudo) - (1970, esgotado); “Roteiro Epigráfico Romano de Cascais” (2001); “Cascais e os seus Cantinhos” (2002); Epigrafia – as Pedras que Falam” (2006).

Agradecendo, o orador iniciou a sua exposição com o título “Os Romanos no Alentejo”, chamando a atenção para a importância das investigações arqueológicas (prospecções – com o auxílio de fotografia aérea – e escavações), da pesquisa epigráfica (estudo das inscrições) e numismática, que têm levado a que actualmente se conheça com bastante aproximação não só a progressão e instalação dos romanos, a localização das “villae”, mas também a aculturação com os indígenas.

Referindo-se à numismática, salientou que na descoberta dos conjuntos de moedas, e do ponto de vista cronológico, é importante conhecer a mais antiga e a mais recente. Realçou também a importância que os romanos lhe davam do ponto de vista político e simbólico, dadas as figuras e inscrições que continham.

Ao longo do colóquio o doutor José D’Encarnação projectou vários diapositivos de moedas e inscrições em pedra, cujos significados foi explicitando e que muito interessaram os presentes. Incidiu, sobretudo, nas áreas e cidades mais importantes de então - Eborá Liberalitas Iulia, Salácia (Alcácer do Sal) e Pax Iulia (Beja), aludindo às actividades de exploração mineira, agrícolas e comerciais e ao modo de vida dos habitantes. Salientou a importância de Évora no contexto da romanização do Alentejo e o facto de as inscrições existentes mostrarem que aquela cidade teve vários senadores.

Após a exposição seguiu-se um interessante debate, tendo o orador agradecido a atenção por todos prestada.

Encerrou o colóquio o Presidente da Usalma, agradecendo a participação de todos os presentes e salientando o facto de a sala ter sido pequena para tão numerosa assembleia.

Correio da Usalma, n.º 7, 2007, p.8

Reforma Agrária

Feliciano Oleiro

A Usalma, como projecto vivo que é, criou através do Polo do Laranjeiro a rubrica “Área de Estudos Alentejanos” sob a coordenação da Direcção e a colaboração do professor Antão Vinagre. No que concerne à abrangência dos seus propósitos mencionamos, a título informativo, os temas já anteriormente tratados cujo êxito consideramos encorajador: - “A Arte Rupestre no Alentejo”, pelo Doutor António Martinho Baptista; “Arqueologia no Alqueva” a cargo do Dr. Jorge Raposo; “Os Romanos no Alentejo” pelo Prof. Doutor José Manuel Encarnação.

Sem pretender excluir outras regiões de Portugal, foi dada primazia ao Alentejo, tendo em conta que a partir de meados do século passado, milhares de famílias alentejanas esco-

lheram a “Margem Sul”, na área do baixo Tejo, para aqui fixarem novas residências.

Assim sendo, realizou-se no dia 16 de Março de 2007, no auditório do Externato Frei Luis de Sousa o IV colóquio “Reforma Agrária no Sul de Portugal: uma revolução na revolução”, pelo Engenheiro António Murteira.

Presidiu à mesa o Prof. Jerónimo de Matos, na qualidade de director da Usalma, cabendo a apresentação do orador ao Prof. Antão Vinagre.

Perante uma assistência interessada, foram explanados os itens programados, desde a vida e luta dos trabalhadores agrícolas, a emergência de novos valores de cidadania, a libertação da mulher trabalhadora, em suma, toda uma luta titânica na consolidação de novos direitos e deveres adquiridos.

Referiu depois a perda de algumas conquistas, abandono de terras e talvez certo desencanto sectorial.

Correio da Usalma, n.º 8, 2007, p. 4

Diversidade Linguística em Portugal

Feliciano Oleiro

No dia 23 do mês Março de 2007, pelas 15 horas, foi levado a efeito um colóquio sobre Diversidade Linguística em Portugal.

Foi orador o Dr. Paulo Feitor Pinto, Presidente da Associação de Professores de Português, cabendo a iniciativa deste evento à professora Diana Ferreira, docente de Língua Portuguesa da Usalma.

O tema apresentado, com o sub-título de “Práticas e Políticas” (1143-1973), permitiu-nos assistir a toda uma explanação do evoluir da língua dos portugueses ao longo de mais de oito séculos.

Desde as línguas autorizadas, as línguas proibidas, as línguas subsidiárias que conduziram à formação do português que hoje falamos, nada foi deixado ao acaso.

A assistência, sempre atenta, participou vivamente na parte final da sessão, colocando questões, às quais o orador respondeu com clareza e agrado.

A Usalma já nos habituou a usufruir destes momentos de elevado índice cultural que nos enriquecem e dão “cor à vida”.

Correio da Usalma, n.º 8, 2007, p. 4



O Medo Social

Feliciano Oleiro

No dia 23 de Abril de 2007, pelas 15 horas, no auditório da Escola Secundária de Cacilhas-Tejo, teve lugar um colóquio sobre o Medo Social, pelo Prof. Doutor Fernando Nogueira Dias.

Dada a complexidade e vastidão do tema na área da sociologia, o orador teve o cuidado de o tornar mais acessível, atendendo à grande diversidade da assistência.

É de notar a presença simpática duma turma de sociologia da Escola anfitriã, acompanhada da respectiva professora que muito valorizou a sessão.

Justifica-se mais uma vez o sublinhado em relação à a titude e acção da Usalma no sentido da valorização social e de lazer dos seus utentes.

Correio da Usalma, n.º 8, 2007, p. 4

O Associativismo no Alentejo

Joaquim Silva

No Auditório da Escola Secundária Cacilhas-Tejo, no dia 25 de Maio de 2007, decorreu mais um colóquio com o interessante tema “ O Associativismo no Alentejo” cujo orador foi o Doutor José Mariz.

O Colóquio foi aberto pelo Dr. Jerónimo de Matos, tendo a apresentação do orador sido feita pelo professor Antão Vinagre que, quanto ao currículo do orador, referiu que o mesmo é doutorado em História e foi assistente na Universidade de Lund (Suécia), na faculdade de Letras de Lisboa e no Núcleo de Sociologia Histórica do Instituto Gulbenkian de Ciência.

O Colóquio decorreu com bastante interesse, tendo o orador feito uma dissertação sobre o associativismo no Alentejo entre 1850 e 1911, tendo começado por fazer uma introdução ao tema referindo-se às associações tradicionais e de socorros mútuos as quais, nos primórdios, tinham designações em que a palavra Montepio era muito vulgar, e que se manteve até aos nossos dias. Salientou-se a solidariedade como uma das principais preocupações na constituição destas associações que se formavam exclusivamente com os artesões e, só mais tarde, admitiram sócios assalariados rurais.

Referiu que a estrutura organizativa dessas associações era já muito bem elaborada pois os seus corpos sociais eram já formados por Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal.

O colóquio decorreu com grande interesse dos participantes que de forma informal foram colocando as suas questões ao longo da sessão.

Correio da Usalma, n.º 9, 2007, p. 3



Usalma

Saúde e Alimentação

José Luis Carvalho

Conforme tem vindo a ser noticiado, continuam a realizar-se os colóquios promovidos pela Usalma - Área de Estudos Alentejanos. Desta vez foi convidado o muito conhecido e ilustre Prof. Dr. Manuel Carrageta que dissertou sobre “Saúde e Alimentação”.

O auditório da Escola Secundária Cacilhas-Tejo, no passado dia 8 de Maio de 2007, estava repleto para ouvir o que foi uma brilhante e interessante exposição daquele orador.

Abriu o colóquio o Dr. Jerónimo de Matos e a apresentação esteve a cargo do Professor Torgal (velho conhecido e amigo do orador) que realçou as elevadas qualidades de Homem, Médico e Cientista do Professor Doutor Carrageta, que agradeceu.

Perante um *curriculum* do orador tão vasto e tão conhecido de muitos dos presentes, o apresentador limitou-se a chamar a atenção para alguns aspectos da actividade assistencial, académica, científica, de investigação e em sociedades científicas estrangeiras. Mencionou a sua actividade como Director do Serviço de Cardiologia do Hospital Garcia da Horta, como Presidente do Instituto de Cardiologia Preventiva de Almada, bem como o facto de ter sido agraciado, em 2006, com a insígnia e medalha de ouro de mérito e dedicação do Município de Almada.

O Professor Doutor Manuel Carrageta orientou a sua exposição para as doenças cardiovasculares, principalmente da mulher, chamando a atenção para os factores de risco, para a prevenção, para os hábitos alimentares e para a necessidade do exercício físico. Realçou alguns aspectos que em muito contribuem para as doenças cardiovasculares, entre as quais a diabetes e a obesidade. Referiu que a diabetes é essencialmente uma doença de civilização e que ao contrário do que é corrente supor, morrem mais mulheres que homens de doença cardiovascular.

Outro aspecto para o qual o Doutor Carrageta chamou a atenção é que a pessoa magra que não pratica exercício físico pode ter mais risco de doença cardiovascular que uma pessoa gorda que o pratica.

Por fim falou no “Programa Mulheres de Vermelho” promovido pela Fundação Portuguesa de Cardiologia, com eventos durante o mês de Maio, culminando num jantar em que “as mulheres envergando vestidos vermelhos, dão um alerta visual, sinal de perigo urgente, mas ao mesmo tempo de esperança, poder, força e vitalidade no feminino”.

Às questões que, no final lhe foram postas pela assistência, sempre interessada, o orador respondeu com o agrado e com a clareza que lhe são habituais, após o que o presidente da Usalma, agradecendo, encerrou o colóquio.

Correio da Usalma, n.º 9, 2007, p. 3

269



Usalma

O Maneirismo e a Pintura a Fresco no Alentejo

José Luis Carvalho

“O Maneirismo e a Pintura a Fresco no Alentejo” foi o tema de mais um colóquio na Área de Estudos Alentejanos, realizado em 14 de Junho de 2007 no Fórum Municipal Romeu Correia, Sala Pablo Neruda. Foi orador o Professor Catedrático de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Doutor Victor Serrão.

O Presidente da Usalma, Dr. Jerónimo de Matos, abriu o colóquio fazendo apenas breve apresentação do ilustre catedrático e do seu já bem conhecido *curriculum*, dado que o Doutor Victor Serrão proferira a oração de sapiência na Abertura Solene do ano lectivo e agora encerrava o ciclo de colóquios. O presidente da Usalma congratulou-se com esse facto, fez uma breve descrição dos outros colóquios que decorreram ao longo do ano lectivo e passou a palavra ao orador.

Este começou por falar da mitologia na pintura maneirista portuguesa e da arte dos frescos em Évora e Vila Viçosa que reputou de inegável qualidade, referindo o interesse de a continuar a descobrir e divulgar.

Entre os vários pontos desenvolvidos sobre o tema, o orador referiu que mesmo em plena Contra-Reforma foi produzida arte com liberdade criativa, não foi fechada, uma tradição neo-platónica, conforme se podia ver pela iconografia das pinturas, bem como em publicações do mesmo teor. Na arte portuguesa do século XVII, um dos temas mitológicos mais recorrentes foi o ciclo da Guerra de Tróia, pintado por Diogo Pereira a mando dos seus clientes. Os quadros ligados ao grupo político de D. João IV associaram-se àquela temática porque tinham uma componente política anti-Filipina. A mitologia, disse, era matéria da ordem do dia na iconografia artística. Aludiu a vários frescos no Paço do Condes de Basto, em Évora, da autoria de Giraldo Fernandes do Prado. Citou o facto de este artista ser o autor do retábulo da Igreja da Misericórdia de Almada (1589-91), que classificou de grande qualidade artística. Referindo outros aspectos da personalidade e da vida do artista disse tratar-se de um homem de sólida cultura humanista, fidalgo, escritor e calígrafo. Viveu e pintou em Almada, foi coevo de Fernão Mendes Pinto e foi autor do Tratado de Caligrafia, o primeiro em Portugal.

No último quartel do século XVI, disse, Portugal estava na vanguarda no campo da pintura mural.

Por fim, referiu-se ao papel da História da Arte, hoje uma disciplina cada vez mais importante, aos contextos que geram as obras e à sua inesgotável interpretação.

Após um período de perguntas e respostas, encerrou o colóquio o Dr. Jerónimo de Matos, que agradeceu ao orador e aos presentes, dizendo que se fechou com chave de ouro o ciclo de colóquios.

Correio da Usalma, n.º 10, 2007, p. 5 e 9



Usalma

A Maçonaria em Almada

José Luis Carvalho

No dia 7 de Junho de 2007 teve lugar na Sala de Leitura do Arquivo Municipal, Palácio Pargana, um colóquio subordinado ao tema “A Maçonaria em Almada”. Foi orador o Professor Doutor António Ventura, catedrático de História Contemporânea da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Abrindo o colóquio, o Dr. Jerónimo de Matos agradeceu ao orador, cuja presen-

tação esteve a cargo do Dr. Alexandre Flores que enumerou parte da vasta bibliografia daquele catedrático, destacando:

- O Combate da Flor da Rosa
- Exílio, os Açores e o cerco do Porto
- Entre a República e a Acracia
- José Frederico Laranjo
- O Cerco de Capo Maior em 1801
- A Maçonaria no Distrito de Portalegre.

O Orador dissertou sobre o conceito de sociedades secretas e a sua evolução ao longo do tempo e sobre as origens e evolução da maçonaria, que teria surgido na Idade Média, com uma forte componente de solidariedade.

Focou, depois, a sua exposição na implantação e evolução da Maçonaria em Almada desde 1888 até 1935, data em que foi proibida em Portugal. Referiu que a actividade da maçonaria em Almada foi desenvolvida principalmente por estudantes.

No final estabeleceu-se animado debate, face às questões postas pela assistência que enchia o auditório.

O colóquio foi encerrado pelo Dr. Jerónimo de Matos.

Correio da Usalma, n.º 10, 2007, p. 5

A Língua Portuguesa no Mundo

No dia 23 de Novembro de 2007, decorreu no auditório do Externato Frei Luís de Sousa um colóquio subordinado ao tema “ A Língua Portuguesa no Mundo”.

A sessão foi aberta pelo presidente da Usalma professor Jerónimo de Matos, que se referiu às razões e importância da realização deste colóquio, e a oradora foi a Doutora Laura Cravo Branco, tendo sido apresentada pela professora da Usalma Laura Casa Nova, a qual evidenciou alguns aspectos do currículo da conferencista.

Durante a sua exposição a oradora falou sobre a função social de uma língua, a sua influência na cultura e relacionamento dos povos, debruçando-se mais especificamente sobre a formação e consolidação da Língua Portuguesa, a sua irradiação ao longo do tempo por todo o mundo, levada a cabo pela gesta dos descobrimentos e mais tarde pela emigração.

Referiu que a Língua Portuguesa, no século XVI, língua oficial de Portugal, falada por cerca de um milhão e quinhentas mil pessoas nessa época, se enriqueceu com a expansão portuguesa, dando e recebendo e influenciando culturas. Em 2001, eram cerca de duzentos e dez milhões a população dos países de língua oficial portuguesa, sendo o português a terceira língua da Europa mais falada no mundo, implicando este facto responsabilidades para o País.

Algumas expressões da oradora: “A língua é, na perspectiva dos linguistas, um facto social, um sistema gramatical inerente a um grupo de indivíduos que, através

da apropriação de determinado código, dão livre expressão à sua forma de pensamento, cumprindo uma função social específica a comunicação entre os homens”.

“A língua é uma realidade viva, herança e futuro respeitante aos valores, normas, tecnologias, padrões de configuração cultural concreta, numa sociedade em determinado espaço e tempo em que se desenvolve”.

“Uma língua é, como que um arquivo histórico, pátria comum de todos quantos apropriam, exprimindo-se e comunicando através dela sem fronteiras”. “O domínio efectivo da língua capacita os indivíduos para pensar, adquirir conhecimentos, expressar a sua identidade, sentimentos e ideias, em suma – permite interagir com os outros e melhor compreender o seu mundo”. “As línguas que se fecham estiolam e morrem. A Língua Portuguesa tem, actualmente, um universo de utilizadores que nos dimensionam face à sua vitalidade e nos apela a que preservemos esta herança, bem social, res communis” sem proprietários, nem guardiães privilegiados, mas cujo legado urge e incumbe preservar, dando espaço a tantas normas quantas for possível”. Ao referir-se à difusão da Língua Portuguesa, citou Eduardo Lourenço: “Uma língua é a substância do que somos, signo da nossa identidade, forma e energia” ; e Virgílio Ferreira: “Uma língua é o lugar donde se vê o Mundo e em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir. Da minha língua ouve-se o seu rumor (...). Por isso a voz do mar foi a voz da nossa inquietação”.

No final da sua exposição, citou Mía Couto em entrevista no Brasil em Abril de 1997:

“A língua que eu quero é essa que perde função e se torna carícia. O que me apronta é o simples gosto da palavra, o mesmo que a asa sente aquando do voo. Meu desejo é desalisar a linguagem, colocando nela as quantas dimensões da vida. E quantas são? Se a vida tem, é idimensões? Assim, embarco nesse gozo de ver como a escrita e o mundo mutuamente se desobedecem”.

A terminar o colóquio foi aberto um tempo de debate que teve a participação de vários elementos da assistência, encerrando o presidente da Usalma, que agradeceu à oradora a excelente comunicação e sublinhou a importância, a todos os níveis, do conhecimento das línguas em tempos de globalização.

Correio da Usalma, n.º 11, 2007, p. 5 e 6



Usalma

A Língua Portuguesa na CPLP

Laura Casa Nova

No dia 30 de Novembro de 2007, realizou-se no auditório do Externato Frei Luis de Sousa um colóquio sobre os temas “A Língua Portuguesa na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa: Mitos, Factos e Alguma Controvérsia” e “Introdução à Pragmática Linguística: Falar Bem e Depressa”.

Abriu a sessão o Presidente da Usalma que começou por agradecer à professora Laura Casa Nova a sua colaboração na organização deste colóquio.

Foram oradores a Doutora Luisa Solla e o Doutor José Victor Adragão os quais foram apresentados pela professora Laura Casa Nova que evidenciou alguns aspectos do currículo dos conferencistas.

Iniciou a sua conferência a Doutora Luisa Solla que, depois de agradecer o convite para a sua participação no colóquio e em relação ao tema do mesmo, começou por concretizar o sentido da palavra “mito” constante do título do mesmo.

Assim, considerado que um mito é uma ficção ou utopia, os PALOP e a Lusofonia são mitos e, novas formas de colonialismo como refere o prof. Alfredo Margarido.

E referiu, ainda, que não é possível transpor para os chamados países lusófonos métodos e processos usados no nosso país, quando os alunos, na sua vida diária não têm contacto com as situações e objectos mostrados nas aulas em ligação aos termos usados pela língua portuguesa

Seguiu-se a comunicação do Doutor José Victor Adragão, o qual começou por agradecer o convite, referindo não ser a primeira vez que se encontrava no seio da Usalma, e passou ao desenvolvimento do tema, enumerando as várias condicionantes que balizam o bom uso de uma língua.

Para uma boa utilização da capacidade de linguagem, basta saber bem a gramática e dominar muito vocabulário? Ou haverá outros factores?

Começou por reflectir em torno de algumas relações evidentes que existem entre a nossa faculdade de linguagem e outros elementos que, em nós ou fora de nós, a condicionam.

Em primeiro lugar, o pensamento, os conteúdos intelectuais. Não só eles são o fulcro da mensagem que queremos transmitir como funcionam enquanto delimitadores dessa mesma mensagem.

Dizemos o que pensamos, de forma como o pensamos. Depois, vem o contexto em que se realiza a produção linguística, contexto interior e exterior. O que sentimos, o que experimentamos, a forma como reagimos... mas também o nosso interlocutor e a relação que temos com ele, as circunstâncias espaço-temporais, o que já dissemos e o que estamos para dizer.

A intenção da nossa intervenção define sempre, nas devidas proporções, a maneira como a organizamos. Mas... será que o outro percebe essa intenção? Finalmente, simultaneamente interior e exterior a nós, é a própria língua em que nos expressamos (e a forma como nos relacionamos com ela). Por um lado, ela é pertença de uma comunidade e, se a não respeitarmos, corremos o risco de incompreensão. Mas por outro lado, ela é nossa e tem de adaptar-se aos nossos gostos, às nossas necessidades.

Reflectamos sobre o artefacto que usamos na comunicação linguística: o texto verbal. O que é? Como se define? De que regras dispomos para o construir? São sempre as mesmas, para todos os tipos de texto?

E, depois, quando está construído, que fazemos com ele? Podemos dispor de um “manual de instruções” para o utilizarmos bem? Ou também esse tem de ser construído?

Sendo assim, duas reflexões:

1. Como a aprendemos, quem no-la ensinou, com que metodologia, como reagimos a essa aprendizagem, como nos desenvencilhamos na vida de todos os dias com essa língua que aprendemos?

2. Haverá características da língua portuguesa que a diferenciem de outras no uso que dela fazemos? Temos consciências dessas características?

Terminando o colóquio seguiu-se um forte debate com a participação de alguns elementos da assistência.

O mesmo foi encerrado pelo presidente da Usalma que agradeceu aos oradores a excelente comunicação salientando a importância da mesma.

Correio da Usalma, n.º 11, 2007, p. 5 e 6

A Diabetes

Grupo de Trabalho

A Diabetes tipo 2 é uma doença crónica que aparece quando o organismo não consegue utilizar a sua principal fonte de energia, a glicose, um açúcar produzido pelo fígado, mas também fornecido pela alimentação.

É uma doença que se alastra devido à má alimentação e à vida sedentária que as pessoas teimam em fazer.

Os seus sintomas estão encobertos e muitas vezes silenciosos e ainda podem ser confundidos com outros sinais. É uma doença que controlada permite uma vida saudável, activa e autónoma. Conseguir-lo implica manter os valores de glicemia tão próximo dos recomendados quanto possível. Não tem cura, mas é possível controlá-la e viver com qualidade.

Muitas vezes o aparecimento da Diabetes é gradual, sendo por isso difícil de detectar. Algumas pessoas não têm quaisquer sintomas iniciais e só é diagnosticada quando já estão presentes várias complicações da Diabetes.

Por isto tudo, um grupo de trabalho da Usalma resolveu convidar o Prof. Doutor Pedro Eurico Lisboa, grande Médico e grande Homem, para uma conferência sobre: “A Diabetes no Idoso” e “Conselhos para uma Alimentação Saudável” com o fim de todos serem alertados não só para a doença, que aparece sem se esperar, como também para as suas consequências que podem ser desastrosas e fatais.

Para esta comunicação o Professor enviou, previamente, documentação para suporte da palestra e duas folhas por ele manuscritas com vários itens relacionados com os conselhos para uma alimentação saudável e ainda sobre a diabetes no idoso.

No dia da conferência, pediu que fossem distribuídos aos diabéticos uma lista de

conhecimentos para esta patologia, para ser debatida com o seu médico assistente.

Surgiu, ao mesmo tempo, a ideia de se fazer um rastreio à doença para que os utentes da Usalma ficassem descansados e esclarecidos sobre o assunto.

Para esse rastreio tivemos um patrocinador principal “Lifescan, Johnson & Johnson Company” que nos forneceu documentação essencial, picadores, tiras e emprestou-nos, gentilmente, aparelhos para o despiste.

Temos ainda a salientar outros patrocinadores/colaboradores que puseram à nossa disposição técnicos e material como algodão, luvas, álcool e pensos rápidos. Foram eles as Farmácias Atlântico, Brás e Silva, Central, Cerqueira, Louro, Moderna, Nuno Alvares, Oliveira Sérgio, Silva Júnior, Tovar Chaves e Vale Figueira.

Agradece-se, igualmente, à Dr.^a Odete André, do Hospital de Santa Maria, que ajudou o responsável pela apresentação do professor no preenchimento ou lacunas do percurso clínico do mesmo.

Também ao Dr.^o Humberto Ventura, do Hospital Garcia de Orta, agradece toda a sua disponibilidade e o seu alerta quanto às assinaturas do documento designado “Informado e Declarado” para publicação eventual do estudo estatístico que sairá no próximo jornal.

A Câmara Municipal contribuiu com tiras extensivas para uma melhor separação tendo em vista uma boa fluência dos utentes.

A PSP pôs-nos à disposição um agente que, com todo o profissionalismo, apoiou a segurança com vista a qualquer eventualidade.

O Hospital Garcia de Orta forneceu dois contentores para se colocar o lixo para incineração. A Cannon Hygiene forneceu, igualmente, contentores mais pequenos para depósito das tiras e picadores usados, para o mesmo fim.

A Associação de Professores do Concelho de Almada, na pessoa do seu Presidente, deu-nos total apoio e autonomia para a execução da tarefa em questão.

Para nos ajudarem nesta tarefa a que nos propusemos, tivemos a ajuda de uma médica, farmacêuticos, uma enfermeira, um biólogo, professores e alguns elementos da APCA/Usalma que colaboraram exaustivamente no rastreio para que o mesmo se efectuasse em condições.

Houve uma adesão bastante significativa por parte dos alunos, pois sem estes, não seria possível não só o rastreio como a palestra proferida pelo Professor que nos elucidou dos perigos da doença e da prevenção a fazer, para que a mesma não evolua e se desenvolva desastrosamente. A palestra decorreu num excelente ambiente e no fim houve um debate saudável e esclarecedor.

Por tudo isto, agradecemos a todos que contribuíram para o que consideramos ter sido um êxito.

Bem haja a todos!

Avaliação Estatística do Rastreio sobre Diabetes Mellitus - Tipo 2

Introdução

Objectivo - Ao promovermos esta iniciativa, norteou-nos fundamentalmente a detecção de prováveis pessoas pré-diabéticas e diabéticas, mas que desconheciam esta situação clínica.

Na amostragem de 155 alunos e colaboradores/professores da Usalma, todos eles, fizeram um jejum, de pelo menos oito horas e previamente assinaram o documento designado "Consentimento informado e declarado". Foram excluídos todos os alunos e colaboradores que sabiam ser diabéticos e já eram acompanhados clinicamente.

Neste rastreio, que seguiu as orientações, segundo os quais deve ser efectuado em pessoas com idade superior a 45 anos ou com idade inferior, mas com factores de risco, incluímos três alunos que pertencem ao segundo critério.

Os critérios de intervalos de glicemia são fundamentados e globalmente aceites conforme artigo intitulado "Pré-diabetes: vale a pena diagnosticar?" do Dr. M. M. Almeida Ruas, Endocrinologista dos Hospitais da Universidade de Coimbra, Outubro de 2006, e são os seguintes:

Glicemia Capilar ≤ 110 mg/dl - Não diabéticos

Glicemia Capilar > 110 mg/dl e ≤ 126 mg/dl - Provável Pré-diabéticos

Glicemia Capilar > 126 mg/dl - Provável diabéticos

Nos critérios considerados na grelha resumo que se publica, tomámos em consideração ainda os seguintes itens: Idade e Factores de risco associados:

F. P. D. - **Factor pré-disponente** ou seja antecedentes de familiares directos com diabetes mellitus.

A. F. - **Actividade física** com prática regular ou não.

Fumador

Hipertensão

Colesterol total elevado: > 190 mg/dl

I. M. C. - **Índice de massa corporal**: considerámos três níveis:

Peso normal; Excesso de peso e Obesidade segundo o Programa Nacional de Prevenção e Controlo de Diabetes, Direcção Geral de Saúde.

Para o sexo feminino foram ainda considerados dois factores:

Diabetes mellitus gestacional;

Recém-nascidos com peso superior a 4,000Kg.

Comentários:

Dentro do critério provável de pré-diabético já referido anteriormente, detectámos cinco pessoas - três mulheres e dois homens (deste subgrupo duas com F.P.D.; quatro sem prática de actividade física; dois com colesterol total elevado; três com

excesso de peso e dois obesos; dentro do sexo feminino uma indicou que teve recém nascidos com peso superior a 4,000 Kg).

Dentro do critério considerado de provável de diabético, já anunciado anteriormente, detectámos quatro pessoas do sexo feminino (deste subgrupo 1 com F. P. D. ; três que não praticam actividade física, uma é hipertensa; duas têm colesterol total elevado; uma tem excesso de peso e duas são obesas; duas indicaram que tiveram recém nascidos com peso superior 4,000 Kg).

Às pessoas referidas nos dois subgrupos foi-lhes indicado que deveriam consultar a(o) médica(o) de família para confirmação do valor de glicemia obtido e eventual seguimento adequado.

No subgrupo maioritário, isto é, com valores de glicemia iguais ou inferior a 110mg/dl, isto é não diabético, detectámos que 30,1% apresentam F. P. D. ; 38,3% não praticam actividade física regular; 31,5% são hipertensos (muitos medicados); 32,2% têm colesterol total elevado (muitos medicados); 45,9% têm excesso de peso e 17,1% são considerados obesos.

Conclusão:

A amostragem estudada do universo da Usalma, em relação a esta patologia de alteração do metabolismo dos hidratos de carbono, indica-nos que 3,22% poderão ser pré-diabéticos e 2,58% poderão eventualmente sofrer desta patologia (a confirmar ou não pelo médico assistente).

Contudo, é de realçar a percentagem de pessoas obesas e com excesso de peso, bem como as que não praticam regularmente actividade física.

Sugerimos a leitura e seguimento dos folhetos entregues sobre alimentação e ainda “os conselhos para uma alimentação saudável” manuscritos e entregues pelo Prof. Dr. Pedro Eurico Lisboa, bem como a prática regular de actividade física, nomeadamente a marcha.

Correio da Usalma, n.º 13, 2008, p. 6 e 8

Dieta Mediterrânica: Quando o Passado Vence o Futuro

José Luís Carvalho

Subordinado ao tema “Dieta Mediterrânica - Quando o Passado Vence o Futuro”, teve lugar no Auditório do Externato Frei Luís de Sousa, no dia 30 de Maio de 2008 um colóquio em que o Professor Doutor Manuel Carrageta fez mais uma das suas importantes dissertações em assunto de tão elevado interesse e oportunidade.

Aberta a sessão pelo Dr. Jerónimo de Matos, a apresentação do orador foi feita pelo Professor Torgal que aludiu às suas qualidades como homem, médico e cientista, e enumerou o seu vasto e brilhante *curriculum*.

Agradecendo ao seu velho amigo Torgal, o orador realçou os benefícios da dieta mediterrânica; disse que ela é também uma questão cultural, que é o passado e o futuro, que é superior a outras dietas, estando o seu mérito cientificamente reconhecido.

Fez a caracterização geográfica das cinco zonas com clima mediterrânico, que têm a ver com as latitudes, tanto a Norte como a Sul, e referiu que Portugal tem esse clima e essa cultura.

Definiu a dieta mediterrânica, de que se destaca: abundância de alimentos vegetais, consumo de peixe, consumo moderado de vinho tinto às refeições (1 a 2 copos por dia) e baixo consumo de carnes vermelhas, caracterizando-se por variados alimentos minimamente processados, frescos, da estação e cultivados localmente. Este tipo de alimentos tem acção preventiva no domínio da saúde.

Chamou a atenção para o consumo excessivo de gorduras, dizendo que esse facto tem sido, desde há cinquenta anos, um inimigo da nossa saúde e que a dieta mediterrânica provoca menos mortalidade cardíaca, menos cancro, menos AVC, e vários estudos mostram que há menos incidência da biabetes tipo 2. Referiu ainda os benefícios do consumo do azeite na alimentação.

No final, respondeu a várias perguntas e disse: “o povo japonês é o que vive mais no mundo, sendo a sua alimentação à base de peixe e hortaliças; comem pouco e praticam muita actividade física.”

Encerrou o colóquio o Dr. Jerónimo de Matos, realçando o bom humor que se desenvolveu ao longo da exposição e agradecendo ao orador e à assistência.

Correio da Usalma, n.º 14, 2008, p.9

Sociedade e Criminalidade

Laura Casa Nova

No dia 28 de Novembro de 2008 teve lugar no auditório da Escola Secundária Cacilhas Tejo, uma palestra subordinada ao tema: Sociedade/Criminalidade. Foi proferida pelo Prof. Doutor Paulo Sargento Santos, professor da Universidade Lusófona.

A palestra decorreu num excelente ambiente onde todos se sentiram à vontade e o debate foi acontecendo ao longo da intervenção.

O Prof. explanou temas como: Casa Pia, Caso Maddie, Caso Joana e outros que tanto têm abalado a Sociedade Portuguesa como o julgamento dos elementos da Polícia Judiciária acusados de agressões à mãe da Joana.

Explicou o que se considera crime, as suas causas e as suas consequências.

Falou-se da actuação da polícia em cada caso e da sua frustração quando os Juízes retêm, apenas por algumas horas, os criminosos apanhados em flagrante delito. Na maior parte dos casos são reincidentes, mas continuam a ser libertados após presença ao juíz.

Salientou que o caso da pedofilia foi um escândalo que veio para a ribalta devido à sua dimensão o que levou a uma mudança do quadro legal deste tipo de crime.

Tirou dúvidas sobre estas questões, dúvidas essas cujas respostas se podem considerar únicas, uma vez que não se fazia ideia do que se passava e continua a passar nos bastidores dos casos explanados.

Elucidou, muito bem, os meandros da lei à volta destes e de outros casos, inclusive a política que pode estar implicada.

As leis são feitas no parlamento mas são negociáveis.

Falou-se na criminalidade económico/financeira devido ao caso BPN e BPP e todas as suas implicações e foi demonstrado que a justiça não é cega, os intocáveis também são presos e assim tem que continuar.

O Professor sugeriu a leitura de um livro para melhor se perceber o que se passa à volta: "Tratado de Criminologia Empírica".

Correio da Usalma, n.º 16, 2008, p. 7

V Encontro Nacional das Universidades Seniores

Dulce Lázaro

O ponto de encontro havia sido combinado para a Praça São João Baptista às 6 horas da manhã do dia 7 de Maio. Pontualmente comparecemos e de imediato partimos.

A boa disposição reinava entre as dezoito pessoas que viajavam para Santa Maria da Feira.

Nascia o sol quando passámos perto de Vila Franca de Xira. Foram feitas duas paragens antes do nosso destino final; para o pequeno-almoço, na área de serviço de Santarém, cerca das 7h15, e a seguinte, cerca das 9h30 na estação de serviço de Antuã-Estarreja.

Chegámos ao Europarque dentro do horário previsto, cerca das 10 horas da manhã. Após um breve e agradável passeio pelos jardins que rodeiam o Europarque, dirigimo-nos ao edifício central onde se fazia o acolhimento das delegações que chegavam de todo o país.

Podemos dizer que a simpatia dos anfitriões foi uma constante. Uma ou duas pessoas da Universidade de Santa Maria da Feira estava destacada para o acompa-

nhamento de cada delegação. Fomos encaminhados para o Auditório Principal onde decorreria a sessão de boas vindas.

Eram cerca de 600 os participantes neste 5.º Encontro e provinham de todo o país, do Norte ao Sul.

Os discursos, breves, estiveram a cargo da Directora da Universidade de Santa Maria da Feira e do Presidente da Câmara da cidade. De seguida, fomos presenteados com uma dramatização, levada a cabo por crianças, parte integrante do desfile que é costume realizar-se a 20 de Janeiro: a Festa da Fogaça.

Acompanhada ao piano, pudemos ouvir, seguidamente uma das professoras de música da Universidade da Feira interpretar diversos trechos musicais. Um dedicado à cidade e acompanhado pelo coro dos alunos da Universidade; a belíssima interpretação da Ave-Maria de Shubert e mais dois ou três temas.

Nesta interpretação, acompanhou-a um elemento masculino, igualmente professor da Universidade, mas também com variado protagonismo na área da música erudita.

Seguiu-se o almoço que decorreu num dos salões do Europarque, devidamente preparado para o efeito.

Após o repasto, de novo nos dirigimos para o Auditório Principal, onde tivemos oportunidade de ouvir a Orquestra de Jovens Músicos de Santa Maria da Feira que interpretaram obras de Joly Braga Santos - Abertura Sinfónica n.º 3 -, Carl Reinecker Concerto para flauta, e Anton Dvorak - VIII Sinfonia.

Imediatamente a seguir, foi dado início ao baile, com música ao vivo, que decorreu no átrio do edifício central.

Para nós, foi o momento de regressar a Almada. Antes porém, passámos ainda pelo centro da cidade, ali tão perto, e pudemos olhar o seu imponente castelo. Uma breve passagem pela praça principal levou-nos às famosas Fogaças que muitos de nós não resistiram a adquirir.

Após uma rápida paragem no regresso a casa, aportámos a Almada já perto das 11 horas da noite. A boa disposição dos participantes foi uma constante, ficando agora a aguardar novas oportunidades de convívio e de intercâmbio de experiências.

Correio da Usalma, n.º 4, 2006, p. 6



Usalma

VI Encontro Nacional das Universidades Seniores

Guilherme Manuel

Realizou-se no dia 18 de Março de 2008, no Pavilhão Desportivo da Associação Académica da Amadora, o “Encontro Nacional das Universidades Seniores”, este ano

realizado pela Universidade Sénior da Amadora (para o ano de 2008 será realizado na Covilhã). Participaram neste encontro alguns alunos e professores da Usalma.

Como estava combinado, partimos de Almada, em autocarro às 8h50, num domingo soalheiro.

Chegados ao Complexo Desportivo da Amadora, fomos recebidos por dois elementos da Universidade Sénior local que nos acompanharam e informaram de todos os pormenores do Encontro.

Começou o Encontro, com um breve discurso que esteve a cargo da Directora da Universidade da Amadora, e fez-se a apresentação das Universidades presentes.

De seguida, foram apresentadas várias personagens vestidas a rigor, representativas de épocas antigas e que, de algum modo, viveram naquele local: vendedeiras, lavadeiras, homens do campo e ciganos a venderem as suas mercadorias.

Depois apresentaram-nos com a parte musical, aliás com um bom nível, começando com um fado acompanhado à viola e bandolim. Seguiu-se o Grupo de Cantares, Grupo de Cavaquinhos, Grupo Coral, Grupo de Danças e a fechar a Tuna Académica, tudo executado por seniores.

Por volta da uma hora, seguiu-se o almoço, até às 4 horas da tarde. Todo este tempo foi preenchido com muita animação, alegria e boa disposição, numa confraternização contagiante. Por fim foi o baile, abrilhantado pela Orquestra Ligeira da Amadora em que os participantes recordaram os tempo da sua juventude.

Correio da Usalma, n.º 8, 2007, p.6

VII Encontro das Universidades Seniores

Gracelinda Nascimento

No dia 11 de Maio, realizou-se, na Covilhã, o VII Encontro das Universidades Seniores, com expressiva participação da Usalma.

Eram cerca das 6 horas da manhã, quando, da Praça S. João Baptista, em Almada, um autocarro com cerca de 55 passageiros – elementos da Direcção da Associação de Professores de Almada (APCA), alunos da Usalma, familiares e amigos – partiu rumo à Covilhã.

Chegados à Praça do Município da referida cidade, fomos simpaticamente recebidos pelas “madrinhas” que nos encaminharam para o Teatro Cine, a fim de tomarmos os nossos lugares, já previamente marcados.

Com a lotação esgotada, cerca de 1500 pessoas, de Universidades Seniores de todo o país, teve início a Sessão Solene de Abertura deste Encontro.

Usaram da palavra os elementos da Mesa – Reitora da Academia Sénior da Covilhã, Presidente da RUTIS, Delegado do INATEL, Magnífico Reitor da Universidade da

Beira Interior e Presidente da Câmara Municipal da Covilhã - que, nos seus discursos, enfatizaram as potencialidades das Universidades Seniores.

Seguidamente teve início a Sessão Cultural que começou com a exibição de um filme sobre esta cidade, à qual se seguiu a actuação do Coro da Academia Sénior da Covilhã, interpretando belas melodias, algumas acompanhadas de dramatização.

Por fim, a Banda da Covilhã brindou os presentes com bonitos trechos musicais, tendo surpreendido agradavelmente, com uma homenagem ao inesquecível cantor Carlos Paião, tocando alguns arranjos de canções suas. E o programa da manhã terminou com a concentração de todas as Universidades Seniores, na Praça do Município, para assistirem ao desfile das suas Bandeiras e Estandartes, onde pôde ser admirado o estandarte da Usalma, cujo símbolo representa a intergeracionalidade, o debate de ideias, o convívio e a participação cívica.

Com a passagem do testemunho para o Instituto Cultural de Portimão, cidade algarvia, onde no próximo ano se realizará o VIII Encontro das Universidades Seniores, encerraram-se as actividades na Praça do Município.

Rumo à Quinta das Flores, nos arredores da Covilhã, todos se dirigiram ao restaurante onde foi servido o almoço.

Durante este momento, há a salientar três factos importantes:

- O convívio com elementos de outras Universidades;
- A oferta simpática, por parte de elementos da organização, de um frasco de com-pota de cereja às senhoras, e de uma garrafa (miniatura) de licor de zimbro aos homens;
- Participação num concurso, do qual um dos vencedores foi José Evaristo, aluno da Usalma.

Se até aqui os ânimos estavam confortados, os momentos que se seguiram fizeram-nos atingir um alto nível de satisfação, pois num espaço, relvado no exterior da Quinta das Flores. O Grupo da Escola Secundária Frei Heitor Pinto – Professor Elvai presenteou todos com belos exercícios de Ginástica e Acrobacia.

Não menos relevante foi a actuação do “Grupo de Cavaquinhos” da Academia Sénior da Covilhã.

E para os amantes da música e da dança a tarde foi completa, pois dançaram, e dançaram, e dançaram, ...

Mas para quem não tinha tanta apetência para a dança, não deixou de ser menos agradável, pois só assistindo, não deixaram de bater o pé ao som da música, nem de trautear algumas das canções.

A hora do regresso aproximava-se, mas antes foi servido um substancial lanche, onde não faltaram os enchidos, os salgados, os queijos da Serra e os bolos regionais, tudo isto acompanhado de bom vinho, sumos e água.

Finalmente, chegou a hora da partida e as incansáveis “madrinhas” acompanharam

os seus “afilhados” ao autocarro onde todos agradecemos o hospitaleiro acolhimento e despedimo-nos com um “até para o ano, em Portimão”.

Se alguém tinha dúvidas de que este dia tinha sido muito gratificante, bastava ter viajado no autocarro com destino a Almada e observado com admiração como os ânimos estavam ao rubro, pois em vez de silêncio (sinónimo de cansaço), viveram-se momentos de animação muito ricos e surpreendentes – fado, canção ligeira e anedotas.

Chegados a Almada, a viagem terminou com muita vontade de, no próximo ano, rumarmos a Portimão.

Correio da Usalma, n.º 14, 2008, p.8 e 9

O Dia das Universidades

Manuel Guilherme

Comemorou-se, no dia 21 de Maio de 2008, o Dia Nacional das Universidades Seniores, que foi organizado pela RUTIS (Rede das Universidades da Terceira Idade), promovendo um encontro, em Lisboa, das universidades mais próximas da capital, tendo estado presentes alguns estudantes da Usalma. Este encontro teve lugar no Ateneu Comercial, onde fomos recebidos pelo presidente da Rutis e por professores e colegas de outras universidades. Seguiram-se algumas palestras sobre o presente e futuro das universidades seniores, tendo o presidente evidenciado a criatividade e aprendizagem dos estudantes das UTIS.

Depois de terminadas estas intervenções, iniciou-se um desfile musical com a tuna da Academia da Amadora pela rua do Coliseu até ao Rossio, com a surpresa proporcionada pelos estudantes de Psicologia da Universidade Lusófona, que se encontravam no largo de S. Domingos, o que proporcionou um encontro de várias gerações alegre e entusiasmante. Ali, todos juntos, cantámos, dançámos e demos vivas às universidades presentes, com a certeza de que valeu a pena o encontro.

Correio da Usalma, n.º 14, 2008, p. 7

Mostra do Ensino Superior

Joaquim Silva

Decorreu entre os dias 16 e 19 de Abril de 2008, a Mostra do Ensino Superior, iniciativa organizada pela Câmara Municipal de Almada e que incluiu a Usalma, a convite da autarquia, como uma das oito escolas do Ensino Superior participantes.

As actividades desta Mostra tiveram lugar no átrio do Fórum Romeu Correia e numa instalação montada, para o efeito, na Praça da Liberdade da nossa cidade e apresentou-se, dentro dos objectivos dos seus organizadores, “como um espaço de conhecimento, partilha de experiências e aproximação dos cidadãos às escolas de ensino superior instaladas no Concelho”.

A sessão de abertura deste evento, que incluiu a inauguração da Exposição “Dinâmicas Sociais do ensino secundário ao superior”, decorreu no Fórum Romeu Cor-

reia, na manhã do dia 16, com a presença da presidente e do vereador da cultura da CMA e dos representantes das escolas participantes no mesmo, entre os quais o Dr. Jerónimo de Matos, director da Usalma.

Com a presença de muito público interessado, abriu a sessão o vereador da Cultura da Câmara que começou por referir as razões que levaram à organização da Mostra. De seguida convidou os presentes para um percurso através da exposição dos painéis identificadores de cada escola participante, tendo dado a palavra aos representantes de cada uma para a sua apresentação e caracterização, nomeadamente no que toca às suas actividades e objectivos.

Relativamente à Usalma, o professor Jerónimo de Matos começou por saudar todos os presentes, em especial os representantes da autarquia, salientando o facto de a Usalma ser uma iniciativa da APCA, tendo iniciado as suas actividades um ano após a criação daquela Associação, em Fevereiro de 2005.

Referiu-se, ainda, à vida e actividades da nossa universidade, nomeadamente ao número de inscrições, o qual tem crescido exponencialmente ao longo dos anos da sua existência, sublinhando o regime de voluntariado dos seus professores e a disponibilidade dos Conselhos Executivos das escolas que nos acolhem.

A sessão foi encerrada pela presidente da Câmara que sublinhou a qualidade e importância da mostra como manifestação pública e convite aos futuros alunos do ensino superior, para uma escolha informada do seu futuro.

As restantes actividades da mostra decorreram numa tenda instalada na praça da Liberdade, de que se destacam diversos ateliers e actuação de grupos musicais.

Relativamente à actuação dos representantes da Usalma nestes eventos, referimos, destacando a sua qualidade:

- O Grupo de guitarras, dirigido pelo professor Francisco Sabrosa;
- O Coro polifónico, dirigido pelo professor Vítor Gaspar
- O Grupo de cavaquinhos, dirigido pelo professor José Carita.

Estas actuações nas tardes de 16 e 17, foram muito apreciadas pela numerosa assistência, sobretudo de estudantes da Usalma e familiares, que muito as aplaudiram.

Correio da Usalma, n.º 13, 2008, p. 10



III Concurso Nacional de Cultura Geral

Joaquim Silva

Fórum Municipal de Lisboa (antigo Cinema Roma) o III Concurso Nacional de Cultura Geral, promovido pela RUTIS (Rede de Universidades da Terceira Idade), com a participação de 15 Universidades, entre as quais a Usalma.

A nossa equipa, constituída por três alunos efectivos e um suplente e seleccionada através de concurso interno realizado para o efeito, bateu-se bem, tendo sido vencedora a equipa de Sintra, onde será realizado o concurso do próximo ano.

No final do concurso foram distribuídos diplomas às Universidades concorrentes e prémios às três equipas mais bem classificadas.

Pela assistência e concorrentes foram sorteados dois computadores a serem distribuídos durante o VI Encontro Nacional das UTIS, nos próximos dias 17 e 18 de Março, na Amadora.

Por fim, actuou a Tuna Académica da Amadora (CUTLA), que muito entusiasmou a assistência.

Relativamente ao modo como decorreu o concurso, dadas as expectativas criadas em função da organização dos eventos anteriores, consideramos que este ano a Rutis não atingiu o mesmo nível de realização.

Correio da Usalma, n.º 7, 2007, p.6

Concurso de Cultura Geral: O Saber Não Tem Idade

Conforme fora noticiado pelo Correio da Usalma, realizou-se na tarde do dia 29 de Janeiro de 2008 no Centro Cultural Olga Cadaval, em Sintra, o Concurso de Cultura Geral “O Saber Não Tem Idade”, promovido pela Rede de Universidades da Terceira Idade (RUTIS).

No concurso interno realizado pela Usalma com vista à participação naquele evento, foi apurada a equipa constituída pelas estudantes Edite Barriga, Maria Irene e Maria da Natividade.

Para apoiarem a equipa da nossa Universidade deslocaram-se em autocarro a Sintra vários estudantes que na parte da manhã visitaram o Palácio Nacional de Sintra, visita essa de que à frente se dá notícia mais desenvolvida.

Cerca das três da tarde teve início o concurso com a participação de 21 equipas, incluindo a da Usalma formada pelos elementos acima apresentados. Foram disputadas três meias finais, com sete equipas cada, tendo a nossa sido incluída na primeira. Obteve 10 pontos num máximo de 16, o que se considera altamente meritório dadas as características deste concurso.

Na final foi apurada vencedora a equipa da Universidade de Loures, seguida das de Oeiras e Paço de Ferreira.

Assim, de acordo com o que está estabelecido, no próximo ano o concurso será realizado em Loures.

No final do concurso, foram entregues medalhas aos concorrentes e o troféu à equipa vencedora.

A encerrar o agradável convívio de todos os presentes, actuou um grupo musical da Universidade de Sintra.

Correio da Usalma, n.º 12, 2008, p. 5

Lançamento de livro: *Das Tuas Mãos Nascem Palavras*

Com este título foi apresentado, no dia 22 de Outubro 2008, o segundo livro de poemas do Prof. Américo Morgado. Perante numerosa assistência, reunida na sala Pablo Neruda do Fórum Romeu Correia, o evento foi pretexto para uma animada sessão de arte, dedicada à Poesia, que teve como intervenientes a Dr.^a. Conceição Marques, autora do prefácio, que fez uma excelente comunicação sobre as mensagens poéticas da obra de Américo Morgado e o Dr. Jerónimo de Matos, Presidente da Usalma que se referiu ao autor como homem de cultura e intervenção cívica, seguindo-se um recital de poemas do livro pelos professores Helena Peixinho, Carlos Amaral e pelo autor que agradeceu comovido a presença de tantos amigos.

Amo-te

Procuro-me através de ti
do que sou capaz
para te ver feliz.
És a gota d'água
onde guardo a vida.

Correio ds Usalma, n.º 15, 2008, p. 2

Actuação do Coro Polifónico

O Coro Polifónico da nossa Universidade, sob a direcção do maestro Vitor Gaspar, realizou as duas actuações que foram anunciadas no número de Dezembro do nosso boletim.

Assim, a primeira teve lugar no dia 16 de Dezembro na Igreja de Santiago, em Almada, com a presença de muitos estudantes e familiares e outros interessados por actividades corais, tendo todos apreciado a qualidade da actuação do nosso coro que teve naquele local as condições ideais para o efeito.

A segunda participação ocorreu no dia 5 de Janeiro de 2008, no Solar dos Zagalos, Sobreda, e enquadrada nas Festas dos Reis, tendo participado vários agrupamentos musicais com a presença de vários representantes dos órgãos autárquicos do Concelho de Almada.

Correio da Usalma, n.º 12, 2008, p. 3

Encerramento do ano lectivo 2006-2007

A programação da festa de encerramento do ano lectivo de 2006-2007 incluiu a realização de dois eventos, a Exposição de Trabalhos e a Animação/Espectáculo, além de um jantar.

A inauguração da exposição teve lugar, como estava previsto, na tarde do dia 22 de Junho de 2007, cerca das 18horas, nas instalações da Academia Almadense, com a intervenção do presidente da Usalma, professor Jerónimo de Matos (e com a presença de muitos estudantes e outras pessoas interessadas) que enalteceu a qualidade dos trabalhos expostos.

Esta exposição incluiu, fundamentalmente, trabalhos no domínio das artes plásticas, tendo ficado aberta até ao dia 25.

No mesmo dia, cerca das 21 horas realizou-se o Espectáculo que, de acordo com o respectivo programa, abrangeu participações no âmbito da Música/Poesia/Teatro/Dança.

A sessão de boas vindas pelo presidente da nossa Universidade, tendo-se seguido as seguintes intervenções:

- Turbelinho de ideias no Teatro Criativo - alunos da Prof.^a Manuela Richter.
- Acordes de guitarra - alunos do Prof. Francisco Sabrosa.
- Mensagem de esperança “Poemas” - alunos do Dr. Simas Abrantes.
- Danças e Cantares - Grupo de Danças e Cantares dos Professores de Almada.

Após um intervalo:

• Poemas e textos de vários autores “ Procura-se um Amigo” - Vinicius de Moraes - alunos da Prof.^a Helena Peixinho.

• Interpretações ao piano - alunos das professoras Bernardete Teixeira e Paula Sousa.

- Canções - alunos da prof.^a Bernardete Teixeira
- Grupo de Cavaquinhos da Usalma - alunos do Prof. José Carita.
- Coro da Usalma dirigido pelo Maestro Víctor Gaspar

O espectáculo, que decorreu animado, mereceu bastantes aplausos da numerosa assistência, notando-se que foi do agrado geral.

Foram muitos os aplausos para os grupos que, em intervenções de anos anteriores, já nos tinham habituado a um nível de actuação elevado, não o tendo sido menos os que com menor experiência, também contribuíram bastante para manter a animação e o interesse da assistência.

A festa terminou com a intervenção do coro da Usalma dirigido, com brilho, pelo maestro Victor Gaspar.

Encerramento do ano lectivo 2007-2008

A programação foi cuidada, à semelhança de anos anteriores, incluindo a exposição de trabalhos e o espectáculo/convívio, tendo tido lugar nas instalações da Academia Almadense.

Quanto ao espectáculo/convívio, o programa foi o seguinte:

Programa

Início do Espectáculo 21 horas

- Professor Jerónimo - Saudação
- Turma Expressão Dramática - Burricadas e Pregões
- Turma de Francês - Sketch e Poema - "Au Restaurant"
- Turma de Oficina Literária - Poemas - Trovas do vento que passa - Manuel Alegre
- Turma de Danças Latino Americanas
- Turma de Teatro Criativo - Chá com Clarice, a mulher de flor de lis

Intervalo

- Turma de Guitarra
- Turma de Iniciação Musical Prof.^a Ana Tomás - Tema rítmico
- Turma Iniciação Musical Prof.^a Bernardete
Teixeira - Rusga Desgarrada
- Turma de Árabe
- Coro Polifónico
- Turma de Cavaquinho

Correio da Usalma, n.º 14, 2008, p.3



TOPOLINIA
CASA DO
SANTO

LOURO
ARTISTA

V Parte: Projectos - Equipamentos

A V Parte resume informação sobre a história e o estado actual dos projectos-equipamentos da APCA: *Casa do Professor, Residência-Lar do Professor e Sede da Usalma*. Projectos em fase de implementação, graças, sobretudo, ao reconhecimento e ao singular apoio da Câmara Municipal de Almada, na pessoa da sua Presidente, Maria Emília Neto de Sousa.

Da leitura desta Parte, quando a APCA comemora apenas cinco anos de vida cívico-cultural, ressalta o sonho associativo de vir em projecto.

1. Casa do Professor

Aguardamos a entrega do Projecto de execução, entregue ao gabinete do Arquitecto Chuva Gomes, para iniciar o concurso de restauração do Chalé Ribeiro Teles, no jardim da Cova da Piedade. Estamos a contactar entidades e a concorrer a programas que viabilizem financeiramente aquela restauração.

Ali se projecta a instalação de valências de convívio, cuidados de saúde, informação e debate cultural aberto à população, além dos serviços de administração e direcção da APCA.

2. Sede da Usalma

A APCA foi convidada pela Senhora Presidente da Câmara Municipal a integrar o concurso, ao abrigo do QREN, de revitalização dos centros históricos.

De acordo com as normas do concurso, a suportar pelos orçamentos da União Europeia e da Câmara Municipal, a Usalma candidata-se à cedência de um edifício reconstruído de acordo com um programa arquitectónico específico, para sua sede definitiva.

Até à conclusão deste programa, a Usalma disporá transitivamente das instalações da Escola Primária n.º 1 (Conde Ferreira), a partir de Outubro de 2009.

3. Lar-Residência do Professor

Foi assinada em Fevereiro, no salão nobre da Câmara Municipal, a escritura do terreno, sito na Sobreda, próximo do Solar dos Zagallos, que concede à APCA o direito de superfície, o qual, para viabilizar contratos de financiamento com entidades financeiras, está em vias de substituição por título de posse plena.

Para a sua viabilização, estão programados alguns eventos culturais cujo objectivo é angariar fundos para o Lar-Residência.



ΤΟΡΔΑΝΙΑ
ΕΚΑΔΟ
ΒΕΝΤΟ

LOURO
ARTISTA

VI Parte: Reconhecimentos

1. Pessoais

Professores da Usalma de Línguas, Humanidades, Ciências, Artes, Tecnologias da Informação, Movimento e Saúde e Círculo de Estudos:

| | |
|-----------------------|--------------------------|
| Aida Brito | Francisco Sabrosa |
| Alexandre M. Flores | Helena Peixinho |
| Américo L. Morgado | Hugo Guerra |
| Ana Bela Santos | Ilda Marques Freitas |
| Ana Costa | Inês Ferreira |
| Ana Filipa Marcos | Maria Eugénia Raposo |
| Ana Neves | Maria Eugénia Webb |
| Ana Tomás | Maria de Fátima André |
| Andrea Graça | Maria Gabriela Machado |
| Ângela C. Brandão | Maria da Graça Rebelo |
| Ângela Luzia | Maria da Graça Ribeiro |
| Antão Vinagre | Maria Helena Cruz |
| António Alberto Ramos | Maria João Alvarez |
| António Pessoa | Maria João Matos |
| António Policarpo | Maria José Januário |
| Carlos Guilherme | Maria Laura Casa Nova |
| Carlos Monteiro | Maria Leonor Silva |
| Carlos Nascimento | Maria Madalena Henriques |
| Celeste Sales | Maria do Rosário Marques |
| Colette Costa | Maria Teresa Silva |
| Cristina Coelho | Marilda Duarte |
| Daniel Ferreira | Mário Amaral |
| Diana Ferreira | Mário Augusto Pires |
| Dina Dourado | Marisa Baptista |
| Domitila Cardoso | Miguel Serrano |
| Edite Prada | Isabel Silva |
| Eduarda Vilarinho | Jaime Gonçalves |
| Elisa Araújo | Jerónimo de Matos |
| Elsa Oliveira | João Paulo Gomes |
| Ekaterina Ribeiro | João Raimundo |
| Ekaterina Malkovets | Joaquim Benite |
| Ernesto Fernandes | Joaquim Santos da Silva |
| Esmeraldina Gralha | Joaquim Simas Abrantes |
| Ezequiel Matias | Jorge Neto |
| Felicidade Vieira | Jorge Pé-Curto |
| Fernando Avelar | José Alberto Barata |
| Francisco Bronze | José Bernardino Duarte |

José Carita
José León Acosta
José Luís Guimarães
José Mateus
José Morgado
José Rabaça
Júlia Carrapo
Juliana Gatass
Kelsang Drime
Libânia Nazareth
Lídia Carmo
Lídia Simões
Louro Artur
Luciana Couto
Lucinda Cavaco
Ludgero Leote
Luís Barros
Luís Hermenegildo
Hermenegilda Monteiro
Madalena Batista
Manuela Ribeiro
Manuela Richter
Manuela P. Silva
Manuel Carrageta

Margarida Fonseca
Maria Adelaide Silva
Maria Bernardete Freitas
Maria Bernardete Teixeira
Maria do Carmo Manique
Maria da Conceição Gato
Nelson Guimarães
Nuno Bernardo
Otilia Costa
Paula Salvador
Paula Sousa
Paulo Eufrásio
Paulo Nunes
Pedro Maia
Rosa Maria Santos
Sofia Saraiva
Telmo António
Teresa Oliveira
Teresa Rodrigues
Vasco Ribeiro
Victor Alaiz
Victor Gaspar
Victor Silva
Zélia Moura

2. Institucionais

Câmara Municipal de Almada

Presidência

Serviços Socioculturais, Desporto, Informação e Turismo

Gabinetes Técnicos

Juntas de Freguesia

Almada

Cacilhas

Caparica

Charneca de Caparica

Costa de Caparica

Cova da Piedade

Feijó

Laranjeiro

Pragal

Sobreda

Trafaria

Centro Distrital de Segurança Social de Setúbal
Serviço Local de Acção Social de Almada
Hospital Garcia de Orta
Escolas parceiras da Usalma
António Gedeão
Anselmo de Andrade
Cacilhas-Tejo
D. António da Costa
EB 2,3 da Costa de Caparica
Emídio Navarro
Fernão Mendes Pinto
Ruy Luís Gomes
Secundária do Monte de Caparica
Externato Frei Luís de Sousa
Escola Profissional de Almada
Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL (Monte de Caparica)
Seminário de São Paulo de Almada
Associações
Academia de Instrução e Recreio Familiar Almadense
Imargem - Associação de Artistas Plásticos do Concelho de Almada
Ginásio Clube do Sul
Santa Casa da Misericórdia de Almada
Sociedade Filarmónica Incrível Almadense
Teatro Municipal de Almada
URPICA - União de Reformados, Pensionistas e Idosos do C. de Almada
Empresas
Exceltours, viagens e turismo



TOPONÍMIA
BOCA DO
VENTO

LOURO
ARTISTA

Anexos

Estatutos

Associação de Professores do Concelho de Almada

CAPÍTULO I

Denominação, sede, natureza, duração e objectivos

Artigo 1.º

(Caracterização)

1- É constituída uma associação sem fins lucrativos, com a denominação de Associação dos Professores do Concelho de Almada, abreviadamente designada por Associação, com sede provisória na Rua Conde Ferreira (Antiga Delegação Escolar), 2800-077 Almada, exercendo a sua actividade independentemente de qualquer política ou credo religioso.

2- A Associação é constituída por tempo indeterminado.

Art.º 2.º

(Fins e Objectivos)

1- A Associação tem como finalidades prosseguir, manter e alargar um conjunto de actividades e objectivos sociais, educativos e culturais dirigidos essencialmente ao grupo profissional dos professores do Concelho de Almada.

2 - Constituem assim, objectivos da Associação, os seguintes:

- a) Providenciar a criação de respostas sociais destinadas, entre outras, aos professores idosos, criando condições que promovam a sua autonomia e melhorem a resposta ao envelhecimento e às situações de isolamento e dependência.
- b) Promover outras acções de natureza social, educativa e cultural.

3 - Para a realização dos seus objectivos, a Associação promoverá as seguintes actividades:

- a) Criação de um Lar de Idosos para professores, como forma de colmatar a inexistência deste tipo de equipamento, a nível do concelho;
- b) Promoção de acções de voluntariado para apoio aos cidadãos na velhice e invalidez e em situações de falta ou diminuição de meios de subsistência, de capacidade para o trabalho ou isolamento;
- c) Apoio à integração social e comunitária através da criação de uma Universidade Sénior, em regime de voluntariado;
- d) Realização de colóquios, palestras, debates e outras iniciativas de carácter sócio - cultural;
- e) Promoção de acções de índole social, nomeadamente, estabelecimento de

acordos e contratos, angariação de meios de acção, fundos e outros apoios, junto de entidades públicas e privadas para os fins anteriormente mencionados;

f) Estabelecimento de intercâmbios com organizações congéneres.

4- Em obediência ao disposto no n.º 3 do artigo 10.º do EIPSS, são considerados objectivos principais os de âmbito da acção social.

CAPÍTULO II

Associados e seus direitos e deveres

Artigo 3.º

(Da qualidade de sócio)

Podem ser associados:

- a) Os professores de todos os ramos e graus de ensino, que exercem, exerceram ou residem no concelho de Almada;
- b) Os cônjuges dos professores associados;
- c) Associações de professores ou outras entidades ligadas à educação e ensino, de âmbito nacional, regional e local;
- d) Pessoas singulares ou colectivas distinguidas por serviços relevantes prestados à Associação.

Artigo 4.º

(Categorias de sócios)

Os sócios da Associação dos Professores do Concelho de Almada distribuem-se por três categorias: Ordinários, Extraordinários e Honorários.

- a) São sócios ordinários os membros que constam da alínea a) do artigo 3.º;
- b) São sócios extraordinários os membros indicados nas alíneas b) e c) do artigo 3.º;
- c) São sócios honorários os membros referidos na alínea d) artigo 3.º.

Artigo 5.º

(Direitos dos associados)

1. São direitos dos sócios ordinários:
 - a) Participar nas Assembleias Gerais, tendo direito a voto nas decisões que nelas forem postas a votação;
 - b) Elegor ou ser eleito para os órgãos sociais da Associação;
 - c) Utilizar os serviços da Associação dentro das condições que vierem a ser estabelecidas;

- d) Examinar os livros, relatórios e contas e demais documentos, desde que o requeram por escrito e com a antecedência de 30 dias;
 - e) Propor, por escrito, à Direcção, iniciativas que visem melhorar a actividade da Associação;
 - f) Assistir e participar nas actividades da Associação.
2. São direitos dos sócios extraordinários os que constam das alíneas c), e) e f) do número anterior.
 3. São direitos dos sócios honorários os que constam das alíneas e) e f) do número um deste artigo.

Artigo 6.º

(Deveres dos associados)

1. São deveres dos sócios ordinários:
 - a) Desempenhar com zelo e diligência os cargos para que foram eleitos;
 - b) Cumprir as determinações dos órgãos da Associação em conformidade com a Lei, com estes Estatutos e com as normas que vierem a ser estabelecidas através de regulamentos internos;
 - c) Concorrer para o bom nome e prestígio da Associação, contribuir para que esta atinja os seus fins e participar, na medida do possível, na vida associativa;
 - d) Contribuir para a manutenção da Associação, mediante o pagamento de uma quota, cujo valor e periodicidade será fixado em Assembleia Geral, sob proposta da Direcção;
 - e) Informar a Direcção, por escrito, sempre que ocorram alterações aos dados inscritos na sua proposta de admissão.
2. São deveres dos sócios extraordinários os que constam das alíneas b), c), d) e e) do número um.
3. São deveres dos sócios honorários os que constam das alíneas b) e c) do número um.

Artigo 7.º

(Perda da qualidade de sócio)

1. Perde a qualidade de associado quem:
 - a) Voluntariamente peça por escrito à Associação que cesse essa qualidade, cabendo à Direcção deferir o pedido apresentado no prazo de 30 dias;
 - b) Mediante deliberação da Direcção, ratificada em Assembleia Geral,

falte ao cumprimento dos seus deveres de associado, nomeadamente, pelo não pagamento das quotas de acordo com o estipulado, ou lese, por qualquer meio, os interesses e bens da Associação.

2. O associado que, por qualquer forma, deixar de pertencer à Associação, não tem o direito de pedir a devolução das quotizações que haja pago e perde o direito ao património social, sem prejuízo da sua responsabilidade por todas as prestações relativas ao tempo em que foi membro da Associação.

CAPÍTULO III

SECÇÃO I

Órgãos Sociais e seu funcionamento

Artigo 8.º

(Elenco)

São órgãos da Associação:

- a) Assembleia Geral;
- b) Direcção;
- c) Conselho Fiscal.

Artigo 9.º

(Mandato)

1. A duração do mandato de qualquer membro dos órgãos sociais é de três anos, sendo permitida a sua reeleição até um máximo de dois mandatos consecutivos, salvo se a Assembleia Geral reconhecer expressamente que é impossível ou inconveniente proceder à sua substituição;
2. Nenhum associado poderá ser eleito para exercer funções em mais de um cargo durante o mesmo mandato.
3. Os associados que forem eleitos exercerão as suas funções até serem substituídos.
4. Podem ser realizadas eleições intercalares quando, no decurso de um mandato, ocorrerem vagas que excedam metade do número de membros de um órgão da Associação.
5. O exercício de qualquer cargo nos órgãos associativos não é remunerado. Poderá, no entanto, ser remunerado, se o cargo for exercido em regime de exclusividade, competindo à Assembleia Geral, sob proposta da Direcção, decidir e fixar a remuneração.
6. Serão, no entanto, reembolsadas as despesas efectuadas no exercício dos cargos dos órgãos da Associação e em nome desta, desde que justificadas e devidamente documentadas.

SECÇÃO II

Assembleia Geral

Artigo 10.º

(Constituição)

1. A Assembleia Geral da Associação é o seu órgão máximo e soberano, sendo constituída por todos os sócios ordinários em pleno gozo de direitos até à data da sua realização e dirigida por uma Mesa com a seguinte composição:
 - a) Um presidente;
 - b) Um 1.º secretário;
 - c) Um 2.º secretário.

Compete à Assembleia Geral:

- a) Eleger e destituir, por votação secreta, os membros da respectiva mesa e a totalidade ou a maioria dos membros dos órgãos executivo e de fiscalização;
- b) Definir as linhas fundamentais de actuação da Associação;
- c) Autorizar a Associação a demandar os titulares dos órgãos associativos por factos praticados no exercício das suas funções;
- d) Apreciar e votar os planos de actividade e orçamentos anuais, os relatórios e contas da Direcção e os pareceres do Conselho Fiscal;
- e) Deliberar sobre as actividades da Associação;
- f) Apreciar e votar a aquisição, oneração ou alienação de bens ou a realização de empréstimos;
- g) Pronunciar-se sobre actos da Direcção não previstos nos presentes Estatutos e que constituam ónus ou encargos para a Associação;
- h) Deliberar sobre a alteração de Estatutos e sobre a extinção, cisão ou fusão da Associação;
- i) Deliberar sobre a atribuição da qualidade de sócio honorário;
- j) Deliberar sobre a remuneração dos cargos dos órgãos associativos;
- k) Deliberar sobre o montante e periodicidade das quotas a pagar pelos associados;
- l) Funcionar como instância de recurso dos diferendos entre os órgãos da associação ou entre estes e os associados;
- m) Aprovar a adesão a Uniões, Federações ou Confederações

- n) Pronunciar-se sobre todos os demais assuntos que lhe sejam submetidos;
- o) Desempenhar as demais atribuições que lhe sejam conferidas pela lei, estatutos e regulamentos internos.

Artigo 12.º

(Reuniões)

- 1. As reuniões da Assembleia Geral são ordinárias e extraordinárias.
- 2. A Assembleia Geral reunirá ordinariamente:
 - a) Até trinta e um de Março de cada ano, para apreciação e votação do relatório e contas da gerência do ano anterior e respectivo parecer do Conselho Fiscal;
 - b) Até quinze de Novembro, para apreciação e votação do orçamento e plano de actividades para o ano seguinte;
 - c) Até quinze de Novembro do último ano de cada mandato, para eleição dos corpos sociais.
- 3. A Assembleia Geral reunirá extraordinariamente e sempre que necessário:
 - a) Por iniciativa da Mesa;
 - b) Por iniciativa da Direcção, ou do Conselho Fiscal;
 - c) A requerimento de um grupo de associados correspondente, pelo menos, a um quinto dos que estiverem no gozo pleno dos seus direitos e com um mínimo de seis meses de filiação. Todos os associados que subscreverem a convocatória terão de estar presentes no momento da abertura da reunião e no momento da votação da questão, ou questões, que fundamentaram o pedido.

Artigo 13.º

(Convocatória e funcionamento)

- 1. As reuniões realizar-se-ão mediante convocatória afixada na sede da Associação e por meio de aviso postal expedido para cada um dos associados, com a antecedência mínima de quinze dias, devendo mencionar:
 - a) O dia e hora da reunião;
 - b) O local;
 - c) A ordem de trabalhos.
- 2. As reuniões funcionarão em primeira convocatória à hora marcada desde que esteja presente mais de metade dos associados com direito a voto ou, em segunda convocatória, uma hora depois da hora marcada e com qualquer número de associados, devendo o aviso de convocatória mencionar

estas mesmas regras.

Artigo 14.º

(Funções do Presidente da Assembleia)

São atribuições do Presidente da Mesa da Assembleia Geral:

- a) Convocar as reuniões de Assembleia Geral e a elas presidir;
- b) Dirigir os trabalhos e zelar pela execução das deliberações tomadas;
- c) Dar posse aos corpos gerentes logo após a eleição.

Artigo 15.º

(Deliberações)

As deliberações da Assembleia Geral são tomadas por maioria absoluta dos associados presentes, salvo nos casos previstos nas alíneas seguintes:

- a) As deliberações sobre alterações dos estatutos exigem o voto favorável de, pelo menos, três quartos do número dos associados presentes;
- b) As deliberações sobre a dissolução ou prorrogação da Associação e destino a dar aos respectivos bens requerem o voto favorável de, pelo menos, três quartos do número de todos os associados, em Assembleia Geral expressamente convocada para o efeito.

SECÇÃO III

Direcção

Artigo 16.º

(Constituição)

A Direcção é constituída por:

- a) Um presidente;
- b) Um vice-presidente;
- c) Um tesoureiro;
- d) Dois secretários;
- e) Dois vogais efectivos e dois suplentes.

Artigo 17.º

(Competência)

Compete à Direcção administrar a Associação e orientar a sua actividade, fazendo executar as deliberações da Assembleia Geral e assumindo as obrigações que nestes Estatutos lhe são expressamente cometidas, nomeadamente:

- a) Gerir os bens da Associação;
- b) Elaborar e submeter à Assembleia Geral e Conselho Fiscal o relatório e as

contas anuais, os planos de actividades e orçamentos;

- c) Representar a Associação, em juízo ou fora dele, sendo a Associação obrigada a pela assinatura de, pelo menos, dois membros efectivos da Direcção, sendo uma das assinaturas a do presidente ou, na sua falta, a do vice-presidente;
- d) Aprovar ou rejeitar as propostas para admissão de sócios ordinários e extraordinários e deliberar sobre os pedidos de exoneração apresentados pelos associados;
- e) Aplicar sanções ou restringir direitos a associados pelo não cumprimento do que está consignado nestes Estatutos ou regulamentos internos;
- f) Deliberar sobre a proposta de acções judiciais, confessar, transigir, ou desistir das mesmas;
- g) Adquirir, alienar, ou onerar bens e contrair empréstimos, desde que previamente autorizada em Assembleia Geral ;

zais órgãos sociais;

- l) Garantir a efectivação dos direitos dos beneficiários;
- m) Assegurar a organização e o funcionamento dos serviços, bem como a escrituração dos livros, nos termos da lei;
- n) Organizar o quadro de pessoal e contratar e gerir o pessoal da instituição.

Artigo 18.º

(Funcionamento)

- 1. A Direcção reunirá, ordinariamente, uma vez por mês e, extraordinariamente, sempre que o seu presidente, ou quem o substitua, a maioria dos seus membros, o presidente da Mesa da Assembleia Geral ou o presidente do Conselho Fiscal o solicitem.
- 2. Na primeira reunião, os membros da Direcção distribuirão, entre si, os respectivos pelouros.
- 3. A Direcção deliberará com a presença da maioria absoluta dos seus membros e as deliberações serão tomadas pelas seguintes maiorias:
 - a) Dois terços dos membros da Direcção nos casos do exercício das competências previstas nas alíneas d) e e) do artigo 17.º;
 - b) Maioria absoluta dos membros presentes na reunião, nos restantes assuntos;
- 4. O presidente terá, além do seu voto, direito a voto de desempate.
- 5. Às reuniões podem assistir elementos de outros órgãos, mas sem direito a

voto.

6. A Direcção pode exigir a presença do presidente da Mesa da Assembleia Geral ou do Conselho Fiscal nas reuniões.

Artigo 19.º

(Funções do presidente)

Compete ao presidente da Direcção:

- a) Orientar superiormente os serviços da Associação, imprimindo-lhes unidade e eficiência;
- b) Convocar as reuniões periódicas da Direcção, com periodicidade não inferior a um mês, bem como as reuniões que forem julgadas necessárias, orientando os respectivos trabalhos;
- c) Representar a Direcção sempre que necessário e desde que, expressamente e por deliberação desta, não tenha sido estabelecida mais ampla representação;
- d) Assinar com o tesoureiro a autorização das despesas. O vice-presidente substitui o presidente nas suas faltas e impedimentos.

Artigo 20.º

(Responsabilidade)

1. Os membros da Direcção respondem, pessoal e solidariamente, pelas faltas e irregularidades cometidas no exercício do seu mandato.
2. Ficam isentos de responsabilidade aqueles que tenham votado contra as deliberações ou que, não tendo assistido às respectivas reuniões, contra elas se oponham na reunião imediata àquelas a que não assistiram.

SECÇÃO IV

Conselho Fiscal

Artigo 21.º

(Constituição)

O Conselho Fiscal é constituído por:

- a) Um presidente;
- b) Dois secretários.

Artigo 22.º

(Competência)

Compete ao Conselho Fiscal:

- a) Velar pelo cumprimento da lei e estatutos;
- b) Dar parecer sobre o relatório e contas anuais, orçamento e plano de actividades;
- c) Verificar os balancetes das receitas e despesas, conferir os documentos de despesa e a legalidade dos pagamentos efectuados;
- d) Fiscalizar regularmente a escrituração e documentação e exigir que estejam em ordem;
- e) Dar parecer sobre quaisquer assuntos de interesse para a Associação, quando tal lhe seja solicitado pela Assembleia Geral ou pela Direcção;
- f) Reunir ordinariamente uma vez por trimestre e, extraordinariamente, sempre que o seu presidente o solicite;
- g) Assistir ou fazer-se representar por um dos seus membros às reuniões de órgão executivo, sempre que o julgue conveniente.

Artigo 23.º

(Funcionamento)

1. O Conselho Fiscal só poderá deliberar com a presença da maioria dos seus titulares, sendo as deliberações tomadas por maioria de votos dos titulares presentes.
2. O presidente terá, além do seu voto, direito a voto de desempate.

Artigo 24.º

(Responsabilidade)

1. Os membros do Conselho Fiscal são pessoal e solidariamente responsáveis pelos danos que causarem à Associação por falta de zelo no desempenho da missão fiscalizadora que lhes incumbe.
2. Ficam isentos de responsabilidade aqueles que tenham votado contra as decisões tomadas ou que, não tendo assistido às respectivas reuniões contra elas se oponham na reunião imediata àquelas a que não assistiram.

CAPÍTULO IV

Finanças e Património

Artigo 25.º

(Património)

Constitui património da Associação:

1. O produto de quotas e outras contribuições pagas pelos associados, bem como as receitas provenientes de iniciativas promovidas ou participadas

pela Associação.

2. As doações ou subvenções que venham a ser efectuadas por qualquer entidade, pública ou privada.
3. As heranças ou legados de que venha a beneficiar e respectivos rendimentos, o rendimento de bens próprios ou o produto da sua alienação.
4. Os bens, subsídios ou quaisquer outras participações que venham a ser atribuídos pelo poder local.
5. Quaisquer outras receitas permitidas por lei.

Artigo 26.º

(Despesas)

1. São despesas da Associação as que resultarem do cumprimento das disposições contidas nestes Estatutos e regulamentos internos e todas as outras indispensáveis para a completa realização dos seus fins, de acordo com o orçamento e plano de actividades.
2. A autorização das despesas requer as assinaturas do presidente da Direcção, ou de quem o substitua e a do tesoureiro.

Artigo 27.º

(Extinção)

1. Em caso de dissolução da Associação, os bens reverterão para organizações de solidariedade social com sede no concelho de Almada, salvo determinação em contrário da Assembleia Geral.
2. No caso da existência de bens, móveis ou imóveis, cedidos pelo município de Almada, aos respectivos órgãos representativos caberá decidir do destino dos mesmos.

CAPÍTULO V

Disposições Gerais

Artigo 28.º

(Actas)

De tudo o que ocorrer nas reuniões dos órgãos da Associação se lavrará acta em livro próprio.

Artigo 29.º

(Parcerias)

A Associação poderá estabelecer relações com outras organizações congéneres, nacionais ou estrangeiras, inclusivamente federar-se, devendo, contudo, os actos que envolvam federação serem submetidos a ratificação da Assembleia Geral.

Artigo 30.º

(Omissões)

Tudo o mais omissa será resolvido pela Assembleia Geral e legislação em vigor.

CAPÍTULO VI

Disposição Transitória

Artigo 31.º

Entre a aquisição da personalidade jurídica e a tomada de posse dos primeiros órgãos de gerência eleitos na primeira Assembleia Geral, a Associação será gerida pelo Grupo de Trabalho Pró-Associação.

Estatuto editorial *Profalmada*

- O Boletim Informativo é um projecto de informação que visa dinamizar os sócios da Associação de Professores do Concelho de Almada, envolvendo-os nas suas actividades de cultura e solidariedade.
- O B. I. é uma publicação bimensal orientada por critérios de rigor e criatividade, sem dependências de ordem ideológica, política ou económica.
- O B. I. terá dois suportes: electrónico e impresso; para os sócios que usam Internet ser-lhes-à enviado por e-mail; para os que preferem informação clássica será enviada a versão impressa.
- O B. I. pretende uma colaboração diversificada, alargando temas e formas literárias diversas, aceitando a colaboração de todos os interessados em defender e debater temas de cultura e solidariedade.
- O B. I. considera que a existência duma Associação de Professores informada e activa é condição fundamental de intervenção cívica numa sociedade aberta e plural.
- O B. I. é responsável apenas perante os associados, numa relação rigorosa e transparente, autónoma dos poderes políticos ou particulares.
- O B. I. , se a colaboração dos amigos e a dinâmica da Associação o exigir, assumirá duas formas: a do boletim bimensal, mais voltado para a informação e a de revista anual, aberta ao pensamento e reflexão teórica e crítica, bem como à análise aprofundada das grandes questões do nosso tempo.

Estatuto editorial *Correio da Usalma*

O Correio da Usalma é um órgão de informação, cultural e de apoio à investigação da Universidade Sénior de Almada.

O C. da U. tem como objectivo informar e dinamizar os professores e estudantes da Usalma, em actividades de cultura, convívio e solidariedade.

O C. da U. é uma publicação bimestral orientada por critérios de rigor, criatividade e qualidade, sem dependência de ordem ideológica ou política.

O C. da U. terá dois suportes: electrónico ([www. Profalmada.org](http://www.Profalmada.org) – clicar Usalma) e impresso.

O C. da U. apela a todos os membros da Universidade de Almada no sentido de lhe fazerem chegar uma colaboração diversificada que seja reflexo e extensão dos vários cursos nele ministrado.

Esta colaboração pode revestir as mais variadas formas, da simples carta à crónica, do texto de ficção à poesia, à reportagem de eventos culturais, visitas de estudo, relatórios científicos, etc.

O C. da U. tem uma ficha técnica composta por professores e estudantes e é responsável apenas perante os seus leitores, numa relação transparente e de rigor, autónoma dos poderes políticos e particulares.

O C. da U., se a dinâmica da Universidade o exigir, poderá assumir anualmente a forma de revista, com maior número de páginas e uma colaboração aberta ao pensamento e à reflexão teórica crítica, à investigação, à informação e formação científica.

Correio da Usalma, n.º 1, 2005, p. 5

Regulamento da Universidade Sénior de Almada (Usalma)

Preâmbulo

Em conformidade com o artigo 2.º, n.º 1, alíneas b) e e) e n.º 2 dos estatutos da Associação de Professores do Concelho de Almada (APCA), após audição de pareceres jurídicos, a Direcção propôs à Assembleia Geral o projecto de criação de uma unidade de aprendizagem ao longo da vida, denominada Universidade Sénior de Almada (Usalma) para cujo funcionamento elaborou o regulamento interno que segue e cuja aprovação requereu, ao abrigo dos mesmos estatutos (art.º 2.º, n.º 2 e art.º 11, alínea g).

Este regulamento da Usalma foi aprovado pela Assembleia Geral, em reunião de 14 de Dezembro de 2004.

Art.º 1.º - Disposições Gerais

1 - A Universidade Sénior de Almada (Usalma) é um projecto da Associação de Professores do Concelho de Almada (APCA) ao serviço dos sócios e aberto aos munícipes interessados.

2- A Usalma adopta como divisa “Aprender é viver melhor” e como cor o azul, uma das cores simbólicas do município de Almada.

3- A Usalma tem a sua sede administrativa nas instalações da sede da APCA.

4- Até dispor de espaço próprio, as actividades da Usalma decorrem em instalações cedidas, mediante protocolos, por estabelecimentos de ensino e instituições de cultura, desporto e recreio de Almada

Art.º 2- Princípios e objectivos

1 - A génese, os projectos e acções da Usalma decorrem dos seguintes princípios:

- a) Associar o direito à educação com o dever de aprender ao longo da vida, em ordem à participação social e democrática e ao desenvolvimento pessoal e cultural.
- b) Reconhecer e valorizar os saberes e competências dos destinatários da aprendizagem, recentrando as estratégias educativas no primado da pessoa.
- c) Combater a solidão, a exclusão e o insucesso humano no seio da comunidade urbana, contribuindo para o magno projecto que é a cidade educadora de Almada, como cidade de futuro.
- d) Compatibilizar realidades culturais locais com a vocação universalista da cultura, passando pela afirmação duma cidadania activa, aberta ao diálogo entre culturas.

2 - A Usalma prossegue como principais objectivos:

- a) O desenvolvimento pessoal e social dos utentes, designadamente a promoção de competências orientadas para a resolução de problemas de vida e para o desenvolvimento sócio-cognitivo no sentido da compreensão e valorização das realidades dos próprios, dos outros e do mundo actual.
- b) A promoção da intergeracionalidade como forma de partilha de experiências e de perspectivas de vida e de evolução da sociedade.
- c) O estímulo à participação em projectos de desenvolvimento sócio-cultural.
- d) O apelo ao voluntariado e ao empenhamento cívico solidário.
- e) A formação para a participação activa, crítica e reflexiva, enquanto pilares de uma sociedade de e para todos.
- f) A definição das grandes linhas de projecto curricular que incluirão, entre outras, as seguintes:
 - Raízes e memórias;
 - Línguas e literatura, ciências sociais e ciências exactas;
 - Estética e expressão pessoal;
 - Ciclos de vida e desenvolvimento da pessoa;
 - Competências de comunicação e multiculturalidade;
 - Saúde e estilos de vida saudáveis;
 - Voluntariado e projectos de intervenção sócio-cultural.

Art.º 3-Estrutura directiva

Órgãos Sociais

1 - Sendo a Usalma um projecto da APCA, os órgãos sociais são por inerência os mesmos, com idênticas competências.

Senado

2 - A convite da Direcção será constituído o Senado da Usalma, composto por dez personalidades do concelho de Almada que se destaquem pelo seu alto valor científico, cultural ou pelo seu humanismo e serviços relevantes prestados à comunidade.

3 - Compete ao Senado o acompanhamento global da Usalma, contribuindo as suas recomendações para melhorar a qualidade científica e pedagógica da instituição.

4 - O mandato do Senado é de dois anos, durante os quais reunirá duas vezes em cada ano lectivo em datas a propor pela Direcção.

Conselho Pedagógico

5- Compete ao Presidente da Direcção da APCA, com o aval da Direcção expresso

por maioria, a nomeação de um conselho pedagógico que imprima à Usalma o nível de qualidade e exigência consentâneas com os seus objectivos.

6 – O conselho pedagógico será constituído por dois elementos da Direcção, pelos professores coordenadores das áreas disciplinares e por dois representantes dos alunos.

7- As deliberações do conselho pedagógico, em aspectos que ultrapassem os campos científico e pedagógico, são de natureza consultiva a submeter à Direcção, devendo ser tomadas por maioria absoluta.

8 – Ao conselho pedagógico, solidariamente com a Direcção da APCA, compete a gestão científica e disciplinar da Usalma, cabendo exclusivamente à Direcção a gestão administrativa, financeira e social.

9 – Sempre que as circunstâncias o exigirem, o C.P. assumirá natureza disciplinar, aplicando a lei e as normas deste regulamento.

10- Todos os membros do conselho pedagógico, são solidariamente responsáveis pelos actos deste órgão e individualmente pelos actos por eles praticados no exercício de funções que lhes forem confiadas.

11 – As sessões do Conselho Pedagógico, devem ser registadas em acta, que após aprovação, será assinada pelos participantes.

12 – O mandato do conselho pedagógico é anual e o seu presidente é por inerência o Presidente da Direcção.

Art.º 4 – Organização e recursos humanos

1 – São alunos da Usalma as pessoas que se integrem nos princípios e objectivos acima expressos, com prioridade e tratamento específico dos sócios da APCA.

2 – São professores formadores da Usalma aqueles que, convidados pela Direcção segundo critérios de competência, aceitem trabalhar dentro dos princípios e cumprindo os objectivos expressos nos estatutos da APCA e neste regulamento, em regime de voluntariado (ao abrigo da lei 71/98 de 3 de Novembro).

3 – O vínculo entre a Usalma e os professores é anual sendo a sua prorrogação dependente do parecer do Conselho Pedagógico e da vontade do próprio, ratificadas pela Direcção da APCA.

Art.º 5 – Recursos

Para funcionamento e financiamento das actividades da Usalma, a Direcção da APCA deverá:

- a) Estabelecer o valor da inscrição e das propinas dos alunos no início de cada ano lectivo.
- b) Celebrar contratos publicitários.
- c) Estabelecer protocolos de parcerias com as escolas de acolhimento, asso-

ciações e outras instituições da comunidade.

- d) Estabelecer parcerias com instituições congéneres.
- e) Organizar campanhas de angariação de fundos, incluindo sorteios, leilões ou outras actividades, de acordo com a legislação em vigor

Art.º 6 – Serviços

1 – A Usalma presta os seguintes serviços:

- a) Aulas das diversas disciplinas;
- b) Seminários e Ateliers;
- c) Visitas de estudo (organização);
- d) Grupos de animação coral, teatral, instrumental, dança, folclore...que não sejam equiparados a cursos;
- e) Informação e divulgação de serviços destinados aos alunos e professores;
- f) Outras actividades culturais propostas pelos alunos e professores e ratificadas pela Direcção.

Art.º 7 – Calendário e horário de actividades

1 – As aulas da Usalma funcionam de segunda a sexta feira, das 9:30 às 23:30 horas, em períodos de 50 minutos para as disciplinas expositivas e de 90 minutos para as disciplinas de práticas.

- a) Cada curso tem uma sessão semanal, salvo situações específicas acordadas entre a Direcção e o professor.

2 – Os seminários e ateliers terão a duração proposta pelos coordenadores e aprovada em Conselho Pedagógico.

3 – O calendário lectivo será aprovado anualmente em função dos cursos a leccionar, após aprovação em Conselho Pedagógico .

Art.º 8 – Deveres dos Alunos

1 – Manter o bom relacionamento com os colegas, professores, funcionários e a instituição em geral.

2- Cumprir as normas aplicáveis das escolas de acolhimento.

3 – Pagar pontualmente as mensalidades e o seguro escolar.

4 – Participar pontual e assiduamente nas aulas e outras actividades de sua escolha.

5- Cumprir o regulamento e respeitar as normas e valores prosseguidos pela Usalma .

Art.º 9 – Direitos dos Alunos

1 – Conhecer o regulamento da Usalma .

2 – Participar nas actividades da Usalma .

3 – Usufruir do direito à confidencialidade e respeito pela individualidade.

4- Propor actividades ou fazer sugestões sobre os serviços prestados.

5 - Eleger e ser eleito Delegado de Curso/Turma e como representante dos alunos no Conselho Pedagógico e no Conselho de Delegados.

Art.º 10 - Delegado de Curso/Turma

1 - No início do ano lectivo todos os cursos (turmas) devem eleger o seu Delegado que os representará na Assembleia de Delegados.

2 - O Delegado assume o compromisso de auxiliar o professor nas tarefas decorrentes da actividade lectiva, dinamizar a turma na esfera das relações humanas e de actividades que contribuam para estabelecer boas relações de trabalho e convívio e contactar com a Direcção e a secretaria da Usalma no sentido de facilitar a circulação da informação e de serviços.

3 - Os Delegados eleitos para os órgãos de gestão e organização da Usalma (Conselho Pedagógico, Assembleia de Delegados e Conselho de Delegados) devem ser assíduos na participação das respectivas reuniões e procurar transmitir posições que correspondam ao sentir da maioria.

Art.º 11 - Deveres da Usalma

1 - Assegurar a qualidade dos serviços prestados.

2 - Cumprir e fazer cumprir o regulamento.

3 - Respeitar os direitos dos alunos.

Art.º 12 - Pólos / Núcleos

1- A criação de Polos / Núcleos da Usalma nas freguesias distantes do centro de Almada obedece aos seguintes objectivos:

- Aproximar a Usalma dos municípios, oferecendo-lhes melhor acessibilidade.
- Aliviar a ocupação de espaços nas escolas do centro de Almada e otimizar recursos disponíveis no Concelho.
- Proporcionar o surgimento de áreas de estudo de temas locais ou das zonas de origem dos municípios.

2- A Direcção aprovou a criação de dois Polos / Núcleos: O Polo das freguesias do Laranjeiro/Cova da Piedade, a funcionar nas Escolas Secundárias Ruy Luís Gomes e António Gedeão, e o Polo/Núcleo do Monte da Caparica, a funcionar na Escola Secundária do Monte.

3- O estatuto regulamentar destes Polos / Núcleos é idêntico ao dos núcleos já existentes nas escolas do centro de Almada.

Art.º 13 - Disposições transitórias

Condições de inscrição

1 - As condições de inscrição e frequência são:

- a) Sócios da APCA:
- Dispensa do valor da matrícula.
 - Pagamento das mensalidades
- b) Não sócios da APCA:
- matrícula de 20 €.
 - propina mensal de 5 €, para uma disciplina.
 - de 10 € até 3 disciplinas, acrescentando 2 € por cada disciplina a mais.

Art.º 14 - Omissões e Dissolução

1 - Todas as questões omissas no presente regulamento serão resolvidas de acordo com a Lei, pareceres técnicos e os estatutos da APCA

2 - Em caso de dissolução, por razões insuperáveis, os bens da Usalma reverterem a favor da APCA.

Estrutura curricular da Usalma 2008-2009

1.º Línguas

- Português para estrangeiros
- Língua Portuguesa
- Alfabetização
- Língua e Cultura Árabe
- Francês AO
- Francês A1
- Francês A2
- Seminário (Mensal) – antigos alunos
- Italiano AO
- Italiano A2
- Alemão AO
- Alemão A1
- Alemão A2
- Inglês AO
- Inglês A1
- Inglês A2
- Inglês BO
- Inglês B1
- Esperanto
- Espanhol

- Russo

2.º Literaturas

- Literatura Portuguesa III (estudos portugueses)
- Literatura Portuguesa (oficina literária)

3.º Ciências Sociais

- Filosofia
- Ciência Política
- Psicologia
- Direito e Cidadania
- Bioética
- Responsabilidades Sociais das Organizações
- Sociologia
- Cultura Clássica
- Modernidade em Questão A cultura dos Direitos e Responsabilidade Humana
- Filosofia da Felicidade
- Cidadania e Poder Local

- Introdução ao Budismo e à Meditação

4.º História

- História de Almada
- História Universal
- História da Arte
- História das Religiões
- História Contemporânea
- História da Cultura e das Artes
- História Tempo de Mudanças

5.º Ciências Exactas

- Contabilidade / Organização e Gestão
- Físicoquímico (Física e química)

6.º Tecnologias de Informação

e comunicação

- Informática I
- Informática II
- Informática II Avançada
- O Mundo e a Internet
- Fotografia
- Fotografia Digital

7.º Artes do Espectáculo / Música

- Expressão dramática
- Teatro Criativo
- Iniciação Musical
- Guitarra
- Cavaquinho

- Piano

- Canto Coral Polifónico
- Danças Latino Americanas
- Danças de Salão

8.º Movimento e Saúde

- Viver com Saúde: À descoberta do corpo humano
- Neuropsicologia
- Horticultura e Jardinagem
- Hidroginástica

9.º Ateliers de Artes

- Pintura a Óleo
- Pintura Acrílico e Técnicas Mistas
- Pintura a Aguarela
- Escultura

10.º Artesanato

- Arraiolos / Bordados
- Modelação e Cerâmica

Corpos Sociais da Associação de Professores do Concelho de Almada

(Triénio de 2009–2011)

Assembleia Geral

Presidente – Maria Adelaide Paredes da Silva
1.º Secretário – Maria da Graça Mascarenhas Pessoa
2.º Secretário – Feliciano António Oleiro

Direcção

Presidente – Jerónimo Augusto Guerra de Matos
Vice-Presidente – Maria Carreiras Saldanha Seabra
Tesoureiro – Jorge Álvaro Teixeira Sintra
1.º Secretário – Emília Luisa Baptista Evaristo
2.º Secretário – Maria da Orada Quina Emídio
1.º Vogal efectivo – Gracelinda Bravo do Nascimento
2.º Vogal efectivo – Paulo Tunes Eufrásio
Vogal suplente – Domingos Luís Torgal
Vogal suplente – Fernando Humberto Serra

Conselho Fiscal

Presidente – Joaquim Santos da Silva
1.º Secretário – Maria do Carmo Martins Manique
2.º Secretário – Mário Pereira do Amaral

Índice Analítico

| | |
|--|----|
| Abertura | 9 |
| <i>Maria Emília Neto de Sousa, Presidente da Câmara Municipal de Almada</i> | |
| Introdução | 11 |
| <i>Ernesto Fernandes e Edite Prada, Organizadores</i> | |
| Editorial | 13 |
| <i>Jerónimo de Matos, Presidente da Direcção da APCA</i> | |
| I Parte: Ensaios e Outros Escritos | 23 |
| <i>Profalmada</i> | |
| Tempo, Educação, Sociedade, Fernando Serra, <i>Profalmada</i> n.º 1, p. 3; 2, p. 3; 3, p. 3 | 27 |
| Emídio Navarro, 50 Anos de Serviço Educativo e Cultural, Jerónimo de Matos, <i>Profalmada</i> n.º 3, p. 5 | 32 |
| Breve História de Vida do Centro de Formação Almada Ocidental – Proformar, Maria Adelaide Paredes da Silva, <i>Profalmada</i> n.º 3, p. 6 | 34 |
| Conversar sobre o que é educar; <i>Profalmada</i> n.º 4, p. 3 | 36 |
| Externato Frei Luís de Sousa – Bodas de Ouro, Paulo Eufrásio, <i>Profalmada</i> n.º 5, p. 6 | 37 |
| Educação, Educações, Fernando Serra, <i>Profalmada</i> n.º 5, p. 3; 6, p. 3 e 6; 7, p. 3 e 7 | 38 |
| APCA: Sujeito/Objecto de Solidariedade, Paulo Eufrásio, <i>Profalmada</i> n.º 3, p. 3 | 43 |
| Dossiê: Estado da Educação, <i>Profalmada</i> , n.º 15, p. 3-6 | 44 |
| Estado da Educação: Aproximações para Reflexão-Debate, Ernesto Fernandes, p. 3 e 4 | |
| Em Jeito de Avaliação: o que aprendemos este Ano, Manuela Sousa Matos, p. 5 e 6 | |
| Instrumentos Básicos de Direitos Humanos, p. 4 | |
| Sabia que, p. 6 | |
| Livros pela Educação, p. 6 | |
| Dossiê: Educação para a Cidadania, <i>Profalmada</i> , n.º 16, p. 3-11 | 52 |
| A Educação para a Cidadania: Currículo do Ensino Básico – Formar para a Polis, Fernando Serra, p. 3-6 | |
| Estatuto do Aluno: Deriva entre Filosofia e Política Educativa, Ernesto Fernandes, p. 7 | |
| Em Jeito de Avaliação: Uma Viagem de Reflexão sobre Direitos e Deveres dos Mais Novos, Elena David, p. 8 e 9 | |
| Instrumentos Básicos de Direitos Humanos: Convenção sobre os direitos da criança, p. 10 | |
| Sabia que, p. 11 | |
| Livros pela Educação, p. 11 | |
| A Memória das Palavras: curiosidades semânticas, Paulo Eufrásio, <i>Profalmada</i> 1-16 | 67 |
| Correio da Usalma | |
| A Influência de uma Universidade Sénior na Qualidade de Vida da Comunidade, Manuela Richter, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 1, p. 7; n.º 2, p. 7 | |
| Consciência Corporal, Libânia Nazareth, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 3, p. 3 e n.º | 89 |

| | |
|--|-----|
| 4, p. 7 | |
| Ensino-Aprendizagem Sénior: Algumas Reflexões, Jerónimo de Matos, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 12, p. 12; 13, p.12; 14, p.14 | 92 |
| Por uma carta formativa e sociocultural da APCA, Ernesto Fernandes, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 15, p. 4 e 5 | 95 |
| II Parte: Memórias em Campo de (Auto)Formação | 99 |
| <i>Profalmada</i> | |
| Memórias de um Professor, Feliciano Oleiro, <i>Profalmada</i> , 0-8 | 103 |
| A nossa Sede, um Pouco de História, 0, p. 3 | |
| Um Pouco de História: as Delegações Escolares, 1, p. 6 | |
| Aconteceu... na Escola: Memórias de um Professor, 2, p. 4 e 5 | |
| Memórias de um Professor: o Professor Moura, 3, p. 4 | |
| Memórias de um Professor: Normas de Vida, 4, p. 6 | |
| Memórias de um Professor: Episódios do Mundo Rural Alentejano, 5, p. 6 | |
| Memórias de um Professor: Tesouro Arquivado, 6, p. 6 | |
| Memórias de um Professor: A Minha "Ida à Escola", 7, p.6 e 8, p.6 | |
| Memórias Rústicas, Feliciano Oleiro, <i>Profalmada</i> , 9-16 | 116 |
| Uma Pescaria no Pego do Altar, 9, p.6 | |
| Saga de Pequenas Histórias de Vida (1), 10, p. 6 | |
| Saga de Pequenas Histórias de Vida (2), 11, p. 5 | |
| Saga de Pequenas Histórias de Vida (3), 12, p. 6 | |
| Saga de Pequenas Histórias de Vida (4), 13, p. 6 | |
| Saga de Pequenas Histórias de Vida (5), 14, p. 6 | |
| Saga de Pequenas Histórias de Vida: A Açorda Alentejana, 15, p. 9 | |
| Saga de Pequenas Histórias de Vida: A Ida à "Fonte da Serra", 16, p.12 | |
| Porque Sou do MEM (Movimento Escola Moderna), Joaquim Sarmento, <i>Profalmada</i> , n.º 16, p. 13 | 128 |
| O Padre Manuel Antunes, Paulo Eufrásio, <i>Profalmada</i> , n.º 2, p. 5 | 129 |
| Caminhos de Vida, Américo Morgado, <i>Profalmada</i> , n.º 3, p. 7 | 130 |
| Insondáveis Encontros, Américo Morgado, <i>Profalmada</i> , n.º 5, p. 7 | 131 |
| O Instituto Sidónio Pais, Maria Ruas Silva Pais, <i>Profalmada</i> , n.º 10, p. 3 | 131 |
| Uma história de vida: Fui abençoada?, Julieta Ferreira, <i>Profalmada</i> , n.º 11, p. 9 | 132 |
| Correio da Usalma | |
| Almada, Coração Meu, Ilídio Quintinha Guerreiro, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 5, p. 6 | 134 |
| Quadro de Pregação de Santo António do Milagre do Burro, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 5, p. 5 | 135 |
| Sociologia Clínica, Fernando Nogueira Dias, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 9, p. 5 | 136 |
| Viver com Saúde, Os Alunos, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 9, p. 8 | 136 |
| Estudos Alentejanos: As Minas de Aljustrel, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 6, p. 4 | 138 |
| História da Arte | 139 |
| Aproximação à Arquitectura Gótica em Portugal, José Luís Carvalho, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 1, p. 3 e n.º 2, p. 6 | |
| Caminhos para a Arte, Joaquim Vital, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 2, p.3 | |
| Etimologia e significado de Arte, Diogo Perez, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 2, p. 4 | |
| Aproximação à Arquitectura Renascentista/ao Renascimento: Pintura: Leonardo da Vinci (1452-1519), José Luís Carvalho, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 3, p.6 e6, p. 6 | |
| Os Jerónimos do meu Contentamento, Felisberto Esteves, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 8, p. 5 | |

Índice

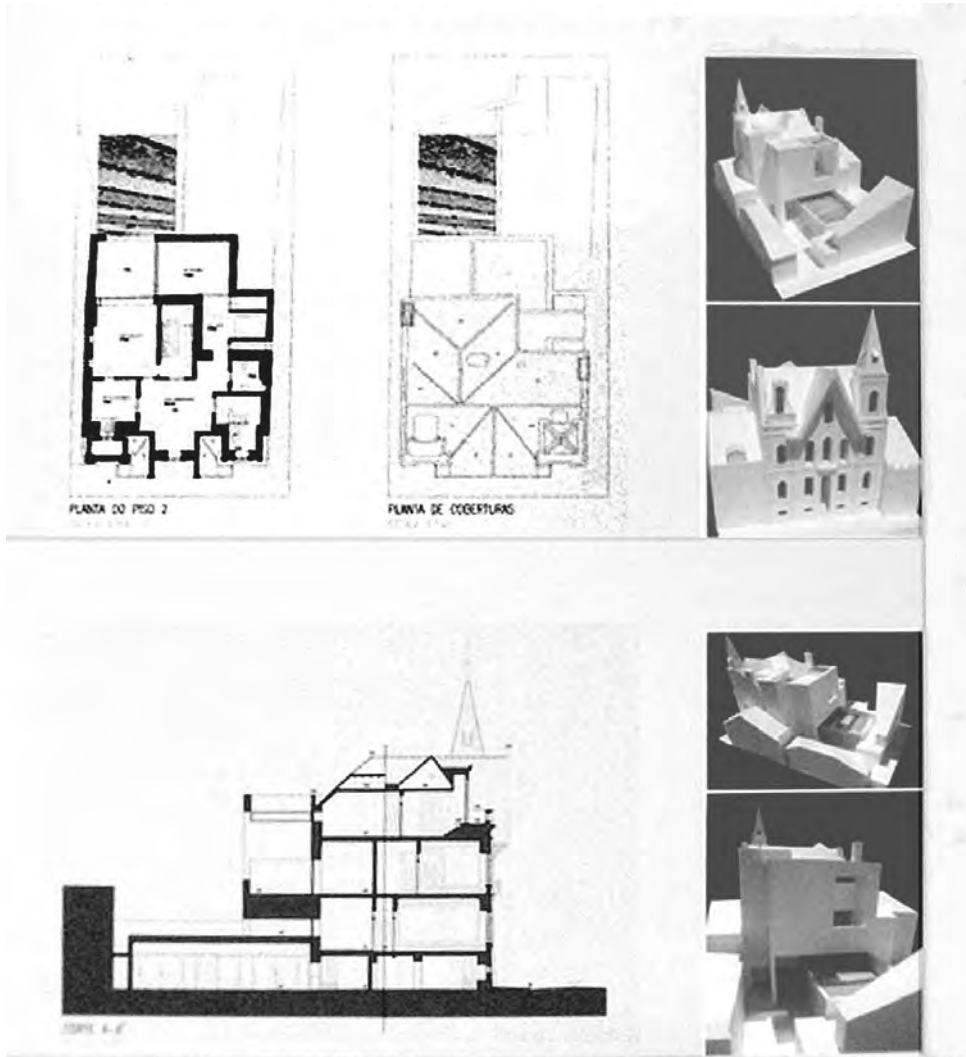
| | |
|---|------------|
| No Chiado à Tardinha, António Amável S. Martins, <i>CUusalm a</i> , n.º 14, p. 7 | |
| Pintura Impressionista, José Luís Carvalho <i>Correio da Usalma</i> , n.º 15, p. 9 | |
| Museu da Farmácia, Miguel Chagas, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 15, p. 10 | |
| Museu, Américo Morgado, <i>Profalmada</i> , n.º 8, p. 2 | |
| Animação Sociocultural, Humberto Santos, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 1, p. 2 | 151 |
| Ciência Política, Américo Morgado, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 3, p. 5 | 152 |
| Gerontologia, Simas Abrantes, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 3, p. 5 | 153 |
| Sociologia, Madalena Baptista, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 4, p. 4 | 154 |
| Língua Portuguesa, Diana Ferreira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 3, p. 4 | 154 |
| Conto, Luís Aragão, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 3, p. 4 | 155 |
| O Português Língua Estrangeira, Maria Laura Casanova, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 4, p. 4 | 156 |
| O Português no Mundo, Maria Laura Casa Nova, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 7, p. 4 e n.º 8, p. 3 | 157 160 |
| Português para Estrangeiros, Colette Costa, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 9, p. 4 | |
| Literatura Portuguesa e Expressão em Língua Portuguesa: Momentos de Partilha, Maria José Januário, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 8, 2007, p. 2 e 3 | 161 |
| É Natal, Maria Leopoldina Amaral, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 1, p. 1 | 162 |
| Natal, João Saraiva, <i>Profalmada</i> , n.º 6, p. 7 | 162 |
| Sonho de Natal, José Albino Luís, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 6, p. 1 | 163 |
| Postal de Natal, Célia Manuel, <i>Profalmada</i> , n.º 11, p. 8 | 163 |
| Conto de Natal: Usalma, o primeiro sorriso, Luís Aragão, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 11, p. 1 e 3 | 164 |
| Tarde Outonal, Fernando Antunes, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 5, p. 1 | 165 |
| Poemas para ti, Américo Morgado, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 5, p. 6 | 165 |
| Nas Asas do Mar, Maria José Januário, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 7, p. 5 | 166 |
| O Barroco, Joaquim Augusto de Oliveira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 6, p. 4 | 167 |
| Um Pouco de Pessoa, Ana Maria Neves, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 9, p. 9 | 168 |
| Viagem pelo Mundo da Literatura, Fernando Antunes, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 13, p. 4 | 169 |
| O sonho de Menino, Manuel Anjos delgado, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 2, p. 5 | 171 |
| Sentada à Janela, Maria Adelaide Ferreira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 2, p. 6 | 172 |
| Dia de Praia, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 4, p. 5 | 172 |
| Argumentação, Américo Morgada, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 2, p. 5 | 173 |
| Dar a conhecer o pensamento, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 2, p. 5 | 173 |
| A Cidade que Eu Amo, Maria Emília Abrantes, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 2, p. 8 | 174 |
| Dia da Mãe, Manuel Anjos Delgado, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 3, p. 1 | 175 |
| A cidade, Maria Adelaide Ferreira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 3, p. 7 | 175 |
| A minha cidade, Maria Graciete Palmeta, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 3, p. 7 | 175 |
| Saúde, Vida e Morte, Deolinda Mendes, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 3, p. 7 | 176 |
| Voltei..., Artur Cravo, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 3, p. 7 | 176 |
| A Luta contra a Solidão, Isabel Romano Colaço Pinto, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 4, p. 1 | 177 |
| O mais lindo Menino do Mundo, Fernanda Torres, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 4, p. 1 | 178 |
| Leitura de um Poema Proibido, Fernando Antunes, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 4, p. 5 | 178 |
| Desistir, Não! Américo Morgado, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 6, p. 5 | 179 |
| Sentado num Banco de Jardim, Fernando Antunes, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 6, p. 5 | 179 |
| Linha do Horizonte, Fernando Santos Antunes, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 7, p. 2 | 180 |
| Primavera em Flor, Manuel Delgado, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 8, p. 1 | 180 |
| Renasces em mim, Américo Morgado, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 8, p. 6 | 181 |
| Intimidade Magoada, Américo Morgado, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 9, p. 5 | 181 |
| J'aime la vie, Elèves de Français, poème collectif, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 9, p. 4 | 182 |

| | |
|--|-----|
| Sobre a Minha Solidão, Fernando Antunes, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 9, p. 11 | 182 |
| História de Almada (A Minha Infância?), Angélica Marcos, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 9, p. 10 | 183 |
| Saber Dourado, Rosa Maria Farias Lajas Pereira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 10, p. 1 | 184 |
| O Indeciso, José Maria Guerreiro, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 10, p. 9 | 185 |
| Gratidão à Madrugada, Américo Morgado, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 11, p. 7 | 186 |
| O Guitarrista e a Menina, Julieta Ferreira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 12, p. 4 | 186 |
| Ser Rio, Ernesto Fernandes, <i>Profalmada</i> , n.º 13, p. 2 | 187 |
| Os Sabedores, Sílvia Dias, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 13, p. 3 | 188 |
| Diálogo Mudo, Américo Morgado, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 14, p. 4 | 188 |
| Abro um Livro, Américo Morgado, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 14, p. 3 | 189 |
| Rosto Tisnado, Sulcado pelo Vento, Sílvia Dias, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 15, p. 11 | 189 |
| O Brinquedo Américo Morgado, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 15, p. 11 | 190 |
| Eventualidades | 191 |
| Dia Mundial do Não Fumador, Elsa Oliveira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 1, p. 8 | 191 |
| Dia Mundial do Ambiente, Elsa Oliveira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 4, p. 5 | 192 |
| Dia Mundial da Poupança, Joaquim Silva, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 5, p. 7 | 193 |
| Dia Mundial de Luta Contra a Sida, Elsa Oliveira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 2, p. 8 e n.º 6, p. 8 | 193 |
| Dia dos Namorados: o amor entre os animais, Elsa Oliveira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 7, p. 3 | 194 |
| Ano Polar Internacional, Elsa Oliveira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 8, p. 8 | 196 |
| Dia Internacional da Biodiversidade, Elsa Oliveira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 9, p. 12 | 197 |
| Dia da Alimentação, Elsa Oliveira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 1, p. 8 e n.º 10, p. 4 | 198 |
| Dia Internacional do Planeta Terra, Elsa Oliveira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 11, p. 8 | 199 |
| Dia Internacional da Floresta e Dia da Árvore, Elsa Oliveira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 12, p. 9 e 10 | 200 |
| Ética Ambiental: fim de uma civilização, António Amável, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 12, p. 3 e 8 | 202 |
| III Parte: Itinerários de Cultura e Lazer | 205 |
| <i>Profalmada</i> | |
| Museu da Cidade, Museu de Arte Antiga, Jerónimo de Matos, <i>Profalmada</i> , n.º 1, p. 8 | 209 |
| Museu do Chiado, Museu Arpad/Vieira da Silva; Azeitão: Quinta da Bacalhoa e Caves José Maria da Fonseca, Jerónimo de Matos, <i>Profalmada</i> , n.º 2, p. 8; João Abreu, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 3, p. 8, n.º 4, p. 8 | 210 |
| Andaluzia, Jerónimo de Matos, <i>Profalmada</i> , n.º 3, p. 8 | 213 |
| Aldeias Históricas, Jerónimo de Matos, <i>Profalmada</i> , n.º 4, p. 8 | 215 |
| Paris, Jerónimo de Matos, <i>Profalmada</i> , n.º 5, p. 8 | 216 |
| Alpiarça e Golegã, <i>Profalmada</i> , n.º 7, p. 8 | 217 |
| Portalegre, Marvão, Castelo de Vide, Jerónimo de Matos, <i>Profalmada</i> , n.º 8, p. 8 | 217 |
| Roma e Assis, Jerónimo de Matos, <i>Profalmada</i> , n.º 9, p. 8 | 219 |
| Madrid, Jerónimo de Matos, <i>Profalmada</i> , n.º 10, p. 8 | 220 |
| Elvas, Jerónimo de Matos, <i>Profalmada</i> , n.º 11, p. 8 | 221 |
| Museus de Lisboa, Jerónimo de Matos, <i>Profalmada</i> , n.º 12, p. 8 | 221 |
| Londres, Oxford, Stratford e Windsor, Jerónimo de Matos, <i>Profalmada</i> , n.º 13, p. 8 | 222 |
| Alqueva e a Monsaraz, Jerónimo de Matos, <i>Profalmada</i> , n.º 14, p. 8 | 224 |
| Alqueva, Américo Morgado, <i>Profalmada</i> , n.º 14, p. 8 | 224 |
| Braga e Guimarães, Jerónimo de Matos, <i>Profalmada</i> , n.º 15, p. 7 | 225 |

| | |
|---|-----|
| <i>Correio da Usalma</i> | |
| Museu do Azulejo, Deolinda Mendes, UUsalma, n.º 1, p. 6 | 225 |
| Casa de Fernando Pessoa, Joaquim Silva, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 3, p. 8 | 226 |
| Exposição de Amadeo de Sousa-Cardoso, Joaquim Silva, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 7, p. 6 | 227 |
| Convento de Jesus e Galeria Quinhentista do Museu de Setúbal, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 4, p. 8 | 227 |
| Museu Nacional de Arte Antiga, José Luís Carvalho, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 10, p. 8 | 228 |
| Fábrica de Cerâmica, António Castilho, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 10, p. 8 | 228 |
| Museu da Cidade, Carlos A. Cruz, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 12, p. 11 | 229 |
| Exposição <i>Gosto à grega</i> , Helder Pereira, Augusta Pires e Angélica Marcos, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 14, p. 5 | 229 |
| Palácio Nacional de Sintra, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 12, p. 5 e 7 | 230 |
| National Gallery Londres, José Luís Carvalho, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 13, p. 8 | 231 |
| Santarém, Julieta Ferreira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 13, p. 5 | 232 |
| Setúbal (2008), Julieta Ferreira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 14, p. 5 e 6 | 234 |
| Padre António Vieira, Joaquim Augusto de Oliveira, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 16, p. 9 | 236 |
| <i>Giotto</i> em Pádua, José Luís Carvalho, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 16, p. 10 | 237 |
| IV Parte: Eventos | 241 |
| <i>Profalmada</i> | |
| Atribuição de Medalha de Ouro de Mérito e Dedicção | 245 |
| Colóquio | |
| Costumes e Tradições do Antigo Concelho de Almada com Projecção no Presente, Ernesto Fernandes, <i>Profalmada</i> , n.º 13, p.3 | 246 |
| Encontros <i>CaféCria</i> (2006-2008) | 248 |
| 1.º Encontro de Sensibilidades Artísticas, Adelaide Silva, <i>Profalmada</i> , n.º 4, p. 5, p. 7 | 250 |
| Comemoração do 3.º aniversário da APCA, Jerónimo de Matos, <i>Profalmada</i> n.º 4, p. 2 e p. 4 | 252 |
| Sessão de Lançamento do Livro “ A História da Escola Conde Ferreira”, <i>Profalmada</i> , n.º 14, p. 2 e 3 | 253 |
| <i>Correio da Usalma</i> | |
| Abertura do ano lectivo | 255 |
| 2004-2005, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 0 p. 2 | |
| 2005-2006, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 1 p. 4 | |
| 2006-2007, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 5, p. 1 e 3 | |
| 2007-2008, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 5, p. 1 e 3 | |
| 2008-2009, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 15, p.8 | |
| Colóquios/Conferências/Encontros | |
| CPLP 10 Anos depois... que Perspectivas? Maria Laura Casanova, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 4, p. 3 | 262 |
| Arte Rupestre no Alentejo, José Luís Carvalho, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 5, p. 8 | 263 |
| Arqueologia no Alqueva, Maria Cândida Martins, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 7, p. 7 | 264 |
| Os Romanos no Alentejo, José Luís Carvalho, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 7, p. 8 | 265 |
| Reforma Agrária, Feliciano Oleiro, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 8, p. 4 | 266 |
| Diversidade Linguística em Portugal, Feliciano Oleiro, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 8, p. 4 | 267 |
| O Medo Social, Feliciano Oleiro, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 8, p. 4 | 267 |
| O Associativismo no Alentejo, Joaquim Silva, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 9, p. 3 | 268 |

| | |
|---|-----|
| Saúde e Alimentação, José Luís Carvalho, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 9, p. 3 | 268 |
| O Maneirismo e a Pintura a Fresco no Alentejo, José Luís Carvalho, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 10, p. 5 e 9 | 269 |
| A Maçonaria em Almada, José Luís Carvalho, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 10, p. 5 | 270 |
| A Língua Portuguesa no Mundo, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 11, p. 5 e 6 | 271 |
| A Língua Portuguesa na CPLP: mitos factos e alguma controvérsia e Introdução à Pragmática Linguística: Falar bem e depressa”, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 11, p. 5 e 6 | 272 |
| A diabetes, Grupo de Trabalho, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 13, p. 6 e 8 | 274 |
| Dieta Mediterrânica: Quando o passado vence o Futuro, José Luís Carvalho, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 13, p. 3 | 277 |
| Sociedade e Criminalidade, Laura Casa Nova, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 16, p. 7 | 278 |
| V Encontro Nacional das Universidades Seniores, Dulce Lázaro, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 4, p. 6 | 279 |
| VI Encontro Nacional de Universidade Seniores, Guilherme Manuel, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 8, p. 6 | 280 |
| VII Encontro das Universidades Seniores, Gracelinda Nascimento, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 14, p. 8 e 9 | 281 |
| O Dia das Universidades, Manuel Guilherme, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 14, p. 7 | |
| Mostra do Ensino Superior, J. Silva, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 13, p. 10 | 283 |
| III Encontro Nacional e Cultura Geral, Joaquim Silva, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 7, p. 6 | 284 |
| Concurso de Cultura Geral: O Saber Não Tem Idade, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 12, p. 5 | 285 |
| Lançamento do Livro “Das Tuas Mãos Nascem Palavras”, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 15, p. 2 | 286 |
| Actuação do Coro Polifónico, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 12, p. 3 | 286 |
| Encerramento do Ano Lectivo de 2006-2007, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 9, p.6 e 7 | 287 |
| Encerramento do Ano Lectivo 2007-2008, <i>Correio da Usalma</i> , n.º 14, p. 3 | 288 |
| V Parte: Projectos – Equipamentos | 291 |
| 1. Casa do Professor | |
| 2. Sede da Usalma | |
| 3. Lar – Residência do Professor | |
| VI Parte: Reconhecimentos | 297 |
| 1. Pessoais | |
| 2. Institucionais | |
| Anexos | 303 |
| <i>Estatutos da Associação de Professores do Concelho de Almada</i> | 305 |
| <i>Estatuto Editorial do Boletim Profalmada</i> , n.º 0, 2005, p. 3 | 316 |
| <i>Estatuto Editorial do Correio da Usalma</i> , n.º 1, p. 5 | 317 |
| <i>Regulamento da Universidade Sénior de Almada</i> | 318 |
| <i>Estrutura Curricular da Usalma em 2008/2009</i> | 323 |
| Corpos Sociais 2009-2011 da APCA | 325 |
| Índice Analítico | 327 |
| Planta e Maqueta da Casa do Professor | 333 |

Casa do Professor



Planta e Maqueta da Casa do Professor
Chalé Ribeiro Teles – Jardim da Cova da Piedade

**A edição desta Revista foi viabilizada com o apoio da
Câmara Municipal de Almada**

Almada, Outubro de 2009

A Revista, de seu nome Memórias e Futuro, resgata ensaios e outros escritos, eventos, itinerários de cultura e lazer, memórias, à maneira de anuário, antologia ou anais. De facto, não há futuro sem memória.

Os Boletins Profalmada e Correio da Usalma são a fonte principal da presente publicação da Revista, complementada por ensaios, artigos e comunicações, reconhecimentos e patrocínios, registados desde a fundação da Associação de Professores do Concelho de Almada, em 29 de Maio de 2003.

As palavras, ditas ou soletradas, são o rosto visível da comunidade associativa em sua trajectória histórica e sociopolítica. São também o rosto das pessoas e lugar de terapia, de encontros e desencontros, em espaços de formação, de interpessoalidade e convivialidade.

O Número 1 da Revista, que consubstancia a história de cinco anos da APCA, é memória e anúncio da vida a chegar ou de invenção da vida por chegar.



ALMADA
CÂMARA MUNICIPAL

